

Da autora de *Como eu era antes de você*



Paris para ~~dois~~ um

E OUTROS CONTOS



JOJO MOYES

"Acredidas, engraçadas e autênticas, as histórias desta coletânea são Jojo Moyes em sua essência."

Publisher Weekly



Paris para ~~dois~~ um

E OUTROS CONTOS

JOJO MOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva,
Marina Vargas e Viviane Diniz



Copyright © 2016 by Jojo's Mojo Limited

“O casaco do ano passado,” “Um pássaro na mão,” “Treze dias com John C,” “Sapatos de couro de crocodilo” e “A lista de Natal” foram publicados originalmente em *Woman & Home*. “Entre os tuítes,” “Tarde de amor” e “Assalto” foram lidos e transmitidos pela BBC. “Lua de mel em Paris” foi originalmente publicado com o título “Honeymoon in Paris” em 2012.

TÍTULO ORIGINAL

Paris for one and other stories

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

Milena Vargas

CAPA E ILUSTRAÇÕES DE MIOLO

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Ferreira

E-ISBN

978-85-8057-973-4

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

<http://starbooksdigital.blogspot.com.br/>



intrinseca.com.br

Para minha mãe, Lizzie Sanders

SUMÁRIO

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Paris para um

Entre os tuítes

Tarde de amor

Um pássaro na mão

Sapatos de couro de crocodilo

Assalto

O casaco do ano passado

Treze dias com John C

A lista de Natal

Lua de mel em Paris

Sobre a autora

Conheça os outros títulos da autora

Leia também

Paris
para ~~dois~~
um



1

Nell muda sua bolsa de lugar no banco plástico da estação e confere o relógio na parede pela octogésima nona vez. Desvia o olhar quando a porta da Segurança se abre. Outra família — claramente com destino à Disney — entra no salão de embarque, com um carrinho de bebê, crianças gritando e pais que estão acordados há tempo demais.

Durante a última meia hora seu coração bateu forte, uma sensação ruim bem no alto do peito.

— Ele virá. Ele ainda virá. Ainda pode chegar a tempo — murmura ela baixinho.

— O trem 9051 com destino a Paris partirá da Plataforma Dois em dez minutos. Por favor, dirijam-se à plataforma. Lembrem-se de levar toda a bagagem.

Ela morde o lábio, então manda outra mensagem — já é a quinta.

Onde você tá? O trem vai sair!

Ela lhe enviara duas mensagens ao sair de casa, confirmando que se encontrariam na estação. Como ele não respondeu, disse a si mesma que devia ser porque ela estava no metrô. Ou ele. Ela envia uma terceira mensagem, e uma quarta. Então, enquanto está parada ali, o telefone vibra em sua mão e ela quase desmaia de alívio.

Desculpe, baby. Preso no trabalho. Não vou chegar a tempo.

Como se eles tivessem planejado sair para beber e bater papo. Ela olha para o telefone, incrédula.

Não dá tempo de pegar esse trem? Devo esperar?

E, segundos depois, a resposta:

Não, vai você. Vou tentar pegar o próximo.

Ela está chocada demais para ficar com raiva. Continua parada enquanto as pessoas se levantam à sua volta, vestindo casacos, e digita depressa uma resposta.

Mas onde vamos nos encontrar?

Ele não responde. *Preso no trabalho*. É uma loja de roupas de surfe e mergulho. No outono. Será que está tão ocupado assim?

Ela olha em volta, como se ainda pudesse ser uma piada. Como se ele fosse, agora mesmo, passar pelas portas com seu largo sorriso, dizendo que estava só de provocação (ele gosta muito de provocá-la). E fosse pegar seu braço, beijar seu rosto com os lábios frios do vento, e dizer algo como:

“Você achou mesmo que eu ia perder isso? Sua primeira viagem a Paris!”

Mas as portas de vidro permanecem firmemente fechadas.

— Senhora? A senhora precisa se dirigir à plataforma.

O fiscal do Eurostar estende a mão para pegar o bilhete. Por um segundo, ela hesita — *ele virá?* — e, então, está no meio da multidão, sua pequena mala de rodinhas deslizando atrás dela. Nell para e escreve:

Me encontre no hotel então.

Ela desce a escada rolante enquanto o enorme trem entra rugindo na estação.

* * *

“Como assim *você não vai*? Estamos planejando isso há séculos.”

É a Viagem Anual das Garotas a Brighton. Há seis anos, elas vão para lá na primeira semana de novembro — Nell, Magda, Trish e Sue —, amontoadas no quatro por quatro de Sue ou no carro da empresa de Magda. É a forma delas de escapar da rotina por duas noites; bebendo, saindo com rapazes em despedidas de solteiro e curando ressacas com cafés da manhã bem servidos em um hotel de baixo custo chamado Brightsea Lodge, com fachada cheia de rachaduras e tinta desbotada, o ar lá dentro impregnado por décadas de bebida e loções pós-barba baratas.

A viagem anual sobreviveu a dois bebês, um divórcio e um caso de herpes-zóster (elas passaram a primeira noite festejando no quarto de hotel de Magda em vez de sair). Nenhuma delas jamais havia perdido uma viagem.

“Bem, Pete me convidou para ir a Paris.”

“Pete vai te levar a Paris?” Magda a encarara como se ela tivesse dito que estava aprendendo a falar russo. “Pete *Pete*?”

“Ele diz que é inacreditável que eu nunca tenha viajado para lá.”

“Fui a Paris uma vez, em uma excursão da escola. Me perdi no Louvre, e alguém jogou meu tênis no vaso sanitário do albergue,” disse Trish.

“Dei um beijo de língua em um garoto francês porque ele parecia aquele cara que sai com a Halle Berry. Depois descobri que, na verdade, ele era alemão.”

“Aquele *Pete do cabelo diferente*? Seu Pete? Não estou sendo má. Só achei que ele era meio...”

“Fracassado”, completou Sue, solícita.

“Detestável.”

“Inútil.”

“Obviamente estávamos erradas. No fim das contas ele é o tipo de cara que leva Nell para fins de semana românticos em Paris. O que... você sabe, é ótimo. Só gostaria que não fosse no mesmo fim de semana prolongado que o *nosso* fim de semana prolongado.”

“Bem, como já tínhamos comprado os bilhetes... ficava difícil...”, murmurou Nell, acenando a mão e esperando que ninguém perguntasse quem tinha comprado os bilhetes. (Era o único fim de semana antes do Natal que ainda tinha desconto.)

Ela planejava a viagem tão meticulosamente quanto organizava a papelada do escritório. Tinha pesquisado na internet os melhores lugares para ir, checando o TripAdvisor em busca dos melhores preços de hotéis, conferindo cada opção no Google e colocando os resultados em uma planilha.

Por fim, tinha escolhido um lugar atrás da rue de Rivoli — “limpo, agradável, muito romântico” — e reservado um “quarto executivo de casal” para duas noites. Imaginou-se enroscada com Pete na cama de um hotel francês, olhando para a Torre Eiffel pela janela, de mãos dadas em meio a croissants e cafés em algum café com mesas na rua. Ela se deixava levar pelas imagens que conhecia: na verdade, não tinha muita ideia do que podia fazer em um fim de semana em Paris, além do óbvio.

Aos vinte e seis anos, Nell Simmons nunca passara um fim de semana fora com um namorado, a menos que aquela vez em que tinha escalado com Andrew Dinsmore contasse. Eles tiveram que dormir no Mini Cooper dele, e ela acordara com tanto frio que não conseguira mover a cabeça durante seis horas.

A mãe de Nell, Lilian, adorava dizer para quem quisesse ouvir que a filha “não era do tipo aventureira”. Ela também “não era do tipo que gostava de viajar”, “não era do tipo de garota que pode contar com a aparência”, e agora, às vezes, quando sua mãe achava que Nell não estava ouvindo, “não era mais juvenzinha”.

Crescer em uma cidade pequena era assim: todos achavam que sabiam exatamente quem você era. Nell era a garota sensata. Tranquila. Aquela que planejava tudo cuidadosamente, em quem se podia confiar para regar suas plantas, cuidar dos seus filhos e não fugir com o marido de ninguém.

Não, mãe. Na verdade, pensou Nell quando imprimiu os bilhetes, olhou para eles por um tempo e depois guardou-os em uma pasta com todas as informações importantes, sou o tipo de garota que passa o fim de semana em Paris.

À medida que o grande dia se aproximava, ela começou a achar divertido tocar no assunto casualmente.

“Tenho que ver se meu passaporte ainda está válido”, disse ela ao se despedir da mãe após o almoço de domingo.

Comprou lingerie nova, depilou as pernas, pintou as unhas dos pés com uma tonalidade viva de vermelho (em geral usava cores claras).

“Não se esqueçam de que vou sair cedo na sexta”, disse ela no trabalho. “Você sabe. Paris.”

“Ah, você é tão sortuda”, disseram em coro as meninas da Contabilidade.

“Estou morrendo de inveja”, confessou Trish, que desgostava de Pete um pouco menos do que as outras.

* * *

Nell sobe no trem e acomoda sua bolsa, perguntando-se se Trish estaria com inveja se a visse agora: uma garota indo para Paris ao lado de um assento vazio, sem nenhuma ideia se seu namorado iria aparecer.

A Gare du Nord, em Paris, está fervilhando de gente. Ela passa pelos portões da plataforma e congela na hora, parada ali no meio daquela multidão, todos empurrando e esbarrando uns nos outros, malas de rodinhas acertando suas canelas. Grupos de jovens carrancudos com casacos esportivos observam tudo a distância, e ela se lembra de repente que a Gare du Nord é o epicentro francês do furto de carteiras. Com a bolsa presa firmemente ao lado do corpo, ela caminha hesitantemente em uma direção e depois na outra, por um momento perdida entre os quiosques de vidro e as escadas rolantes que parecem não levar a lugar algum.

Um sinal de três notas soa no alto-falante, e o locutor da estação diz algo em francês que Nell não consegue entender. Todos os outros andam rapidamente, como se soubessem aonde estão indo. Está escuro lá fora, e ela sente o pânico subir como uma bolha em seu peito. *Estou numa cidade que não conheço, nem sequer falo a língua.* E então ela vê a placa: TÁXIS.

A fila tem umas cinquenta pessoas, mas ela não se importa. Revira a bolsa atrás da impressão com a reserva do hotel e, quando finalmente chega ao início da fila, estende o papel.

— Hôtel Bonne Ville — diz ela. — Humm... *s'il vous plaît.*

O motorista olha para ela como se não entendesse o que foi dito.

— Hôtel Bonne Ville — repete ela, tentando soar francesa (havia praticado em casa em frente ao espelho). Tenta mais uma vez: — *Bonne Ville.*

Ele parece confuso e pega o papel de sua mão. Então examina a folha por um instante.

— Ah! Hôtel Bonne Ville! — diz ele, erguendo os olhos para o céu.

O taxista devolve o papel para ela e sai em direção ao tráfego pesado.

Nell recosta-se no banco e deixa escapar um longo suspiro.

E... bem-vinda a Paris.

* * *

A viagem, prejudicada pelo trânsito, leva vinte longos e caros minutos. Pela janela, ela olha para as ruas movimentadas, os salões de cabeleireiro, repetindo as placas de estrada francesas baixinho. Os elegantes edifícios acinzentados se erguem majestosos em direção ao céu da cidade, e os cafés brilham na noite de outono. Paris, pensa ela, e, com uma súbita e inesperada onda de empolgação, sente de repente que vai ficar tudo bem.

Pete chegará mais tarde. Nell estará à sua espera no hotel, e amanhã eles rirão de como ela ficou preocupada em viajar sozinha. Ele sempre diz que ela se preocupa demais.

Relaxe, baby, ele vai dizer. Pete nunca se estressa com nada. Ele tinha viajado o mundo com uma mochila nas costas e ainda levava o passaporte no bolso... “só por garantia”. Quando sofrera um assalto à mão armada no Laos, contou ele, só procurou relaxar.

“Não adiantava nada ficar estressado. Ou eles iam atirar em mim ou não. Não havia nada que eu pudesse fazer.” Ele balançou a cabeça. “Acabamos saindo para tomar uma cerveja com aqueles caras.”

Ou como na vez em que ele estava em uma pequena balsa no Quênia, que virou no meio do rio.

“Só cortamos os pneus das laterais do barco e ficamos nos segurando neles até a ajuda chegar. Eu estava bem calmo também... até me contarem que havia crocodilos na água.”

Nell às vezes se perguntava por que Pete, com seu rosto bronzeado e suas intermináveis experiências de vida (mesmo que fizessem as meninas torcer o nariz), tinha resolvido ficar com ela. Não era exuberante nem ousada. Na verdade, nunca havia ido muito longe de casa. Certa vez, ele lhe disse que gostava dela porque não enchia sua paciência.

“Minhas ex-namoradas ficavam assim no meu ouvido.” E fez com a mão o gesto típico de tagarelice. “Você... Bem, é relaxante estar ao seu lado.”

Nell às vezes se perguntava se isso a fazia parecer um sofá em uma loja de móveis, mas provavelmente era melhor não se prender muito a essas questões.

Paris.

Ela abaixa a janela, absorvendo os sons das ruas movimentadas, o cheiro de perfume, café e fumaça, a brisa soprando e levantando seu cabelo. É exatamente como tinha imaginado. Os prédios são altos, com janelas compridas e pequenas sacadas — não comerciais. Parece haver em todas as esquinas um café com mesas redondas e cadeiras do lado de fora. E, à medida que o táxi segue mais para dentro da cidade, as mulheres ficam mais elegantes e as pessoas se cumprimentam com beijos quando se encontram nas calçadas.

Estou mesmo aqui, pensa ela. E de repente fica feliz por ter algumas horas para se refrescar e se arrumar antes de Pete chegar. Pelo menos dessa vez, ela não queria ser ingênua e surpreendida.

Serei *parisiense*, diz a si mesma, e afunda de volta no banco.

* * *

O hotel fica em uma rua estreita perto da avenida principal. Ela conta os euros de acordo com o valor indicado no taxímetro e os entrega ao motorista. Mas, em vez de pegar o dinheiro, ele age como se ela o tivesse insultado, acenando em direção ao porta-malas e fazendo careta.

— Desculpe. Eu não entendo — diz ela.

— *La valise!* — grita o taxista.

Depois dispara mais alguma coisa em francês, que ela não consegue entender.

— O guia disse que esta viagem custaria no máximo trinta euros. Eu pesquisei.

Mais gritos e gestos. Depois de uma pausa, ela faz um movimento afirmativo com a cabeça, como se tivesse entendido, então, tensa, lhe entrega mais dez euros. Ele pega o dinheiro, balança a cabeça e em seguida joga a mala dela na calçada. Enquanto o taxista sai com o carro, ela fica ali parada e se pergunta se acabou de ser enganada.

Mas o hotel parece bom. E ela está ali! Em Paris! Decide que não vai deixar nada perturbá-la. Então entra e se vê em um saguão estreito impregnado pelos aromas de cera de abelha e alguma outra coisa que conclui ser indefinivelmente francesa. As paredes são forradas por painéis de madeira, as poltronas, antigas, mas elegantes. Todas as maçanetas são de bronze. E ela já está imaginando o que Pete vai achar. *Nada mau*, dirá ele, balançando a cabeça. *Nada mau, baby*.

— Olá — cumprimenta ela, nervosa, e, em seguida, já que não faz ideia de como falar isso em francês: — *Parlez anglais?* Reservei um quarto.

Outra mulher chega atrás dela, bufando ao revirar a bolsa atrás de sua papelada.

— Sim. Eu também reservei um quarto. — E bate com os papéis no balcão, ao lado de Nell.

Nell se afasta um pouco e tenta não se sentir oprimida.

— Ai. Foi um *pesadelo* chegar aqui. Um *pesadelo*. — A mulher é americana. — O trânsito em Paris é um *inferno*.

A recepcionista tem quarenta e poucos anos, usa o cabelo preto curto no estilo Louise Brooks. Ela ergue os olhos para as duas mulheres, franzindo a testa.

— Vocês duas têm reservas?

Ela se inclina para a frente e examina os papéis. Em seguida, devolve cada um para sua respectiva dona.

— Mas só tenho um quarto disponível. Estamos lotados.

— Isso é impossível. Você confirmou a reserva. — A americana empurra o papel de volta para ela. — Eu reservei na semana passada.

— Eu também tenho reserva — diz Nell. — Fiz há duas semanas. Olha, você pode ver na minha impressão.

As duas mulheres se encaram, subitamente conscientes de que estão disputando algo.

— Sinto muito. Não sei como as duas conseguiram reservar. Só temos um quarto. — A francesa faz parecer que a culpa é delas.

— Bem, você terá que nos arrumar outro quarto — diz a americana. — Precisa honrar as reservas. Olha, está tudo aí bem claro.

A francesa ergue uma sobancelha perfeitamente desenhada.

— Madame. Não posso lhe dar o que eu não tenho. Há apenas um quarto disponível, com duas camas. Posso oferecer um reembolso a uma das duas, mas não tenho dois quartos.

— Mas eu não posso ir a nenhum outro lugar. Estou esperando alguém — explica Nell. — Ele não vai saber onde estou.

— Não vou sair daqui — diz a americana, cruzando os braços. — Acabei de voar nove mil quilômetros, e preciso ir a um jantar. Não tenho tempo para procurar outro lugar.

— Então vocês poderiam dividir o quarto. Posso oferecer às duas um desconto de

cinquenta por cento.

— Dividir o quarto com uma estranha? Você só pode estar brincando — rebate a americana.

— Então sugiro que procure outro hotel — conclui a recepcionista friamente e se vira para atender o telefone.

Nell e a americana se entreolham. A mulher diz:

— Acabei de chegar de um voo de Chicago.

— Nunca estive em Paris — retruca Nell. — Nem sei onde encontrar outro hotel.

Nenhuma delas se move. Por fim, Nell fala:

— Olha... meu namorado vai me encontrar aqui. Poderíamos levar nossas malas para cima, e, quando ele chegar, vejo se consegue arrumar outro hotel para nós. Ele conhece Paris melhor do que eu.

A americana olha Nell de cima a baixo lentamente, como se avaliasse se pode confiar nela.

— Não vou dividir o quarto com vocês dois.

Nell a encara com firmeza.

— Acredite em mim, isso também não é o que eu esperava de um fim de semana divertido longe de casa.

— Acho que não temos muita escolha — diz a mulher. — Não acredito que isso esteja acontecendo.

Elas informam o plano à recepcionista, e a irritação da americana parece desproporcional, pensa Nell, já que, basicamente, lhe deu o quarto.

— E, quando essa senhora sair, ainda quero meu desconto de cinquenta por cento — dizia a mulher. — Essa situação toda é uma vergonha. Um serviço assim nunca seria aceito lá de onde eu venho.

Nell se pergunta se algum dia já se sentiu mais desconfortável, presa entre a indiferença da francesa e o ressentimento fervilhante da americana. Ela tenta imaginar o que Pete faria. Ele riria e levaria tudo numa boa. Sua capacidade de rir da vida é uma das coisas que ela acha atraente nele. Está tudo bem, diz a si mesma. Eles vão rir disso depois.

Elas pegam a chave e compartilham um pequeno elevador até o terceiro andar. Nell segue logo atrás. A porta se abre para um quarto de sótão com duas camas.

— Ah — diz a americana. — Não tem banheiro. Odeio quando não tem banheiro. E é tão pequeno...

Nell larga a bolsa. Então se senta na beira da cama e manda uma mensagem para Pete contando o que aconteceu e perguntando se ele pode arrumar outro hotel.

Vou esperar você aqui. Sabe me dizer se chegará a tempo do jantar? Estou morrendo de fome.

Já são oito horas.

Ele não responde. Nell se pergunta se ele está no Eurotúnel: se estiver, ainda falta pelo menos uma hora e meia até ali. Ela fica sentada em silêncio enquanto a americana bufar e abre a mala em cima da cama, pegando todos os cabides para pendurar suas

roupas.

— Você está aqui a negócios? — pergunta Nell quando o silêncio fica muito pesado.

— Duas reuniões. Uma hoje à noite e, então, um dia de folga. Não tive um dia de folga no mês todo. — A americana diz isso como se fosse culpa de Nell. — E amanhã tenho que estar do outro lado de Paris. Certo. Preciso sair agora. Vou confiar em que você não vai mexer nas minhas coisas.

Nell olha fixamente para ela.

— Não vou mexer nas suas coisas.

— Não quis ser grosseira. Só não estou acostumada a dividir quartos com pessoas completamente desconhecidas. Quando seu namorado chegar, eu agradeceria se você pudesse entregar sua chave lá embaixo.

Nell tenta não demonstrar raiva.

— Pode deixar — diz ela, e pega seu laptop, fingindo ler, enquanto, com um último olhar para trás, a americana sai do quarto.

E é nesse momento que seu telefone toca. Nell o pega depressa.

Desculpe, baby. Não vou conseguir ir. Faça uma ótima viagem.

Fabien senta-se no telhado, puxa o gorro de lã mais para perto dos olhos e acende outro cigarro. Ele sempre fumava ali quando havia uma chance de Sandrine aparecer em casa inesperadamente. Ela não gostava do cheiro e, quando ele fumava lá dentro, torcia o nariz e dizia que o apartamento estava com um odor nojento.

É um espaço estreito, mas suficientemente grande para um homem alto, uma caneca de café e 332 páginas de um manuscrito. No verão, ele às vezes cochila ali fora, e acena diariamente para os gêmeos adolescentes do outro lado da praça. Eles se sentam no telhado do próprio apartamento para ouvir música e fumar, longe do olhar dos pais.

O centro de Paris está cheio de lugares assim. Quem não tem um jardim ou uma pequena sacada, encontra espaço externo onde pode.

Fabien pega o lápis e começa a riscar palavras. Vem editando esse manuscrito há seis meses, e as linhas estão cheias de marcações. Toda vez que lê seu romance, encontra mais problemas.

Os personagens são maçantes, suas vozes, falsas. Philippe, seu amigo, diz que ele tem de seguir em frente, digitar o texto e entregá-lo ao agente que está interessado. Mas toda vez que Fabien relê, vê mais razões para não mostrar seu livro a ninguém.

Ainda não está pronto.

Sandrine disse que Fabien não queria entregá-lo porque, até fazer isso, ainda poderia dizer a si mesmo que tinha esperança. Isso foi uma das coisas menos cruéis que ela já falou.

Ele verifica o relógio, sabendo que só tem uma hora antes de começar seu turno. E então ouve o celular tocar lá dentro. Droga! Ele se xinga por ter se esquecido de enfiá-lo no bolso antes de sair para o telhado. Equilibra a caneca sobre a pilha de páginas para que não voem e se vira para entrar pela janela.

Depois disso, não sabe exatamente o que aconteceu. Seu pé direito escorrega na mesa que ele usa como apoio para retornar e, enquanto ele tenta não cair, seu pé esquerdo desliza para trás — seu pé grande e desajeitado, como Sandrine diria —, empurrando a caneca e as páginas para fora da beirada. Ele se vira a tempo de ouvir a caneca se espatifar nos paralelepípedos lá embaixo e ver 332 páginas brancas cuidadosamente editadas saírem voando pelo céu que escurece.

Fabien observa suas folhas serem levadas pelo vento e, feito pombas brancas, flutuarem pelas ruas de Paris.

Nell passou uma hora deitada na cama e ainda não sabe o que fazer. Pete não vem a Paris. Ele não vem mesmo. Ela viajou toda aquela distância até a capital da França, com lingerie nova e as unhas dos pés pintadas de vermelho, e Pete lhe deu bolo.

Durante os dez primeiros minutos, ela ficara olhando a mensagem — o animado “Faça uma ótima viagem” — e esperara receber mais alguma coisa. Porém não há mais nada.

Ela fica deitada na cama, o telefone ainda na mão, olhando fixamente a parede. Então percebe que parte dela sempre soube que isso poderia acontecer. Ela olha para o telefone, liga e desliga a tela, só para ter certeza de que não está sonhando.

Mas ela sabe. E provavelmente sabia na noite anterior, quando ele não atendeu às suas chamadas. Já devia saber na semana anterior, quando todas as suas ideias para o que podiam fazer em Paris foram recebidas com um “Sim, tanto faz” ou “Sei lá”.

Não era só o fato de Pete ser um namorado em quem não se podia confiar — na verdade, com muita frequência ele desaparecia sem dizer a ela aonde estava indo. Se Nell fosse honesta consigo mesma, chegaria à conclusão de que ele não tinha, de fato, a convidado para ir a Paris. Eles estavam conversando sobre lugares que conheciam, e ela admitiu nunca ter ido a Paris. Então ele dissera, casualmente:

“Sério? Ah, Paris é incrível. Você iria amar.”

Dois dias depois, ela saía de sua apresentação mensal de avaliação de risco para potenciais graduados (“A avaliação de risco desempenha um papel vital em ajudar as organizações a compreender e gerenciar os riscos, a fim de evitar problemas e explorar oportunidades! Aproveite seu passeio na fábrica e tenha cuidado perto das máquinas!”), quando encontrou o carrinho de sanduíche no corredor. Tinha chegado pelo menos dez minutos mais cedo. Ela dera uma olhada nas opções, avaliando mentalmente os prós e os contras, e por fim escolhera um de salmão com cream cheese, mesmo que fosse terça-feira e ela nunca comprasse o de salmão com cream cheese às terças.

“Mas que diabo. Ganhamos um bônus esta semana, não foi? Vamos esbanjar um pouco”, disse ela alegremente à Carla, que empurrava o carrinho.

E então fora até a cozinha do escritório, parando antes para pegar água do bebedouro, e, enquanto enchia o copo, acabara ouvindo através da parede uma conversa entre dois colegas seus.

— Vou gastar o meu em uma viagem a Barcelona. Tenho prometido levar minha esposa desde que nos casamos.

Era a voz de Jim, da Logística.

“Shari vai comprar uma daquelas bolsas extravagantes. A garota vai acabar com o bônus dela em dois dias.”

“Lesley vai usar o dela para comprar um carro. Nell?”

“Nell não vai a Barcelona.”

Os dois riram. Nell, com o copo plástico a meio caminho dos lábios, estava paralisada.

“Nell vai colocar o dinheiro na poupança. Talvez depois de fazer uma planilha. Aquela garota leva meia hora para escolher um sanduíche.”

“Será que devo comprar o de presunto no pão de centeio? Mas é terça-feira, e normalmente compro o de presunto no pão de centeio às sextas. Talvez eu compre o de cream cheese. Eu costumo comprar o de cream cheese às segundas. Mas que diabo, vamos esbanjar um pouco!”

Eles riram novamente da imitação grosseira de sua voz. Nell olhou para o sanduíche.

“Cara, essa menina nunca teve uma aventura na vida.”

Ela só comeu metade do sanduíche, embora amasse salmão e cream cheese. Parecera estranhamente pegajoso em sua boca.

* * *

Naquela noite, ela foi até a casa da mãe. Após anos de evasivas, Lilian finalmente concordara que a casa era grande demais para uma pessoa e resolvera se mudar, mas tirá-la do lugar onde vivera por vinte e cinco anos era um pouco como tirar um caracol da concha. Duas vezes por semana Nell ia até lá para dar uma olhada nas caixas de recordações, roupas ou papéis empilhados em prateleiras pela casa antiga e tentar convencer a mãe a abrir mão de pelo menos algumas daquelas coisas. Na maioria das vezes, ela passava uma hora insistindo que a mãe não precisava de um burro de palha de suas férias em Maiorca em 1983, para depois sair do banheiro no final da noite e descobrir que a mãe o pegara escondido de volta e o guardara no quarto de hóspedes. Seria um longo processo. Naquela noite seriam cartões-postais e roupas de bebê. Perdida em lembranças, Lilian mostrava cada uma, perguntando-se em voz alta se “poderiam ser usadas de novo algum dia”.

“Ah, você ficava linda neste vestidinho. Mesmo com esses seus joelhos. Isso me faz lembrar... Sabe Donna Jackson, do salão de beleza? Cheryl, a filha dela, marcou um desses encontros pela internet. Bem, ela saiu com um cara, e, quando foram até o apartamento dele, as prateleiras estavam cheias de livros sobre assassinos em série.”

“E ele era?”, perguntou Nell, tentando enfiar uns casaquinhos de lã roídos pelas traças em uma sacola enquanto a mãe estava distraída.

“Era o quê?”

“Um assassino em série.”

“Bem, como eu vou saber?”

“Mãe, Cheryl voltou para casa?”

Lilian dobrou o vestido e colocou-o em sua pilha das coisas para “guardar”.

“Ah, claro. Cheryl disse à Donna que ele queria que ela usasse uma máscara ou uma cauda peluda ou algo assim, então ela mandou o fora nele.”

“Ela *deu* o fora nele, mãe. Deu.”

“Ah, qual é a diferença? De qualquer forma, fico feliz que você seja uma menina sensata e não corra riscos. Ah, eu lhe disse, a Sra. Hogan perguntou se você pode dar comida para o gato dela enquanto estiver fora.”

“Tudo bem.”

“Porque eu já vou ter me mudado até lá. E ela disse que precisa de alguém absolutamente confiável.”

Nell olhara para o pequeno short em suas mãos por um longo tempo antes de jogá-lo no saco de lixo com uma raiva desnecessária.

Na manhã seguinte, ela tinha atravessado um cruzamento em direção ao trabalho quando parara diante de uma agência de viagens. Um cartaz na vitrine dizia: SOMENTE HOJE, OFERTA ESPECIAL — DOIS PELO PREÇO DE UM — TRÊS NOITES EM PARIS — CIDADE LUZ. Antes de se dar conta do que estava fazendo, ela entrara e comprara duas passagens. Mostrara a Pete na noite seguinte, o rosto corado em parte por vergonha, em parte por alegria, quando voltaram ao apartamento dele.

“Você fez o quê?” Ele estava embriagado, lembrava agora, e piscara lentamente, como se não estivesse acreditando. “Você me deu uma passagem para Paris?”

“Para nós”, disse ela, enquanto ele tentava desabotoar seu vestido. “Um fim de semana prolongado em Paris. Pensei que seria... divertido. A gente devia, sabe, dar a louca!”

Essa menina nunca teve uma aventura na vida.

“Pesquisei hotéis, e encontrei um atrás da rue de Rivoli. É três estrelas, mas tem um índice de aprovação de noventa e quatro por cento e fica em uma área com baixa incidência de crimes... Quer dizer, a única coisa que eles recomendam é ter atenção com ladrões de bolsas, então vou comprar uma dessas...”

“Você me deu uma passagem para Paris!” Ele balançara a cabeça, o cabelo caindo em um dos olhos. E então ele disse: “Claro, baby. Por que não? Show.”

Ela não conseguia lembrar o que mais ele falara, já que, naquele momento, os dois caíram na cama.

Agora teria de voltar à Inglaterra e dizer à Magda, Trish e Sue que elas tinham razão. Que Pete era exatamente o que elas disseram que era. Que Nell tinha sido uma boba e desperdiçado dinheiro. Trocara a Viagem das Garotas a Brighton por nada.

Ela fecha os olhos com força até ter certeza de que não vai chorar, depois se senta. Olha para a mala. Então se pergunta onde encontrar um táxi e se o seu bilhete de volta pode ser adiantado. E se ela chegar à estação e eles não a deixarem embarcar? Ela se pergunta se deve pedir à recepcionista lá embaixo para ligar para a Eurostar, mas tem medo do olhar frio da mulher. Não tem ideia do que fazer. Paris, a quilômetros e quilômetros de casa, de repente parece enorme, desconhecida e hostil.

Seu telefone faz barulho de novo. Ela o pega depressa, o coração subitamente disparado. Ele vem, afinal! Tudo ficará bem! Mas é Magda.

Está se divertindo muito, sua safadinha?

Ela pisca ao ver a mensagem e, de repente, sente uma enorme saudade de casa. Queria estar lá, no quarto de hotel de Magda, um copo plástico de champanhe barato na

pia do banheiro enquanto disputam um lugar à frente do espelho para se maquiarem. Na Inglaterra, é uma hora a menos. Elas ainda devem estar se arrumando, as roupas novas transbordando da mala e caindo no tapete, a música alta o suficiente para provocar reclamações.

Ela pensa por um instante que nunca se sentiu tão só.

Tudo ótimo, obrigada. Divirta-se!

Ela digita lentamente e aperta ENVIAR, esperando pelo chiado que diz que a mensagem passou pelo Canal da Mancha. Depois desliga o telefone para não ter mais que mentir.

* * *

Nell examina a tabela de horários da Eurostar, pega o caderninho na bolsa e faz uma lista, pensando em suas opções. São quinze para as nove. Mesmo que consiga chegar à estação, é improvável que pegue um trem que a leve de volta para a Inglaterra cedo o suficiente para ir para casa. Terá de passar a noite ali.

À luz impiedosa do espelho do banheiro, ela parece cansada e irritada, o rímel borrado pelas lágrimas. Parece exatamente o tipo de garota que acaba de viajar até Paris e levar bolo do namorado nada confiável. Apoia as mãos na pia, respira fundo, trêmula, e tenta pensar com clareza.

Primeiro vai procurar algo para comer e dormir um pouco, então se sentirá melhor. No dia seguinte, pegará o primeiro trem para casa. Não é o que ela esperava, mas é um plano, e Nell sempre se sente melhor com um plano.

Ela fecha a porta, tranca e desce a escada. Tenta parecer despreocupada e confiante, como uma mulher que costuma ficar sozinha em cidades desconhecidas.

— Humm. Você tem um menu de serviço de quarto? Não encontrei nenhum lá em cima — pergunta à recepcionista.

— Serviço de quarto? Mademoiselle, você está na capital gastronômica do mundo. Não temos serviço de quarto aqui.

— Ok, bem, então você conhece algum lugar legal onde eu possa comer alguma coisa?

A mulher olha para ela.

— Um restaurante?

— Ou um café. Qualquer coisa. Algum lugar que dê para ir andando. Ah, e... hã... Se a outra moça voltar, você pode dizer a ela que passarei a noite aqui?

A francesa ergue ligeiramente uma sobrancelha, e Nell a imagina pensando: “Então seu namorado não apareceu, inglesinha assustada? Não me surpreende.”

— Tem o Café des Bastides — diz ela, entregando-lhe um pequeno mapa turístico. — Vire à direita lá fora e entre na segunda rua à esquerda. É ótimo. Bom para — ela faz uma pausa — comer sozinha.

— Obrigada.

— Vou ligar para Michel e pedir para ele reservar uma mesa para você. Nome?

— Nell.

— *Nell*. — A mulher pronuncia como se fosse uma aflição.

Com o rosto ardendo, Nell pega o mapa, enfia na bolsa e sai depressa do saguão do hotel.

* * *

O café está cheio, as pequenas mesas redondas do lado de fora, lotadas de casais ou grupos, sentados lado a lado com casacos pesados, fumando, bebendo e conversando, enquanto observam a rua movimentada. Nell hesita e ergue os olhos, conferindo o nome na placa, e se pergunta brevemente se aguenta mesmo ficar ali sozinha. Talvez ela devesse dar um pulo em um supermercado e comprar um sanduíche. Sim, essa provavelmente seria a opção mais segura. Um homem enorme de barba está parado à porta, e seu olhar encontra o dela.

— Você é a inglesa? — Sua voz reverbera por cima das mesas.

Nell se encolhe.

— Você é NELL? Mesa para um?

Algumas cabeças se viram para olhá-la. Nell pondera se é possível morrer espontaneamente de constrangimento.

— Humm. Sim — murmura com a cabeça baixa.

Ele faz sinal para ela entrar, arruma uma pequena mesa em um canto perto da janela, e ela se senta. As janelas estão embaçadas por dentro, e as mesas zumbem à sua volta com as vozes de mulheres bem-vestidas na casa dos cinquenta anos dizendo palavras que Nell não consegue entender, jovens casais se entreolhando sobre taças de vinho. Ela se sente pouco à vontade, como se estivesse usando uma placa que diz: TENHAM PENA DE MIM. NÃO TENHO NINGUÉM COM QUEM COMER. Olha para o quadro-negro, repetindo várias vezes as palavras desconhecidas em sua cabeça antes de ter de dizê-las em voz alta.

— *Bonsoir*. — O garçom, que tem a cabeça raspada e usa um longo avental branco, coloca um jarro d'água à sua frente. — *Qu'est-ce...*

— *Je voudrais le steak frites, s'il vous plaît* — diz ela apressadamente.

A refeição — bife com batata frita — é cara, mas é a única coisa que ela acha que consegue pronunciar.

O garçom faz um aceno breve com a cabeça e olha para trás, como se estivesse distraído.

— O bife? E para beber, mam'selle? — pergunta ele em um inglês perfeito. — Um pouco de vinho?

Ela ia beber Coca-Cola. Mas sussurra:

— Sim, por favor.

— *Bon* — diz ele.

Em minutos, o garçom está de volta com uma cesta de pão e uma jarra de vinho. Coloca tudo na mesa como se fosse absolutamente normal para uma mulher estar sentada ali numa sexta-feira à noite sozinha, e então sai.

Nell acha que nunca viu uma mulher sentada sozinha em um restaurante, com exceção daquela viagem que fez a trabalho para Corby, quando uma mulher se sentou sozinha com um livro perto do banheiro feminino e comeu duas sobremesas em vez de

um prato principal. Onde Nell mora, as garotas saem em grupos para comer, geralmente após uma longa noite bebendo. As mais velhas talvez apareçam sozinhas em bingos ou eventos familiares. Mas as mulheres em geral não saem assim para comer sozinhas.

No entanto, quando olha em volta e mastiga um pedaço crocante de pão, ela percebe que não é a única comendo sozinha. Há uma mulher do outro lado da janela, um jarro de vinho tinto na mesa, fumando um cigarro enquanto observa as pessoas de Paris passarem agitadas. Há um homem no canto lendo jornal, enquanto leva garfadas cheias de alguma coisa até a boca. Outra mulher, cabelos longos, uma lacuna entre os dentes, está conversando com um garçom, a gola alta em torno do pescoço. Ninguém está olhando para eles. Nell relaxa um pouco, afrouxando o cachecol.

O vinho é bom. Ela toma um gole e sente a tensão do dia começar a passar. Toma mais um gole. O bife chega, bem tostado e soltando fumaça, mas, quando ela o corta, está sangrento. Ela se pergunta se manda devolvê-lo, mas não quer causar confusão, principalmente se for necessário falar francês.

Além disso, o gosto é bom. As batatas estão crocantes, douradas e quentes, e a salada verde é deliciosa. Ela come tudo, surpreendendo-se com seu apetite. O garçom, quando volta, sorri de seu prazer evidente, como se a notasse pela primeira vez.

— É bom, não é?

— Delicioso — responde ela. — Obrigada... *hã, merci.*

O garçom assente e enche de novo sua taça.

Nell sente um breve e improvável momento de prazer. Mas, quando vai pegar, calcula mal a distância de alguma forma e derruba meia taça de vinho tinto no avental e nos sapatos do garçom. Ela olha por cima da mesa para as fortes manchas vermelhas.

— Desculpa! — exclama, levando as mãos à boca.

Ele suspira, cansado, enquanto se limpa com um pano.

— Não foi nada.

— Desculpa. Ah, eu...

— Sério. Não foi nada. É que hoje está sendo um daqueles dias.

Ele dá um sorriso vago, como se quisesse dizer que entende, e desaparece.

Ela sente as bochechas arderem, coradas, e pega o caderninho na bolsa, para ter o que fazer. Folheia rapidamente sua lista do que ver em Paris e se concentra em uma página em branco até ter certeza de que ninguém está olhando.

— *Viva o momento* — escreve ela na página vazia, e sublinha a frase duas vezes.

É algo que leu uma vez em uma revista.

Olha para o relógio. São nove e quarenta e cinco. Só mais cerca de 39.600 momentos embaraçosos, pensa ela, e então poderá entrar de novo no trem e fingir que aquela viagem nunca aconteceu.

* * *

A francesa ainda está atrás do balcão da recepção quando Nell volta para o hotel. É claro que está. Ela desliza a chave sobre o balcão em direção a Nell.

— A outra moça ainda não voltou — diz a mulher, com sotaque. — Se ela voltar enquanto eu estiver aqui, aviso que você está no quarto.

Nell murmura um agradecimento e sobe.

Ela liga o chuveiro e entra para tomar banho, tentando mandar pelo ralo as decepções do dia. Finalmente, às dez e meia, vai para a cama e lê uma das revistas francesas da mesa de cabeceira. Não entende a maioria das palavras, mas não trouxe um livro. Não esperava passar nenhum tempo lendo.

Às onze horas, apaga a luz e fica deitada no escuro, ouvindo o som das motocicletas zunindo pelas ruas estreitas e as conversas e gargalhadas dos franceses voltando para casa. Sente-se como se tivesse sido deixada de fora de uma enorme festa.

Seus olhos se enchem de lágrimas, e ela se pergunta se deve ligar para as garotas e contar o que aconteceu. Mas não está pronta para a compaixão delas. Nell não se permite pensar em Pete e no fato de ter sido efetivamente dispensada. Tenta não imaginar a expressão da mãe quando tiver de lhe contar a verdade sobre aquele fim de semana romântico.

E então a porta se abre. A luz se acende.

— Eu não acredito. — A americana está lá, o rosto corado em razão da bebida, um grande cachecol roxo em volta dos ombros. — Pensei que você já tinha ido embora.

— Eu também — disse Nell, puxando as cobertas para cima da cabeça. — Você se importaria de diminuir a luz, por favor?

— Não me disseram que você ainda estava aqui.

— Bem, estou.

Ela ouve o barulho de uma bolsa batendo na mesa, o ruído dos cabides no guarda-roupa.

— Não me sinto confortável em passar a noite no quarto com alguém que não conheço.

— acredite em mim, você não era a minha primeira escolha de companhia esta noite também.

Nell continua embaixo das cobertas, enquanto a mulher resmunga e entra e sai do banheiro. Nell escuta o escovar de dentes, o gargarejo e a descarga do vaso através das paredes que são finas demais. Tenta imaginar que está em algum outro lugar. Em Brighton, talvez, com uma das meninas, indo bêbada para a cama.

— Preciso lhe dizer, eu não estou feliz — afirma a mulher.

— Bem, durma em outro lugar — dispara Nell. — Porque tenho tanto direito a este quarto quanto você. Mais, se você olhar as datas das nossas reservas.

— Não precisa ser grosseira — disse a mulher.

— Bem, não precisa fazer com que eu me sinta pior do que já estou.

— Querida, não é minha culpa seu namorado não ter aparecido.

— E não é *minha* culpa o hotel ter permitido que nós duas reservássemos o mesmo quarto.

Faz-se um longo silêncio. Nell pensa que talvez tenha sido muito dura. Afinal é uma insanidade duas mulheres brigarem em um espaço tão pequeno. Estamos no mesmo barco, pondera. Ela tenta pensar em algo gentil para dizer.

E então a voz da mulher corta a escuridão:

— Bem, só para você saber, estou colocando meus objetos de valor no cofre. E fiz curso de defesa pessoal.

— E o meu nome é Georges Pompidou — murmura Nell.

Ela ergue os olhos para o céu no escuro e aguarda o clique que lhe dirá que a luz se apagou.

— Só para registrar — diz uma voz na escuridão. — É um nome muito estranho.

* * *

Nell está exausta e um pouco triste, mas o sono ainda é algo irritantemente esquivo, aproximando-se e depois escapando como um amante tímido. Ela tenta relaxar, acalmar seus pensamentos, mas por volta da meia-noite uma voz em sua mente diz com firmeza: *Não. Nada de dormir, senhorita.*

Em vez disso seu cérebro gira e sacode feito uma máquina de lavar roupa, revirando pensamentos sombrios como faz com a roupa suja. Será que tinha se mostrado interessada demais em Pete? Será que não era descolada o bastante? Será que havia sido por causa de sua lista de galerias de arte francesas, com seus prós e contras (distância versus tamanho possível de fila)?

Será que era chata demais para qualquer homem amar?

A noite se arrasta lentamente. Ela fica deitada no escuro, tentando ignorar o ronco da desconhecida na cama ao lado. Tenta se espreguiçar, bocejar, mudar de posição. Tenta respirar fundo, relaxando partes do corpo, e imaginar seus pensamentos mais sombrios trancados em uma caixa e a chave sendo jogada fora.

Por volta das três da manhã, aceita que provavelmente ficará acordada até o amanhecer. Ela se levanta e caminha sem fazer barulho até a janela, afastando a cortina alguns centímetros do vidro.

Os telhados brilham sob a luz dos postes. Uma chuva fina cai silenciosamente na calçada. Um casal, a cabeça de um inclinada em direção à do outro, volta lentamente para casa, cochichando entre si.

Isso devia ter sido tão maravilhoso, pensa.

Os roncos da americana ficam mais altos. A mulher emite um som gutural abafado e, então, depois de um breve e tentador silêncio, ronca novamente. Nell pega tampões de ouvido (ela trouxe dois pares, por precaução) e volta para a cama. Estarei em casa em pouco mais de oito horas, reflete, e, com esse pensamento reconfortante, finalmente adormece.

No café, Fabien senta-se perto da portinhola da cozinha, observando Émile esfregar as enormes panelas de aço, e René, o *sous-chef*, trabalhar silenciosamente ao lado dele. Fabien está bebendo uma xícara grande de café, os ombros relaxados. O relógio marca quinze para uma.

— Você vai escrever outro. E será melhor — diz Émile.

— Dei o melhor de mim naquele livro. E agora tudo se foi.

— Ah, pare com isso. Você diz que é escritor. Então deve ter mais de um livro na cabeça. Se não tem, vai morrer de fome como escritor. E, no próximo livro, pense em editar em um computador, sim? Aí é só imprimir outra cópia.

Fabien encontrou 183 páginas das mais de 300 que saíram voando. Algumas estavam sujas de terra e molhadas de chuva, marcadas por pegadas. Outras desapareceram na noite de Paris. Enquanto caminhava pelas ruas nos arredores de casa, encontrava uma página voando ou encharcada em uma sarjeta, ignorada pelos pedestres. Ver suas palavras espalhadas por ali, seus pensamentos mais íntimos expostos, fazia com que se sentisse completamente nu no meio da rua.

— Sou um idiota, Émile. Sandrine me disse tantas vezes para não levar meu livro para o telhado...

— Ah, não. Outra história da Sandrine não, por favor! — Émile tira a água gordurosa da pia e volta a enchê-la. — Preciso de um pouco de conhaque se você for contar uma das histórias da Sandrine.

— Você já bebeu todo o conhaque — diz René.

— O que eu vou fazer?

— O que o seu grande herói, o escritor Samuel Beckett, lhe diz para fazer: “Tente de novo. Fracasse de novo. Fracasse melhor.”

Émile ergue os olhos, a pele escura brilhando de suor e vapor.

— E não estou falando só do livro. Você precisa sair. Conhecer algumas mulheres. Beber um pouco, dançar um pouco... Encontrar material para outro livro!

— Eu leria esse livro — diz René.

— Está vendo? — completa Émile. — René vai ler o seu livro. E ele só lê pornografia!

— Eu não leio as palavras — explica René.

— Sabemos disso, René — diz Émile.

— Não sei, não. Não estou no clima — diz Fabien.

— Então entre no clima! — Émile é como um radiador, sempre fazendo você se

sentir mais aquecido. — Pelo menos agora você tem uma razão para sair daquele apartamento, hein? Saia e viva. Pense em outra coisa.

Émile termina a última panela. Empilha-a sobre as outras, em seguida joga o pano de prato no ombro.

— Ok. Olivier vai pegar o turno da noite amanhã, né? Então você e eu vamos sair para tomar umas cervejas. O que me diz?

— Eu não sei...

— Bem, o que mais você vai fazer? Passar a noite em seu apartamento minúsculo? Monsieur Hollande, nosso presidente, vai aparecer na televisão para dizer que não há dinheiro. A casa vazia vai lhe dizer que não há mulher na sua vida.

— Você não está melhorando as coisas, Émile.

— Estou! Eu sou seu amigo! Estou lhe dando um milhão de razões para sair comigo. Anda, vamos dar umas risadas. Ficar com algumas mulheres que não prestam. Ser presos.

Fabien termina o café e entrega a xícara para Émile, que a coloca na pia.

— Vamos lá. Você precisa viver para ter algo sobre o que escrever.

— Talvez — reflete ele. — Vou pensar.

Émile balança a cabeça enquanto Fabien se despede e sai.

É a batida que a acorda. A princípio parece distante, então fica mais alta, e Nell tapa os ouvidos com o travesseiro. Em seguida, ouve uma voz.

— Serviço de limpeza.

Serviço de limpeza.

Nell se levanta, piscando, um suave tilintar nos ouvidos, e por um instante não faz ideia de onde está. Ela olha para a cama estranha, depois para o papel de parede. E ouve um som abafado de batidas. Leva a mão às orelhas e tira os tampões. De repente, o barulho fica ensurdecedor.

Ela caminha até a porta e abre, esfregando os olhos.

— Olá?

A mulher — em um uniforme de empregada — se desculpa e se afasta.

— *Ah. Je reviendrais.*

Nell não tem ideia do que ela acabou de dizer. Em seguida balança a cabeça e deixa a porta fechar. Sente como se tivesse sido atropelada. Então olha para a americana, mas encontra a cama vazia, as cobertas bagunçadas e a porta do guarda-roupa aberta, revelando um monte de cabides vazios. Em pânico, ela olha em volta à procura da própria mala, mas ainda está lá.

Não tinha se dado conta de que a americana sairia tão cedo, mas Nell fica aliviada por não ter de enfrentar aquele rosto contrariado novamente. Agora, pode tomar banho em paz e...

Olha para o telefone. São onze e quinze.

Não pode ser.

Ela liga a televisão, passando os canais até chegar a um de notícias.

São mesmo onze e quinze.

Totalmente acordada, ela começa a recolher suas coisas, despejá-las na mala e vestir suas roupas. Então, pegando a chave e seus bilhetes, desce correndo a escada. A francesa está atrás do balcão, tão impecável quanto na noite anterior. Nell deseja, de repente, ter escovado o cabelo.

— Bom dia, mademoiselle.

— Bom dia. Gostaria de saber se você poderia... se... Bem, eu preciso alterar meu bilhete da Eurostar.

— Gostaria que eu ligasse para a Eurostar?

— Por favor. Preciso chegar em casa hoje. Uma... emergência familiar.

O rosto da mulher continua impassível.

— É claro.

Ela pega o bilhete e liga, em seguida fala em um francês acelerado. Nell passa os dedos no cabelo, esfrega o sono dos olhos.

— Eles não têm nada antes de cinco da tarde. Esse horário está bom para você?

— Nada mesmo?

— Havia alguns lugares nos trens mais cedo esta manhã, mas agora nada até as cinco. Nell se xinga por ter dormido até tarde.

— Está ótimo.

— E você terá de comprar um novo bilhete.

Nell olha para seu bilhete, que a mulher estende em direção a ela. E lá está escrito com letras pretas: INTRANSFERÍVEL.

— Um novo bilhete? E quanto vai ser?

A mulher diz algo, em seguida cobre o fone com a mão.

— Cento e setenta e oito euros. Quer reservar?

Cento e setenta e oito euros. Cerca de cento e quarenta libras.

— Hã... humm... Quer saber? Eu... Eu tenho que resolver uma coisa. — Ela não se atreve a olhar para o rosto da mulher enquanto pega o bilhete de volta. Sente-se uma idiota. É claro que um bilhete barato seria intransferível. — Muito obrigada.

Então volta depressa para a segurança de seu quarto, ignorando a mulher, que está falando alguma coisa.

* * *

Nell se senta na beirada da cama e xinga baixinho. Ela pode pagar o equivalente a meia semana de salário para chegar em casa ou continuar sozinha no Pior Fim de Semana Romântico do Mundo por mais uma noite. Pode se esconder naquele quarto no sótão com televisão francesa que ela não consegue entender. Pode sentar-se sozinha em cafés, tentando não olhar para todos os casais felizes.

Então decide fazer um café, mas não há chaleira no quarto.

— Ah, pelo amor de Deus — diz em voz alta.

E conclui que odeia Paris.

Só então ela vê um envelope meio aberto no chão, parcialmente debaixo da cama, com algo saindo de dentro dele. Ela se abaixa e pega. São dois ingressos para a exposição de uma artista de quem ouviu falar vagamente. Ela os pega para dar uma olhada. Deviam ser da americana. Larga os ingressos. Vai decidir o que fazer com eles depois. No momento, precisa passar um pouco de maquiagem, escovar o cabelo, e principalmente tomar um café.

* * *

Lá fora, à luz do dia, Nell se sente melhor. Ela caminha até ver um café com aparência agradável e pede um café au lait e um croissant. Senta-se a uma das mesas na rua, encolhida para se proteger do frio, ao lado de várias outras pessoas que fazem o mesmo. Acaricia o pequeno cachorro de uma senhora idosa sentada ali perto, seu cachecol

amarrado com a precisão de um origami japonês. Tira algumas fotos. Um francês a cumprimenta com o chapéu, e ela não consegue evitar um sorriso.

O café é bom, e o croissant, delicioso. Ela anota o nome do lugar, caso queira voltar. Deixa uma gorjeta e retorna ao hotel lentamente, pensando: bem, já tive cafés da manhã piores. Do outro lado da rua, há uma loja de bolsas, e ela observa pela vitrine o elegante e preciso trabalho com o couro, os lindos tons pastel. A loja parece um set de filmagem. Ela para ao ouvir uma música tocada em um violoncelo, procurando até localizar o som, que vem da janela parcialmente aberta de uma sacada. Ela escuta, depois se senta por um instante no degrau. É a coisa mais linda que já ouviu. Quando a música para, uma garota sai na sacada segurando o violoncelo e olha para baixo. Nell se levanta, de repente um pouco constrangida, e continua andando, imersa em pensamentos.

Não sabe o que fazer. Caminha lentamente, debatendo consigo mesma, escrevendo em seu caderninho as razões a favor e contra pegar o trem das cinco horas. Se pegar aquele trem, ainda pode tomar outro mais tarde para Brighton e surpreender as garotas. Dessa forma, ela salvaria o fim de semana. Poderia ficar muito bêbada e confessar tudo, e as amigas cuidariam dela. É para isso que servem.

Mas sente um aperto no coração só de pensar em gastar mais cento e cinquenta libras em um fim de semana já desastroso. E não queria que sua primeira viagem a Paris terminasse com ela fugindo com o rabo entre as pernas. Não queria se lembrar de sua primeira viagem a Paris como a ocasião em que fora dispensada e correria para casa sem nem ver a Torre Eiffel.

Ela ainda está pensando quando chega ao hotel, e por pouco se esquece, até enfiar a mão no bolso para pegar a chave. E encontrar os ingressos da americana.

— Ah. Licença — diz ela para a recepcionista. — Você sabe o que aconteceu com a mulher que estava dividindo o quarto comigo? Quarto quarenta e dois?

A recepcionista dá uma olhada em uma pilha de papéis.

— Ela fez o check-out logo de manhã. Uma... emergência familiar, acredito. — Seu rosto não deixa transparecer nada. — Parece estar havendo muitas dessas emergências neste fim de semana.

— Ela deixou uns ingressos no quarto. Para a exposição de uma artista. Eu estava pensando o que fazer com eles.

Nell estende os ingressos, e a recepcionista os examina.

— Ela foi direto para o aeroporto... Ah. É uma exposição muito popular, acho. Apareceu na televisão ontem à noite. As pessoas estão enfrentando horas de fila para vê-la.

Nell olha para os ingressos novamente.

— Eu iria à exposição, mademoiselle. — A mulher sorri para ela. — Se você puder... Se a sua emergência familiar puder esperar.

Nell observa os ingressos.

— Talvez eu vá.

— Mademoiselle?

Nell se vira para ela.

— Não vamos cobrá-la pelo quarto se desejar ficar. Para compensar pelo inconveniente.

Ela sorri novamente, como quem se desculpa.

— Ah. Obrigada — disse Nell, surpresa.

E acaba se decidindo. Não é muito tempo a mais, afinal.

Fabien se senta no telhado do seu apartamento, de camisa e calça de pijama, pensando, a xícara vazia de café ao lado. Ele olha para a pequena foto de Sandrine que está segurando. E, então, quando o ar fica gelado demais para continuar ali fora por mais tempo, ele entra de volta — com cuidado desta vez — e olha ao redor. Ela estava certa. É uma bagunça. Ele pega um saco de lixo e começa a arrumar.

Uma hora mais tarde, o pequeno apartamento está pelo menos parcialmente transformado: a roupa suja no cesto de roupa suja, os jornais velhos para reciclagem ao lado da porta, a louça lavada bem empilhada no corredor. Tudo arrumado, guardado. Ele está de banho tomado, barbeado e vestido. Não há nada agora que o impeça de escrever. Fabien ordena as páginas restantes numericamente, ao lado do laptop, e alisa a de cima. Olha para ela.

O tempo passa. Ele relê algumas páginas e, em seguida, coloca-as de volta na pilha. Pega uma folha e a avalia por um tempo, então leva os dedos ao teclado. Confere o seu telefone. Olha pela janela para os telhados cinzentos. Vai ao banheiro. Olha de volta para o teclado. Finalmente checa o relógio, se levanta e pega a jaqueta.

* * *

Não há ninguém esperando junto ao pequeno quiosque de frente para a Notre-Dame. Fabien para a motocicleta, tira o capacete e olha para o Sena por um instante, observando o imenso barco deslizar, cheio de turistas exclamando e tirando fotos pelas enormes janelas. O pequeno *Rose de Paris* com seus poucos assentos de madeira espera pacientemente perto do cais, vazio. Ele pega um pacote na parte de trás da motocicleta e vai até o quiosque, onde seu pai está sentado num banquinho, lendo o jornal.

— Salmão — diz ele, entregando o pacote ao pai. — Émile disse que vai estragar logo.

Clément beija o filho nas duas faces, em seguida desembulha o pacote e dá uma mordida, mastigando com apreço a comida.

— Nada mau. Diga para ele colocar menos endro da próxima vez. Não somos russos. Mas a massa está boa.

— Não está fazendo nada?

— É aquele novo barco grande. Acaba pegando todos os turistas.

Eles olham para a água por um tempo. Um casal anda até a margem do rio e hesita a alguns metros do quiosque antes de, aparentemente, mudar de ideia e se afastar. Fabien

coça o tornozelo.

— Se você não for precisar de mim, acho que vou na exposição da Kahlo.

— Para ver se encontra Sandrine por lá?

Fabien balança a cabeça.

— Não! Eu gosto da Frida Kahlo.

— Claro que gosta — diz Clément, olhando para a água. — É que você raramente fala de qualquer outra coisa.

— Ela disse que eu nunca faço nada com a minha vida. Eu só... quero mostrar a ela. Posso ser cultural. Posso mudar. Ah, e arrumei meu apartamento.

Faz-se um breve silêncio. Fabien olha sem entender para o pai, que está mexendo nos bolsos como se procurasse alguma coisa.

— Estava tentando encontrar sua medalha — explica Clément.

Fabien se levanta, sorrindo ironicamente.

— Volto às quatro, *papa*. Caso você precise de ajuda.

Clément termina de comer o salmão. Dobra o papel cuidadosamente em um pequeno quadrado e limpa a boca. Então com a mão livre, dá um tapinha no braço do filho.

— Filho — diz ele quando Fabien vira para ir embora. — Esquece essa garota. Não leve tudo tão a sério, hein?

* * *

Sandrine sempre disse que ele acordava tarde demais. Agora, quase no fim de uma fila sinalizada com placas que dizem UMA HORA A PARTIR DESTE PONTO, DUAS HORAS A PARTIR DESTE PONTO, Fabien se xinga por não ter chegado mais cedo, conforme seu plano inicial.

Entrara todo alegre no fim da fila há uns quarenta e cinco minutos, achando que seria rápido. Mas tinha andado apenas uns três metros. É uma tarde clara e gelada, e ele está começando a sentir frio. Fabien puxa o gorro de lã mais para baixo na cabeça e chuta o chão com a ponta das botas.

Ele poderia simplesmente desistir da fila, dar o fora dali e voltar para ajudar o pai como dissera. Poderia ir para casa, terminar de arrumar o apartamento. Poderia colocar mais combustível na motocicleta e verificar os pneus. Poderia cuidar da papelada que vem adiando há meses. Mas ninguém saiu da fila, então ele também não vai sair.

De alguma forma, pensa ele, ajustando o gorro sobre as orelhas, talvez se sinta melhor se ficar. Terá feito alguma coisa naquele dia. Não terá desistido, como Sandrine diz que ele sempre faz.

Não tem, é claro, nada a ver com o fato de Frida Kahlo ser a artista preferida de Sandrine. Ele levanta a gola, imaginando uma situação em que esbarraria nela no bar.

— Ah, sim — diria ele casualmente. — Fui ver a exposição de Diego Rivera e Frida Kahlo.

Ela ficaria surpresa, talvez até satisfeita. Talvez ele comprasse o catálogo e desse para ela.

Mesmo enquanto pensa nisso, sabe que é uma ideia estúpida. Sandrine não vai aparecer em nenhum lugar perto do bar onde ele trabalha. Ela o tem evitado desde que terminaram. O que ele está fazendo ali afinal?

Ele ergue os olhos e vê uma garota caminhando lentamente em direção ao fim da longa fila, o chapéu no estilo marinheiro puxado bem para baixo por cima da franja. Seu rosto exhibe o espanto que ele vê em todos que se deparam com o tamanho da fila.

Ela para perto de uma mulher a algumas pessoas de distância dele. Em sua mão, há duas tiras de papel.

— Com licença? Você fala inglês? Esta é a fila para a exposição da Frida Kahlo?

Ela não é a primeira a perguntar. A mulher dá de ombros e diz algo em espanhol. Fabien vê o que ela está segurando e se aproxima.

— Mas você tem os ingressos — diz ele. — Não precisa ficar nessa fila. — E aponta para um ponto em frente à fila. — Olha... para quem já tem os ingressos, a fila é lá.

— Ah. — Ela sorri. — Obrigada. Que alívio!

E então ele a reconhece.

— Você estava no Café des Bastides na noite passada?

Ela parece um pouco espantada. Em seguida, leva a mão à boca.

— Ah. O garçom. Eu derramei vinho em cima de você. Me desculpe.

— *De rien* — diz ele. — Não foi nada.

— Desculpe, de qualquer forma. E... obrigada.

Ela se vira para se afastar, depois volta e olha para ele e para as pessoas à frente e atrás dele na fila. Parece pensativa.

— Você está esperando alguém? — pergunta ela a Fabien.

— Não.

— Você... quer meu outro ingresso? Eu tenho dois.

— Não precisa dele?

— Foram... um presente. Não preciso do outro.

Ele olha para a garota, esperando que ela se explique, mas ela não diz mais nada. Ele estende a mão e pega o ingresso.

— Obrigado!

— É o mínimo que posso fazer.

Eles vão lado a lado até a pequena fila lá na frente, onde os ingressos estão sendo verificados. Fabien não consegue conter o sorriso diante dessa mudança inesperada dos acontecimentos. O olhar de Nell se fixa nele, e ela sorri. Ele nota que as orelhas dela ficaram rosadas.

— Então — diz ele. — Você está aqui para passar férias?

— Só o fim de semana — responde ela. — Eu só... você sabe... pensei em viajar.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— É bom. Sair assim sem planejar. Muito — ele procura a palavra — *impulsif*.

Ela faz que sim.

— Você... trabalha no restaurante todos os dias?

— Na maioria. Quero ser escritor. — Ele olha para baixo e chuta uma pedra. — Mas acho que vou ser garçom para sempre.

— Ah, não — diz ela, sua voz de repente clara e forte. — Tenho certeza de que você vai conseguir. Tem tudo isso acontecendo à sua frente. A vida das pessoas, quero dizer. No restaurante. Tenho certeza de que deve estar cheio de ideias.

Ele dá de ombros.

— É... um sonho. E não tenho certeza se é um sonho bom.

Eles chegam ao início da fila e o segurança a encaminha ao balcão para revistar a bolsa. Fabien percebe que ela está sem graça e não sabe se deve esperar.

Mas, enquanto ele está ali parado, ela levanta a mão, como se estivesse se despedindo.

— Bem — diz ela. — Espero que goste da exposição.

Ele enfia as mãos mais fundo nos bolsos e acena com a cabeça.

— Tchau.

Ela tem o cabelo ligeiramente avermelhado e algumas sardas. Sorri novamente, semicerrando os olhos, como se estivesse predisposta a ver piadas onde outras pessoas talvez não vejam. Ele se dá conta de que nem sabe o nome dela. Mas, antes que possa perguntar, ela desce a escada e desaparece na multidão.

Durante meses Fabien ficou preso à sua rotina, incapaz de pensar em qualquer coisa além de Sandrine. Todo bar em que ia o fazia lembrar de algum lugar em que tinham estado juntos. Toda música que ouvia a fazia lembrar dela, do formato de seu lábio superior, do perfume de seus cabelos. Era como viver com um fantasma.

Mas agora, dentro da galeria, algo acontece com ele. Suas emoções são tomadas pelas pinturas, as enormes telas coloridas de Diego Rivera, os pequenos autorretratos angustiados de Frida Kahlo, a mulher que Rivera amou. Fabien mal nota as multidões que se aglomeram em frente às pinturas.

Ele para diante de um pequeno quadro perfeito em que ela retratou sua espinha como uma coluna rachada. Há algo na tristeza dos olhos dela que o impede de desviar o olhar. Isso é sofrimento, ele pensa. E se pergunta há quanto tempo anda deprimido por causa de Sandrine, e isso o faz se sentir constrangido, autoindulgente. O relacionamento deles não foi uma história de amor épica como a de Diego e Frida, desconfia.

Ele acaba voltando várias vezes para ver as mesmas pinturas, lendo sobre a vida do casal, a paixão que os dois tinham pela arte, pelos direitos dos trabalhadores, um pelo outro. E sente um apetite crescente dentro de si por algo maior, melhor, mais significativo. Quer viver como aquelas pessoas. Precisa escrever melhor, precisa seguir em frente. Precisa.

Sente-se tomado pelo impulso de ir para casa escrever algo que seja diferente e novo e que tenha a sinceridade daquelas pinturas. Acima de tudo, ele só quer escrever. Mas o quê?

E então ele a vê, parada em frente à menina com a coluna quebrada no lugar da espinha, o olhar fixo na garota da pintura, os olhos arregalados e tristes. O chapéu de marinheiro está em sua mão. Enquanto ele observa, uma lágrima escorre pelo rosto dela. Ela levanta a mão esquerda e, ainda olhando para a pintura, a seca. Então desvia o olhar de repente, talvez se sentindo observada, e seus olhares se encontram. Quase sem perceber o que está fazendo, Fabien dá um passo à frente.

— Eu não... Eu não tive a chance de perguntar — diz ele. — Você gostaria de tomar um café?

O Café Cheval Bleu está lotado às quatro da tarde, mas a garçonete arruma para Fabien uma mesa lá dentro. Nell tem a sensação de que ele é um daqueles homens que sempre conseguem uma boa mesa do lado de dentro. Ele pede um café preto, e, como ela não quer que ele ouça sua terrível pronúncia de francês, diz:

— Para mim também.

Faz-se um breve silêncio constrangedor.

— Foi uma boa exposição, não é?

— Eu não costumo chorar vendo pinturas — defende-se Nell. — Me sinto um pouco boba agora que estou aqui.

— Não. Não, foi muito comovente. E a multidão, todas aquelas pessoas, e as fotografias...

Ele começa a comentar sobre a exposição. Diz que já ouvira falar da obra da artista, mas não achava que ficaria tão comovido.

— Sinto bem aqui, sabe? — diz ele, batendo no peito. — Tão... poderosa.

— Sim — concorda ela.

Ninguém que ela conhece fala assim, diz a ele. Conversam sobre o que Tessa vestiu no trabalho, ou sobre a novela, ou quem caiu de bêbado no último fim de semana.

— Falamos sobre essas coisas também. Mas... Eu não sei... Acho que... essa exposição me inspirou. Quero escrever do jeito que eles pintam. Isso faz sentido? Quero que alguém leia e sinta a obra tipo... *bouf*!

Ela não consegue evitar um sorriso.

— Você acha engraçado? — Ele parece magoado.

— Ah, não. Foi a maneira como você disse *bouf*.

— *Bouf*?

— Não é uma palavra que temos na Inglaterra. É só... Eu... — Ela balança a cabeça.

— É só uma palavra engraçada. *Bouf*.

Ele olha para ela por um minuto, então solta uma grande gargalhada.

— *Bouf*!

E o gelo se quebra. O café chega, e ela coloca dois pacotinhos de açúcar para não fazer careta quando beber.

Fabien toma o dele em dois goles.

— Então, o que está achando de Paris, Nell da Inglaterra? Esta é a sua primeira visita?

— Estou gostando do que eu vi. Mas não fui a nenhum dos pontos turísticos. Não vi a

Torre Eiffel nem a Notre-Dame ou aquela ponte em que todos os amantes prendem pequenos cadeados. Acho que agora não tenho mais tempo.

— Você vai voltar. As pessoas sempre voltam. O que você vai fazer hoje à noite?

— Eu não sei. Talvez encontrar outro lugar para comer. Talvez só ficar deitada no hotel. — Ela ri. — Você vai trabalhar no restaurante?

— Não. Esta noite, não.

Ela tenta não parecer decepcionada.

Ele olha para o relógio.

— *Merde!* Prometi para o meu pai que eu iria ajudá-lo com uma coisa. Tenho que ir.

— Ele ergue os olhos. — Mas vou me encontrar com alguns amigos em um bar mais tarde. Você poderia se juntar a nós, se quiser.

— Ah. Você é muito gentil, mas...

— Mas o quê? — Seu rosto é alegre, sincero. — Não pode passar sua noite em Paris num quarto de hotel.

— Sério. Eu vou ficar bem.

Ela ouve a voz da mãe: *Você não pode simplesmente sair com desconhecidos.* Ele podia ser qualquer tipo de gente. E ainda raspa o cabelo.

— Nell. Por favor, me deixe lhe pagar uma bebida. Só para agradecer pelo ingresso.

— Eu não sei...

— Pense nisso como um costume parisiense.

Ele tem um sorriso maravilhoso. Ela hesita.

— É longe?

— Nenhum lugar é longe. — Ele ri. — Você está em Paris!

— Ok. Onde nos encontramos?

— Eu busco você. Onde é seu hotel?

Ela lhe explica e pergunta:

— Então, aonde nós vamos?

— Aonde a noite nos levar. Afinal, você é a Inglesa Impulsiva!

Fabien a cumprimenta e vai embora, ligando a motocicleta e seguindo ruidosamente pela estrada.

* * *

Nell volta para o quarto, a mente ainda fervilhando com os acontecimentos daquela tarde. Ela lembra as pinturas na galeria, as mãos grandes de Fabien em volta da pequena xícara de café, os olhos tristes da mulher na pintura. Ela lembra os jardins ao lado do Sena, amplos e abertos, e o rio fluindo além deles. Ouve o ruído das portas abrindo e fechando no metrô. Sente como se cada pedacinho dela estivesse em ebulição. Sente-se como uma pessoa saída de um livro.

Ela toma banho e lava o cabelo. Tenta escolher alguma coisa para vestir entre as poucas roupas que trouxe — Pete não costuma se vestir bem — e fica pensando se alguma delas é parisiense o suficiente. Todo mundo ali é tão elegante... Eles não se vestem igual. Não se vestem como garotas inglesas, com certeza.

Ela desce até a recepção. A recepcionista está analisando alguns números e ergue os

olhos, o cabelo balançando, sedoso como o rabo de um pônei de competição.

— Com licença. Sabe onde eu poderia comprar uma roupa bonita? Tipo francesa?

A recepcionista espera apenas um segundo antes de responder.

— Tipo francesa?

— Talvez eu saia com algumas pessoas hoje à noite, e queria parecer um pouco mais... francesa.

A recepcionista baixa a caneta.

— Você quer parecer francesa.

— Ou talvez só não me destacar?

— Por que você iria querer não se destacar?

Nell respira fundo, abaixa o tom de voz.

— Eu só... Olha, minhas roupas estão todas erradas, ok? E você não tem ideia de como é não ser francesa e estar cercada por francesas chiques. Em Paris.

A recepcionista pensa por um instante, então se inclina sobre o balcão e dá uma olhada no que Nell está vestindo. Ela se endireita, rabisca algumas palavras em um papel e entrega a ela.

— É uma curta caminhada pela rue des Archives. Diga que Marianne mandou você.

Nell olha para ela.

— Ah, muito obrigada. Você é Marianne?

A recepcionista ergue uma sobrancelha.

Nell se vira para a porta. Levanta uma das mãos.

— Está beeem! Obrigada... Marianne.

* * *

Vinte minutos depois Nell está diante de um espelho usando um suéter solto e uma calça jeans skinny preta. A vendedora — uma mulher de cabelo artisticamente despenteado e braço coberto de pulseiras barulhentas — passa uma echarpe em volta do pescoço de Nell, prendendo-a de uma forma que parece ser indefinivelmente francesa. A loja cheira a figos e sândalo.

— *Très chic, mademoiselle* — diz a vendedora.

— Eu pareço... parisiense?

— Saída direta de Montmartre, mademoiselle — diz a mulher com uma expressão suspeitosamente séria.

Nell desconfiaria de que a mulher estava rindo dela, não fosse pelo fato de acreditar que pessoas como ela não acham graça de nada. Provavelmente dá rugas.

Nell respira fundo.

— Bem, acho que eu vou usar todas as roupas novamente. — Ela sente um ligeiro arrepio de entusiasmo. — Eu poderia usar a blusa para trabalhar... Ok, vou levar!

Enquanto está de pé no balcão, pagando e tentando não pensar muito no valor, seus olhos são atraídos para o vestido na vitrine, um vestido de verão no estilo anos 1950, de um tom chamativo de verde-esmeralda com abacaxis. Ela o viu quando passou por ali naquela manhã, sua cintilante seda xantungue brilhando sutilmente sob o fraco sol parisiense. Ele a fez pensar nas antigas estrelas de cinema de Hollywood.

— Adorei aquele vestido — diz ela.

— Combinaria muito bem com o tom do seu cabelo. Você quer experimentar?

— Ah, não — diz Nell. — Não é exatamente meu...

Cinco minutos depois, Nell está de frente para o espelho usando o vestido verde. Ela mal se reconhece. O vestido a modifica: acentua a cor do seu cabelo, afina sua cintura. Ele a transforma em uma versão mais sofisticada de si mesma.

A vendedora da loja ajeita a bainha, observa e repuxa a boca nos cantos em uma expressão gaulesa de aprovação.

— Fica perfeito em você. *Magnifique!*

Nell olha para esta nova Nell no espelho. Ela parece até ter uma postura diferente.

— Você quer levar? É o último... Talvez eu possa abaixar um pouco o preço...

Nell olha a etiqueta e volta a si.

— Ah, eu quase não o usaria. Gosto de comprar coisas pensando numa base de custo por uso. Este vestido provavelmente sairia por... trinta libras por uso. Não, eu não posso.

— Você nunca toma uma decisão só porque a faz se sentir bem? — A vendedora dá de ombros. — Mademoiselle, você precisa passar mais tempo em Paris.

* * *

Vinte minutos depois, Nell está de volta ao quarto de hotel com uma sacola de compras. Ela coloca a calça jeans skinny preta, os sapatos de salto e o suéter solto. Seus olhos se fixam na revista francesa sobre a cama, e, depois de folhear as páginas, ela prende uma imagem no espelho, arruma o cabelo e maquia os olhos como a modelo francesa. Então olha para seu reflexo e sorri, exultante.

Ela está em Paris, com roupas parisienses, preparando-se para sair com um francês com quem conversou em uma galeria de arte!

Ela prende o cabelo para trás em um coque frouxo, passa batom, senta-se na cama e sorri.

* * *

Vinte minutos depois, ainda está sentada na cama, olhando para o nada.

Ela está em Paris, com roupas parisienses, preparando-se para sair com um francês com quem conversou em uma galeria de arte!

Deve estar maluca.

Esta é a coisa mais estúpida que já fez na vida.

É ainda mais estúpido do que comprar uma passagem para Paris para um homem que uma vez lhe dissera que não conseguia decidir se o rosto dela parecia mais com o de um cavalo ou com um pão doce.

Ela aparecerá em uma manchete de jornal ou, pior, em uma dessas pequenas notícias que não são importantes o suficiente para serem manchetes.

GAROTA ENCONTRADA MORTA EM PARIS DEPOIS

QUE O NAMORADO NÃO APARECE

“Eu falei que ela não devia sair com desconhecidos”, diz a mãe.

Nell se olha no espelho. O que ela fez?

Pega sua chave, calça os sapatos e desce depressa a escada estreita até a recepção. Marianne está lá, e Nell espera que ela saia do telefone antes de se aproximar e dizer baixinho:

— Se um homem vier me procurar, pode dizer a ele que estou doente?

A mulher franze a testa.

— Não é uma emergência familiar?

— Não. Eu... hã... Estou com dor de estômago.

— Dor de estômago. Sinto muito, mademoiselle. E como é este homem?

— Cabelo muito curto. Dirige uma motocicleta. Obviamente não aqui dentro. Eu... Ele é alto. Belos olhos.

— Belos olhos.

— Olha, ele é o único homem que pode aparecer aqui perguntando por mim.

A recepcionista acena com a cabeça, como se fizesse sentido.

— Eu... Ele quer sair comigo hoje à noite, e... não é uma boa ideia.

— Então... você não gosta dele?

— Ah, não, ele é adorável. É só que, bem... Eu não o conheço direito.

— Mas... como vai conhecer se não sair com ele?

— Não o conheço bem o suficiente para ir com ele para um lugar que não conheço em uma cidade que não conheça. Provavelmente com outras pessoas que também não conheço.

— São muitos “não conheço”.

— Exatamente.

— Então você vai ficar no seu quarto esta noite.

— Sim. Não, eu não sei.

Ela fica ali, percebendo como está parecendo boba.

Marianne olha para ela de cima a baixo lentamente.

— É uma roupa muito bonita.

— Ah. Obrigada.

— Que pena. Essa sua dor de estômago. — Ela sorri, e volta a atenção para os seus papéis. — Talvez outra hora.

* * *

Nell senta-se em seu quarto vendo televisão francesa. Um homem está conversando com outro. Um deles balança a cabeça com tanta força que seu queixo oscila em câmera lenta. Ela olha para o relógio a todo momento enquanto ele se aproxima lentamente das oito. Seu estômago ronca. Ela se lembra de Fabien ter mencionado alguma coisa sobre uma pequena barraca de falafel no bairro judeu. E se pergunta como seria andar na garupa de sua motocicleta.

Ela pega o caderninho e a caneta do hotel que está na mesinha de cabeceira. Escreve:

RAZÕES POR QUE ESTOU CERTA EM FICAR NO HOTEL ESTA NOITE

1. Ele pode ser um assassino que mata as pessoas com um machado.
2. Ele provavelmente vai querer transar.
3. Talvez tanto a 1 quanto a 2.
4. Posso acabar em uma área de Paris que não conheço.
5. Posso ter que falar com taxistas.
6. Pode ser difícil voltar para o hotel tarde da noite.
7. Minha roupa é idiota.
8. Vou ter que fingir ser impulsiva.
9. Vou ter que falar francês e comer comida francesa na frente de franceses.
10. Se eu for para a cama antes, acordarei cedo e bem-disposta para pegar o trem de volta para casa.

Ela fica ali, olhando para sua lista organizada por algum tempo. Em seguida, do outro lado da página escreve:

1. Estou em Paris.

Olha para a página um pouco mais. Então, quando o relógio marca oito horas, enfia o caderninho de volta na bolsa, pega o casaco e desce correndo a escada estreita até a recepção.

Ele está lá, debruçado sobre o balcão, conversando com a recepcionista, e, ao vê-lo, ela sente o rosto ficar vermelho. Enquanto caminha em direção a eles, o coração batendo rápido, tenta pensar numa explicação. O que quer que diga vai parecer estúpido. Ficaré claro que estava com medo de sair com ele.

— Ah, mademoiselle. Estava dizendo agora para seu amigo aqui que você ainda devia demorar alguns minutos — diz Marianne.

— Está pronta?

Fabien está sorrindo. Ela não se lembra da última vez em que alguém pareceu tão feliz em vê-la — fora, talvez, o cachorro de seu primo quando tentava fazer algo muito grosseiro com sua perna.

— Se voltar depois da meia-noite, mademoiselle, vai precisa usar este código na porta principal. — A recepcionista lhe entrega um pequeno cartão. Quando Nell o pega, Marianne acrescenta baixinho: — Estou tão feliz que tenha melhorado da dor de estômago.

* * *

— Você não está bem? — pergunta Fabien lhe entregando um capacete extra.

A noite de Paris é fria e revigorante. Ela nunca andou de moto. E se lembra de ter lido sobre quantas pessoas morrem andando de moto. Mas o capacete já está na sua cabeça, e ele está se deslocando para a frente no assento, apontando para ela sentar-se atrás.

— Estou bem agora — diz ela.

Por favor, não me deixe morrer, pensa ela.

— Que bom! Primeiro vamos beber e então talvez depois comer alguma coisa, mas

antes vamos lhe mostrar um pouco de Paris, está bem?

Quando ela passa os braços ao redor da cintura dele, a pequena motocicleta dispara pela noite. E, com um rugido, eles partem.

Fabien sai zunindo pela rue de Rivoli, costurando o tráfego, sentindo as mãos da garota apertarem sua cintura quando ele acelera. Nos sinais de trânsito, ele para e pergunta:

— Você está bem? — A voz dele sai abafada pelo capacete.

Ela está sorrindo, a ponta do nariz vermelha.

— Sim! — diz Nell, e ele percebe que está sorrindo também.

Sandrine sempre olhava inexpressivamente para ele na motocicleta, como se mal conseguisse esconder o que pensava da maneira como ele dirigia. A inglesa dá gritinhos e ri, seu cabelo esvoaça e, às vezes, quando ele desvia de um carro que sai de uma rua secundária, ela berra:

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus!

Ele a leva por avenidas lotadas, ruelas, voando pela Pont de la Tournelle, então pela Île Saint-Louis para que ela veja o rio cintilando lá embaixo. E dão a volta por trás da Pont de l'Archevêché para que ela veja a catedral de Notre-Dame iluminada na escuridão, as gárgulas olhando para baixo, com os rostos em meio às sombras, do alto de suas torres góticas.

Então, antes que ela possa respirar, estão na estrada novamente, passando pela Champs-Élysées, costurando por entre os carros, buzinando para os pedestres que colocam os pés na rua. Em determinado momento, ele desacelera e aponta para cima, para que ela veja o Arco do Triunfo. Ele sente que ela se reclina para trás um pouco quando passam. Fabien ergue o polegar, e Nell ergue o dela em resposta.

Ele acelera sobre uma ponte e vira, acompanhando o rio. Desvia dos ônibus e dos táxis e ignora as buzinas dos motoristas, até vislumbrar o que deseja. Ele desacelera e desliga o motor ao chegar à via principal. Barcos de turismo flutuam pelo rio com suas luzes brilhantes, barraquinhas vendem chaveiros da Torre Eiffel e algodão-doce. E ali está ela. A torre se ergue acima deles, um milhão de peças de ferro apontando para o céu infinito.

Ela solta a jaqueta dele e desce da motocicleta com cuidado, como se, durante a viagem, suas pernas tivessem ficado trêmulas. Tira o capacete. Fabien percebe que ela não se preocupa em arrumar o cabelo, como Sandrine teria feito. Está ocupada demais olhando para cima, boquiaberta de surpresa.

Ele tira o próprio capacete, debruça-se sobre o guidom.

— Pronto! Agora você já pode dizer que viu os principais pontos turísticos de Paris... e em... hã... vinte e dois minutos.

Ela se vira para ele, os olhos brilhando.

— Essa foi a coisa mais absolutamente aterrorizante e incrível que já fiz em toda a minha vida.

Ele ri.

— É a Torre Eiffel!

— Você quer subir? Provavelmente teremos de enfrentar fila.

Ela pensa por um instante.

— Acho que já chega de fila por hoje. O que eu queria mesmo era uma bebida forte.

— Que bebida?

— Vinho! — responde ela, e sobe de volta na lambreta. — Uma taça de vinho!

Ele sente as mãos dela deslizarem em torno de sua cintura quando liga o motor e volta a dirigir pela noite.

* * *

As ruas de Brighton estão ofegantes, cheias de gente: festas ruidosas de despedida de solteira, grupos de jovens bem-arrumados olhando para elas curiosos, não tendo ainda entrado no estágio de incoerência ébria. Magda, Trish e Sue andam lado a lado, mesmo que isso obrigue as pessoas a descerem da calçada enquanto tentam descobrir a localização do bar que, segundo Magda ouviu falar, tem happy hour para garotas desacompanhadas.

— Ah, mas que diabo — diz Magda, enfiando a mão na bolsa. — Esqueci meu telefone.

— Provavelmente está mais seguro no hotel — diz Trish. — Você só vai ficar bêbada e perdê-lo novamente.

— Mas e se eu conhecer alguém? Como vou pegar o número dele?

— Você pode pedir para ele escrever na sua... Pete?

— Na minha o quê?

— Pete? Pete Welsh?

As três mulheres param e olham para a figura despenteada em frente ao bar Mermaid's Arms. Ele se vira para elas, piscando para tentar ver melhor.

Magda vai até ele, confusa.

— O que você está...? Você não devia estar em Paris?

Pete esfrega a cabeça. A quantidade de álcool que consumiu pode estar atrasando sua busca por desculpas.

— Ah. Aquilo. Sim. Bem. Foi meio complicado sair do trabalho.

As mulheres se entreolham enquanto observam melhor o local.

— E onde está Nell? — pergunta Sue. — Meu Deus. Onde está Nell?

* * *

Nell está espremida na última mesa do Bar Noir, em alguma parte indefinida do centro de Paris; já faz tempo que deixou de tentar adivinhar onde. Falaram em comida há algum tempo, mas o assunto parece ter sido esquecido. Ela relaxou ali, com Émile, René e aquela amiga de Émile com o cabelo vermelho cujo nome Fabien nunca consegue

lembrar. Nell tirou o chapéu e o casaco, e seu cabelo balança em volta do rosto quando ela ri. Todos falam em inglês por causa dela, mas Émile está tentando ensiná-la a xingar em francês. Há muitas garrafas na mesa, e a música é tão alta que todos precisam gritar.

— *Merde!* — diz Émile. — Mas você tem que fazer careta também. *Merde!*

— *Merde!* — Ela levanta as mãos como Émile, em seguida desata a rir novamente.
— Não consigo fazer o sotaque.

— *Sheet.*

— *Sheet* — diz ela, imitando sua voz grave. — Essa eu consigo.

— Mas você não xinga com vontade. Pensei que todas as inglesas xingassem como marinheiros, não?

— *Bouf!* — diz ela, e se vira para olhar para Fabien.

— *Bouf?* — pergunta Émile.

— *Bouf* — repete René.

— Mais bebidas! — diz Émile.

Fabien percebe que não para de olhar para Nell. Não é pela beleza, pelo menos não o mesmo tipo de beleza de Sandrine. Mas há algo em seu rosto que prende o olhar: o jeito como ela franze o nariz quando ri. A maneira como parece se sentir um pouco culpada quando isso acontece, como se estivesse fazendo algo que não devia. Seu sorriso, largo, com dentes brancos e pequenos de criança.

Eles se entreolham por um instante, e ele vê uma pergunta e uma resposta entre os dois. Émile é legal, diz o olhar, mas sabemos que se trata de nós dois. Quando ele desvia o olhar, sente um frio na barriga. Vai até o bar e pede outra rodada de bebidas.

— Você finalmente seguiu em frente, não é? — provoca Fred, atrás do bar.

— Ela é só uma amiga. Que veio da Inglaterra.

— Se você diz — fala Fred, alinhando as bebidas. Ele não precisa perguntar o que querem. É sábado à noite. — Eu a vi, aliás.

— Sandrine?

— Sim. Ela disse que arrumou um emprego novo. Algo a ver com um estúdio de design.

Ele sente uma breve pontada ao descobrir que algo tão importante aconteceu na vida dela sem que ele soubesse.

— É bom que você esteja seguindo em frente — diz Fred, sem olhar para ele.

Naquela única frase, Fabien percebe que Sandrine tem outra pessoa. *É bom que você esteja seguindo em frente.*

Enquanto leva as bebidas para a mesa, a ficha cai. É uma pontada de desconforto, mas não de dor. Não importa. É hora de esquecê-la.

— Pensei que você fosse buscar vinho — diz Nell, arregalando os olhos quando ele chega com as bebidas.

— É hora da tequila — diz ele. — Só uma. Só... Porque é hora.

— Porque você está em Paris e é sábado à noite — diz Émile. — E quem precisa de desculpa para uma tequila?

Ele vê uma sombra de dúvida no rosto dela. Mas então ela ergue o queixo.

— Vamos nessa — diz ela. Nell chupa o limão e depois bebe o conteúdo do copinho, franzindo os olhos com um tremor. — Ai, meu Deus.

— Agora nós *sabemos* que é sábado à noite — diz Émile. — Vamos festejar! Vamos

sair mais tarde?

Fabien quer. Ele se sente vivo e imprudente. Quer ver Nell rindo até de madrugada. Quer ir a uma boate dançar com ela, uma das mãos nas costas suadas da garota, os olhos dela fixos nos dele. Quer estar acordado de madrugada pelas razões certas, sentindo-se vivo com a bebida, a diversão e as ruas de Paris. Quer se banhar no sentimento de esperança que vem com alguém novo, alguém que vê em você só o melhor de tudo, não o pior.

— Claro. Se Nell quiser.

— Nell — diz René. — Que tipo de nome é esse? É um nome inglês tradicional?

— É o pior nome de todos — explica ela. — Minha mãe me deu o nome de uma personagem de um dos livros de Charles Dickens.

— Poderia ter sido pior. Você poderia se chamar... Qual é o nome dela? Srta. Havisham.

— Mercy Pecksniff.

— Fanny Dorrit.

Estão todos dando risada.

Ela leva a mão à boca, rindo.

— Como vocês todos sabem tanto sobre Dickens?

— Nós estudamos juntos. Literatura inglesa. Fabien lê o tempo todo. É terrível. É uma luta para fazê-lo sair. — Émile levanta um copo. — Ele é como um... um... Como se diz? Um eremita. Ele é um eremita. Não faço ideia de como você o convenceu a sair esta noite, mas estou muito feliz. *Salut!*

— *Salut!* — diz ela, e então enfia a mão no bolso para pegar o telefone e dá uma olhada.

Parece chocada e olha mais de perto, como se quisesse ter certeza de que leu corretamente.

Você está bem?????

É uma mensagem de Trish.

— Está tudo bem? — pergunta Fabien quando ela não diz nada.

— Tudo — responde. — Só minhas amigas sendo estranhas. Então... aonde nós vamos?

* * *

São duas e meia da manhã. Fabien bebeu mais do que tem bebido há semanas. As laterais de seu corpo doem de tanto rir. The Zedel está lotado. Uma de suas músicas favoritas começa a tocar, uma que ele sempre ouvia no restaurante durante a limpeza até o chefe proibir. Émile, que está no modo festa doida, sobe no bar e começa a dançar, apontando para o peito e sorrindo para as pessoas no chão. Alguém grita.

Fabien sente os dedos de Nell em seu braço e pega a mão dela. Ela está rindo, o cabelo suado, alguns fios colados ao rosto. Tirou o casaco há algum tempo, e ele desconfia de que não vão encontrá-lo novamente. Estão dançando há horas.

A garota ruiva sobe no bar ao lado de Émile, ajudada por um mar de mãos, e começa a dançar. Eles requebram juntos, bebendo cerveja direto da garrafa. Os barmen se afastam, observando e, ocasionalmente, tirando um copo do caminho de algum pé. Não é a primeira vez que o bar do Zedel virou uma pista de dança, e não será a última.

Nell está tentando dizer algo a Fabien.

Ele se curva para ouvi-la, sentindo um pouco do seu cheiro.

— Nunca dancei em um bar — diz ela.

— Não? Vai lá! — incentiva ele.

Nell ri, faz que não com a cabeça, e ele olha fixamente para ela. E é como se ela se lembrasse de algo. Nell coloca a mão no ombro de Fabien, e ele a ajuda a subir. E lá está ela, no alto, endireitando-se e, em seguida, de repente, dançando. Émile levanta uma garrafa para cumprimentá-la, e ela se solta, entregando-se ao ritmo, os olhos fechados, o cabelo balançando. Ela limpa o suor do rosto e bebe de uma garrafa. Duas, depois mais três pessoas se juntam a eles lá em cima.

Fabien não se sente tentado. Ele só quer ficar ali, sentindo a música vibrar através dele, no meio da multidão, observando-a, apreciando seu prazer, sabendo que é parte disso.

Ela abre os olhos então, procurando-o no mar de rostos. Ela o vê e sorri, e Fabien percebe que está sentindo algo que pensou ter esquecido.

Ele está feliz.

* * *

São quatro horas da manhã. Ou talvez cinco. Ela já deixou de se importar com isso há muito tempo. Ela e Fabien andam lado a lado por uma rua silenciosa, os pés meio desequilibrados nas pedras, as panturrilhas doloridas de dançar. Ela treme de leve, e Fabien diminui o ritmo, tirando a jaqueta e colocando-a sobre os ombros dela.

— Vou ligar para o Zedel amanhã e perguntar se alguém encontrou seu casaco — diz Fabien.

— Ah, não se preocupe — diz Nell, apreciando o peso da jaqueta dele, o esmaecido perfume masculino que libera quando ela se move. — Era um casaco velho. Ah... droga. O código estava nele.

— Código?

— Para o hotel. Eu não vou conseguir entrar.

Fabien não olha para ela ao falar:

— Bem... você podia... ficar... no meu apartamento.

Ele diz isso casualmente, como se não fosse nada de mais.

— Ah. Não — rebate Nell depressa. — Você é muito gentil, mas...

— Mas...

— Não conheço você. Mas obrigada.

Fabien olha para o relógio.

— Bem... as portas do hotel vão abrir em uma hora e quarenta minutos. Podemos procurar um café que esteja aberto. Ou podemos caminhar. Ou...

Nell espera enquanto ele pensa. Fabien sorri de repente, oferece o braço, e, após uma

mínima hesitação, Nell roça o seu no dele e seguem pela rua.

* * *

Há um momento, quando Fabien começa a descer a ladeira que leva ao cais, em que Nell perde a coragem brevemente. Não há como ela escapar de acabar como uma daquelas histórias de alerta sobre o que não se deve fazer, pensa ao olhar para a escuridão do rio, as sombras das árvores e o vazio absoluto do cais lá embaixo. Ainda assim alguma coisa, talvez uma predisposição inglesa em não parecer rude, não criar caso, mesmo que tudo acabe em sua morte prematura, impulsiona-a adiante. Fabien caminha à frente com os passos tranquilos de alguém que já esteve ali um milhão de vezes. Não é o caminhar de um assassino em série, pensa ela enquanto procura o melhor caminho. Não que ela saiba muito bem como um assassino em série caminha. Só não é assim. Ele se vira e faz sinal para ela segui-lo. Então para ao lado de um pequeno barco de madeira com vários bancos, preso a uma enorme argola de ferro. Nell desacelera e olha para o barco.

— De quem é?

— Do meu pai. Ele leva os turistas para passear pelo rio.

Fabien estende a mão, e ela aceita, subindo a bordo. Ele indica o banco ao seu lado, pega um cobertor de lã num baú. Então o entrega à Nell, esperando enquanto ela o ajeita no colo. Em seguida, liga o barco e eles saem, deslizando suavemente pela maré em direção ao centro.

Nell olha para cima conforme seguem pelas águas escuras, observando as silenciosas ruas parisienses, o brilho da luz dos postes na água, e pensa que deve estar em um sonho. Aquela não pode ser ela, nas águas parisienses com um estranho no meio da noite. Mas já não sente mais medo. Sente-se eufórica, zozza. Fabien olha para ela, talvez notando seu sorriso, e faz sinal para que ela fique de pé. Ele lhe entrega o leme, e Nell o pega, sentindo o pequeno barco romper as águas sob si.

— Aonde estamos indo? — pergunta ela, e percebe que não se importa.

— Só continue aí firme — diz Fabien. — Quero lhe mostrar uma coisa.

Eles se movem silenciosamente rio acima. Paris está iluminada ao redor deles, seus sons bonitos e distantes, como se estivessem sozinhos ali em seu epicentro, uma bolha escura e cintilante.

— Então... — Fabien interrompe o silêncio. — Temos duas horas para descobrir tudo. Pergunte-me qualquer coisa. Qualquer coisa que queira saber.

— Ai, Deus. Sou péssima nisso. Bem... do que você mais gostava quando era criança?

— Quando criança? Futebol. Eu sabia o nome de todos os jogadores do Paris Saint-Germain: *Casagrande, Algerino, Cissé, Anelka...*

— Ok — diz Nell, sentindo de repente que a Premier League pode acabar com aquele clima parisiense romântico. — Bem... qual foi a primeira garota por quem você se apaixonou?

— Fácil — diz Fabien firmemente. — Nancy Delevigne.

— Ótimo nome. Como ela era?

— Cabelo escuro comprido, cheio de cachos. *Comme ça*. — Ele gira os dedos perto

do rosto imitando cachos. — Grandes olhos escuros. Uma bela risada. Ela foi embora com meu amigo Gérard. Era de se esperar — diz ele, ao ver a tristeza no rosto dela. — A dele era melhor...

E movimenta o corpo para cima e para baixo. Nell arregala os olhos por um instante.

— Como se diz... Cama elástica? Tínhamos sete anos. Vire um pouco para cá. Tem uma corrente forte nesta parte.

Ele coloca a mão sobre a dela no leme quando passam debaixo de uma ponte. Ela sente o calor de sua mão e tenta não revelar o rubor que toma o seu rosto.

— Ninguém mais recentemente? — pergunta Nell.

— Sim. Morei com Sandrine por dois anos. Até três meses atrás.

— O que aconteceu?

Fabien dá de ombros.

— O que não aconteceu? Eu não consegui um trabalho melhor. Não terminei meu livro e não me tornei o próximo Sartre. Não cresci, não mudei nem alcancei o meu potencial...

— Chega! — diz Nell antes que possa se conter. Quando Fabien se vira, ela acrescenta: — Por que tem de haver um prazo para essas coisas? Quero dizer, você tem um bom trabalho, com pessoas de que gosta. Está escrevendo um livro. Ei, você é um homem que vai a exposições de arte sozinho! Não ficou deitado na cama de cueca.

— Posso ter ficado um tempo deitado na cama de cueca.

Nell dá de ombros.

— Bem. Essa é basicamente a Regra Número Um do Manual do Término: *Fique deitado de cueca sentindo pena de si mesmo.*

— E a Regra Número Dois? — indaga Fabien, sorrindo.

— Ah, humilhe-se um pouco, então a Regra Número Três, talvez passe uma noite com alguém totalmente inadequado, em seguida, Quatro, perceba que está curtindo a vida novamente, e depois Cinco, bem quando você concluiu que não precisa estar em um relacionamento afinal, *bum!* Aí está. A Srta. Perfeita vai aparecer.

Fabien se inclina para a frente no leme.

— Interessante. E eu realmente tenho que passar por todas essas etapas?

— Acho que sim — diz Nell. — Bem, talvez você possa pular uma ou duas.

— Bem, eu já me humilhei. — Ele sorri, sem querer falar mais.

— Vamos lá — incentiva Nell. — Você pode me contar. Eu moro em outro país. Nós nunca mais vamos nos ver.

Fabien contorce o rosto.

— Ok... Está bem. Por semanas, depois que Sandrine foi embora, eu passava pelo escritório dela com o rosto assim... — fez o que Nell só consegue descrever como um *rosto gaulês triste* — ...pensando que, se ela me visse, iria se apaixonar por mim de novo.

Nell está tentando não rir.

— Sim. Esse rosto sempre vai provocar essa reação em uma garota. Desculpe. Não estou rindo de verdade.

— Você está certa em rir — diz Fabien. — Desconfio que era um pouco de loucura.

— Uma loucura romântica. Se você é francês, pode se dar bem com esse tipo de coisa, aposto. — Ela pensa. — Bem, desde que você não tenha colocado um rastreador

no carro dela ou algo assim.

— Então, Nell, agora é minha vez de perguntar.

Nell espera. Ele afastou a mão, e ela sente sua ausência.

— Nada de relacionamentos — diz ela. — Há uma razão para eu ser especialista em Lições Básicas de Término.

— Ok, então... me conte... a melhor coisa que já aconteceu com você.

— A melhor? Ah, tenho esperança de que não tenha acontecido ainda.

— Então me conte a pior.

Nell sente o frio repentino do ar.

— Ah, você não quer saber.

— Você não quer contar?

Nell sente que ele está olhando para ela, mas mantém os olhos à frente e a mão firme no leme.

— É meio... Ah, eu não sei. Está bem. O dia em que meu pai morreu. Ele foi atropelado. Eu tinha doze anos.

Ela é tão boa em contar isso agora, como se tivesse acontecido com outra pessoa. A voz tranquila, leve, como se fosse o mais insubstancial dos fatos. Como se não tivesse desfeito a sua vida em milhões de pedaços, um meteoro que caiu, radioativo por muitos anos depois disso, queimando a terra. Ela raramente conta isso a alguém hoje em dia. Não há razão para isso — desvia o foco, muda a forma como as pessoas reagem a ela. Nell percebe, vagamente, que nunca contou a Pete.

— Ele estava correndo... costumava correr três vezes por semana e, às sextas, ia depois até o café da esquina para tomar um bom café da manhã, o que minha mãe sempre dizia que acabava com todo o sentido. Enfim, ele atravessou a estrada, e um cara em uma caminhonete ultrapassou o sinal e quebrou sua coluna em três lugares. Era seu aniversário de quarenta e dois anos. Minha mãe e eu o esperávamos no café para fazer uma surpresa. Ainda lembro. Eu lá sentada à mesa, faminta, tentando não olhar o menu e sem entender por que ele ainda não tinha chegado.

Por favor, não diga algo estúpido, ela torce em silêncio. Por favor, não acene a cabeça ou me conte algo inspirador que aconteceu com algum vizinho seu.

Mas há um silêncio, e então a voz de Fabien mergulha na água.

— Isso é triste. Eu sinto muito.

— Minha mãe ficou meio perturbada. Não sai muito. Estou tentando convencê-la a se mudar, porque aquela casa é grande demais, mas ela parece presa ao lugar.

— Mas você seguiu outro caminho.

Nell se vira para ele.

— Como assim?

— Você decidiu... como é o ditado?... Pegar a vida pelos chifres.

Ela engole em seco.

— Ah. Sim. Fabien, eu deveria...

Mas algo à frente atrai a atenção dele.

— Espere. Precisamos desacelerar.

Antes que ela possa falar alguma coisa, ele diminui a velocidade do barco e aponta. Nell é brevemente distraída, seguindo com os olhos a direção do braço dele.

— O que é?

— A Pont des Arts. Está vendo o dourado? São os cadeados do amor. Você lembra?

Nell olha para os pequenos cadeados, agrupados tão juntos que os lados da ponte ficaram volumosos e brilhantes. Todo aquele amor. Todos aqueles sonhos. Ela se pergunta brevemente quantos daqueles casais ainda estão juntos. Quantos estão felizes, separados ou mortos. Ela sente Fabien observando-a. De repente ela fica triste.

— Eu tinha planejado acrescentar um. Era uma das coisas que eu faria. Enquanto nós... eu estivesse aqui.

Ela sente o peso em sua bolsa de repente. E enfia a mão lá dentro para encontrar o cadeado. Então o coloca no banco ao seu lado e olha para ele por um instante.

— Mas quer saber? É uma ideia idiota. Li no trem vindo para cá que tantas pessoas fazem isso que toda a maldita ponte está desmoronando. O que faz a coisa toda perder o sentido, certo? Quero dizer, é uma besteira. — Ela aumenta o tom de voz com raiva, surpreendendo a si mesma. — Você acaba destruindo aquilo que ama. Quando o sobrecarrega. Né? As pessoas que fazem isso são *idiotas*.

Fabien olha para cima enquanto passam flutuando suavemente por baixo. Então aponta de novo.

— Acho que o meu está por... ali. — Fabien dá de ombros. — Você está certa. É só um pedaço estúpido de metal. Não significa nada. — Ele olha para o relógio. — *Alors...* são quase seis horas. Devíamos voltar.

* * *

Meia hora depois, eles estão em frente ao hotel. Ficam ali parados na manhã fria, os dois um pouco sem jeito à luz do amanhecer.

Nell tira a jaqueta dele, sentindo logo a falta do seu calor.

— A coisa toda do cadeado... — diz ela, entregando o casaco. — É uma longa história. Mas eu nunca quis dizer que você era...

Fabien a interrompe.

— *De rien*. Minha namorada costumava dizer que minha cabeça vivia cheia de sonhos. Ela estava certa.

— Sua namorada?

— Ex-namorada.

Nell não consegue conter o sorriso.

— Bem, minha cabeça está completamente cheia de sonhos agora. Sinto... Sinto que estou vivendo a vida de outra pessoa. Obrigada, Fabien. A noite foi maravilhosa. E a manhã também.

— O prazer foi meu, Nell.

Ele deu um passo mais para perto. Estão de frente um para o outro, a centímetros de distância. Então o porteiro aparece, abrindo as portas ruidosamente e arrastando um apoio de porta pela calçada.

— *Bonjour, mademoiselle!*

O telefone de Nell vibra. Ela olha para baixo.

Me liga.

É uma mensagem de Magda.

— Tudo bem? — pergunta Fabien.

Nell guarda o telefone no bolso de trás.

— Está... hã, tudo bem.

O encanto é quebrado. Nell olha para trás. Alguma parte distante de seu cérebro se pergunta por que Magda está ligando para ela àquela hora.

— É melhor você dormir um pouco — diz Fabien gentilmente.

Uma barba rala acinzentada seu queixo, mas sua aparência ainda assim é animada.

Nell se pergunta se ela parece um cavalo triste e esfrega constrangida o nariz.

— Nell?

— Sim?

— Você gostaria... Quero dizer... em sua experiência parisiense, você gostaria de jantar comigo esta noite?

Nell sorri.

— Eu adoraria.

— Então busco você às sete.

Nell o vê subir na motocicleta. E entra pela porta aberta do hotel, ainda sorrindo.

* * *

Pete está encurralado entre Trish e Sue no banco traseiro de Magda já há quarenta e cinco minutos. Está quase completamente sóbrio, tendo sido arrastado do pub para o carro de Magda, uma caminhada de vinte minutos até a beira-mar, silenciado pela ira coletiva de três mulheres sóbrias demais...

— Nunca ouvi nada parecido. E, acredite em mim, já tive vários péssimos namorados. Sou basicamente a rainha dos péssimos namorados. — Magda bate no volante para dar ênfase, guinando sem querer o carro para a faixa do meio.

— Você sabe que Nell fica ansiosa com essas coisas. Ela nem pega o último trem, a menos que tenha checado exatamente onde ele vai parar.

Magda se vira no banco para olhar para trás.

— Você a deixou ir até Paris sozinha? No que estava pensando?

— Eu não pedi para ir a Paris — diz Pete.

— Então era só dizer não! — rebate Sue à esquerda dele. — Era só dizer: “Não, Nell, eu não quero ir a Paris com você.” É bem simples.

Pete olha para o lado.

— Aonde vocês estão me levando?

— Cale a boca, Pete — diz Trish. — Você não tem o direito de falar.

— Eu não sou um cara mau. — A voz dele emerge como um gemido.

— Ai! — exclama Trish. — O velho papo de “Eu não sou um cara mau”. Odeio esse papo de “Eu não sou um cara mau”. Isso me deixa muito irritada. Quantas vezes você já ouviu o papo de “Eu não sou um cara mau”, Sue?

— Um bilhão de vezes mais ou menos — diz Sue, os braços cruzados. — Normalmente depois de terem dormido com alguém que eu conheço. Ou roubado minha salsicha alemã.

— Nunca roubei a salsicha alemã de ninguém — resmunga Pete.

— Sua namorada compra passagens para vocês irem a Paris. Você não vai. E em vez disso sai para beber com uns caras em Brighton. O que exatamente, na *sua* opinião, você tem que fazer para ser um cara mau, Pete?

— Tipo, matar um gatinho ou algo assim? — diz Pete, esperançoso.

Magda crispa os lábios e passa para a pista lenta.

— Matar gatinhos está bem mais para o fim da lista dessa vez, Pete.

— Abaixo da salsicha alemã até — diz Sue.

Pete vê a placa para Gatwick.

— Então... hã... Aonde estamos indo?

Magda e Sue trocam um olhar pelo espelho.

* * *

Nell acorda à uma e quinze da tarde. Na hora do almoço. Pisca os olhos turvos de sono e se espreguiça quando percebe onde está. O pequeno quarto de hotel no último andar parece curiosamente acolhedor, suas novas aquisições parisienses penduradas ordenadamente no guarda-roupa, a maquiagem espalhada por toda a prateleira desde a noite anterior. Ela sai lentamente da cama, ouvindo os barulhos não familiares da cidade lá embaixo, e, apesar das poucas horas de sono, sente-se de repente eufórica, como se algo mágico tivesse acontecido. Uma e quinze, pensa, e dá de ombros no que imagina ser o estilo gaulês. Tem algumas horas para aproveitar Paris sozinha. E então vai se encontrar com Fabien para passar a última noite. Ela canta ao entrar no chuveiro e ri quando a água corre fria no primeiro momento.

* * *

Nell anda pelo que parece ser Paris inteira. Caminha pelos *arrondissements*, passeando por uma feira, admirando os produtos vistosos, ao mesmo tempo familiares e não familiares, aceitando uma ameixa após a insistência de um vendedor e, em seguida, comprando um saquinho delas, para servirem de café da manhã e almoço. Senta-se num banco junto ao Sena, vendo os barcos turísticos passarem, e come três ameixas, pensando em como tinha sido segurar o leme, olhar para as águas iluminadas pela lua. Prende a bolsa debaixo do braço como se fizesse isso o tempo todo e pega o metrô até um *brocante*, um brechó, indicado em um de seus guias, permitindo-se caminhar por entre as barracas por uma hora, pegando pequenos objetos que alguém um dia amara, calculando mentalmente os preços ingleses e colocando-os de volta no lugar. E, enquanto passeia em uma cidade de estranhos, as narinas impregnadas pelo cheiro de comida de rua, os ouvidos, por uma língua estranha, sente algo inesperado tomar conta dela. Ela se sente conectada, viva.

Quando volta para o hotel, a garota está tocando violoncelo de novo, um som baixo, ressonante e bonito. Nell para embaixo da janela aberta e, então, senta-se no meio-fio para ouvir, sem se importar com os olhares curiosos de quem passa. Desta vez, quando a música para, ela não se contém, se levanta e aplaude, o som ecoando pela rua. A garota

aparece na sacada, olha para baixo, surpresa, e Nell sorri para ela. Depois de um instante, a menina sorri de volta e faz uma mesura, agradecendo. Nell ouve a música ressoar em seus ouvidos até chegar ao hotel.

* * *

A mulher no balcão da companhia aérea está olhando para as três mulheres que cercam o homem despenteado.

Magda sorri de maneira tranquilizadora.

— Este senhor gostaria de uma passagem para Paris. No próximo voo possível, por favor.

A mulher verifica a tela.

— Certamente, senhor. Nós temos... um assento em um voo da British Airways que parte para o Charles de Gaulle em uma hora e dez minutos.

— Ele vai ficar com esse — diz Magda rapidamente. — Quanto custa, por favor?

— Só de ida? Ficaré em... cento e quarenta e oito libras.

— Você está brincando — diz Pete, que não falou nada desde que entraram no terminal do aeroporto.

— Abra a carteira, Pete — ordena Magda, com uma voz que sugere que não é uma boa ideia ele discordar.

A mulher da companhia aérea começa a parecer justificadamente preocupada. Magda abre a carteira de Pete e começa a contar dinheiro em cima do balcão ao lado do passaporte dele.

— Cento e dez libras. Esse é todo o meu dinheiro para o fim de semana — protesta Pete.

Magda procura em sua bolsa.

— Aqui. Eu tenho vinte. E ele vai precisar de dinheiro para entrar em Paris. Garotas?

Ela espera enquanto as outras pegam notas em suas bolsas, contando-as cuidadosamente até terem o suficiente. A mulher desliza devagar o dinheiro em direção a ela, o tempo todo olhando para Pete.

— Senhor — diz ela —, você está... feliz em pegar esse voo?

— Sim, ele está — responde Magda.

— Isso é loucura — diz Pete.

E fica ali parado, aparentando mau humor e desconforto.

A mulher da companhia aérea parece já ter aguentado o suficiente.

— Não tenho certeza se posso emitir o bilhete se o cavalheiro aqui não está viajando voluntariamente.

Faz-se um breve silêncio. As garotas trocam olhares. Uma fila começa a se formar atrás deles.

— Ah, explique para ela, Mags — pede Sue.

Magda se inclina para a frente.

— Senhorita. Moça da companhia aérea. Nossa melhor amiga, Nell, tem medo de viajar.

— Ela tem medo de tudo — diz Trish.

— Então ela fica ansiosa com todo tipo de coisa — explica Magda. — Lugares novos, a possibilidade de invasão estrangeira, objetos caindo de edifícios altos, esse tipo de coisa. Bem, ela e este senhor aqui deviam fazer uma viagem romântica para Paris neste fim de semana. Um grande passo para ela. *Enorme*. Só que este senhor aqui resolveu não aparecer e, em vez disso, foi para Brighton beber com seus amigos que não valem nada. Então agora nossa grande amiga está sozinha em uma cidade estranha. Provavelmente assustada demais para deixar o quarto do hotel, já que não fala uma palavra de francês, e sentindo-se a maior idiota do mundo. Por isso, achamos que seria uma boa ideia se o Pete aqui pegasse esse voo e desse à namorada um dia romântico em Paris. Então, pode haver uma pequena coerção envolvida, sim, mas cheia de boas intenções. — Ela dá um passo atrás. — Cheia de *amor*.

Após um breve silêncio, a mulher do check-in olha para as quatro.

— Está bem — diz ela finalmente. — Vou chamar a segurança.

— Ah, por *favor*! — exclama Magda, erguendo as mãos. — Sério?

Pete parece momentaneamente satisfeito.

A mulher leva o telefone ao ouvido e disca um número. Ela olha para Pete.

— Sim. Acho que seria sensato seu amigo aqui ter uma escolta para garantir que vai entrar naquele avião. — Ela fala ao telefone. — Balcão Onze. Preciso de um segurança aqui, por favor.

Então preenche o bilhete e o entrega a Pete com seu passaporte. Um guarda sisudo se aproxima.

— Precisamos garantir que este senhor chegue ao Portão Cinquenta e seis em segurança. Pronto, senhor. Seu cartão de embarque.

Quando Pete se vira para sair, ela murmura:

— Babaca.

* * *

O cheiro de ervas picadas ultrapassa a janela da pequena cozinha. Enquanto Fabien e Clément preparam a comida lado a lado, Émile carrega uma mesa e cadeiras pelas portas de vidro que se abrem para uma pequena praça calçada de pedras.

— Essas cadeiras, não, Émile. Você não tem nada mais confortável?

Fabien está estranhamente estressado, a pele rosada pelo esforço.

— Essas vão servir — diz Émile.

— E o pato. Papa... você não esqueceu a marinada, não é?

Émile e Clément trocam olhares.

Clément vai até a geladeira.

— E agora meu filho pensa que pode me ensinar a cozinhar um pato. Sim, já preparei a marinada.

— Só quero que seja especial — explica Fabien, abrindo uma gaveta e revirando-a.

— Uma perfeita refeição tradicional francesa. Devemos colocar algumas luzinhas na árvore? Émile? Você ainda tem aquelas luzes de Natal? As brancas. Sem cores.

— Na caixa debaixo da escada — responde Émile.

Enquanto o observam, Fabien desaparece. Volta minutos depois com um fio de luzes

todo embolado. Então sai e começa a prendê-lo nos galhos que ficam sobre a mesa, subindo nela para alcançar o ponto mais alto. Depois reorganiza a mesa e as cadeiras, examinando-as de lugares diferentes até ficar satisfeito. E, então, move-as novamente só para garantir.

Clément o observa com atenção.

— Tudo isso para uma mulher com quem ele saiu duas vezes — murmura.

— Não enche, Clément — diz Émile, entregando-lhe um pouco de alho. — Você sabe o que isto significa...

Eles se entreolham.

— Nada mais de Sandrine! — Clément pensa nisso, em seguida, tira o avental. — Na realidade, vou dar um pulo na *poissonnerie* e comprar algumas ostras.

Émile volta a cortar com renovado vigor.

— Boa ideia. Vou fazer minha tarte tatin com conhaque.

* * *

A porta da boutique retine alegremente quando Nell a abre.

— *Bonjour!* — cumprimenta ela. — Preciso daquele vestido. O de abacaxi.

A vendedora se lembra dela no mesmo instante.

— Mademoiselle — diz ela, lentamente —, o preço não mudou. Custa... como você diz?... trinta libras por uso!

Nell fecha a porta. Ela está radiante, e ainda tem o gosto de ameixas maduras na boca.

— Bem, andei pensando no que você disse. Às vezes é preciso fazer algo só porque nos faz sentir bem, certo?

A vendedora sai de trás do balcão antes que Nell dê mais um passo.

— Então, mam'selle, você deve levar a lingerie que combina...

* * *

Uma hora e pouco depois, Nell desce a escada de madeira do Hôtel Bonne Ville, apreciando a forma como a saia do vestido verde de abacaxi ondula suavemente a cada passo. Ela para no final da escada para verificar se está tudo em sua bolsa e, quando ergue os olhos, vê que Marianne a observa. A recepcionista ergue o queixo e acena, aprovando.

— Você está muito bonita, mademoiselle.

Nell vai até ela e se debruça sobre o balcão para contar um segredo.

— E comprei a lingerie também. Acho que vou viver basicamente de pão e queijo nos próximos dois meses.

Marianne endireita seus papéis e sorri.

— Então agora você é uma parisiense honorária. Parabéns.

Ela sai bem na hora em que Fabien encosta a motocicleta. Ele para e olha para Nell por um instante, e ela permite, consciente da impressão que está causando. Ele lhe entrega o casaco dela, que recuperou, e ela o pega. Então olha para baixo e repara nos sapatos dele — de camurça azul-escura e, de alguma forma, indefinivelmente franceses.

— Adorei os seus sapatos!
— Acabei de comprá-los.
— Hoje?
— Eu não podia usar os meus sapatos de trabalho.
Ela faz uma careta.
— Porque eu os encharquei de vinho?

Fabien olha para Nell como se ela não tivesse entendido nada do que ele estava dizendo.

— Não! Porque vou sair para jantar com uma inglesa em Paris.
Ele a observa até que ela sorri, então desce da motocicleta e estende o braço.
— Esta noite vamos caminhar. Não é longe. Tudo bem?

* * *

Paris vibra suavemente na noite de outono. Nell leva seu casaco, mesmo estando apenas um grau mais frio do que seria confortável, porque está gostando tanto de usar o vestido de abacaxi e porque acha que é o que uma parisiense faria. Eles caminham devagar, como se tivessem todo o tempo do mundo, parando para olhar as vitrines ou mostrar esculturas de alvenaria particularmente bonitas acima de suas cabeças. Nell deseja poder engarrafar aquela noite, aquele sentimento.

— Sabe — começa Nell —, eu estava pensando na noite passada.

— Eu também — diz Fabien.

Nell olha para ele.

Fabien enfia a mão no bolso e tira um pequeno cadeado.

— Você deixou isso. No barco.

Nell olha para o cadeado e depois dá de ombros.

— Ah, pode jogar fora. É meio sem sentido agora, não é?

Quando se abaixa para acariciar um cachorro que passa, ela não vê Fabien guardá-lo no bolso.

— Então, no que você estava pensando? — pergunta ele.

— Sobre seu pai e o barco. — Ela se endireita. — Acho que ele não devia tentar competir com aqueles grandes barcos de turismo. Devia fazer algo diferente. Você e ele. Como passeios exclusivos por Paris, para casais. Você poderia anunciar na internet, mostrar às pessoas todas aquelas coisas que me mostrou, contar a história. Talvez oferecer um cesto com comida boa e champanhe? Seria incrível. Mesmo só você e eu na noite passada... foi tudo muito... — A voz dela vai sumindo.

— Você achou romântico?

Ela de repente se sente boba.

— Ah, eu não quis dizer...

Eles seguem em frente sem olhar um para o outro, os dois sentindo-se estranhamente sem graça de novo.

— É uma boa ideia, Nell — diz Fabien, talvez para quebrar o silêncio. — Vou falar com o meu pai. Talvez possamos ter algum acordo com o restaurante.

— E você vai precisar de um site muito bom. Para que as pessoas possam reservar

diretamente de outros países. Paris é a cidade do romance, certo? E você faz tudo parecer bonito.

Ela se vê estranhamente loquaz, falando mais alto e fazendo gestos com as mãos conforme andam.

— Um turismo exclusivo — pondera ele. — Gostei. Nell, você... você faz tudo parecer possível. Ah. Chegamos! Ok, então agora você deve fechar os olhos. Segure meu braço...

Ele para no canto de uma pequena praça pavimentada. Nell fecha os olhos e em seguida abre-os abruptamente quando sua bolsa começa a zumbir. Ela tenta ignorar, mas Fabien aponta, sinalizando para ela atender. Ele não quer que aquele momento seja interrompido. Ela sorri em tom de desculpa e pega o telefone.

E olha em choque para o aparelho.

— Está tudo bem? — pergunta Fabien depois de um instante.

— Tudo — responde ela, então leva a mão ao rosto. — Na verdade... Não. Acho que preciso ir. Eu realmente sinto muito.

— Ir? — pergunta Fabien. — Você não pode ir, Nell! A noite está só começando!

Ela parece atordoada.

— Eu... Eu sinto muito mesmo. Acontec...

Ela pega a bolsa e o casaco.

— Eu sinto muito. Aconteceu uma coisa... Apareceu alguém para me ver. Eu tenho que...

Ele olha para ela, como se pudesse ver em seu rosto.

— Você tem namorado.

— Mais ou menos. Sim.

Ela morde o lábio. Ele está chocado com o tamanho de sua decepção.

— Ele apareceu no hotel.

— Você quer que eu a leve?

— Ah, não. Acho que sei o caminho daqui.

Eles ficam ali parados por um instante, paralisados. Em seguida, ele levanta o braço e aponta.

— Ok. Você vai até a igreja ali, então vire à esquerda e estará na rua do seu hotel.

Ela não consegue olhar nos olhos dele. Por fim, ergue o rosto.

— Desculpe — diz ela. — Eu me diverti muito. Obrigada.

Ele dá de ombros.

— *De rien.*

— Não foi nada — traduz ela.

Mas havia sido. Ele percebe que não pode pedir o número dela. Não agora. Ele levanta a mão. Ela olha para ele mais uma vez. Então, quase relutantemente, ela se afasta, meio andando, meio correndo pela rua em direção à igreja, a bolsa voando atrás dela.

Fabien a observa, depois se vira e dobra a esquina. No pátio minúsculo, Émile está vestido de garçom ao lado da mesinha posta com dois lugares. Há uma garrafa de champanhe no gelo. Acima dele, luzinhas brilham em uma árvore.

— Ta-dã! — exclama Émile. — Eu estava começando a pensar que vocês nunca iriam chegar! Rápido! O pato vai secar. — Ele olha em volta de Fabien. — O quê?

Cadê?

— Ela teve que ir.

— Mas... para onde? Você disse a ela que fizemos tudo isso...

Fabien senta-se pesadamente em uma das cadeiras. Depois de um instante, ele se inclina para a frente e sopra a vela na mesa. Émile observa o amigo, então joga o pano de prato por cima do ombro e puxa a outra cadeira.

— Ok. Você. Eu. Vamos a uma boate.

— Não estou no clima.

— Então você bebe e eu danço. E depois você pode ir para casa escrever algo incandescente e cheio de raiva sobre a natureza volúvel das inglesas.

Fabien olha para ele. E suspira, vencido. Émile levanta um dedo.

— Mas, primeiro, deixe-me colocar esta comida de volta na geladeira. Podemos comer mais tarde. Vamos lá, não me olhe desse jeito! O pato está custando seis euros e cinquenta o quilo! — Ele ergue a cadeira para levá-la de volta para dentro. — Além disso, odeio dizer, mas a marinada do seu pai é muito boa.

Ele está esperando na recepção. Está sentado de pernas abertas, braços no encosto do sofá, e não se levanta quando a vê.

— Baby!

Ela está paralisada. Olha para Marianne, que parece concentrada em alguns papéis.

— Surpresa!

— O que você está fazendo aqui?

— Pensei que poderíamos transformar o seu fim de semana em Paris em uma noite em Paris. Ainda conta, certo?

Ela está no meio da recepção.

— Mas você disse que não viria.

— Você me conhece. Cheio de surpresas. E eu não poderia deixar você aqui sozinha com esses macacos comedores de queijo!

É como se ela estivesse olhando para um estranho. O cabelo dele é longo demais, e sua camisa e a calça jeans desbotada, que um dia ela achara tão descoladas, parecem cafonas e sem graça ali dentro dos limites elegantes do hotel.

Pare com isso, diz a si mesma. Ele veio até aqui. Fez exatamente o que ela queria que fizesse. Isso deve contar para alguma coisa.

— Você está ótima. Bonito vestido! Eu recebo algum cumprimento de boas-vindas?

Ela dá um passo à frente e o beija. Ele tem gosto de tabaco.

— Desculpe. Eu... só estou um pouco chocada.

— Gosto de mantê-la sempre alerta. Então, vamos deixar minhas coisas no quarto e sair para beber? Ou que tal passar a noite lá em cima e pedir algo do serviço de quarto?

Ele sorri e ergue uma sobrancelha.

Nell observa a recepcionista de canto do olho. Marianne olha para ele do jeito que olharia para algo nojento que algum hóspede tivesse trazido para seu saguão na sola dos sapatos.

Ele não fez a barba, pensa ela. Nem sequer fez a barba.

— Eles não têm serviço de quarto aqui. Só café da manhã.

— O quê?

— Eles não têm serviço de quarto. Aqui neste hotel.

— Todo lugar tem serviço de quarto — diz Pete. — Que tipo de hotel é este?

Nell não se atreve a olhar para Marianne.

— Bem, eles não têm aqui. Porque... Afinal por que alguém iria querer comer dentro do quarto quando se está em Paris?

Ele dá de ombros e se levanta.

— Ok. Tanto faz.

É então que ela nota seus pés.

— O quê? — pergunta ele, percebendo seu olhar.

— Você não trocou de sapato. — Enquanto ele franze a testa, ela diz: — Você veio para um fim de semana romântico em Paris de chinelo.

Ele parece irritado.

— O quê? Vai me dizer que algum restaurante francês metido a besta não vai me servir porque estou de chinelo?

Nell tenta não olhar mais para os pés dele.

— Qual é o problema, Nell? Minha nossa. Não são as boas-vindas que eu estava esperando.

Ela tenta se recompor. Respira fundo e abre um sorriso discreto.

— Ok — diz ela, tentando soar conciliadora. — Você está certo. Que bom que veio. Vamos subir.

Eles começam a cruzar a recepção. Em seguida, Nell para, pensativa. Pete se vira, agora completamente irritado.

— Só uma coisa — diz ela. — Eu... Eu só quero saber como você acabou vindo, afinal? Você falou que não ia conseguir. É o que sua mensagem dizia. Muito claramente.

— Bem... Eu não queria deixar você aqui sozinha. Sei como fica ansiosa com tudo. Principalmente com mudanças de planos e essas coisas.

— Mas você não teve problemas em me deixar sozinha na sexta à noite. E na noite passada.

Ele parece constrangido.

— Sim. Bem.

Faz-se um longo silêncio.

— Bem... o quê?

Ele coça a cabeça e abre seu sorriso encantador.

— Olha, temos que fazer isso agora? Acabei de sair de um voo. Vamos subir, deitar um pouco, e depois sair para ver os lugares legais de Paris. Está bem? Vamos lá, baby. A passagem custou uma pequena fortuna. Vamos nos divertir um pouco.

Nell olha para Pete quando ele estende a mão. Quase relutantemente, entrega-lhe a chave do quarto, e ele se vira e começa a subir a escada de madeira, a mala pendurada nas costas.

— Mademoiselle.

Nell se vira, atordoada. Tinha esquecido que a recepcionista estava ali.

— Deixaram uma mensagem para você.

— Fabien? — Ela não consegue esconder a ansiedade em sua voz.

— Não. Uma mulher. Enquanto você estava fora.

E lhe entrega uma folha de papel timbrado do hotel.

PETE ESTÁ A CAMINHO. PUXAMOS A ORELHA DELE. DESCULPE, NÃO TÍNHAMOS IDEIA.
ESPERAMOS QUE O RESTO DO FIM DE SEMANA SEJA BOM. BEIJOS, TRISH

Nell olha para o bilhete, olha na direção da escada, depois se vira de novo para a

recepcionista. Ela pensa por um momento enquanto ouve os passos de Pete ecoarem na escada e em seguida, de repente, enfia o papel no fundo do bolso.

— Marianne? Você poderia me dizer o melhor lugar para pegar um táxi? — pergunta.

— Com prazer — responde a recepcionista.

* * *

Ela tem quarenta euros no bolso e joga vinte para o motorista, então desce, sem se importar com o troco.

O bar é uma confusão escura de corpos, garrafas e luzes fracas. Ela abre caminho, examinando os rostos em busca de alguém conhecido, suas narinas impregnadas pelo cheiro de suor e perfume. A mesa a que haviam sentado mais cedo está cheia de pessoas que ela não reconhece. Ele não está em lugar algum.

Ela sobe a escada, onde é mais silencioso e as pessoas conversam sentadas em sofás, mas ele não está lá. Nell desce com dificuldade em meio à multidão e vai até o bar, onde foi servida.

— Desculpe! — Ela tem que esperar até conseguir a atenção do barman. — Oi! O meu amigo que esteve aqui. Você o viu?

O barman semicerra os olhos, em seguida balança a cabeça, como se lembrasse.

— Fabien?

— Sim. Sim!

É claro que todos o conheciam.

— Ele já foi.

Ela sente um embrulho no estômago. Sentia falta dele. É isso. O barman se inclina para servir uma bebida a alguém.

— *Merde* — diz ela baixinho.

Sente-se vazia com a decepção.

O barman aparece ao lado dela com uma bebida na mão.

— Você pode tentar o Wildcat. É onde ele e Émile geralmente terminam a noite.

— Wildcat? Onde fica isso?

— Rue des Gentilshommes des... — Sua voz é abafada por uma explosão de risadas, e ele se afasta, inclinando-se para ouvir o pedido de outra pessoa.

Nell corre para a rua. Chama um táxi.

— Emergência! — diz ela.

O motorista, um asiático, olha para o espelho, esperando.

— Wildcat — diz ela. — Rue des Gentilshommes alguma coisa. Por favor, me diga que você conhece.

Ele se vira no assento.

— *Quoi?*

— Wildcat. Bar. Boate. Wild. Cat.

Ela aumenta o tom de voz. Ele faz que não com a cabeça. Nell coloca as mãos no rosto, pensando. Então abaixa a janela e grita com dois rapazes na calçada em frente ao bar.

— Com licença! Vocês conhecem o Wildcat? Bar Wildcat?

Um confirma com um gesto de cabeça, erguendo o queixo.

— Quer nos levar lá?

Ela examina seus rostos — bêbados, alegres, sinceros — e decide.

— Claro, se vocês conhecerem o lugar. Onde fica?

— A gente mostra!

Os rapazes entram no carro, cheios de sorrisos bêbados e apertos de mão. Ela recusa a oferta de se sentar no colo do mais baixo e aceita uma bala de hortelã do outro. Está espremida entre eles, sentindo o hálito de álcool e fumaça de cigarro.

— É um lugar legal. Você conhece?

O homem que falou primeiro com ela se inclina e aperta sua mão alegremente.

— Não — diz ela.

E, enquanto ele explica ao motorista do táxi aonde ir, ela se recosta em um carro cheio de desconhecidos e espera para descobrir onde vai parar.

— Mais uma bebida. Ah, vamos lá. Agora que está ficando bom.

Émile bate a mão no ombro de Fabien.

— Eu realmente não estou no clima.

— Então Nell tinha um namorado. Acontece! Vamos lá, isso não pode deixar você para baixo. Só a conhecia há dois dias.

— Você não sabia quase nada sobre ela — acrescenta René.

Fabien não diz nada, mas toma um gole de cerveja.

— Você leva tudo muito a sério, sabe? Mas, olha... isso significa que você superou Sandrine. Então, é uma boa notícia! E você é um cara bonito...

— Muito bonito — acrescenta René.

Fabien levanta uma sobrancelha.

— O quê? — protesta Émile. — Não posso apreciar a forma masculina? Fabien! Meu amigo! Se eu fosse mulher, estaria em cima de você! Nadaria nas águas tranquilas de Fabien. Subiria na árvore Fabien. O que foi?

— Um pouco além da conta — diz René.

— Ok. Então, felizmente para as mulheres, tenho outras inclinações. Mas qual é! Vamos procurar outras mulheres! Pelo menos agora temos mais um nome para evitar.

— Obrigado, Émile, mas vou terminar esta cerveja e ir embora. Trabalho amanhã. Você sabe.

Émile dá de ombros, ergue sua garrafa, em seguida se vira de volta para a garota com quem está conversando.

Isso ia acontecer mesmo. Fabien observa Émile rir com a garota ruiva. Émile gosta dela há séculos, mas Fabien não sabe bem o quanto ela gosta dele. Émile não está triste, contudo. Ele só salta para a próxima coisa, como um cãozinho. *Ei! Vamos nos divertir!*

Não critique, Fabien repreende a si mesmo. Melhor do que ser um perdedor como você.

Ele sente um pouco de medo do que virá a seguir. As longas noites no seu apartamento. O trabalho no livro em que ele já não tem certeza se vale a pena investir. A decepção pelo fato de Nell ter simplesmente desaparecido. A maneira como vai se martirizar por ter acreditado que seria algo mais. Ele não pode culpá-la — nunca perguntou se Nell tinha namorado. É claro que uma garota como ela teria namorado.

Sente que seu humor está piorando e sabe que é hora de ir para casa. Não quer deprimir mais ninguém. Ele bate no ombro de Émile, acena em despedida para os outros e puxa a touca mais para baixo, cobrindo as orelhas. Lá fora, sobe na motocicleta,

perguntando-se se devia mesmo dirigir depois de tanto beber.

Então liga a motocicleta com o pé e sai para a rua.

* * *

Ele para no final da estrada para ajeitar a jaqueta quando ouve o barulho metálico. Olha para baixo e descobre que o pequeno cadeado de Nell caiu de seu bolso. Ele o pega do chão e olha para ele, limpando a sujeira da superfície de bronze. Tem uma lixeira perto das grades, e ele pensa em jogá-lo ali. Mas então Fabien ouve o assobio.

Outro assobio.

Ele se vira. Émile está de pé na calçada ao lado de um monte de gente. Está apontando para alguém e fazendo um gesto para que Fabien volte.

Fabien reconhece a maneira como a cabeça dela vira de lado, a forma como ela fica de pé, um calcanhar levantado, o vislumbre de um vestido verde ao lado de Émile. Ele se senta por um momento. Em seguida, abrindo um sorriso, ele vira a motocicleta e vai até ela.

— Então — diz Émile quando os dois olham um para o outro. — Isso significa que não vou comer o pato?

Eles estão andando de braços dados pelas ruas desertas, passando por galerias de arte e enormes edifícios antigos. São três e quarenta e cinco da manhã. As pernas dela doem de tanto dançar, seus ouvidos ainda estão zumbindo, e ela acha que nunca se sentiu mais disposta na vida.

Quando saíram do Wildcat, andaram cambaleantes por um tempo, bêbados da noite, da cerveja, da tequila e da vida, mas, de alguma forma, na última meia hora tinha ficado sóbria.

— Nell, não faço ideia aonde estamos indo. — Ela não se importa. Poderia andar assim para sempre. — Bem, eu não posso voltar para o hotel. Pete ainda pode estar lá.

Ele a cutuca.

— Você dividiu o quarto com a americana. Talvez ele não seja tão ruim.

— Preferiria dividir com a americana. Mesmo com os roncos.

Ela lhe contara toda a história. A princípio, Fabien parecia querer bater em Pete. E ela percebeu, envergonhada, que gostava disso.

— Agora sinto um pouco de pena de Pete — diz Fabien. — Ele vem lá de longe até Paris para encontrá-la, e você foge com um macaco comedor de queijo...

Nell sorri.

— Eu não me sinto mal. Não é horrível?

— Você nitidamente é uma mulher muito cruel.

Ela se aconchega mais perto dele.

— Ah. Terrível.

Ele passa o braço em volta dela.

— Sabe, Nell, acho que você provavelmente vai negar, mas só queria dizer de novo... Você pode ficar no meu apartamento. Se quiser.

Ela ouve a mãe de repente. *Você iria para a casa de um desconhecido? Em Paris?*

— Seria ótimo. Mas não vou dormir com você. Quer dizer, acho você maravilhoso, mas...

Suas palavras ficam suspensas no ar da noite.

— Mas você não me conhece. E nós dois estamos no estágio errado do seu gráfico de término.

A mão dela se fecha em torno do pequeno pedaço de papel com o código em seu bolso.

— Então está tudo bem? Se eu for para o seu apartamento?

— É seu fim de semana em Paris, Nell.

O apartamento dele fica a dez minutos de caminhada dali, explica Fabien. Ela não faz ideia do que vai acontecer em seguida.

E isso é absolutamente emocionante.

* * *

Fabien mora no último andar de um prédio estreito de frente para um pátio. As escadas são revestidas de uma pedra creme e cheiram a madeira antiga e lustra-móveis. Eles caminham em silêncio. Ele a alertou que moravam senhoras idosas nos outros apartamentos. Se ele fizesse qualquer ruído após as dez da noite, elas batiam em sua porta logo cedo para reclamar. Mas ele não se importa, diz a ela. O apartamento é barato porque o proprietário é preguiçoso demais para modernizá-lo. Sandrine odiava aquele lugar, acrescenta.

Quando chegam ao topo da escada, ela se prepara.

— Fabien? — chama ela. — Você não tem nenhum livro sobre assassinos em série, não é?

Ele abre a porta e faz sinal para ela entrar. Nell para na soleira e olha lá para dentro.

O apartamento de Fabien é um cômodo grande, com uma grande janela com vista para os telhados. Há uma mesa coberta de pilhas de papel, e, por cima dela, um espelho antigo. O piso é de madeira. Talvez tenha sido pintado muito tempo atrás, mas agora é pálido e sem cor. Há uma grande cama de um lado, um pequeno sofá encostado em uma parede e a terceira parede está coberta de imagens recortadas de revistas.

— Ah — diz ele, quando nota que ela está olhando. — Fiz isso quando era estudante. Sou muito preguiçoso para tirá-las daí.

Tudo — a mesa, as cadeiras, as imagens — é estranho e interessante. Ela circula, olhando para um corvo empalhado em uma prateleira, a luminária que pende do teto, a coleção de pedras junto à porta do banheiro. A televisão é uma pequena caixa que parece ter uns vinte anos. Há seis copos e uma pilha de pratos diferentes sobre a lareira.

Ele passa a mão pela cabeça.

— Ainda está uma bagunça. Eu não estava esperando...

— É lindo. É... é mágico.

— Mágico?

— Gostei daqui. Da maneira como você combina as coisas. Tudo parece ter uma história.

Ele pisca para ela, como se estivesse vendo sua casa sob um olhar diferente.

— Me dê licença um minuto — pede ele. — Eu preciso... — E vai para o banheiro.

Provavelmente é uma coisa boa. Ela se sente imprudente, não se reconhece. Tira a jaqueta, endireitando o vestido, e caminha lentamente pela sala até olhar pela janela. Os telhados de Paris, escuros e iluminados pela lua, são como uma promessa.

Ela olha para a pilha de páginas com rabiscos cobrindo o original datilografado. Algumas estão sujas, marcadas por pegadas. Ela pega uma e começa a procurar palavras que conheça.

Quando ele finalmente sai do banheiro, ela está segurando a quarta página e procurando pela quinta, que está faltando.

— Traduza para mim — diz ela.

— Não. Não está bom. Eu não quero ler isso...

— Só estas páginas. Por favor. Para eu poder dizer: “Quando estive em Paris, um escritor de verdade leu seu livro para mim.” É parte da minha aventura aqui.

Ele olha para Nell como se não conseguisse dizer não para ela. Ela faz sua melhor expressão de súplica.

— Nunca mostrei isso a ninguém.

Ela dá um tapinha no sofá ao seu lado.

— Talvez seja a hora.

Fabien caminha até a janela e a abre.

— Venha, então. Sua aventura em Paris precisa de um telhado de Paris.

— Você quer que eu me sente em um telhado? — Nell dá uma espiada, mas ele já está passando pela janela. — Está bem!

* * *

Nell e Fabien sentam-se no telhado, uma garrafa de vinho bebida até a metade ao lado deles. Ele está lendo para ela, parando algumas vezes enquanto traduz para o inglês. A cabeça de Nell repousa no ombro dele.

— “Porque ela sabia que seria aquilo que colocaria um fim à história deles. Dentro dela, sabia desde o início, como alguém que teimosamente ignora uma erva daninha crescendo até que bloqueie a luz.”

— Você não pode parar — diz Nell quando ele termina.

— As outras páginas estão faltando. De qualquer maneira, como eu disse, não está bom.

— Mas você não pode parar. Tem que se lembrar do que escreveu, de todas as alterações que perdeu, e mandar para um editor. É muito bom. Você tem que ser escritor. Bem, você é escritor. Só não teve ainda o seu trabalho publicado.

Ele faz que não com a cabeça.

— É *sim*. É... é tão lindo. Acho que é... a maneira como você escreve sobre a mulher. Sobre como ela se sente, a forma como vê as coisas. Eu me identifiquei com ela. Ela é...

Ele olha para Nell, surpreso. Quase sem saber o que está fazendo, ela se inclina para a frente, pega o rosto dele em suas mãos e o beija. Ela está em Paris, no apartamento de um homem que não conhece, e nunca fez nada que parecesse menos arriscado na vida. Os braços dele se fecham em torno dela, e ela se sente sendo puxada em sua direção.

— Você é... *magnifique*, Nell.

— E tudo o que você diz soa melhor porque é em francês. Eu talvez tenha que falar com um sotaque francês falso pelo resto da vida.

Ele serve uma taça de vinho para os dois, e eles ficam ali sentados, olhando um para o outro, e sorriem. Falam sobre trabalho e sobre os pais, os joelhos se tocando, apoiados um no outro. Ele lhe diz que aquela noite o libertou de Sandrine. Ela fala sobre Pete e ri quando pensa nele chegando ao quarto, virando-se e descobrindo que ela não está mais lá. Eles imaginam a americana aparecendo no quarto com Pete lá, e riem um pouco mais.

— Sabe... Depois que Sandrine foi embora, achei que eu estivesse acabado. Ontem à noite, quando estávamos dançando, percebi que eu estava só confuso. E tinha confundido essa sensação com infelicidade.

Nell entrelaça seus dedos aos dele.

— Bem, quando Pete não apareceu neste fim de semana, eu quis morrer. Pensei que todos ririam de mim até o Natal. Nell, a garota que levou bolo na Cidade Luz.

— E agora? — pergunta Fabien baixinho.

— Eu sinto... — responde Nell, traçando a palma da mão dele com o dedo. — Sinto que me apaixonei por uma cidade inteira.

Em algum momento, ele a ajuda a passar de volta pela janela. Ela vai ao banheiro e dá uma olhada no espelho. Está meio cinza de cansaço. Seu cabelo está todo bagunçado, a maquiagem do olho, borrada. E ainda assim ela brilha; parece cheia de travessura e alegria.

Quando ela volta, ele está lendo seu caderninho. A bolsa dela está no chão.

Ela para.

— O que você está fazendo?

— O que é isso?

Ele lhe mostra a lista.

RAZÕES PELAS QUAIS ESTOU CERTA EM FICAR NO HOTEL ESTA NOITE

— Sou um assassino que mata as pessoas com um machado? Provavelmente vou querer transar com você?

Ele está rindo, mas está um pouco chocado também.

— Ah, meu Deus. Não era para você ver isso.

Ela fica vermelha até as orelhas.

— Caiu da sua bolsa. Eu só ia guardar. “Vou ter que fingir ser impulsiva.”

Ele olha para ela, surpreso. Ela está muito envergonhada.

— Ok. Não sou a pessoa que você pensa que eu sou. Ou pelo menos não era. Não sou impulsiva. Quase não vim aqui hoje à noite, porque só de pensar em taxistas fico com medo. Deixei você pensar que eu era um tipo diferente de pessoa. Eu... Eu sinto muito.

Fabien observa a lista e olha para ela de novo. Ele está rindo um pouco.

— Quem disse que você é um tipo diferente de pessoa? — Ela espera. — Era outra pessoa dançando naquele bar? Perseguido-me por Paris em um táxi com desconhecidos? Deixando o namorado em um quarto de hotel sem nem mesmo avisar que estava indo embora?

— *Ex-namorado* — corrige Nell.

Fabien estende a mão, e Nell a pega. Ela se permite ser puxada por ele. Senta-se no colo de Fabien, de frente para ele, com uma perna de cada lado, e observa com atenção seu rosto lindo e gentil.

— Acho que você é exatamente essa mulher, Nell da Inglaterra. Você é quem quiser ser.

Está ficando claro lá fora. Eles se beijam novamente, talvez por uma eternidade — ela não tem certeza de quanto tempo. Nell percebe que ainda está bem bêbada afinal. Ela se

senta com os lábios quase colados aos dele e traça o formato de seu rosto com a ponta dos dedos.

— Esta foi a melhor noite da minha vida — diz ela baixinho. — Eu sinto... Sinto como se tivesse acabado de acordar.

— Eu também.

Eles se beijam novamente.

— Mas acho que devemos parar agora — diz ele. — Estou tentando ser um cavalheiro e me lembrar do que você disse. E não quero que pense que sou um assassino do machado ou um maníaco sexual. Ou...

Nell entrelaça os dedos nos dele.

— Tarde demais — afirma ela, e o puxa do sofá.

Mesmo antes de seus olhos estarem totalmente abertos, Fabien sabe que há algo diferente. Alguma coisa mudou, não sente mais um peso sobre si quando acorda. Ele pisca, a boca seca, e se apoia no cotovelo. Nada no quarto está diferente, mas ele com certeza está de ressaca. Tenta clarear a mente, e, então, ouve o barulho de um chuveiro.

A noite anterior volta até ele.

Ele se deita de novo no travesseiro por um minuto, deixando os acontecimentos se organizarem em sua mente. Lembra-se de uma garota dançando em um bar, de uma longa caminhada por Paris, o amanhecer nos braços dela. Lembra-se de rir, de um caderninho de listas, do sorriso doce, da perna dela sobre a dele.

Ele se levanta, veste a calça jeans e o suéter mais próximo. Caminha até a *cafetière* e a recarrega; em seguida, desce depressa a escada e vai à padaria comprar um saco de croissants. Ao abrir a porta da frente, dá de cara com Nell saindo do banheiro, usando o vestido verde da noite anterior, o cabelo molhado encobrindo os ombros. Eles ficam parados por um instante.

— Bom dia — diz ele.

— *Bonjour* — responde ela.

Ela parece estar observando-o para ver como Fabien reage. Quando ele sorri, ela também abre um largo sorriso.

— Preciso voltar ao hotel e pegar meu trem. Já está... tarde.

Ele verifica o relógio.

— Está, sim. E eu tenho que trabalhar. Mas você tem tempo para um café? Comprei croissants. Não pode ir embora de Paris sem café e croissants.

— Tenho tempo se você tiver.

Eles estão um pouco sem jeito um com o outro agora, a facilidade da noite anterior se desvanecendo. Sobem de volta na cama, sentando-se em cima das cobertas, os dois vestidos, perto o bastante para parecerem amigos, mas não o suficiente para sugerir qualquer outra coisa. Ela bebe o café e fecha os olhos.

— Ah, está bom — diz ela.

— Acho que tudo parece bom esta manhã — diz Fabien, e eles trocam um olhar.

Ele come rapidamente, com um apetite que não sente há muito tempo, até perceber que comeu mais do que sua metade e então vai mais devagar, oferecendo-lhe um croissant, que ela dispensa. Lá fora, sinos de igreja repicam e um cãozinho late.

— Andei pensando — começa ele, ainda mastigando. — Tenho uma ideia para uma nova história. É sobre uma garota que faz listas para tudo.

— Ah, eu não escreveria isso — diz ela, olhando-o de soslaio. — Quem iria acreditar?

— É uma boa história. É uma personagem incrível. Mas ela é um pouco cuidadosa demais. Tem que avaliar tudo. Os...

— Prós e contras.

— Prós e contras. Eu gosto dessa frase.

— E o que acontece com ela?

— Ainda não sei. Algo a faz mudar seus hábitos.

— *Bouf!* — exclama ela.

Ele sorri e lambe as migalhas dos dedos.

— Sim. *Bouf!*

— Você vai ter que deixá-la muito bonita.

— Eu não preciso deixá-la bonita. Ela é bonita.

— E incrivelmente sexy.

— Basta vê-la dançando em um bar para saber isso.

Ele estende a mão e coloca um pedaço de croissant em sua boca, e, depois de um instante, os dois se beijam. E então se beijam um pouco mais. E de repente os croissants, o trabalho e o trem são esquecidos.

* * *

Algum tempo depois, Fabien para em frente ao hotel atrás da rue de Rivoli. As ruas estão surpreendentemente tranquilas. Alguns turistas passeiam por ali, olhando para cima para tirar fotos dos edifícios. Ele está atrasado para o trabalho, mas o restaurante não deve ter muitos clientes em uma manhã de segunda-feira, só os fregueses de costume que se sentam com um cachorro e um jornal, ou turistas matando tempo até dar a hora de irem para casa. Mas vai encher mais tarde, e até as quatro estará lotado.

Atrás dele, sente Nell soltar os braços de sua cintura. Ela desce do banco e fica ao lado da motocicleta. Tira o capacete e lhe entrega, então passa a mão pelo cabelo, que está achatado por causa do capacete, e fica ali de pé com seu casaco e o vestido verde amassado.

Ela está cansada e desarrumada, e ele quer passar os braços ao redor dela.

— Tem certeza de que não quer que eu a leve até a estação? Você consegue chegar lá? Lembra o que eu disse sobre a estação do metrô?

— Você já está atrasado para o trabalho. Eu vou encontrar.

Eles se olham. Ela troca o peso de um pé para outro, a bolsa balançando à sua frente. Fabien percebe que já não sabe o que quer dizer. Ele tira o capacete e passa a mão pelo cabelo.

— Bem — diz ela. Ele espera. — É melhor eu pegar minha mala. Se ainda estiver lá.

Ela entrelaça os dedos na alça da bolsa.

— Você vai ficar bem? Com Pete? Não quer que eu entre com você?

— Ah, eu posso lidar com *ele*. — E torce o nariz como se Pete não tivesse nenhuma importância.

Fabien quer beijar o narizinho dela. E não consegue evitar.

— Então... Nell da Inglaterra. Vamos... nos falar de novo?

— Eu não sei, Fabien de Paris. Nós realmente não sabemos nada um do outro. Talvez não tenhamos nada em comum. E moramos em países diferentes.

— Isso é verdade.

— E passamos duas noites perfeitas em Paris. Seria uma pena estragar tudo.

— Isto também é verdade.

— Além do mais, você é um homem ocupado. Tem um trabalho e um livro inteiro para escrever. E tem que escrevê-lo, sabe disso. Bem rápido. Estou ansiosa para saber o que acontece com essa garota.

Algo aconteceu com o rosto dela, alguma mudança sutil. Ela parece relaxada, feliz, confiante. Ele se pergunta como isso pode ter acontecido em quarenta e oito horas. Queria saber o que dizer a ela. Ele chuta a calçada, perguntando-se como um homem que se orgulha de ser bom com as palavras pode acabar sem uma única sequer. Ela olha para o hotel atrás de si.

— Ah. — Ela enfia a mão na bolsa e pega o caderninho, entregando a ele. — Aqui. Para sua pesquisa. Acho que não preciso mais.

Ele olha para o caderninho, então o guarda cuidadosamente na jaqueta. Ela se inclina para a frente e o beija de novo, uma das mãos em seu rosto.

— Adeus, Fabien — diz ela enquanto se afasta.

— Adeus, então, Nell.

Eles se entreolham na calçada vazia, e, finalmente, quando não conseguem ficar lá por mais tempo, Fabien coloca o capacete. Com um rugido do motor e um aceno de mão, ele segue pela rue de Rivoli.

Nell ainda está sorrindo quando entra no hotel. A recepcionista continua atrás do reluzente balcão. Nell se pergunta se a mulher tem casa ou se dorme ali, de pé, atrás do balcão, como as girafas. Ela percebe que deveria estar envergonhada, chegando com o vestido da noite anterior, mas descobre que não consegue fazer nada além de sorrir.

— Bom dia, mademoiselle.

— Bom dia.

— Aposto que teve uma noite boa.

— Ah, eu tive — responde ela. — Obrigada. Paris é... muito mais divertida do que eu poderia imaginar.

A mulher confirma com um gesto de cabeça e abre um discreto sorriso para Nell.

— Fico muito feliz em ouvir isso.

Nell respira fundo e olha para a escada. Esta é a parte que ela temia. Apesar das palavras corajosas que dissera a Fabien, não está ansiosa para enfrentar as acusações de Pete ou sua fúria. Perguntava-se se ele teria feito algo terrível com sua mala. Ele não parecia o tipo de homem que faria tal coisa, mas nunca se sabe. Ela fica ali parada, preparando-se para subir ao quarto quarenta e dois.

— Posso ajudá-la com alguma coisa, mademoiselle?

Ela vira a cabeça e sorri.

— Ah. Não. Eu... eu só tenho que subir para falar com meu amigo. Ele pode... estar um pouco irritado porque eu não o incluí nos planos da noite passada.

— Então sinto muito em dizer que ele não está aqui.

— Não?

— Uma regra do hotel. Depois que você saiu percebi que não podemos permitir que alguém que não seja a pessoa para quem reservamos use o quarto. E o quarto estava em seu nome. Então Louis teve de lhe pedir para sair.

— Louis?

Ela acena a cabeça em direção ao porteiro, um homem que é do tamanho de dois sofás colocados de pé, de costas um para o outro. Ele está empurrando um pequeno carrinho carregado de malas. Quando ouve seu nome, faz um breve cumprimento.

— Então meu amigo não ficou no meu quarto?

— Não. Nós o encaminhamos ao albergue da juventude perto da Bastilha. Acho que ele não estava muito feliz.

— Ah!

Nell leva a mão à boca. Está tentando não rir.

— Peço desculpas, mademoiselle, se isso lhe causa alguma inconveniência. Mas ele não estava na reserva original e não chegou com você, então, quando você saiu... Era uma questão de segurança. — Nell percebe que a boca da recepcionista também se repuxa. — Uma regra do hotel.

— Uma regra do hotel. Claro. É muito importante respeitar as regras do hotel — diz Nell. — Bem. Humm. Muito obrigada.

— A sua chave — diz a recepcionista lhe entregando.

— Obrigada.

— Espero que você tenha gostado de sua estadia conosco.

— Ah, gostei, sim. — Nell está de frente para a mulher e tem de resistir ao impulso de abraçá-la. — Muito obrigada. Vou me lembrar disso... sempre.

— É muito bom ouvir isso, mademoiselle — diz a recepcionista, e volta para seus papéis.

* * *

Nell está subindo a escada lentamente. Ela acabou de ligar o telefone, e as mensagens não param de chegar, as últimas com várias letras maiúsculas e pontos de exclamação. A maioria ela mal lê, apenas as deleta. Não há por que estragar o seu bom humor.

Acaba lendo a última, que chegara às dez da manhã, de Magda.

Você está bem? Estamos desesperadas por notícias. Pete mandou uma mensagem muito estranha para Trish ontem à noite, e não fazemos ideia do que possa estar acontecendo.

Nell para em frente ao quarto quarenta e dois, a chave na mão, escutando o repicar dos sinos por toda Paris e o barulho de franceses conversando na recepção lá embaixo. Ela inspira o cheiro de lustra-móveis e café, o odor de suas próprias roupas já não tão limpas. Fica parada por um momento, lembrando-se de tudo, e um sorriso surge em seu rosto. Ela escreve uma mensagem:

Eu tive o melhor fim de semana DE TODOS.

Seis meses depois

Lilian está usando a nova leggings esportiva fúcsia, sua segunda favorita. Ela segue pela rua como um flamingo ligeiramente rechonchudo, exibindo um grande sorriso. Tem várias roupas esportivas agora, desde que começou a frequentar a academia na esquina da nova casa. Nell a busca no caminho para o trabalho e a leva até lá três vezes por semana — uma para hidroginástica, uma para a aula de alongamento relaxante e outra para o boxe.

Ela se aproxima do carro de Nell e levanta a mão em que carrega uma vasilha plástica.

— Desculpe... Esqueci minha garrafinha de água. Sabe que vamos fazer kickboxing hoje?

— Ok! — diz Nell, que ainda está se acostumando com a nova versão de sua mãe.

— Quem diria que eu seria tão boa em bater nas coisas? — reflete Lilian, colocando o cinto de segurança. — Luka diz que, se eu continuar assim, vai me ensinar boxe tailandês. — Ela se vira para a filha. — Você reservou sua viagem para Paris?

— Não. Ei, eu contei que consegui uma entrevista para aquela promoção? — Nell sai com o carro para a estrada principal. — Vamos torcer.

Ela começa a listar os benefícios do novo emprego, mas Lilian não está ouvindo.

— Não entendo por que você não volta logo — interrompe sua mãe, balançando a cabeça. — Só se vive uma vez.

— Diz a mulher que tinha palpitações quando eu ia de bicicleta ao correio.

Lilian baixa o espelho do lado do carona e críspa os lábios, olhando para seu reflexo.

— Querida, há uma grande diferença entre querer que alguém esteja seguro e não querer que faça nada.

Nell liga a seta e vira numa rua à esquerda.

— Bem, eu faço muitas coisas. E acho que às vezes é bom só se lembrar de algo pelo que foi. Três dias perfeitos em Paris. Três dias românticos e perfeitos. Voltar seria...

— Bem, isso dificilmente vai fazer você ir para a cama com alguém.

Nell pisa no freio. E vira o rosto para olhar para a mãe.

— O quê?! — exclama Lilian. — Sua geração não inventou o sexo, sabe. Você é jovem! Nada balance! Ainda pode usar uma lingerie bem pequenininha! E o Sr. Francês parecia perfeitamente adorável. Melhor do que aquele desperdício de gente que era Pete Welsh. — Ela pensa por um minuto. — Na verdade, qualquer um dos assassinos em série lunáticos da Cheryl parecia melhor do que Pete Welsh. Olha, você está atrapalhando o trânsito. Precisa acelerar.

Quando chegam à academia, Nell para em uma vaga do estacionamento perto da porta e espera a mãe pegar a bolsa de ginástica no chão do carro.

— Ligo para você hoje à noite — avisa Nell.

— Pense no que eu disse. — Lilian desce do carro. Então se inclina pela porta aberta, o rosto de repente suave e sério. — Nell... vou lhe dizer uma coisa. Depois que seu pai morreu, sei que entrei em hibernação. Eu só estava... Eu não sei, presa... E, então, antes que possa se dar conta, sentir-se presa torna-se um hábito. Você voltou de Paris todos esses meses atrás, e estava tão diferente, tão radiante e viva... Eu pensei: *Meu Deus. Você tem uma chance agora*. Uma chance! Portanto, não seja como eu, querida. Não desperdice dez anos de sua vida se preocupando com o que poderia acontecer. Nenhum de nós pode se dar ao luxo de perder tempo...

Quando os olhos de Nell se enchem inesperadamente de lágrimas, Lilian acrescenta:

— Além disso, seus ovários não estarão jovens para sempre. É como comprar aqueles pêssegos de supermercado para amadurecer em casa. Num minuto estão duros e no seguinte estão enrugados e só servem para ir para o lixo. É melhor pensar sobre isso também...

— Estou indo, mãe — diz Nell.

— Pense nisso, querida! — grita Lilian, fechando a porta. — Amo você!

* * *

Às terças, Nell se encontra com as garotas no parque para almoçar. É revigorante, já que estão apenas em maio, mas elas gostam de se sentar em uma das mesas coletivas e incentivar o início da primavera comendo sanduíches ao ar livre.

— Ainda vamos ao Texas Grill esta noite? — pergunta Magda.

Ela está de ressaca, empurrou seu sanduíche de ovo para o lado, e observa interessada um passeador de cachorros musculoso.

— Eu não sei — responde Nell. — Estava pensando que podíamos fazer outra coisa.

— Mas é terça — diz Magda.

— E daí? Sabia que há um concerto gratuito na praça de touros?

— Um concerto?

— Uma orquestra da Áustria. Estão se apresentando de graça. Podíamos ir lá primeiro e tomar uma cerveja depois. Seria legal fazer algo diferente. Ampliar um pouco nossos horizontes!

Magda e Sue trocam olhares.

— Hã... tudo bem — concorda Magda, levantando a gola da blusa.

— Mas hoje tem duas costelas pelo preço de uma no Texas Grill — diz Sue.

— Minha nossa. E eles têm aquele molho barbecue incrível — pondera Trish.

— Decidido — diz Magda, virando-se para trás para ver se a fila tinha diminuído. — Vamos ao concerto alguma outra hora.

* * *

Naquela tarde, Nell está junto à copiadora preparando folhetos para a apresentação quando seu chefe passa. Ele diminui o ritmo e inclina a cabeça em direção a ela.

— Não posso dizer nada formalmente ainda, Nell. Mas devemos anunciar alguma

coisa até sexta. — E bate o dedo no nariz. — Toda organização precisa de um equilíbrio, e todos concordamos que você seria o par de mãos seguras de que precisamos para contrabalançar os... elementos mais imprevisíveis da nossa empresa.

— Obrigada, senhor — diz Nell.

— É uma grande responsabilidade — diz ele, endireitando-se. — Imagino que você vá precisar de algum tempo para pesar os prós e os contras.

As palavras a atingem como um raio. Nell olha para o chefe. Ele estende a mão para cumprimentá-la, depois se vira e vai embora.

Nell está de pé, a cabeça de repente zumbindo, segurando sem força os folhetos.

Minutos depois, ela está em sua mesa. Olha para trás, um pouco furtivamente, e em seguida abre o navegador e digita: PASSEIOS DE BARCO EM PARIS. Ela rola a lista até achar o que está procurando: “LA ROSE DE PARIS PASSEIOS DE BARCO.” Nell se inclina para a frente, clica e olha as imagens que aparecem.

“Faça da sua viagem para a Cidade Luz um símbolo de seu amor. Desfrute de um tour íntimo para dois pelo rio mais romântico do planeta. Oferecemos um excelente piquenique com champanhe e nosso conhecimento sobre os mais belos lugares de Paris — vocês só precisam trazer um ao outro!”, diz o texto com um fundo simples em preto e branco. A foto que acompanha o texto mostra Fabien com o braço em torno de seu pai sorridente. Nell sorri e olha melancolicamente para a página por um instante.

“RESERVE AGORA PARA SETEMBRO! RESERVAS ESTRITAMENTE LIMITADAS DEVIDO À GRANDE DEMANDA.”

Ela se sobressalta quando a secretária do Sr. Nilson aparece atrás dela.

— Estão à sua espera, Nell — informa a mulher. — Isso parece ótimo. Está planejando as férias?

* * *

Nell está diante de uma apresentação de PowerPoint, encerrando seu discurso. À sua frente estão vinte e dois recém-formados, observando-a com atenção a maior parte do tempo e só ocasionalmente verificando seus telefones.

— Para resumir — diz ela, as mãos entrelaçadas —, a avaliação de risco desempenha um papel vital em ajudar as organizações a compreenderem e gerenciarem os riscos, a fim de evitar problemas e explorar oportunidades... Obrigada pelo seu tempo. E aproveitem a visita à fábrica!

Com o sorriso fixo no rosto, ela parece estar prestes a sair. Mas há algo na expressão de seus expectadores, o frescor que ela vê ali, e a maneira como faz aquele discurso uma vez por mês durante os últimos quatro anos e meio. Ela levanta o dedo.

— Na verdade, eu gostaria de reformular isso. Claro, aproveitem a visita à fábrica, se for isso mesmo o que querem. Mas, sabe, vocês são jovens. Deviam pensar seriamente se este é o caminho certo para vocês. Há várias alternativas. Muitas mesmo. Vocês querem subir os degraus da escada corporativa com o quê... vinte e um, vinte e dois anos? Estar aqui às oito e meia da manhã em ponto e ter de deixar o casaco na cadeira quando sai depressa para um café e ter de comer *os mesmos malditos sanduíches* todos os dias? Presunto no pão de centeio! Cream cheese! Sendo que nem mesmo gosta de cream cheese? Vocês não deveriam estar dançando em balcões de bares e usando sapatos

inadequados em lugares novos e comendo coisas estranhas? — Ela dá uma olhada na sala. — Quem aqui já dançou em um balcão?

Os jovens giram a cabeça para olhar. Duas mãos se levantam hesitantemente.

— Aí está! — Nell os aplaude. — Então pensem... Vocês realmente querem passar os melhores anos de sua vida conferindo caixas de um monte de plásticos aprovados pela indústria? Sério?

Ela olha para os rostos atordoados. Em seguida, se vira, vê o Sr. Nilson com a boca ligeiramente aberta e se recompõe.

— Se quiserem, então ótimo! Preencham um formulário de inscrição na saída!... E... hã... não se esqueçam de usar os capacetes de segurança!

Nell corre para fora da sala, a mente acelerada. Ao lado do seu cubículo estão dois dos seus colegas. Eles param de falar quando ela se aproxima.

— Então, me disseram que você conseguiu aquela promoção, Nell. Parabéns.

— Consegui — diz Nell, reunindo seus pertences que estão na mesa. — Mas não vou aceitar.

— Por quê? — pergunta Rob. — Não tem “Saúde e Segurança” no título?

— Não. Ela precisa pensar nisso com muito cuidado.

Os dois homens riem como se aquilo fosse a coisa mais engraçada que já ouviram. Nell se levanta e espera os dois pararem.

— Na verdade — diz ela —, decidi fugir para Paris e fazer sexo selvagem com um garçom qualquer que eu conheci. Como na última vez em que estive lá. Tenham um bom dia, senhores!

Ela sorri docemente, leva a caixa com seus pertences junto ao peito e meio que corre em direção à saída, o telefone preso entre o pescoço e o queixo.

— Mãe? — chama ela. — Encontre comigo na agência de viagens quando ouvir isso. A que fica em frente ao meu escritório.

* * *

Clément e Fabien levam o cesto da garupa da motocicleta de Fabien até o barco e o colocam na frente com cuidado. É um dia claro e límpido, e a luz brilha na água, como se pedisse desculpas por ter estado ausente durante os longos meses de inverno.

— Você pegou as rosas? — pergunta Fabien ao pai.

— Peguei — responde Clément, verificando os coletes salva-vidas. — Mas não sei se devíamos colocar rosas hoje.

— Por quê? Ah, esses sanduíches estão com um cheiro ótimo. Bom trabalho, papai.

— São do Émile. E acho que são lésbicas hoje. Pensei que rosas pudessem ser muito tradicionais. Talvez elas queiram algo mais... moderno.

— Rosas lésbicas?

Fabien se abaixa quando o pai ameaça bater nele com um colete salva-vidas.

— Pode debochar, Fabien — diz Clément. — Mas são os detalhes que importam.

— É um passeio num barco chamado *Rose de Paris*, papai. Precisa ter rosas. Certo. Estou indo. Vejo você às quatro. Espero que corra tudo bem!

Enquanto o filho sobe na motocicleta, Clément olha para ele, pensando.

— Rosas lésbicas — murmura baixinho. — Onde eu arrumaria rosas lésbicas?

* * *

Nell e sua mãe caminham em direção ao pequeno quiosque onde *La Rose de Paris* está atracado. Nell está vendo alguma coisa no telefone, mas ergue os olhos e sorri.

— Lá está ele! Não é lindo?

— Ah — diz Lilian. — É maravilhoso.

À medida que descem até o cais, Clément se aproxima delas, a mão estendida.

— Mesdames? Boa tarde. Meu nome é Clément Thibault. Permitam-me lhes dar as boas-vindas ao nosso barco. Espero que estejam se divertindo bastante em Paris. — Ele ajuda Lilian a subir a bordo e, em seguida, estende a mão para Nell, que está olhando para o quiosque. — Hoje vamos lhes mostrar os lugares mais bonitos de Paris. O sol está brilhando, e vocês vão se apaixonar por nossa cidade e nunca mais querer voltar para casa. Posso lhes oferecer uma taça de champanhe?

Nell faz uma cara feia para a mãe, que estivera bebendo com Louis, o porteiro, até as quatro da manhã, mas Lilian aceita, encantada.

— Ora, muito obrigada. Já estou apaixonada!

Nell olha ao redor. Ela continua de pé mesmo quando a mãe aceita a taça, procurando por um rosto familiar entre as pessoas que caminham pelo alto do cais.

— Posso ajudá-la, mademoiselle? — pergunta Clément, aparecendo ao lado dela.

— Ah. Não — diz Nell. — Eu só... Seu site... Vocês são... dois?

— Ah. Está falando do meu filho. Ele não vai trabalhar hoje. Mas posso garantir que tenho uma vida inteira de experiência em compartilhar o que sei sobre os melhores pontos turísticos de Paris. Você não vai se decepcionar. Aqui...

Nell tenta sorrir quando ele lhe entrega uma taça. Então Clément se curva e, com exagerada cortesia, dá à Lilian uma rosa. Ela sente o perfume da flor e diz como é linda.

— Você gosta de rosas? — pergunta Clément.

— Mas é claro — responde Lilian. — Quem não gosta?

— Ah... nunca se sabe. Mas isso é bom. Se estão confortáveis, vamos partir.

Nell e sua mãe ouvem Clément falar sobre os pontos turísticos ao longo do Sena, o menu que preparou e comentar sobre a tranquilidade incomum do rio. Lilian bebe mais duas taças de champanhe rapidamente e fica bastante risonha. Nell parece escutar, mas sua atenção está voltada para as margens, como se mesmo agora o rosto dele pudesse aparecer na multidão. Lilian se inclina para falar baixinho:

— Você poderia ir ao café. Ele provavelmente vai estar lá.

— Talvez — reflete Nell, olhando para as mãos.

— Talvez? Você não pode fugir agora.

Nell toma um gole da sua bebida.

— Ele nunca entrou em contato comigo, mãe. Provavelmente tem outra namorada. Ou vai voltar com a ex.

— Então você só diz olá e como é bom vê-lo de novo, e depois arruma outro garçom sexy. — Lilian ri do rosto chocado de Nell. — Ah, vamos lá. É Paris, querida. Nada conta se você está a mais de uma centena de quilômetros de casa. O-oh! Este champanhe

subiu direto para minha cabeça.

* * *

Meia hora depois, a mãe de Nell está roncando suavemente no ombro dela. Nell olha melancolicamente para o rio enquanto o barco de Clément desliza pela água sob a Notre-Dame.

— E, em 1931, uma mulher atirou em si mesma no altar da catedral com a pistola do amante... — Ele se vira. — Sua amiga está bem?

— Ah, minha mãe só está cansada pelo excesso de empolgação. Ela ainda está se ajustando a viver perigosamente.

— Sua mãe?

— Sim. Prometi trazê-la para passear neste barco. É uma longa história.

Clément inclina a cabeça.

— Mam'selle, sou todo ouvidos.

Nell hesita, perguntando-se o quanto deve dizer. Tudo parece bastante ridículo: o fim de semana prolongado, sua paixão duradoura, a maneira como se continha cerca de quarenta vezes por dia para não enviar um e-mail para o site, só para tentar falar com ele novamente. Os três dias pareciam um sonho em sua memória, como se ela só os tivesse imaginado.

— Bem — recomeça ela quando Clément continua, nitidamente, à espera —, estive aqui seis meses atrás. Neste mesmo barco. E meio que me apaixonei por... Ah, parece bobo dizer isso em voz alta. Mas foi um daqueles fins de semana que... que simplesmente mudam você.

Clément está olhando para ela. Nell se pergunta se está parecendo tão idiota quanto se sente.

— Qual é mesmo o seu nome, mademoiselle?

— Nell.

— Claro. Nell, você... você pode me dar licença por um instante, por favor?

Quando ela se senta, Clément vai até a frente do barco e pega o telefone do bolso. Nell se sente uma boba por ter dito aquelas coisas para ele. Ela se vira para a mãe, que ainda ronca no banco acolchoado, a boca aberta, e cutuca de leve o ombro dela. Nada.

— Mãe? Mãe? Você precisa acordar agora. O passeio está terminando.

— Terminando? — pergunta Clément, surgindo ao lado dela. — Quem disse que está terminando? Vamos mais uma vez!

— Mas o seu site diz...

— Diz que você está em Paris! E é um dia bonito demais para andar pelas ruas. Já lhes mostrei a Pont Neuf? Acho que vocês deveriam vê-la de perto...

* * *

No pequeno café na rue des Bastides, Fabien está terminando seu turno, tirando o avental e pendurando-o quando seu telefone toca. Ele olha para o aparelho, depois balança a cabeça.

— Você vai mesmo desligar o telefone por um fim de semana inteiro? — pergunta Émile, que está trocando de camisa.

— É a única maneira de eu terminar esta coisa. O editor quer a nova prova na segunda.

Émile veste a camisa limpa, sorrindo para a mulher que parou em frente à janela do restaurante, temporariamente imóvel e chocada diante da visão de seu tronco nu. Ela sorri de volta para ele, balança a cabeça e segue em frente.

— E depois que você entregar o texto na segunda, vamos para Le Sud, né?

— Sim! Não vejo a hora de parar de olhar para a tela do computador.

O telefone toca novamente no bolso de Fabien.

— Você não vai checar suas mensagens?

— É só o meu pai. Obcecado com mais detalhes. Quais são as melhores flores para homossexuais ou coisa assim.

Émile lhe dá um tapa no ombro.

— Ok, cara. *Boa sorte*. Vejo você do outro lado!

Eles se abraçam fraternalmente, e Émile se afasta para olhar para ele.

— Ei. Seu idiota. Estou orgulhoso de você! Meu melhor amigo vai publicar um livro!

Fabien o vê sair, e seu telefone toca mais uma vez. Ele suspira e decide ignorá-lo, mas aí o aparelho toca três, quatro, cinco vezes. Ele pega o telefone, irritado, e olha para a pequena tela. Então sai correndo e sobe em sua motocicleta.

* * *

Clément está falando tão fervorosamente que, com seu forte sotaque francês, Nell mal consegue entender o que ele diz. Ela está confusa e, sinceramente, um pouco preocupada. Já deram a volta duas vezes, e ele não mostra nenhum sinal de querer atracar. Ao lado dela, Lilian continua cochilando com tranquilidade.

— E agora chegamos à Pont des Arts. Você vai ver que muitos dos cadeados foram removidos. Isso é resultado de...

— Sr. Thibault? — Nell se inclina, falando mais alto para ser ouvida sobre o barulho do motor. — É muito gentil da sua parte, mas você já nos contou essa história na primeira volta que demos.

— Mas eu lhes contei os nomes dos funcionários da cidade envolvidos? É uma parte muito importante da história. — Ele parece estranho, quase perturbado.

Pela primeira vez, Nell se sente justificadamente desconfortável.

— Olha, eu realmente tenho que levar minha mãe de volta ao hotel. Ela precisa de um café.

Clément vai até elas.

— Eu tenho café! Você quer um pouco mais de gâteau? Deixe-me servi-la. Sabe, Paris tem os melhores confeitadores de todo...

Ela se pergunta se haveria algum bote salva-vidas que pudesse usar quando de repente o ar é cortado por um assobio. Nell olha para cima, e, inacreditavelmente, sobre a ponte vê Fabien.

— Ah, graças a Deus! — exclama o velho com voz fraca, e se senta.

— Nell? — grita Fabien.

Ele acena fazendo com um dos braços em um enorme arco.

— Fabien?

Ela leva uma das mãos à testa.

Enquanto Clément leva o *La Rose de Paris* pelo rio, Fabien corre ao longo da ponte, suas longas pernas cobrindo depressa o caminho. Ele passa por cima da grade, os pés leves, e, quando o barco quase para, pula a bordo e fica ali, de frente para ela.

Clément olha para o filho, seu enorme e descomplicado sorriso.

— Vou fazer um café para a madame — diz ele baixinho.

Nell olha para Fabien. Ali está o homem que passeara pelos seus sonhos, se sentara diante dela, que a abraçara e rira com ela. E, ainda assim, ele parece alguém completamente diferente. Eles gaguejam um olá e sorriem de forma estúpida.

— É você mesmo!

— Sou eu mesmo.

— É... não pude acreditar quando meu pai me contou. Veja, eu... Eu trouxe algo para lhe mostrar.

Ele enfia a mão no casaco e pega um manuscrito encadernado, as páginas um pouco esfarrapadas nas bordas. Nell o pega e lê o título.

— *Un week-end à Paris. Um fim de semana em Paris.*

— Vai ter uma edição em inglês. E também uma em francês. Eu tenho um editor, um agente e tudo o mais. E eles querem um segundo livro também.

Ela folheia as páginas, ouvindo o orgulho em sua voz, maravilhada com a densa prosa.

— É sobre... uma garota que fica sozinha em Paris. Mas não por muito tempo.

— E estes são... — Nell para em uma página aberta.

— Prós e contras.

Ela balança a cabeça.

— Maravilha. — Finalmente, ela fecha o manuscrito. — Então... Como você está? Tem visto... Sandrine?

Fabien faz que sim. Nell tenta não parecer decepcionada. É claro que sim. Quem deixaria um homem como Fabien?

— Ela foi até o meu apartamento algumas semanas atrás para pegar uma pulseira. E não conseguia acreditar em como eu tinha mudado... Você sabe, o livro e o site...

Fabien observa os pés.

— Mas eu olhei para ela, e tudo o que senti foi esse... esse peso. De todas as coisas que ela esperava que eu fosse. Como os cadeados, você lembra? E eu percebi que, quando você chegou, Nell, era...

Ele levanta a cabeça, e seus olhos se encontram.

— *Bouf?* — faz Nell.

Ele continua olhando para ela e então tateia os bolsos.

— Olha... olha — diz ele. — Quero lhe mostrar outra coisa.

Nell olha para a mãe, que está finalmente acordando no banco, esfregando os olhos e piscando por causa da luz.

— O que está acontecendo? — pergunta ela com os olhos turvos.

— Meu filho está encontrando seus *cojones* — diz Clément com carinho.

— Isso é de comer também? — murmura Lilian. — Eu meio que apaguei depois da terrine.

Fabien enfia a mão no bolso interno e entrega à Nell uma passagem. Ela a observa, percebendo com um sobressalto o que é.

— Você estava indo para a Inglaterra?

— Eu queria fazer uma surpresa para você. Mostrar que sou uma pessoa que faz as coisas agora. Eu faço as coisas acontecerem. E para lhe dizer... chega de estágios. Nell, sei que mal nos conhecemos, e entendo que você disse que isso arruinaria tudo, mas... eu tenho pensado tanto em você... Sabe, não acho que você foi meu erro. Acho que pode ser a minha melhor coisa.

Ele estende a mão, e ela a segura. Nell olha para seus dedos entrelaçados por um momento, tentando conter o desejo de abrir um sorriso absurdamente largo. Mas acaba cedendo, e de repente, meio sem jeito, eles dão um passo à frente e se abraçam. E depois se abraçam novamente, ficando assim por mais algum tempo. E então — porque ficarem afastados se tornou francamente impossível —, eles se beijam. Por tempo suficiente para Nell deixar de se importar com os espectadores; tempo suficiente para ela se esquecer de respirar, para se perder naquilo, para sentir que tudo ao redor se tornou um borrão e que, de alguma forma, os sons de Paris, o toque de Fabien, o céu e os aromas no ar, todos se tornaram parte dela. Por tanto tempo que sua mãe, enfim, começa a tossir intencionalmente.

— Então — diz Nell, quando eles relutantemente se soltam. — Esse seu livro. Você nunca me contou. Como termina?

Fabien se senta ao lado dela.

— Sabe, acho que, nas melhores histórias, os próprios personagens decidem. Principalmente os impulsivos.

Nell olha para os cadeados brilhando na ponte, para sua mãe, que está tomando café com o Sr. Thibauld. E, ao se virar, vê o Sena mais à frente, cintilando suavemente à luz do crepúsculo.

— Sempre gostei de histórias com finais felizes...

Entre os tuítes



— Estou com um problema — disse o homem.

— Todo mundo que vem aqui tem um problema — falou Frank.

O homem engoliu em seco.

— É uma mulher.

— Geralmente é — comentou Frank.

— Ela... ela alega que temos um caso — disse ele.

Frank se recostou na cadeira, pressionando as pontas dos dedos umas nas outras. Ele gostava de fazer isso desde que sua última secretária lhe dissera que o fazia parecer inteligente.

— É. É o que elas geralmente alegam.

Eu estava sentada em um canto, meu olhar se alternando entre o meu café e a pele do homem, tentando identificar qual dos dois tinha um tom mais escuro. Aquilo ia além de um simples caramelo. Ia além de *Real Housewives*. Aquilo era programação televisiva diurna. Foi então que me dei conta de quem se tratava.

— Eu não tive um maldito caso! — Declan Travis, ex-apresentador do programa *Rise and Shine!*, olhou para Frank e depois para mim. — É verdade. Não tive.

Frank assentiu. Ele geralmente fazia isso àquela altura. Era um gesto que denotava concordância e ao mesmo tempo dizia que a verdade não era necessariamente a questão. Ninguém ia ao escritório Frank Digger e Associados se não tivesse algo a esconder.

— Então o que quer de nós, Sr. Travis?

— Olha, eu sou um homem de família. A minha reputação foi construída em cima da minha imagem de homem íntegro. Estou em uma fase muito delicada da minha carreira. O negócio de vocês é cuidar da reputação das pessoas. Bem, preciso que deem um jeito nessa situação. Isso não pode parar nos jornais.

Frank se virou lentamente para mim e ergueu uma das sobrancelhas.

— Os jornais são a menor das suas preocupações — falei.

— Bella é a nossa nerd de plantão. Desculpe... gerente de mídias digitais — explicou Frank.

— Reputação é um problema da internet hoje em dia. Morte por mil pixels. É um mundo completamente novo.

Declan Travis olhou para mim, incrédulo. Ele tinha pensado que eu era a secretária.

— Tudo bem, Sr. Travis — falei, abrindo o laptop. — Preciso que me diga tudo o que sabe sobre essa mulher. E-mail, conta no Twitter, perfil no Facebook, Snapchat, WhatsApp, tudo.

Ele olhou para mim como se eu estivesse falando polonês. Eles geralmente faziam isso.

* * *

De acordo com Travis, a coisa toda tinha começado várias semanas antes. Seu filho adolescente, que gostava de desperdiçar tempo no computador, como ele disse, tinha procurado despreocupadamente o nome do pai no Google e encontrara uma jovem mulher que tinha muito a dizer. Seu nome no Twitter era @Becca_Loura. A foto do perfil consistia em olhos azuis e franja loura oxigenada. Era impossível conseguir uma foto decente dela. Dei uma olhada em seus tuítes mais antigos.

Declan Travis não é o homem de família que gosta de aparentar.

Fui amante de Declan Travis por dois anos. Por que ninguém acredita em mim?

Ele gosta de fingir que é um homem de família, mas é um maníaco sexual pervertido e mentiroso. Ele me usou e acabou com a minha vida.

— O que acha?

Frank se posicionou atrás de mim e olhou para a tela.

Franzi o cenho.

— Difícil dizer sem um nome real. Vou interagir com ela, ver se consigo descobrir o que está acontecendo. Depois penso em como desacreditá-la.

Frank semicerrou os olhos e limpou o farelo de batata chips da minha tela.

— Nós achamos que ela está falando a verdade?

Olhei para as mensagens de @Becca_Loura no Twitter. Era uma mulher determinada.

— Não tenho certeza de que *ele* está.

* * *

Criei uma conta nova no Twitter com o nome de Alexis Carrington. É um dos meus favoritos: ninguém jovem o bastante para passar tempo em mídias sociais sabe quem ela é. Então mandei uma mensagem: “Por que as pessoas deveriam acreditar em você?”

A resposta veio em poucos minutos: “Por que eu mentiria? Ele não aparece na televisão há dois anos e é pelo menos vinte anos mais velho que eu!”

Ela estava certa.

“Então o que é isso?”, digitei. “Quer dinheiro? Por que não vende sua história para os tabloides? Pode conseguir umas vinte mil libras, no mínimo.”

“Não quero dinheiro”, respondeu. “Apenas que a verdade venha à tona. Ele me seduziu, prometeu que ficaríamos juntos, depois me dispensou. Ele é uma fraude. É

um...” Ela ficou sem caracteres. Mas entendi a ideia geral.

A mulher tinha treze mil seguidores. Dei uma olhada nas análises: cinco dias antes eram apenas seis mil.

— Isso não é nada bom — falei para Frank. — Ela não quer dinheiro.

— Todas elas querem dinheiro — disse ele.

— Não essa. Eu disse que ela poderia conseguir vinte mil, mas não pareceu interessada.

Ele xingou baixinho.

— Então temos uma difícil de lidar. Veja se consegue fazer com que ela desapareça. Se não, passe para a fase seguinte.

* * *

Travis telefonou naquela tarde. Dois jornais sensacionalistas tinham entrado em contato para questioná-lo sobre os rumores. Os jornais amavam o Twitter; não havia essa história de dia morno se pudesse noticiar que Kerry Katona e a ruiva do programa *Made in Chelsea* estavam batendo boca em mensagens de cento e quarenta caracteres. Eles só precisavam de uma manchete do tipo A AMANTE MISTERIOSA DE DECLAN TRAVIS e já tinham um lide de quinhentas palavras e uma desculpa para colocar uma foto de uma estrela de *reality show* com o rosto obscurecido.

— Eles estão acampados bem na minha porta! — gritou ele ao telefone. — Minha mulher está ficando maluca. Meus filhos não estão falando comigo. Meu agente disse que isso está arruinando as negociações com a ITV2. Vocês precisam *fazer* alguma coisa.

— Vamos fazer uma declaração — falei, tentando acalmá-lo. — Vamos negar tudo e ameaçar processar qualquer um que diga o contrário. Além disso, criamos uma conta no Twitter para você. Vamos usá-la para postar mensagens positivas, fotos suas com a sua família. E estamos fechando o cerco em torno da “Becca”. Mas, Sr. Travis...

Hesitei. Não foi difícil; eu tinha acabado de abrir um pacote de salgadinho sabor bacon e o cheiro era inebriante.

— O quê?

— Está mesmo nos contando tudo? Se não soubermos de absolutamente tudo, não vamos poder travar essa batalha por você.

A voz dele era um ruído áspero.

— Estou falando a verdade. Não faço ideia de quem é essa mulher. Ou por que diabo ela está tentando destruir a minha vida.

* * *

Não sei por que eu não acreditava nele. Não que esse tipo de garota exibicionista não existisse, com apliques de cabelo e sapatos de dançarina de pole dance, tão desesperadas por atenção que alegariam ter dormido com todo o time do Manchester United em troca de duas semanas de fama, algumas capas do *Enquirer* e uma vaga em um *reality show*. Mas @Becca_Loura era diferente. Eu nunca tinha me deparado com alguém que se

importava com “a verdade”. Aquilo me deixou nervosa.

Ao fim daquela tarde ela já tinha vinte e oito mil seguidores.

Mandei uma mensagem direta para ela. Escrevi: “Sou amiga do Declan. Não acredito que ele tenha dormido com você. Ele é um cara legal.”

“Isso é o que ele quer que todo mundo pense. Eu posso provar”, respondeu ela. Fiquei esperando.

“Ele tem uma cicatriz na nádega esquerda no formato da cabeça do E.T.”

Quando dei esses detalhes a Declan, o rosto dele empalideceu.

— Qualquer pessoa pode saber disso — retrucou ele. — Pode ser a minha massagista. Pode ser a mulher que faz o meu bronzeamento artificial.

Então contei a ele sobre a outra característica identificadora que ela havia mencionado. As sobrancelhas de Frank foram parar na linha do cabelo e ele falou que provavelmente era um pouco cedo para dizer aquele tipo de coisa, obrigado, Bella, e levou o Sr. Travis para tomar um drinque reanimador.

* * *

Declan Travis se tornou um pesadelo para o escritório Frank Digger e Associados. Dois jornais veicularam a história no dia seguinte. SR. CERTINHO DA TV EM DRAMA DE INFIDELIDADE, dizia uma das manchetes, e, em seguida, ESPOSA SAI CARRANCUDA DA CASA DA FAMÍLIA. Em outra lia-se simplesmente: DECLAN INFIEL?, acompanhada de uma seleção de fotos de seus melhores momentos na programação matinal.

A maioria envolvendo garotas de biquíni.

— Temos quarenta e oito horas antes de os jornais mais sérios começarem a explorar a história — disse Frank, coçando a cabeça.

Veiculariam matérias com títulos como “Por que os homens têm tanta dificuldade em ser fiéis hoje em dia?”, o que serviria de desculpa para repetir os detalhes mais sórdidos publicados nos tabloides. Enquanto isso, Travis estava exaltado. Engolia comprimidos de Valium como se fossem pastilhas. Seu agente ligava umas quatorze vezes por dia. @Becca_Loura tinha cinquenta e quatro mil seguidores. Eu passara dois dias criando contas falsas no Twitter para contradizê-la. Frank me olhou fixamente.

— É um código vermelho — disse ele.

— Ele vai pagar? — perguntei.

— Ah, ele vai pagar agora — respondeu Frank.

Liguei para Buzz.

— Preciso que você rastreie uma conta — sussurrei. — Nos termos de sempre.

Três horas depois, quando ele me ligou de volta, rabisquei o endereço no meu caderninho. E então me recostei na cadeira e fiquei olhando para o que tinha acabado de escrever.

* * *

Ela estava on-line naquela tarde. Sentada dentro do carro, abri o aplicativo do Twitter no celular.

“Oi, Becca”, enviei para ela.

“Acredita em mim agora?”, escreveu ela.

“Sim. Acredito que você dormiu com Declan Travis. Será que podemos conversar mais sobre isso?”

“Eu já disse. Não estou interessada em ir aos jornais. Não me importo com o que estão dizendo.”

“Eu não estava me referindo aos jornais”, digitei. “Venha até o carro. Está estacionado bem em frente à sua casa.”

* * *

Sally Travis era o tipo de loura que um dia tinha sido chamada de “atrevida”, passara a “atraente” e agora podia ser descrita como “conservada e provavelmente desejada em segredo pelo presidente do clube de golfe”. Ela abriu a porta do meu carro, esperou enquanto eu limpava os farelos de batata chips do banco do carona e se sentou.

— Eu tinha que fazer alguma coisa — disse ela. Acendeu um cigarro entre os dedos com unhas meticulosamente feitas e soprou um grande e perfeito anel de fumaça. — Ele já era. Não recebeu nenhuma oferta em seis meses, a não ser para participar de um episódio de *Pets in Crisis* e da cobertura do feriado do *Anthea’s Antiques*.

— Ele não sabe que você está por trás disso?

— É claro que não sabe — disse ela, exausta. — É burro feito uma porta, coitado. Se soubesse a verdade, já teria dado com a língua nos dentes semanas atrás. Só achei que assim poderíamos melhorar a imagem dele, fazer com que ele parecesse... interessante de novo. Você sabe, relevante.

Eu a encarei.

— Ele está louco de preocupação.

Ela semicerrou os olhos.

— Sei que você me acha uma pessoa horrível. Mas, olha, acabei de falar ao telefone com o agente dele. Só hoje de manhã já recebemos uma proposta para aparecer no *Loose Talk* e duas exclusivas com o *Sundays*. E o melhor de tudo: os programas matinais voltaram a procurá-lo. É o que ele ama.

Ela abriu um sorriso discreto.

— Ah, eu sei que ele está um pouco abalado agora, mas vou contar tudo para as crianças. E, quando ele perceber todas as coisas que conseguiu por causa disso, vai ficar absolutamente maravilhado.

Ela expirou e soprou outro anel de fumaça perfeito pela janela.

— Além do mais, não dá para ficar com ele atrás de mim o dia inteiro, Bella. Ele me deixa maluca. — Ela se virou e olhou para mim. — O que foi?

O salto alto dela esmagou um salgadinho perdido.

— Gostaria de um emprego? — perguntei.

* * *

Eu estava de volta ao escritório às quatro. O trânsito na M3 estava horrível, mas não me importei. Fui cantando com o CD, comi meus dois pacotes de emergência de salgadinhos sabor cebola e refleti sobre as complexidades do amor duradouro. Não era um assunto

com o qual eu deparava muito na minha área de atuação.

Sally Travis e eu tínhamos discutido a situação por mais meia hora. Concordamos que @Becca_Loura ia desaparecer tão abruptamente quanto tinha surgido. Declan ia continuar sem saber de nada. Ninguém conseguiria provar nada contra ele, mas a mera insinuação de infidelidade matrimonial, de maneira perversa, o favoreceria junto às donas de casa. E íamos colocar uma matéria de quatro páginas na próxima edição da OK! — DECLAN E SALLY TRAVIS: “MAIS UNIDOS DO QUE NUNCA DEPOIS DE VINTE ANOS DE CASADOS.” As mulheres leriam em solidariedade a Sally. Os maridos iriam folheá-la com uma ponta de inveja pelo fato de aquele macaco velho ainda ter charme. Eu tinha telefonado para um contato na revista, e eles estavam totalmente dispostos a veicular a matéria. O valor que iam pagar já seria suficiente para cobrir os honorários da Frank Digger e Associados.

Fui diretamente para o escritório de Frank, entrei sem bater e me sentei no sofá de couro.

— Pode dizer ao Declan que Becca não é mais um problema. Tudo que ele precisa fazer agora é ficar sentado esperando as ofertas de trabalho caírem no colo dele.

Apoiei as pernas no tampo de vidro da mesinha de centro e cruzei os pés ostentando um ar intencional de desinteresse.

Levei alguns minutos para me dar conta de que ele não parecia feliz.

— O que foi?

— Não estava ouvindo o rádio?

— Não — respondi. — Está quebrado. Por quê?

Frank apoiou a cabeça entre as mãos.

— Eu não consegui impedi-lo.

— Impedir o quê? — perguntei. — Frank, não estou entendendo. O que está acontecendo?

— Não consegui impedi-lo de falar. — Frank balançou a cabeça, abalado. — Você estava certa o tempo todo, Bella. Declan Travis acabou de aparecer na televisão admitindo ter um caso de três anos com a maldita maquiadora.

Tarde de amor



Eles só podem entrar no quarto depois das duas. Nem um minuto antes. Regras do hotel, explica a recepcionista.

— Na verdade está vazio desde as onze, mas o gerente diz que, se fizermos isso por uma pessoa...

Ela dá batidinhas no nariz com ar cúmplice.

Sara faz que sim com a cabeça. Não se importava em esperar. Assim teria tempo para se acostumar. Não esperava estar ali naquele dia, em um hotel quatro estrelas em estilo jacobino no interior de Suffolk, com jardins meticulosamente cuidados e código de vestimenta. Esperava estar em casa, separando uniformes escolares e tirando resíduos de lancheiras e bolsas de ginástica, quem sabe uma ida ao supermercado. A rotina do fim de semana.

Mas Doug tinha entrado na cozinha logo depois do café da manhã, as crianças atrás dele, e anunciado de maneira teatral que ela deveria tirar as luvas de borracha e passar um pouco de maquiagem.

“Por quê?”, perguntou distraída.

Estava tentando ouvir o rádio.

“Porque vamos deixar as crianças na casa da minha mãe e vou levar você para passar a noite comigo.”

Ela o encarou.

“Para comemorar o aniversário de casamento de vocês”, acrescentou a filha.

“Nós sabíamos de tudo”, disse Seth, o mais novo. “Papai quis fazer uma surpresa.”

Ela havia tirado as luvas de borracha.

“Nosso aniversário de casamento foi semanas atrás.”

“Bem... feliz aniversário de casamento atrasado.”

Ele a beijou. Atrás dele, Seth fez barulhos de vômito.

“Mas... quem vai cuidar do cachorro?”, perguntou ela.

Uma irritação tomou de súbito a expressão dele.

“Deixamos comida para ele. São só vinte e quatro horas.”

“Mas ele vai se sentir sozinho. E vai fazer bagunça.”

“Então o levamos para a casa da minha mãe.”

A mãe dele odiava cachorros. Sara pensou que teria de se lembrar de mandar flores para Janice como pedido de desculpas. Não quero sair, ela pensou de repente. Quero arrumar a casa. Quero que você conserte o interruptor do banheiro, como está me prometendo há dois meses. Mas se forçou a abrir um sorriso amável enquanto a filha

apontava para uma mala de fim de semana.

“Coloquei o seu vestido azul”, disse Tamsin. “E os saltos altos de cetim.”

“Vamos, vamos!” Doug bateu palmas, como o guia de um grupo de turistas malcomportados. No carro, ele colocou a mão na perna dela. “Tudo bem?”

“Quem é você?”, perguntou ela. “E o que fez com o meu marido?”

As crianças riram. Na casa dos avós, assistiriam à tevê a cabo e tomariam copos do xerez da avó escondidos antes do jantar.

* * *

O quarto dá para um lago. É dominado pela maior cama que ela já viu. Distraída, pensa que as crianças e o cachorro também poderiam ter ido e ainda haveria lugar para mais um. Tem chá e café e até biscoitos caseiros em uma pequena lata. Ele menciona isso duas vezes, como se quisesse reafirmar como o hotel é esplêndido. Dá uma gorjeta ao homem que traz as malas, Tateando os bolsos em busca de troco, e depois, quando a porta se fecha, restam apenas os dois, os olhos observando tudo em silêncio.

— Então — diz ele.

— Então.

— O que fazemos agora?

Estão casados há quatorze anos. Antes, essa pergunta não seria feita. Antes, talvez treze anos atrás, eles iriam para a cama no meio da tarde, levando pratos de torrada que acabariam intocados e frios no chão. Havia alguma coisa deliciosamente luxuriosa em ir para a cama no meio do dia, enquanto o restante do mundo estava trabalhando.

Agora ela fica imaginando se a filha se lembrou de colocar as lentes de contato na mala e quando vai ter tempo de lavar os uniformes da escola.

Ela olha para ele, aquele homem, andando pelo quarto enquanto tira as roupas da mala e alisa calças que depois pendura no cabide. Faz cinco semanas e dois dias desde que fizeram amor pela última vez. Aquela ocasião terminou prematuramente quando Seth passou mal e gritou do fim do corredor que a capa de seu edredom precisava ser trocada. Ela se lembra de ter se sentido levemente aliviada na hora, como se tivesse sido dispensada da aula de educação física na escola.

— Quer dar uma volta? — pergunta ele. Está olhando pelas portas envidraçadas que dão para a varanda. — O terreno parece bonito.

Ele fez todo aquele esforço, mostrou que depois de todo aquele tempo pode ser generoso, impulsivo, imprevisível. Ela não deveria ao menos fazer o mesmo?

Ela se senta na cama, se inclina para trás em uma posição que poderia ser interpretada como sedutora e tenta não se sentir constrangida.

— Nós podíamos... ficar aqui — responde, esticando uma das pernas. E se dá conta de que está corando.

Ele se vira na direção dela.

— Ótima ideia. Vamos pegar um DVD — diz ele. — Dá para alugar na recepção. Eles têm *Serpentes a bordo*, estou querendo ver esse filme há um tempão.

* * *

São quatro e quinze da tarde, e ela está deitada na cama gigante, assistindo a um filme sobre cobras em um avião. O marido está ao seu lado. Os pés, ainda de meias, se contorcendo quando ele ri. Ela olha pela janela para o céu azul. Quando tinham ficado daquele jeito? Não depois do nascimento do filho mais velho. Ela se lembrava da enfermeira recomendando sem rodeios que eles fizessem sexo assim que possível. “Vão para a cama quando ele dormir”, aconselhara enquanto eles a encaravam, pálidos e abatidos por causa das primeiras semanas como pais. “No cochilo da tarde. *Curtam* um ao outro.” Eles tinham olhado para a mulher e depois se entreolharam como se quisessem confirmar que ela era realmente doida. Ir para a cama? Quando o apartamento estava soterrado de fraldas e roupas sujas de bebê? Quando o corpo dela ainda vazava involuntariamente nos lugares mais inomináveis? Mas eles tinham ido para a cama e, agora ela se dava conta, tinha sido incrível. Havia rido da indecência da situação, exultantes pela existência do filho e pelo seu papel na criação dele.

— A que horas vamos voltar para casa amanhã?

— O quê?

Ele desvia o olhar da televisão.

— Acabei de lembrar que precisamos pegar o violino do Seth na casa dos Thomas. Ele deixou lá na sexta. E a aula de violino é na segunda de manhã.

— Temos mesmo que pensar nisso agora? — pergunta ele, irritado.

— É melhor do que pensar em pítons.

Ela não raspou as pernas nem as axilas. E se dá conta de que na verdade odeia surpresas.

— Não está gostando do filme?

— É ótimo.

Ele a encara.

— Eu sabia. Você *realmente* queria aquele com Kate Winslet.

— Não... Eu só preciso deixar as coisas organizadas antes de relaxar.

— Será que... você... pode... esquecer... as... crianças... por... cinco... minutos?

— diz ele, com uma paciência exagerada.

— Você não pode simplesmente me catapultar para fora da nossa vida e esperar que eu finja que não há coisas que precisam ser feitas.

Ele pausa o DVD e se apoia em um dos cotovelos.

— Por quê? — pergunta. — Por que não consegue desligar?

— Porque alguém precisa se lembrar dessas coisas, Doug, e essa pessoa não costuma ser você.

Ele fecha a cara.

— Ah, que ótimo...

— Só estou expondo um fato.

— Bem, o que eu preciso fazer? — diz ele. — Você reclama que eu não lhe dou valor, e quando finalmente faço uma coisa que você queria, proporciono um pouco de romance, você fica tagarelando sobre aulas de música e me criticando.

— Romance? Você chama assistir a um DVD sobre cobras de *romance*? Céus, Doug. Eu nem quero saber o que você ia planejar quando *não estiver* se sentindo romântico.

Ele olha para ela, admitindo o primeiro sinal de estranheza.

— Certo. Bem, o que você quer fazer?

— Eu pensei... — Começa ela, em seguida suspira e remexe na colcha da cama. — Eu pensei...

Ele olha para ela atentamente.

— Ah. Você pensou que nós íamos...

Ela se contém.

— Você fala como se eu estivesse esperando alguma coisa bizarra.

— Se quer fazer amor, tudo bem. — Ele dá de ombros. — Podemos ver o fim do filme mais tarde.

— Ah, o último dos românticos.

— Mas que inferno, Sara. O que você quer que eu diga?

— Nada — responde ela, furiosa. — *Nada*.

— Não, é isso mesmo. Porque eu *não consigo* dizer nada do maldito jeito certo. Nem *fazer* alguma coisa certa.

Ele desliga o DVD em uma espécie de protesto, e os dois ficam sentados em silêncio, ouvindo os barulhos distantes do hotel, os passos esporádicos no corredor, o ruído abafado de uma bandeja de serviço de quarto sendo recolhida. Ela observa, pelo canto do olho, como a barriga dele está pressionada pela cintura da calça. Ele se recusa a comprar calças um número maior, mesmo que já esteja claro que precisa. As crianças o chamam de “Bolo Fofó” pelas costas.

— Temos uma reserva para jantar às oito — diz ele, por fim. — Dizem que a comida aqui é fantástica.

— Ótimo.

— Pedi para Tess colocar na mala aquele seu vestido azul. Aquele que eu adoro.

— Na verdade não fica muito bem em mim — comenta Sara, insegura. — Sabe se ela colocou mais alguma coisa na mala?

Ela suspeita de que não vai conseguir comer nada sem arrebentar as costuras laterais do vestido.

— Não sei. Podíamos descer um pouco — diz ele. — Parece que servem um ótimo chá. Podemos tomar no jardim.

Ela balança a cabeça, imaginando bolos com muitas calorias, éclairs em guardanapos de papel bordado.

Costuras arrebentando.

— Melhor não, se temos um belo jantar pela frente.

— Bem... — Ele dá batidinhas na cama e sorri timidamente. — Você quer...?

Faz-se um longo silêncio.

Ela abraça os joelhos.

— Para falar a verdade, não. Não agora.

Ele revira os olhos.

— Bem, e o que você *quer* fazer?

— Não faça essa cara — diz ela.

— Que cara?

— Durante anos, Doug, você esqueceu o meu aniversário. E o nosso aniversário de casamento. E o Dia dos Namorados. E agora faz um gesto grandioso e de repente tudo deve ficar bem? Um DVD em uma cama gigante e eu devo esquecer tudo?

Ele está sentado, virando as pernas de forma a ficar de costas para ela.

— Ah, tem sempre algo errado. Eu nunca consigo acertar. Volto para casa todas as noites, ganho um bom salário, ajudo com os nossos filhos. Reservo para nós uma fuga romântica. Mas não. Ainda não é suficiente.

— Eu agradeço... — protesta ela. — Mas ainda está de dia. Parece... constrangedor. É como se... estivéssemos atropelando tudo.

— Mas não temos duas semanas de férias! O que diabo eu devo fazer, Sara? Parece que nada é suficiente para você.

— Não coloque a culpa toda em mim — esbraveja ela. — Não me culpe por ter esquecido completamente a arte da sedução. Uma andorinha só não faz verão.

— Tudo bem! — grita ele. — Vamos esquecer isso. Vamos arrumar as malditas malas e voltar para casa. Eu vou ao banheiro — diz ele, antes de bater a porta.

— Você esqueceu suas palavras cruzadas! — retruca ela e joga o jornal na direção dele.

Silêncio.

Ela olha para o próprio reflexo no espelho, a mulher irritada e com ar cansado vestindo uma blusa azul-clara. Ela observa e aos poucos imagina um tipo diferente de mulher: cabelo despenteado, voraz, feliz por agarrar seu amado em qualquer janela lasciva de oportunidade, por menor que seja. Sua vizinha Kath certa vez confidenciou que ela e o marido davam uma “rapidinha” depois de deixar os filhos na escola. “Estamos conseguindo fazer em seis minutos”, dissera. “Para ele não perder o ônibus das 8h40.”

Sara olha, depois faz um beicinho tímido para o reflexo, sentindo-se imediatamente tola. Então estremece ao ouvir uma batida na porta.

— Serviço de quarto.

Doug não consegue ouvir por causa do barulho da ventilação do banheiro. Ela abre a porta e um homem entra empurrando um carrinho com um balde de champanhe e duas taças.

— Sr. e Sra. Nicholls.

— Ah — diz ela quando o homem começa a abrir a garrafa, cantarolando baixinho. — Nossa. Isso é... muito gentil.

Ela não sabe muito bem o que fazer. Olha pelas portas envidraçadas da varanda, como Doug havia feito. Além de culpada, sente-se uma pessoa horrível. Pergunta-se rapidamente se deveria estar procurando trocados para uma gorjeta.

— Essas mordomias corporativas são ótimas, não são? — comenta o homem alegremente.

— Como assim?

— As viagens de cortesia. Vocês são o quarto casal da Trethick-Johnson que recebemos esta semana. O seu marido é gerente, não é? Todos os gerentes também estão ganhando champanhe de cortesia. Mas acho que alguns prefeririam um bônus em dinheiro.

Sara o encara por um momento e em seguida aceita a taça que ele oferece.

— É — diz ela, olhando para o champanhe. — É, acho que sim.

— Ainda assim, champanhe é champanhe, certo? — Ele faz um cumprimento quando sai do quarto. — Aproveitem.

Ela está sentada na cama quando Doug enfim sai do banheiro. Ele olha para o balde de champanhe e em seguida para ela. Parece cansado, exausto. Ela pensa em como ele tem trabalhado duro nos últimos meses.

— O que é isso?

Ela reflete por um momento.

— Oferta especial — responde. — Acho que vem com o quarto.

Ele assente, aceitando, e depois volta a olhar para ela.

— Sinto muito — murmura ele.

Ela lhe estende uma taça.

— Eu também.

— Você está certa. É tudo um pouco...

Há rugas novas e profundas que marcam seu rosto do nariz até o meio do queixo.

— Doug. Não. — Ela abre um sorriso. — Champanhe é champanhe, certo?

Eles se sentam lado a lado na cama. Lentamente, aproximam os pés até se tocarem. Ele inclina a taça na direção da dela. As bolhas são como bolinhas de chumbo desaparecendo em sua garganta, como munição.

— Eu estava pensando, vou consertar aquela luz do banheiro quando voltarmos — diz ele. — Não deve demorar muito.

Ela bebe outro longo gole do champanhe e fecha os olhos.

Do lado de fora, ouve pessoas tomando chá no jardim, o ruído de pneus na entrada de cascalho. O barulho de risos sobe até sua janela. Sara abre os olhos e apoia a cabeça de leve no ombro dele.

São vinte para as cinco da tarde.

— Sabe — diz ela —, ainda faltam muitas horas para o jantar...

Um pássaro na mão



Eles sempre discutiam a caminho das festas. Ela nunca conseguia simplesmente relaxar, dizia Simon enquanto ligava o carro. Não quando eles já estavam meia hora atrasados, não conseguia, não, retrucava ela, ainda ajeitando o cabelo no espelho do carona.

Talvez fosse porque ela sempre ficava sentada perto dos chatos. (Por vezes cronometrava quanto tempo levava para que um homem lhe perguntasse o que fazia; seu recorde atual era pouco menos de duas horas.) Talvez fosse o fato de que acabava sempre sendo ela quem não bebia para voltar dirigindo. (Isso nunca era discutido. Ela perguntava: *Quem vai dirigir?* E recebia de volta, inevitavelmente, um olhar horrorizado e brincalhão e uma confissão de que ele já tinha bebido várias doses.) Mas o pior era que aquela festa ia ser em uma tenda, fato de que só se lembrou quinze minutos depois de finalmente sair de casa. Usando saltos altos de cetim cinza.

— Tudo bem se eu beber? — perguntou Simon quando eles entraram com o carro no estacionamento de cascalho. — Eu dirigi da última vez, caso não lembre.

Krista Nightingale (Beth sempre suspeitara de que ela havia inventado esse nome) era uma *coach* pessoal e ex-vizinha. Nada de festas mundanas para ela; suas “reuniões” aconteciam em quartéis de bombeiros desativados ou igrejas à luz de velas. Ela estava sempre investigando novos métodos de desintoxicação ou desaparecendo em viagens patrocinadas por clientes ricos. Simon insistira para que Beth perguntasse a ela como poderia fazer o mesmo (“Você é boa em mandar nas pessoas”), mas Beth nunca fora muito boa em estabelecer contatos. Tudo parecia de alguma forma tão calculista, elogiar a bolsa de alguém ao mesmo tempo em que tentava surrupiar sua agenda de contatos.

— Uau — disse Simon, olhando para a tenda vermelha estilo marajá que ocupava todo o jardim de Krista.

Em volta da tenda, os canteiros exibiam toda a sua glória florida, exalando perfume no ar morno da noite. Lanternas chinesas pendiam das árvores, emitindo uma suave luz vermelha ao pôr do sol.

— Piso de juta — disse Beth, em desespero.

— Ah, vamos, amor. Veja o lado bom. É lindo!

— Lindo se os seus saltos não forem se enterrar naquele piso feito espetinhos de carne.

— Bem, use outros sapatos.

— Poderia ter sido um ótimo conselho uma hora atrás.

— Posso emprestar os meus.

— Que engraçadinho.

— Beth! Você está deslumbrante!

Krista vinha na direção deles pelo chão de capacho. Era uma daquelas mulheres que se movimentam sem esforço por entre as pessoas, coletando informações que depois redistribuía em porções perfeitamente apropriadas, como uma espécie de Robin Hood social.

— Todo mundo já está aqui! Não, não se preocupe! Não se preocupe! — Ela abanou a mão quando Beth começou a se desculpar. Beth olhou para aquela testa perfeitamente lisa e se perguntou se ela usava Botox. — A comida está atrasada de qualquer forma. Venham, deixem-me pegar um drinque para vocês.

— Eu cuido disso. Esse lugar está absolutamente incrível, Krista. Apenas me diga onde fica o bar.

Simon deu um beijo no rosto de Krista e desapareceu. Ele ficaria lá por uma boa meia hora, pensou Beth. Comendo petiscos.

E esperando que o mau humor dela passasse.

Krista a conduzia para dentro da tenda.

— Você conhece os Chisholm, não conhece? E os McCarthy? Humm. Ah, olhe — disse ela. — Deixe-me apresentá-la ao Ben. Ele trabalha na mesma área que você.

E lá estava ele, parado diante dela, erguendo lentamente a mão.

— Na verdade — observou ele, enquanto Beth ficava com a boca completamente seca —, já nos conhecemos.

O olhar dela se desviou para onde o marido estava, provando todos os petiscos típicos de Bombaim.

— É. — Ela olhou para Krista e engoliu em seco, recuperando o sorriso. — Nós... nós costumávamos trabalhar juntos.

Krista parecia encantada.

— Sério? Que coincidência! O que você fazia?

— Costumávamos fazer folhetos juntos. Eu escrevia o texto e Ben cuidava das imagens.

— Até que Beth foi embora.

— É. Até que eu fui embora.

Eles se encararam por um momento. Ele parecia exatamente o mesmo, pensou ela — não, *melhor*, droga —, e então reparou na mulher ruiva sorrindo para ela.

Ben olhou por um instante para os próprios pés.

— E esta é a minha mulher, Lisa.

— Parabéns. — Abriu um sorriso rápido e homogêneo. — Quando se casaram?

— Faz um ano e meio.

— Foi rápido. Quer dizer... você não era casado quando trabalhávamos juntos.

— Foi um romance arrebatador, não foi, amor?

A mulher passou o braço pelo ombro dele, e havia uma insinuação de posse na forma como sua mão permaneceu no colarinho.

Ben assentiu.

— E o seu marido? Você está...

— Estou o quê? Ainda com ele? — Ela falou isso de forma mais irritadiça do que pretendia. Ensaiou uma risada, tentando fazer parecer que era uma piada.

— ... com ele aqui?

Ela se recompôs.

— Estou. É claro! Ele está ali, no bar.

O olhar dele se demorou demais, avaliando.

— Acho que nunca fomos apresentados.

— Não, acho que não.

Ela sentiu a mão de Krista em suas costas.

— Vamos nos sentar em dois minutos. Com licença, vou ver como estão as *pakor*as. Beth, você não é vegan, é? Tenho certeza de que alguém disse que era. Porque temos tofu com curry.

— Foi bom ver você, Beth.

Ben já estava se virando.

— Igualmente.

Ela manteve o sorriso por todo o caminho pelo salão até onde Simon estava.

* * *

— Estou com dor de cabeça.

Simon jogou um amendoim na boca.

— Mas eu ainda nem tirei a calça.

— Engraçadinho. Temos mesmo que ficar? Prefiro ir para casa.

Ela olhou para a tenda lotada. Conforme a noite caía, o cheiro das rosas e da grama recém-cortada se misturava com o aroma dos temperos indianos. Sentado de pernas cruzadas em uma almofada no canto, um homem tocava acordes melódicos em uma cítara. Os ingleses não eram muito bons em se sentar no chão, pensou ela distraída. Não eram flexíveis o suficiente. Do outro lado do salão, um homem amarrava um guardanapo na cabeça em uma péssima imitação de um turbante, e ela estremeceu por ele.

— Eu realmente estou com dor de cabeça.

Simon deixou que o barman enchesse seu copo.

— Você só está cansada. Não podemos ir embora antes de servirem a comida. — Ele a abraçou e olhou para ela com ar zombeteiro. — Agente só mais algumas horas. Vai se sentir melhor depois que comermos.

* * *

Havia um lugar vazio à sua esquerda. Ela soube assim que leu o nome cuidadosamente escrito ao lado do dela que tinha sido inevitável.

— Ah — disse ele quando viu.

— É — respondeu ela. — Sorte a sua.

— Sorte a nossa.

Por que tinha concordado em ir naquela noite? Poderia ter dado oitenta e nove desculpas, incluindo o fato de que precisava pesquisar sobre doenças raras no Google ou talvez tricotar uma manta com os pelos do gato. Mas como tinha ido parar a centímetros daquele homem — que não fazia nem dois anos tinha virado a vida dela de cabeça para baixo?

O homem que a transformara de esposa invisível e desvalorizada em deusa do sexo, gata sedutora. Uma adúltera.

Ela se voltou determinada na direção do homem corado ao seu lado.

— Então — começou —, o que você faz? Quero saber tudo sobre você. Tudo!

Antes mesmo de terminar a entrada, Beth já sabia tudo de que precisaria saber na vida sobre proteção contra umidade, gesso modificado por polímero e vazamento de água. Não que tivesse registrado muito do que o homem grandalhão dissera, de qualquer forma; todos os seus sentidos estavam concentrados em Ben à sua esquerda, em Ben rindo, conversando com a mulher ao lado dele.

Mas então, depois de uma série de observações interessadas sobre membranas de isolamento e paredes duplas, Henry, o consultor de isolamento contra umidade, saiu para fumar um cigarro no jardim, e restaram apenas eles dois, abandonados naquela parte da mesa.

Ficaram sentados em silêncio por alguns minutos, olhando para os arranjos florais.

— Linda festa.

— É.

— Você está ótima — comentou ele.

— Obrigada.

Ela lamentou não estar usando o vestido vermelho. Por que não tinha colocado o vestido vermelho?

— Está trabalhando? — perguntou ele.

— Estou. Em uma pequena empresa de marketing no centro da cidade. E você?

— Ainda estou na Farnsworth's.

— Ah.

Eles voltaram a ficar em silêncio enquanto uma garçonete adolescente lhes entregava, insegura, pratos limpos.

Beth voltou a encher o copo.

— Parabéns. Pelo casamento.

— Obrigado. Foi inesperado.

— Do jeito que você fala faz parecer que foi um acidente.

Ela tomou um longo gole de vinho.

— Não. Só inesperado, como eu disse. Não achei que fosse me envolver com ninguém. Não por um bom tempo.

— É. Você nunca foi muito de compromisso, né?

Ela sentiu o olhar dele e corou. Cale a boca, disse para si mesma. Simon está a apenas alguns metros de distância.

A voz dele passou a um murmúrio.

— Vamos realmente fazer isso?

Beth sentiu uma impetuosidade crescendo dentro dela. Quantas vezes quisera ter essa conversa? Quantas vezes havia ensaiado todas as coisas que queria dizer a ele? Quando se sentaram à mesa, ela meio que esperara que ele simplesmente se levantasse e saísse. Como ele podia ficar sentado ali, comendo e bebendo, e se comportar como se nada tivesse acontecido?

— Você realmente quer discutir isso agora, Beth?

Ela ergueu o copo. O marido ria de alguma coisa que Krista estava dizendo. Ele olhou

para ela e deu uma piscadela.

— Por que não? — respondeu ela, acenando de volta. — Faz só dois anos. Acho que é tempo suficiente para adiar uma discussão.

— Engraçado — observou ele com um sorriso amargo —, eu não me lembro de você ser assim tão raivosa.

— Raivosa? — retrucou ela com sarcasmo. — Por que eu teria raiva?

— Não sei. Especialmente considerando que, se lembro direito, foi você que tomou todas as decisões.

— Decisões?

Ben se inclinou um pouco mais para perto dela.

— De não me encontrar? De não discutir o que tínhamos prometido que íamos discutir?

— *Não me encontrar com você?* — Ela se virou e o encarou. — Estamos falando da mesma relação?

— Beth, querida, poderia passar o vinho? — A voz de Krista interrompeu a conversa.

Ela ergueu a garrafa de vinho de forma abrupta, como se tivesse ganhado um prêmio.

— Sem dúvida — disse, a voz exageradamente alta.

— No dia que você foi embora — sussurrou ele ao lado dela —, íamos nos encontrar no Old Hen, para podermos discutir o nosso futuro. E você nem ao menos apareceu. Eu sabia que você estava tendo dificuldade de lidar com as coisas, mas nem um telefonema, nem uma explicação? Nada?

— No Old Hen?

A voz de Krista outra vez.

— E o branco? Desculpe, querida. Não alcanço daqui.

— Claro!

Ela se inclinou para a frente com a garrafa gelada.

— E você sabia que eu não tinha como falar com você depois que devolvesse o seu telefone do trabalho. O que eu deveria pensar? Não acha que, depois de tudo que vivemos, tudo que prometemos um ao outro, eu merecia um pouco mais do que simplesmente levar bolo?

A voz dela tornou-se um sussurro.

— Era no Coach and Horses. Combinamos de nos encontrar no Coach and Horses. E foi você que não apareceu.

Eles se entreolharam.

Lisa surgiu entre eles. Beth notou, com uma vaga satisfação, que Ben estremeceu de leve quando a mão dela tocou seu ombro.

— O que achou do patê de lentilha, querido?

— Delicioso!

Abriu um sorriso que parecia ter sido jogado no rosto dele.

— Achei mesmo que você ia gostar. Krista vai me dar a receita.

— Ótimo!

Houve um breve silêncio constrangedor.

Lisa assentiu ironicamente.

— Negócios, né? Tudo bem... Podem voltar para as discussões sobre marketing agora. Estou tentando achar o banheiro.

— É ali. — Beth apontou para as pessoas reunidas. — Na casa principal.

— No Coach and Horses? — repetiu Ben enquanto sua mulher se afastava.

O arroz foi colocado diante de Beth. Ela o passou para Ben, sentindo uma corrente elétrica quando suas mãos se tocaram.

— Eu esperei por duas horas.

Eles se encararam. Por um momento a tenda desapareceu. Ela estava lá em uma quinta-feira chuvosa, enxugando o choro com a manga em um pub vazio.

— Ouvi vocês falando sobre pubs? — perguntou Henry voltando a se sentar à direita dela.

— Sim. — Ela engoliu em seco. — Sobre o Coach and Horses.

— Ah, eu conheço esse. Perto do rodoanel, não é? Não costuma ser bastante movimentado?

Os olhos dela encontraram os de Ben.

— Não tão movimentado quanto alguns de nós gostariam, aparentemente.

— É uma pena. Muitos pubs parecem estar indo por esse caminho por aqui. São os proprietários dos imóveis, sabe? Cobram aluguéis extorsivos. Vão levar todos à falência.

Eles ficaram sentados e comeram o prato principal, alguma coisa com peito de frango. Ela não sabia ao certo.

Não conseguia mais sentir o gosto de nada.

— Gostaria de mais um pouco de vinho?

Ela observou a mão dele enquanto servia, lembrando-se de como adorava o formato de seus dedos. Mãos masculinas perfeitas, dedos longos e fortes com pontas quadradas, ligeiramente bronzeados, como se tivessem trabalhado ao ar livre. Sempre comparara as mãos do marido às dele de maneira depreciadora e se odiava por fazê-lo.

— Não sei o que dizer — disse ele.

— Não há nada a dizer. Você está casado, eu estou casada. Seguimos em frente.

Ela sentiu uma leve pressão e se deu conta, chocada, de que era a perna dele tocando a sua.

— Você seguiu? — perguntou ele baixinho, e as palavras a atravessaram como um abalo sísmico. — Mesmo?

Ela havia comido metade de uma mousse de chocolate, e as xícaras de café estavam vazias diante deles. Ela passou o dedo pela borda da taça de vinho enquanto observava a mulher ruiva de Ben conversando animadamente com um grupo de pessoas do outro lado da mesa comprida. Aquela poderia ser eu, pensou Beth.

— Durante todo esse tempo — falou Ben baixinho —, nós dois estávamos achando que o outro tinha dado para trás.

A perna dele ainda estava encostada na dela. Beth não gostava de pensar em como ia se sentir quando se afastasse.

— Achei que você havia se cansado da minha indecisão.

— Eu tinha passado a melhor parte do ano esperando. Teria esperado mais.

— Nunca me disse isso.

— Esperava não ter que dizer.

Ela havia sofrido por ele. Sozinha, escondendo do marido, que não suspeitava de nada. Lágrimas durante o banho ou no carro, lágrimas por perder o que poderia ter vivido e por se sentir culpada pelo que *tinha* vivido. Mas, mesmo então, com um vago

alívio porque uma decisão fora tomada. Sua natureza não era a de uma pessoa de duas caras; *aquilo* a deixara incapaz de se concentrar em qualquer coisa — trabalho, casa, família. E a ideia de partir o coração de Simon tinha sido quase insuportável.

Ben se inclinou na direção dela, os olhos fixos na pista de dança.

— O que acha que teria acontecido conosco?

Ela continuou olhando para a frente. O marido conversava com Krista. Eles se interromperam por alguns momentos para rir de alguém que caíra da cadeira.

— Acho... que fazer esse tipo de especulação só vai acabar nos enlouquecendo.

A voz dele era um murmúrio.

— Acho que estaríamos juntos hoje.

Ela fechou os olhos.

— Na verdade, tenho certeza.

Ela se virou para olhá-lo. Os olhos dele eram gentis, perscrutadores, aterrorizantes.

— Ninguém nunca me fez sentir como você me faz — disse ele.

O mundo parou em volta dela. Sentiu o sangue quente, o coração acelerado. Dois anos evaporaram.

Então ergueu o olhar e viu Lisa do outro lado da mesa. Ela desviara os olhos do grupo de pessoas e observava os dois, a expressão por um momento desarmada, demonstrando o tenso cansaço de quem está em vigilância constante. Ela sorriu de um modo desajeitado para Beth e em seguida baixou o olhar para a mesa. Beth sentiu as bochechas ficarem vermelhas.

É. Aquela poderia ser eu.

Olhou para o marido, que ria. Sem suspeitar de nada. Sem ter culpa de nada. *Nós estamos bem, não estamos?*, perguntara ele na noite do domingo anterior. De forma nada característica, ele observara o rosto dela enquanto dizia isso. Ela tomou um gole de sua bebida e ficou sentada, imóvel, por um momento. Então se levantou, pegando a bolsa que tinha deixado a seus pés.

— Beth?

— Foi bom ver você, Ben — falou ela.

Uma expressão de incompreensão surgiu no rosto dele.

— Você não me disse onde está trabalhando — falou ele, apressado. Henry, o especialista em prevenção de umidade estava sentado a alguns metros, assentindo no ritmo da música. — Talvez... a gente possa almoçar um dia desses? Mal conseguimos colocar o papo em dia.

Ela olhou mais uma vez para Lisa e pôs a mão gentilmente no braço dele, apenas por um momento.

— Acho que não — respondeu ela. — Nós dois seguimos adiante, não foi?

— Sinto muito... O que foi que você disse que faz? — perguntou Henry quando ela saiu da mesa.

* * *

Simon estava em pé ao lado do bar, devorando o que havia restado dos canapés. Devia estar procurando castanhas de caju, suas favoritas. Ele achou uma e a segurou no ar

como um prêmio antes de jogá-la na boca. Ela se deu conta de que nunca o vira errar.

— Vamos para casa — disse ela, colocando a mão no ombro dele.

— Ainda está cansada?

— Na verdade, pensei que podíamos ir para a cama cedo.

— Ir para a cama cedo? — Ele olhou para o relógio. — Meia-noite e quinze?

— Cavalo dado, senhor — disse ela.

— Ah. Não vou olhar. Prometo.

Ele sorriu enquanto a ajudava a vestir o casaco.

Talvez ela tivesse imaginado, em vez de ter realmente visto, o jeito como ele olhou para trás, para onde ela estivera sentada, o vislumbre de algo indecifrável em sua expressão. Mas com o braço do marido em volta dela, apenas o suficiente para impedir que seus saltos se afundassem demais no capacho, Beth passou cuidadosamente por entre as mesas na direção da entrada da tenda e de casa.

Sapatos de couro de crocodilo



Ela está tirando o maiô quando as Mães Gostosas chegam. Reluzentes e magras feito palitos, elas a cercam, falando alto, esfregando hidratantes caros nas pernas brilhosas, ignorando-a por completo.

Essas mulheres têm roupas de ginástica de grife, cabelos perfeitos e tempo para tomar um café. Ela imagina maridos chamados Rupe ou Tris, que jogam com indiferença envelopes contendo bônus enormes sobre a mesa de cozinha da Conran e abraçam de súbito a mulher antes de fazer reservas para inesperados jantares fora. Essas mulheres não têm maridos que ficam de calça de pijama até o meio-dia e parecem aterrorizados quando a mulher fala em tentar mais uma vez aquela vaga de emprego.

Ser sócios de uma academia de ginástica realmente é um luxo com o qual não podem mais arcar nos dias atuais, mas Samantha vai ser obrigada por contrato a pagar mais quatro meses, e Phil diz que, se é assim, ela tem mais é que aproveitar. Faz bem a ela, comenta ele. Quer dizer que faz bem a eles dois que ela saia de casa e fique um tempo longe dele.

— É agora ou nunca, mãe — diz a filha, que olha para a proporção cada vez mais indistinta entre o quadril e a cintura de Sam com um horror mal disfarçado.

Sam não consegue dizer a nenhum dos dois como odeia a academia: o *apartheid* de corpos sarados, a desaprovação cuidadosamente disfarçada de *personal trainers* de vinte e poucos anos e os cantos escuros nos quais ela e as outras Pessoas Desajeitadas tentam se esconder.

Ela está naquela idade, a idade na qual todas as coisas erradas parecem de alguma forma permanecer — a gordura, o sulco entre as sobrancelhas — enquanto todo o resto — estabilidade no emprego, felicidade matrimonial, sonhos — se esvai facilmente.

— Você não faz ideia de como eles aumentaram os preços do Club Med este ano — diz uma das mulheres.

Ela está inclinada, secando o cabelo pintado em salões caros, sua bunda perfeitamente bronzada com uma calcinha de renda cara que mal cobre a pele. Sam precisa se contorcer um pouco para o lado para evitar tocá-la.

— Eu sei! Tentei fazer uma reserva nas Ilhas Maurício para o Natal e o bangalô em que costumamos ficar está uns quarenta por cento mais caro.

— É um escândalo.

É, é um escândalo, pensa Sam. Que horrível para todas vocês. Ela pensa no trailer que Phil comprou no ano anterior para reformar. *Podemos passar fins de semana no litoral*, dissera, alegre. Não foi além do conserto do para-choque traseiro. Desde que perdeu o

emprego, o trailer ficara parado na entrada da garagem, uma incômoda lembrança de tudo o mais que eles tinham perdido.

Sam se contorce para vestir a calcinha, tentando esconder com a toalha a pele pálida e cheia de manchas. Hoje ela tem quatro reuniões com clientes em potencial. Em meia hora, vai se encontrar com Ted e Joel, da Print, e eles vão tentar fechar os negócios nos quais vêm trabalhando para sua empresa.

“Nós precisamos disso”, observara Ted. “E se não conseguirmos...” Ele fez uma careta.

Sem pressão nesse caso, então.

— Você se lembra daquele lugar horrível que Susanna reservou em Cannes? Aquele em que metade das piscinas não estava funcionando?

Elas estão morrendo de rir. Sam aperta a toalha ainda mais no corpo e vai até um canto para secar o cabelo.

Quando volta, elas já saíram, deixando um rastro de perfume caro no ar. Ela suspira aliviada e se deixa cair no banco de madeira úmido.

É apenas depois de se vestir que ela procura embaixo do banco e se dá conta de que, embora aquela bolsa de ginástica seja exatamente igual à sua, não é a sua. Nela não estão seus sapatos pretos confortáveis, apropriados para andar por calçadas e fechar negócios. Em vez disso, há um par de vertiginosos sapatos vermelhos Christian Louboutin de couro de crocodilo.

* * *

A garota na recepção nem pisca.

— A mulher que estava no vestiário, ela levou a minha bolsa.

— Qual é o nome dela?

— Não sei. Havia três mulheres lá dentro, uma delas levou a minha bolsa.

— Desculpe, mas costumo trabalhar na filial da Hills Road. Provavelmente é melhor você falar com alguém que trabalhe aqui em tempo integral.

— Mas tenho reuniões agora. Não posso ir de tênis.

A garota a olha de cima a baixo lentamente, e sua expressão sugere que usar tênis talvez seja a menor das preocupações de Sam em se tratando do visual. Sam dá uma olhada no telefone. A primeira reunião é em trinta minutos. Ela suspira, pega a bolsa de ginástica e sai pisando duro até a estação de trem.

* * *

Ela não pode ir para aquela reunião usando tênis de ginástica. Isso fica óbvio assim que chega à editora, cujos escritórios de mármore e metal dourado fazem a Trump Tower parecer decididamente amish. Também fica aparente nas olhadas de soslaio que Ted e Joel lançam para seus pés.

— Vamos dar uma volta na periferia, é isso? — diz Joel.

— Vai vestir o seu *collant* também? — pergunta Ted. — Talvez ela vá conduzir a negociação com uma dança livre.

Ele balança os braços ao lado do corpo.

— Engraçadinho.

Ela hesita, em seguida xinga, procura algo dentro da bolsa e pega os sapatos. São apenas meio tamanho maiores que o pé dela. Sem dizer nada, tira os tênis no meio do hall e coloca os Louboutins vermelhos. Quando se levanta, precisa se apoiar no braço de Joel para se manter de pé.

— Uau. Eles são... não muito o seu estilo.

Ela se endireita e olha de cara feia para Joel.

— Por quê? Qual é o “meu estilo”?

— Simples. Você gosta de coisas simples. Razoáveis.

Ted dá uma risadinha.

— Você sabe o que dizem sobre esse tipo de sapato, Sam.

— O quê?

— Bem, não foram feitos para uma mulher ficar de pé sobre eles.

Os dois se cutucam, rindo. Ótimo, pensa ela. Então agora vou para uma reunião parecendo uma garota de programa.

Ao sair do elevador, ela atravessa a sala como dificuldade. Sente-se estúpida, como se todos olhassem para ela, como se fosse óbvio que é uma mulher de meia-idade usando os sapatos de outra pessoa. Ela gagueja durante a reunião e tropeça ao sair. Os dois homens não dizem nada, mas todos sabem que não vão conseguir fechar esse contrato. Entretanto, ela não tem escolha. Vai ter que usar aqueles sapatos ridículos o dia todo.

— Tudo bem. Ainda faltam três — diz Ted com gentileza.

Ela está destacando a estratégia de impressão deles na segunda reunião quando percebe que o diretor-executivo não está prestando atenção ao que ela diz. Ele olha fixamente para seus pés. Constrangida, ela quase perde o fio da meada. Mas então, ao continuar, se dá conta de que é ele quem está distraído.

— O que acham desses números? — pergunta ela.

— Ótimos! — exclama ele, como se tivesse acabado de despertar de um devaneio. — Sim. Ótimos.

Ela vê a oportunidade e tira um papel da pasta.

— Então vamos assinar o contrato?

Ele olha fixamente para seus sapatos de novo. Ela inclina um dos pés e deixa que a tira caia do calcanhar.

— Claro — responde ele, e pega a caneta sem olhar.

— Não diga uma palavra — avisa ela a Ted enquanto estão indo embora, exultantes.

— Não vou dizer nada. Se fechar outro contrato como esse, pode usar pantufas, se quiser.

* * *

Na reunião seguinte, ela se certifica de que seus sapatos estejam à mostra o tempo todo. Embora John Edgmont não fique encarando, ela percebe que o simples fato de estar usando os sapatos faz com que ele reavalie a ideia que tem dela. De uma maneira estranha, faz com que *ela* reavalie a ideia que tem de si mesma. Ela encanta. Fica firme

com os termos. E fecha outro contrato.

Eles tomam um táxi para a quarta reunião.

— Não quero saber — diz ela. — Não consigo mais andar nessas coisas, e eu mereço.

O resultado é que, em vez de chegarem como sempre fazem, apressados e suados, ela desce do carro para a última reunião sem um fio de cabelo fora do lugar. Levanta-se e percebe que está mais alta.

Fica um pouco desapontada, portanto, ao descobrir que M. Price é uma mulher. E não demora muito para perceber que Miriam Price faz jogo duro. As negociações demoram uma hora. Se forem adiante, a margem de lucro vai ser reduzida a quase nada. Parece impossível.

— Só preciso ir rapidamente ao toalete — diz Sam.

Lá dentro, se inclina sobre a pia e joga água no rosto. Então dá uma checada na maquiagem dos olhos e encara seu reflexo no espelho, perguntando-se o que fazer.

A porta se abre e Miriam Price entra atrás dela. Elas se cumprimentam educadamente enquanto lavam as mãos. E então Miriam Price olha para baixo.

— Ah, meu Deus, amei os seus sapatos! — exclama.

— Na verdade, eles são... — começa Sam. Então se detém e sorri. — Eles são lindos, não acha?

Miriam aponta para eles.

— Posso ver?

Ela segura o sapato que Sam tira e o examina de todos os ângulos.

— É um Louboutin?

— É.

— Uma vez fiquei na fila por quatro horas só para comprar um par de sapatos dele. Loucura, não acha?

— Ah, não, de jeito nenhum — diz Sam.

Miriam Price devolve o sapato quase com relutância.

— Sabe, sempre dá para perceber quando um sapato é adequado. Minha filha não acredita em mim, mas dá para saber muitas coisas sobre uma pessoa observando como ela se veste.

— Eu digo a mesma coisa para a minha filha! — As palavras saem antes mesmo que ela se dê conta do que está falando.

— Vou dizer uma coisa. Odeio negociar dessa forma. Você tem tempo para um almoço na semana que vem? Vamos nos encontrar e discutir mais a fundo. Tenho certeza de que conseguiremos chegar a um acordo.

— Seria ótimo — diz Sam.

E consegue sair do banheiro feminino sem o mínimo desequilíbrio.

Chega em casa depois das sete. Está usando os tênis de novo, e a filha, que está pronta para sair de casa, olha para a mãe com as sobrancelhas erguidas como se ela fosse uma mendiga.

— Não estamos em Nova York, mãe. Você só está esquisita, como se tivesse perdido os sapatos.

— Eu realmente perdi os meus sapatos. — Ela enfia a cabeça pela porta da sala de estar. — Oi.

— Oi!

Phil ergue uma das mãos. Está exatamente onde ela sabia que estaria: no sofá.

— Você... tomou alguma providência para o jantar?

— Ah. Não. Desculpe.

Não que ele seja egoísta. É como se não conseguisse sair daquele estado de apatia e fazer mais nada, nem mesmo feijão e torradas. Os êxitos do dia evaporam. Ela faz o jantar, tentando não se sentir soterrada por tudo aquilo, e então, pensando melhor, serve duas taças de vinho.

— Não vai acreditar no que aconteceu comigo hoje — diz ela, entregando a ele uma das taças. E conta a história dos sapatos trocados.

— Me mostre.

Ela desaparece no corredor e calça os sapatos. Endireita a postura enquanto volta para a sala de estar, rebolando um pouco ao andar.

— Uau.

As sobrancelhas dele se elevam quase até a linha do cabelo.

— Eu sei! Não teria comprado esses sapatos nem em um milhão de anos. E andar com eles é um pesadelo. Mas consegui fechar três contratos hoje, três contratos que não esperávamos fechar. E acho que foi tudo por causa dos sapatos.

— Não tudo, certamente. Mas suas pernas estão fantásticas.

Ele se ajeita para se sentar direito.

Ela sorri.

— Obrigada.

— Você nunca usa sapatos desse tipo.

— Eu sei. Mas não tenho um tipo de vida que combine com sapatos Louboutin.

— Deveria. Você está... Você está incrível.

Ele fica tão fofo ao dizer isso, tão feliz por ela e ao mesmo tempo tão vulnerável. Ela vai até o marido, se senta no colo dele e passa os braços em volta de seu pescoço. Talvez o vinho a tenha deixado mais solta. Não consegue se lembrar da última vez que se aproximou dele dessa forma. Eles olham um para o outro.

— Você sabe o que dizem sobre sapatos como esses? — murmura ela. Ele pisca. — Bem, não foram feitos para se ficar em pé sobre eles.

* * *

Ela chega à academia pouco depois das nove da manhã do sábado. Não está ali para dar braçadas na piscina nem se enfiar em uma daquelas máquinas impiedosas. Sente uma ansiedade diferente, que a faz ruborizar de leve diante da lembrança do prazer. Foi até lá para devolver os sapatos.

Para diante das portas de vidro, lembrando-se do rosto de Phil ao acordá-la com uma xícara de café.

“Acho que vou começar a trabalhar naquele trailer hoje”, disse ele, animado. “Pelo menos estarei fazendo alguma coisa de útil.”

Nesse momento vê a mulher no balcão da recepção. É uma das Mães Gostosas, o cabelo preso em um reluzente rabo de cavalo, queixando-se com uma das funcionárias. No balcão há uma bolsa de ginástica familiar. Ela hesita, sentindo um reflexo de

inadequação.

Sam olha para a bolsa a seus pés. Não vai mais voltar àquela academia. De repente tem mais certeza disso do que de qualquer outra coisa. Não vai nadar, suar nem se esconder pelos cantos. Respira fundo, entra pisando duro e coloca a bolsa diante da mulher.

— Sabe, você deveria se certificar de que está pegando a bolsa certa — diz ela enquanto pega a própria bolsa de volta. — Não faz ideia das mudanças que tive de fazer no meu dia.

Sam se vira nos calcanhares quando a mulher começa a gaguejar um pedido de desculpas. Ainda está rindo quando chega à estação de trem. Recebeu o pagamento de um bônus que está pedindo para ser gasto. E um par de sapatos bastante inadequados para comprar.

Assalto



O inspetor Miller desejou não ter comido aquela porção extra de cebola em conserva. Podia senti-la fervilhando na mucosa do seu estômago. Tomou um antiácido e observou a garota de blusa azul e saia sentada à sua frente. Uma testemunha perfeita: sem passagem pela polícia, no mesmo emprego havia anos, ainda morando com os pais. Provavelmente ia morar com eles para sempre. Ela ia se sair bem no tribunal.

— Entende o que vamos fazer hoje?

— Ah, sim.

Suas mãos estavam unidas sobre o colo, a expressão franca. Parecia curiosamente calma, considerando tudo que tinha passado.

— Não está preocupada?

— Não, se significa que eles vão ficar atrás das grades.

Ele olhou para ela com firmeza.

— Tudo bem. Mas antes de continuarmos, eu gostaria apenas de revisar o seu depoimento mais uma vez. Então quer dizer que vocês tinham acabado de abrir...

* * *

Alice Herring estava sentada no chão, a saia torta, o ombro latejando.

A porta bateu atrás dela, abafando os gritos na loja. Quando olhou para cima, havia um homem à sua frente com um taco de beisebol na mão.

Ela o encarou.

— Vai atirar em mim?

— Cale a boca.

Ele era alto e magro, o rosto obscurecido por uma meia-calça cor da pele. Ela detectou um leve sotaque do Leste Europeu.

— Não precisa ser grosseiro. Só estou perguntando.

— Por favor. Não faça nenhuma idiotice.

— Você está apontando um taco para uma mulher desarmada, e usa uma meia na cabeça. E acha que *eu* estou fazendo uma idiotice?

Ele pôs a mão na cabeça.

— Não é uma meia qualquer, é uma meia-calça.

Eles estremeceram ao ouvir o som de mobília sendo quebrada do outro lado da porta. Um xingamento abafado.

— Ah. Bem — disse ela —, faz toda a diferença.

Aquela manhã tinha começado como qualquer outra. Qualquer outra manhã, quer dizer, em que, enquanto abria a vitrine, o sr. Warburton tivesse sido interrompido por três homens mascarados que entraram de repente na joalheria, mandando que todos se deitassem no chão. “*Onde fica o cofre? Abra o maldito cofre!*” O local se encheu de um turbilhão de gritos e ação, homens em torno dela, borrões.

Ela pulara na direção do botão de emergência, mas o grandalhão segurara seu pulso, torcendo-o dolorosamente para trás de suas costas. Ele a forçara a ir adiante, empurrando-a pela porta do escritório do sr. Warburton. Tinha ficado vagamente irritada ao cair, porque aquele dia era dia de bolo.

Às sextas de manhã o Sr. Warburton quase sempre sugeria uma ida até a padaria, em um tom de voz de alguém que nunca tinha pensado nisso. Sabiam que ele não gostava de admitir, mas adorava os folhados em forma de pequenos cones recheados de creme.

Alice se endireitou, olhando para o seu captor.

— Sabe, pode abaixar a arma. Eu dificilmente conseguiria imobilizar você.

— Não vai se mexer?

— Não vou me mexer. Olha. Estou aqui. Sentada no chão.

Ele olhou em direção à porta. Seu tom era quase de desculpas.

— Não vai demorar muito. Eles só querem as chaves do cofre.

— Vão precisar do segredo. Não vão conseguir com o Sr. Warburton.

— Eles precisam de chaves. É o plano.

— Bem, não é um plano muito bom.

Alice se sentou com cuidado e esfregou o ombro enquanto o homem a observava. Ele parecia vagamente surpreso com a despreocupação dela — se é que era possível perceber as verdadeiras emoções de uma pessoa através de uma meia-calça fio 20.

— Nunca estive em um assalto... Você não é o que eu esperava.

Ele olhou para ela. O pé batia nervosamente no chão.

— Por quê? O que você esperava?

— Não sei. Embora seja difícil dizer como você é com... você sabe, essa coisa na cabeça. Não está com calor?

Ele hesitou.

— Um pouco.

— Está com marcas de suor. Na camisa. — Ela apontou, e ele olhou para baixo. — Deve ser por causa da adrenalina, imagino. Tenho certeza de que tem muita adrenalina envolvida quando se decide invadir uma joalheria. Aposto que também não dormiu na noite passada. Eu não teria dormido.

Enquanto ela observava, ele começou a andar pelo escritório.

— Meu nome é Alice — disse ela, por fim.

— Eu sou... Não posso dizer o meu nome.

Ela deu de ombros.

— Não tenho oportunidade de conhecer muitos homens aqui. A não ser os que vêm comprar presentes para as esposas. Ou anéis de noivado. Não são exatamente as melhores ocasiões para puxar papo com uma pessoa. — Ela fez uma pausa. — Pode acreditar.

Ele parou e se virou na direção dela.

— Você está... puxando papo comigo?

— Só estou conversando. Não há muito mais para fazer, não é? Além de lutar, gritar ou destruir o escritório. — Eles estremeceram ao ouvir mais um estrondo do outro lado da porta. — E seus amigos parecem estar se encarregando disso muito bem.

Ele olhou em volta, confuso.

— Acha que eu deveria destruir este escritório?

— Você provavelmente deveria desligar o circuito interno de câmeras. Achei que isso fosse bastante elementar para ladrões. Página um do manual de roubos. Se existisse um. E pelo visto não existe.

Ele ergueu o olhar.

— Ali em cima.

Ela apontou para a câmera de segurança.

Ele ficou de pé, ergueu o taco e, com um golpe vigoroso, arrancou a pequena caixa da parede. Alice se abaixou para se proteger dos pedaços que saíram voando. Tirou um pequeno caco de vidro da manga.

— Odeio circuitos internos de câmeras. Fico sempre preocupada que o Sr. Warburton me flagre acidentalmente colocando a blusa por dentro da calcinha. — Alice olhou para a parede, para a pintura a óleo do dançarino espanhol sedutor. — Sabe de uma coisa? Você podia destruir esse quadro. Quer dizer, é o que eu faria se fosse uma ladra.

— É um quadro horroroso.

— O mais feio que já vi.

Deu para ver o sorriso dele por baixo da meia.

— Quer fazer isso?

— Posso?

Ele estendeu o taco de beisebol para ela.

Ela olhou para o taco e em seguida para o homem.

— Tem certeza de que quer me dar isso?

— Ah. Não. — Ele pegou o taco de volta e arrancou o quadro da parede. Em seguida olhou para ela por um minuto. — Você pode furar o quadro com o pé se quiser. Aqui.

Ele posicionou o quadro no chão diante dela. Ela ficou de pé, esperou um momento, então pisou diversas vezes no quadro com entusiasmo. Deu um passo atrás e sorriu para ele.

— Isso foi estranhamente satisfatório. Dá para entender por que você faz isso.

— Era um quadro muito feio — comentou ele.

Alice se sentou na cadeira, e eles ficaram em silêncio por alguns minutos, ouvindo o barulho das gavetas sendo reviradas do lado de fora.

Ela chutava distraidamente a tela destruída.

— Então você faz isso sempre?

— O quê?

— Rouba joalherias?

Ele hesitou e em seguida suspirou.

— É a minha primeira vez.

— Ah... Acho que nunca fui a primeira vez de alguém. Então, como veio parar... aqui?

Ele se sentou de frente para ela, pousando o taco entre os joelhos.

— Estou devendo dinheiro ao Grande Kev, aquele alto. Muito dinheiro. Eu tinha um

negócio, mas faliu. Fui idiota de pegar dinheiro emprestado com ele, e agora ele diz que essa é a única maneira de saldar a minha dívida.

— Qual é a taxa de juros dele?

— Peguei dois mil emprestados, e agora, oito meses depois, ele diz que devo dez mil.

Alice fez uma careta.

— Ah. Isso não é nada bom. Seria melhor ter usado o cartão de crédito. O meu cobra uma taxa de juros anual de dezesseis por cento. Contanto que você não pague apenas os juros a cada mês. Você não ia acreditar em quanta gente se dá mal fazendo isso. E, com o meu cartão você também ganha pontos por isso. Olha.

Enquanto ela tirava o cartão do bolso, eles foram interrompidos por novos barulhos de coisas sendo quebradas e por xingamentos. Ele olhou para a porta, nervoso.

— Se estiverem tentando quebrar as vitrines, elas são de vidro reforçado — comentou Alice. — E não deveriam perder tempo com as bandejas na vitrine menor. A maioria das peças ali é de zircônia cúbica. Nós a chamamos de Intervalo de Valor.

— Intervalo de Valor?

— Não na frente dos clientes, é claro. Meu noivo comprou um anel de zircônia para mim. Fiquei muito orgulhosa, até o Sr. Warburton anunciar que era falso, na frente de todo mundo. Desde então, tenho pavor de ser considerada digna apenas de zircônia cúbica.

Ele balançou a cabeça.

— Isso é horrível. Ainda está com esse cara?

— Ah, não. — Ela fungou. — Percebi logo que não poderia me casar com um homem que não tinha uma estante de livros.

— Nem uma única estante de livros?

— Na casa toda. Nem mesmo uma prateleira pequena no banheiro para a *Reader's Digest*.

— Muitas pessoas neste país não leem livros.

— Ele não tinha *um único livro*. Nem mesmo um sobre crimes reais. Ou um do Jeffrey Archer. Quer dizer, o que isso diz sobre o caráter de uma pessoa? Eu deveria ter me dado conta, de qualquer forma. Ele começou a sair com uma garota do outlet de artigos esportivos que colocou no Instagram cento e trinta e quatro fotos dela mesma fazendo biquinho. Eu contei. Quer dizer, quem coloca cento e trinta e quatro fotos de si mesmo na internet? E todas *duckface*.

— *Duckface*?

— Você sabe. Aquele bico que elas fazem. Porque acham que isso as deixa sexy. — Ela fez um bico exagerado e ele conteve o riso. — Engraçado, não sinto a menor falta dele. Mas fico um pouco triste às vezes quando penso...

— Shh!

Os gritos tinham subitamente ficado mais altos. O homem com a meia-calça na cabeça fez um gesto para que ela ficasse quieta e enfiou o rosto pela abertura da porta. Ela ouviu sussurros urgentes.

Ele se virou para ela.

— Querem o segredo do cofre. É o plano.

— Eu já disse. O Sr. Warburton é o único que sabe.

Ele se inclinou para fora outra vez e ela ouviu vozes abafadas. Depois se virou de

volta para ela.

— O Grande Kev disse que eu tenho que... agredir você. Para fazer o seu chefe dizer o número.

— Ah, ele não vai dar a mínima. Não gosta muito de mim. Diz que eu lembro a ex-mulher dele. Vocês deviam ter pegado a Cara. Ela trabalha às terças. Ele definitivamente gosta dela. Dá biscoitos recheados para ela quando acha que ninguém está vendo. — Fez uma pausa. — Cara vai ficar chateada por ter perdido isto. Ela adora um drama.

Ele fechou a porta e baixou a voz.

— Pode chorar? Fingir que estou machucando você? Talvez funcione.

Ela deu de ombros.

— Se ajudar. Mas, sinceramente, não acredito que o Sr. Warburton vá se comover com o fato de que estou correndo perigo.

— Sêrio. Tente. Eu não quero ter que...

Alice suspirou. Ela respirou fundo, olhando nos olhos dele, e em seguida gritou:

— *Socorro! Ai! Você está me machucando!*

Ele balançou a cabeça com desdém.

— Não. Não está bom.

— Bem, eu não tive muito tempo para praticar. Nunca fui muito boa atriz. Nas peças da escola eu sempre era a Árvore Número Três. Ou Cenário Pintado por...

— Você precisa parecer... ofegante. Apavorada.

Ele pegou uma cadeira e a arrastou pelo escritório, erguendo as sobrancelhas ao jogá-la na parede.

— Mas eu *não* estou apavorada — sussurrou ela. — Quer dizer, você é realmente impressionante. Mas...

— Mas?

— Tenho a sensação de que não vai me machucar.

Isso pareceu perturbá-lo.

— Você não sabe nada sobre mim. — Ele deu um passo à frente, debruçando-se sobre ela. — Eu podia machucar você. De verdade.

E ao dizer isso pegou o taco de beisebol e golpeou a máquina de café, espalhando o líquido preto frio e cacos de vidro pelo carpete.

Ela olhou para aquilo.

— Uau. Você está mesmo começando a gostar disso, não está?

— Está com medo... Alice?

— Eu estou... certamente...

Ele se aproximou mais dela, o taco de beisebol na mão. Os dois olharam um para o outro. Então ele soltou o taco e, depressa, se beijaram.

— Você — disse ele com gentileza ao se afastar — definitivamente não é zircônia cúbica.

— Nunca beijei ninguém através de uma meia-calça — falou ela.

— É um pouco estranho.

— É mesmo. E se eu apenas... fizer um buraco... aqui, para os nossos lábios poderem se tocar.

Ela fez um pequeno rasgo com as unhas.

Quando pararam de se beijar dessa vez, ele levou as mãos ao nariz. O buraco tinha se

esgarçado e aumentado, expondo quase todo o rosto dele de forma que apenas os olhos ainda estavam cobertos.

— Meu Deus. O que eu vou fazer agora?

— Aqui — disse ela, erguendo um pouco a saia. — Tome uma das minhas.

Ele observou hipnotizado enquanto ela despia uma das meias.

— É bom ver o seu rosto — falou, olhando para ele. — Você é... adorável, Sr... hum...

— Tomasz. Meu nome é Tomasz. Você também.

A voz dela era suave, suplicante.

— Eu coloco para você se quiser.

Eles se beijaram de novo, interrompendo o beijo para que ela colocasse gentilmente a meia na cabeça dele.

— Não estou enxergando nada — disse ele quando ela se afastou.

— Ah, eu sei... São meias opacas. Espere, vou esticar um pouco aqui... Então talvez você consiga...

Ela foi para trás dele.

— O que está fazendo?

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Por isto.

Com um ruído abafado, ela golpeou a cabeça dele com o taco de beisebol.

* * *

— Então — disse o inspetor Miller enquanto eles caminhavam pelo corredor —, está pronta para fazer o reconhecimento?

— Ah, sim, prontíssima.

— Srta. Herring, está vendo o homem que roubou a loja?

Ela observou a fileira de homens atrás do vidro, dando batidinhas com o dedo no lábio inferior. Virou-se para o detetive.

— Sinto muito... É difícil dizer sem as meias.

— Meias?

— Cobrindo o rosto. Tenho noventa e nove por cento de certeza sem as meias, mas se os visse com elas poderia fazer um reconhecimento preciso.

Arranjaram meias. Ela pareceu se divertir com isso.

— O número um, com certeza — informou ela. — Ele estava com a arma. E o número três, aquele das orelhas. Foi ele que agrediu o Sr. Warburton. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

O inspetor Miller se aproximou um pouco.

— Mais alguém?

Ela olhou pelo vidro.

— Hum... Não.

Dois policiais trocaram olhares. O inspetor Miller a encarou.

— Tem certeza? O seu patrão pareceu achar que havia três homens.

— Ah, não, definitivamente eram dois. O único outro homem na loja era um cliente, como eu já disse. Ele foi até lá para dar uma olhada nos anéis de noivado, acho. Cara legal. Estrangeiro.

A úlcera de Miller estava queimando outra vez.

— O Sr. Warburton foi bastante taxativo. Ele disse que foram três homens.

Ela baixou a voz.

— Mas ele levou uma bela bordoadada na cabeça, não foi? E, cá entre nós, ele não enxerga quase nada. De tanto ficar examinando pedras preciosas. — Ela sorriu. — Posso ir agora?

Miller a encarou e suspirou.

— Tudo bem. Entraremos em contato.

* * *

— Está pronto?

Ele descruzou as pernas compridas e se levantou do banco do parque, sorrindo.

— Você está bonita, Alice.

Ela levou a mão ao cabelo.

— Acabaram de tirar uma foto minha para o jornal local. Aparentemente, sou uma heroína. “Garota de Waverley impede roubo e salva cliente.”

— Você com certeza me salvou.

Ela ergueu uma das mãos e passou um dedo pelo galo na cabeça dele.

— Como está a sua cabeça?

— Não dói muito. — Tomasz pegou os dedos dela e os beijou. — Para onde vamos?

— Não sei. Para a biblioteca?

— Ah, sim. Quero que me mostre esses crimes reais. E depois eu compro para você um... cone recheado de creme?

— Isso, sim — disse Alice Herring, tomando o braço dele — parece um bom plano.

$$\begin{array}{r} 1931 \\ 1885 \\ \hline 46 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1969 \\ 1958 \\ \hline 3. \\ \hline 11 \end{array}$$

O casaco do ano passado

$$\begin{array}{r} 4015 \\ 16 \\ 3 \\ \hline 54 \end{array}$$

$$5 \times 365$$

$$\begin{array}{r} 17157 \\ 14765 \\ \hline 2392 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 31 \checkmark \quad 31 \quad 31 \\ 28 \quad 30 \quad 30 \\ \hline 59 \quad 61 \quad 61 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 16800 \\ 243 \\ 26. \\ \hline 17069 \\ 88. \\ \hline 17157 \end{array}$$

$$\underline{27 + 30 + 31} = 1885$$

$$\begin{array}{r} 2953 \\ \hline 20624 \end{array}$$



O forro do casaco já está completamente destruído. Evie ergue a peça e passa o dedo ao longo da costura rasgada, imaginando se haveria uma forma de juntar outra vez as finas bordas do tecido puído. Ela o vira ao contrário, observando a lã desgastada, o brilho discreto nos cotovelos, e se dá conta de que não há muito a fazer.

Sabe exatamente o que compraria para substituí-lo. Ela o vê na vitrine da loja duas vezes por dia quando passa, diminuindo um pouco o passo para observá-lo. Azul-escuro, com uma gola de lã de carneiro cinzenta; clássico o suficiente para durar vários anos, mas diferente o bastante para não se parecer com todos os casacos comprados em lojas de grandes redes. É lindo.

E custa cento e oitenta e cinco libras.

Evie abaixa a cabeça e continua andando.

Não muito tempo antes, teria comprado o casaco. Ela o teria exibido na hora do almoço, desfilando com ele diante das meninas do Departamento de Marketing, e o teria levado para casa dentro da sacola sofisticada, o peso balançando satisfatoriamente em suas pernas.

Mas há algum tempo, aparentemente sem que tivessem se candidatado, eles pareciam ter se tornado membros oficiais da classe média baixa. O salário de Greg sofrera um corte abrupto de trinta por cento. A lista de compras semanais ficara quinze por cento mais alta. O combustível ficou tão caro que eles venderam um dos carros, e ela agora anda três quilômetros e meio até o trabalho. O aquecimento, um luxo, é ligado durante uma hora pela manhã e duas à noite. A hipoteca, que antes parecera tão viável, agora paira sobre eles como um grande albatroz. Ela fica sentada à mesa da cozinha à noite examinando colunas de números, advertindo as filhas adolescentes a respeito de gastos desnecessários da mesma maneira que sua mãe a advertira sobre Homens Maus.

— Venha, amor, vamos para a cama.

Greg põe as mãos gentilmente nos ombros dela.

— Estou fazendo a contabilidade.

— Então vamos dormir abraçados para usarmos o calor corporal. Estou de olho nos gastos com aquecimento — acrescenta ele em tom solene. — É sério. Não vou me aproveitar nem um pouco.

Ela abre um sorriso ténue, quase um reflexo. Ele passa os braços em torno dela.

— Vamos, querida. Vamos ficar bem. Já enfrentamos coisa pior.

Ela sabe que ele tem razão. Pelo menos ambos estão empregados. Os dois têm amigos que estampam sorrisos frágeis e desconversam de perguntas sobre um novo trabalho

com um vago: “Ah... tenho algumas coisas em vista.” Dois venderam a casa e se mudaram para lugares menores citando “motivos familiares”. Ela percebeu que muitos passaram a morar longe e não mantiveram contato, como se a vergonha por não continuar em uma trajetória ascendente fosse grande demais.

— Como está o seu pai?

— Nada mal. — Todo fim de tarde, depois do trabalho, Greg faz uma pequena viagem até a casa do pai para levar-lhe uma refeição quente. — Mas o carro está com algum problema.

— Não diga isso! — geme ela.

— Eu sei. Acho que o motor de arranque está pifando. Olha — diz, notando a expressão dela. — Não entre em pânico. Vou levar o carro até a oficina do Mike e ver se ele consegue nos fazer um bom preço.

Ela não menciona o casaco.

* * *

As garotas do Departamento de Marketing não se preocupam com motores de arranque ou gastos com aquecimento. Continuam desaparecendo na hora do almoço e retornando para exibir suas compras, com a avidez determinada de um caçador que volta para casa com uma pele de animal como troféu. Elas chegam às segundas de manhã contando histórias sobre fins de semana em Paris e Lisboa, almoçam toda semana na pizzaria sofisticada (Evie insiste que, de verdade, está bastante satisfeita com seus sanduíches de queijo.) Ela tenta não sentir inveja. Duas delas não têm filhos; Felicity tem um marido que ganha três vezes mais do que ela. Eu tenho Greg e as meninas, Evie diz a si mesma com firmeza, e todos somos saudáveis, com um teto sob o qual morar, e isso é muito mais do que a maioria das pessoas tem. Mas às vezes, quando as ouve conversando sobre Barcelona ou exibindo outro par de sapatos, ela trinca a mandíbula com tanta força que teme pelo esmalte dos dentes.

— Preciso de um casaco novo — diz ela a Greg, por fim. Deixa isso escapar, angustiada, como alguém que confessa uma infidelidade.

— Você tem um monte de casacos, tenho certeza.

— Não. Tenho este há quatro anos. E além dele tenho só o impermeável e aquele preto que comprei no eBay, com as mangas descosturadas.

Greg dá de ombros.

— Tudo bem, você precisa de um casaco, então vá comprar um casaco.

— Mas o único de que gostei é caro.

— Quanto?

Ela diz e o observa empalidecer. Greg acha que gastar mais do que seis libras em um corte de cabelo é sinal de insanidade. O lado ruim de ela ter cuidado das finanças da família desde que se casaram é que os parâmetros de custo dele ainda são de meados da década de 1980.

— É um... casaco de grife?

— Não, só um bom casaco de lã.

Ele fica em silêncio.

— Tem a excursão da escola da Kate. E o meu motor de arranque.

— Eu sei. Tudo bem. Não vou comprar.

Na manhã seguinte, ela atravessa a rua no caminho para o trabalho, apenas para não ter que vê-lo. Mas o casaco não sai da sua mente. Ela o vê todas as vezes que prende os dedos no forro rasgado. Ela o vê quando Felicity volta do almoço com um casaco novo (vermelho, forro de seda). O casaco de alguma maneira simboliza tudo que deu errado na vida deles.

— Vamos comprar um casaco para você — diz Greg no sábado ao vê-la tirar o braço da manga do casaco com excessivo cuidado. — Tenho certeza de que vamos encontrar um de que você goste.

Os dois param diante da vitrine e ela olha para o marido em silêncio. Ele aperta o braço dela. Eles percorrem diversas outras lojas e por fim entram na Get the Look, uma loja da qual suas filhas gostam; é repleta de peças “bem-humoradas”, todas as vendedoras aparentam ter doze anos e mascam chiclete, e a música ambiente é ensurdecadora. Greg normalmente odeia fazer compras, mas parece ter percebido como ela está deprimida e demonstra uma animação nada característica. Ele percorre as araras e pega um casaco azul-escuro com gola de pelo falso.

— Olha! É igual àquele de que você gostou! E custa só... — ele dá uma olhada na etiqueta — vinte e nove libras!

Ela permite que ele coloque o casaco nela e se olha no espelho.

O casaco fica um pouco apertado demais sob os braços. A gola é bonita, mas ela suspeita de que vai desbotar, como um gato geriátrico, em apenas algumas semanas. O corte parece se esticar e ficar frouxo nos lugares mais errados. A mistura de lãs é quase completamente sintética.

— Você está linda — diz Greg, sorrindo.

Greg diria que ela estava linda mesmo que estivesse vestindo um uniforme de presidiária. Evie detesta o casaco. Sabe que toda vez que o vestir, vai ser como uma reprimenda silenciosa. Quarenta e três anos e você está usando um casaco barato de uma loja de adolescentes.

— Vou pensar — diz ela, e o coloca de volta na arara.

* * *

Os horários de almoço se tornaram uma tortura. Naquele dia as garotas do Marketing estão reservando ingressos para uma saída em grupo, o show de uma *boy band* ressuscitada que fez sucesso pela última vez quinze anos antes. Estão reunidas em torno de uma tela de computador, checando a posição dos assentos.

— O que acha, Evie? Uma noite só das garotas? Vamos, vai ser divertido.

Ela dá uma olhada no preço dos ingressos: setenta e cinco libras cada um, fora o transporte.

— Acho que não. — Ela sorri. — Nunca gostei muito deles, nem da primeira vez.

É mentira, claro. Ela os adorava. Volta para casa pisando duro e se permite apenas um olhar de relance para o casaco. Sente-se como uma criança revoltada. E então, quando entra pela garagem, vê as pernas de Greg estendidas para fora da parte de baixo do carro.

— O que está fazendo aqui fora? Está chovendo.

— Pensei em tentar consertar sozinho o carro, para poupar um pouco de dinheiro.

— Mas você não entende nada de carros.

— Baixei umas coisas da internet. E Mike disse que dá uma olhada depois, para ver se eu fiz tudo certo.

Ela olha para ele e seu coração cede, cheio de amor. Ele sempre foi muito habilidoso.

— Você foi até a casa do seu pai?

— Fui. Peguei um ônibus.

Evie olha para a calça suja e encharcada do marido e suspira.

— Vou fazer um guisado para ele. Assim, se você não puder ir até lá por alguns dias, ele ainda vai ter o que comer.

— Você é maravilhosa.

Ele joga um beijo para ela com dedos cobertos de graxa.

Talvez por perceberem seu abatimento, as meninas são carinhosas durante o jantar. Greg está preocupado, examinando diagramas impressos do interior de motores. Evie mastiga o macarrão com queijo e diz a si mesma que há coisas piores do que não poder comprar um casaco muito desejado. Lembra-se da mãe dizendo-lhe para “pensar nas crianças famintas na África” quando empurrava as verduras do prato.

— Vou comprar aquele casaco de vinte e nove libras amanhã, se não se importar.

— Você ficou linda nele. — Greg dá um beijo em sua cabeça. Ela pode ver pela expressão do marido que ele sabe que ela detestou o casaco. Assim que as meninas saem da mesa, Greg estende a mão para ela e diz baixinho: — As coisas vão mudar, você sabe.

Ela espera que mudem para melhor.

Felicity tem uma bolsa nova. Evie tenta ignorar a comoção distante quando ela a tira da caixa e de dentro da sacola de algodão e a ergue para que as outras a admirem — o tipo de bolsa que custa um mês de salário, daquelas que é preciso entrar em uma lista de espera pelo privilégio de comprar. Evie finge estar absorta em planilhas para não ter que olhar. Sente vergonha das ondas de inveja que a invadem quando ouve os “ohs” e “ahs” de admiração. Ela nem sequer gosta de bolsas. Apenas inveja a segurança financeira que permite que Felicity compre algo tão caro sem nem ao menos uma pontada de angústia. Ela pensa duas vezes antes de pagar por sacolas de plástico no mercado.

Mas não para por aí. Myra encomendou um sofá novo. As garotas discutem a noite que passarão juntas em breve. Felicity coloca a bolsa em cima da mesa e faz brincadeiras sobre amá-la mais do que a um filho.

Evie vai até a Get the Look na hora do almoço. Caminha às cegas, a cabeça baixa, dizendo a si mesma que é apenas um casaco. Só uma pessoa vazia acreditaria que o que você veste diz algo sobre quem você é, certo? Ela conta suas bênçãos como um mantra em uma das mãos. E então para diante da outra loja, sobressaltada pelo grande cartaz na vitrine. PROMOÇÃO. Seu coração dispara inesperadamente.

Ela está lá dentro, os batimentos cardíacos acelerados, recusando-se a ouvir a vozinha dentro de sua cabeça.

— O casaco de lã azul — diz ela para o vendedor. — Para quanto baixou?

— Todos os itens da vitrine estão pela metade do preço, senhora.

Noventa libras. Sim, ainda é caro, mas é metade do preço. Vale a pena, não?

— Quero um do tamanho quarenta e dois — pede antes de ouvir a voz da razão.

O vendedor volta das araras quando Evie está tirando o cartão de dentro da bolsa. É um belo casaco, diz a si mesma. Vai durar anos. Greg vai entender.

— Sinto muito, senhora. O tamanho quarenta e dois foi vendido. E era o último.

— O quê?

— Sinto muito.

Evie fica desanimada. Olha para a vitrine, coloca a carteira de volta na bolsa e abre um sorrisinho murcho.

— Não tem problema. Provavelmente foi melhor assim.

Ela não vai até a Get the Look. Naquele exato momento, prefere ficar com o casaco do ano passado.

* * *

— Oi.

Ela está pendurando o casaco quando Greg enfia a cabeça pela abertura da porta. Depois fecha os olhos quando ele a beija.

— Você está molhada.

— Está chovendo.

— Devia ter me dito. Eu teria ido buscar você.

— O carro está funcionando?

— Por ora. Mike disse que na verdade eu fiz um bom trabalho. Não sou incrível?

— Totalmente incrível.

Ela o abraça com força por um minuto, depois anda pelo calor confortável da cozinha. Uma das meninas fez biscoitos, e Evie sente o aroma que permanece no ar. É isso que importa, diz a si mesma.

— Ah. E tem uma coisa para você em cima da mesa.

Evie dá uma olhada e encontra a sacola. Ela olha para Greg.

— O que é?

— Abra.

Ela levanta a lateral da sacola e dá uma espiada dentro. Fica paralisada.

— Não entre em pânico. É um presente do meu pai. Em agradecimento por toda a comida.

— O quê?

— Ele disse que não pode continuar aceitando a sua comida a não ser que você deixe que ele lhe dê algo em troca. Sabe como ele é. Eu contei a ele sobre o casaco, e você não vai acreditar: estava na promoção! Nós o compramos na hora do almoço.

— O seu pai comprou um casaco para mim?

— Não fique toda chorosa. Eu escolhi, e ele pagou. Ele calculou que era o equivalente a trinta tortas de carne e vinte das suas tortas de frutas com cobertura crocante. Disse que na verdade foi uma bela barganha, considerando tudo que você faz por ele.

Ele e as meninas trocaram olhares. Evie começa a rir de repente ao mesmo tempo que limpa lágrimas dos olhos.

— Ei, tudo bem, mãe — diz Letty. — Não precisa ficar tão emocionada. É só um

casaco.

* * *

Evie caminha para o trabalho. Chega cedo; o escritório está quase vazio. Felicity vai até o banheiro feminino se maquiar, e Evie cantarola enquanto deixa os orçamentos do marketing em sua mesa. Ao passar, vê uma fatura embaixo da bolsa de grife e dá um passo atrás para checar se é algo relacionado às contas da empresa. Fora frisado na reunião da semana anterior que nenhuma informação financeira deveria ser deixada para o dia seguinte. Porém, quando olha mais de perto, percebe que é pessoal: uma fatura de cartão de crédito. Evie dá uma olhada no total e pisca.

Mas realmente são cinco dígitos.

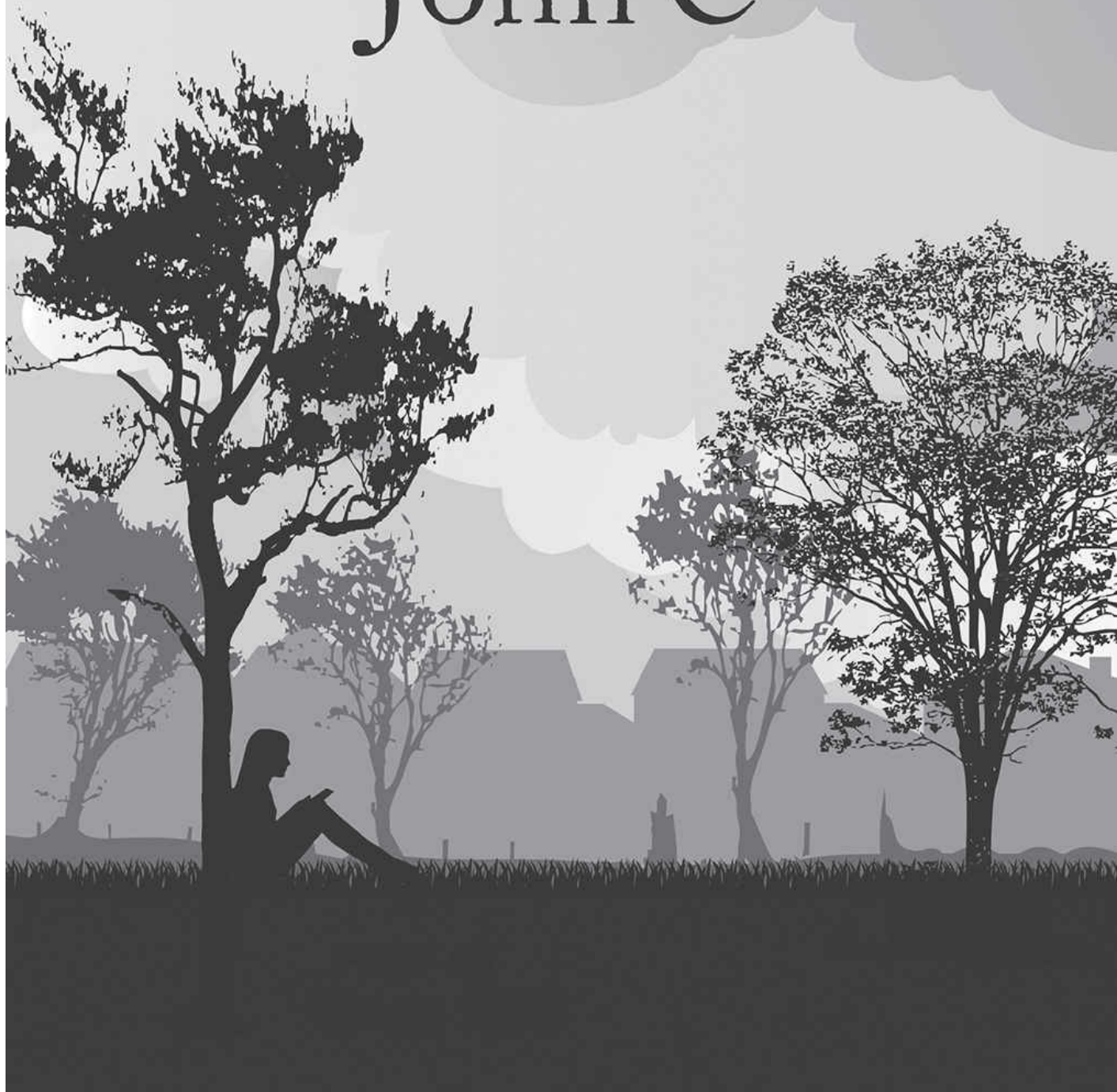
— Você vem com a gente? — pergunta Felicity na hora do almoço. — Pensamos em experimentar aquele restaurante tailandês. Você pode exibir o seu casaco novo!

Evie pensa por um minuto, então tira o almoço da bolsa.

— Hoje não — responde ela. — Mas obrigada mesmo assim.

Quando as mulheres saem, ela se vira e arruma com cuidado o casaco no encosto da cadeira, alisando a gola. E mesmo que em geral não goste muito de sanduíches de queijo, Evie acha que aquele está estranhamente delicioso.

Treze dias com John C



Quase tinha passado direto por ele. Nos últimos cem metros Miranda vinha caminhando com uma determinação distraída, pensando no que cozinhar aquela noite. As batatas haviam acabado.

Não que muitas coisas naquele caminho ainda chamassem sua atenção. Todas as noites, depois que chegava do trabalho e encontrava Geoff no sofá grudado em outra partida “imperdível” de futebol (Croácia contra alguma seleção africana naquela noite), ela calçava os tênis e caminhava um quilômetro e meio pela pista ao redor do parque. Isso a impedia de implicar com Geoff ao mesmo tempo que lhe mostrava que, sim, tinha uma vida além dele. Quando ele se dava o trabalho de desviar os olhos da televisão, é claro.

Então ela quase ignorara o toque distante, substituindo-o inconscientemente por buzinas de carros, sirenes e os outros sons de fundo da cidade. Mas, quando soou agudo bem próximo, ela olhou para trás e, percebendo que não havia ninguém por perto, diminuiu o passo e seguiu o som até os arbustos. E lá estava, meio escondido na grama alta: um celular.

Miranda Lewis parou, olhando para a pista deserta à sua frente, e o pegou — o mesmo modelo que o dela. No segundo que levou para se dar conta disso, o telefone parou de tocar. Ela se perguntava se deveria deixá-lo em algum lugar mais visível quando um breve toque anunciou a chegada de uma mensagem de texto. Era de “John C”.

Ela olhou em volta, sentindo-se estranhamente furtiva. Então ponderou: poderia ser o dono do aparelho, pedindo a quem o tivesse encontrado que o devolvesse, e depois de uma breve hesitação clicou no ícone de mensagem e a abriu:

Cadê vc linda?, dizia. Já faz 2 dias!!! Miranda olhou para a mensagem e, franzindo a testa, colocou o celular no bolso e continuou a caminhar. Não tinha sentido deixá-lo na grama. Ia pensar no que fazer quando chegasse em casa.

Sua melhor amiga, Sherry, gostava de lembrar a Miranda que um dia ela fora uma mulher atraente. Se qualquer outra pessoa tivesse enfatizado a parte do “um dia” da mesma maneira, Miranda teria ficado ofendida, mas, como Sherry acrescentava, vinte anos antes os caras de fato se ajoelhavam a seus pés. A filha de Miranda, Andrea, dava risadinhas quando Sherry dizia isso, como se a ideia de que alguém pudesse considerar sua mãe remotamente atraente fosse hilária. Mas Sherry não parava de falar nisso porque ficava revoltada com a falta de atenção de Geoff.

Toda vez que Sherry a acompanhava na caminhada noturna, ela listava os defeitos de

Geoff, comparando-o a seu marido, Richard. Ele ficava triste quando Sherry saía de um cômodo. Ele planejava um tempo “para os dois” toda sexta-feira à noite. Ele deixava bilhetes amorosos no travesseiro dela. Isso é porque vocês nunca tiveram filhos, você ganha mais do que ele e Richard fez um implante capilar malsucedido, pensava Miranda, embora nunca dissesse em voz alta.

Mas, nos últimos dezoito meses, tinha passado a encarar as opiniões de Sherry de maneira um pouco diferente. Porque, se permitisse a si mesma pensar com honestidade, Geoff havia começado a irritá-la. O modo como roncava. Como ela sempre tinha que lembrar a ele de esvaziar o lixo da cozinha, mesmo quando estava visivelmente transbordando. A forma como ele reclamava “Acabou o leite!”, como se a fada do leite não tivesse feito uma visita, mesmo que ela trabalhasse tantas horas quanto ele. O jeito como a mão dele a acariciava nos sábados à noite, tão mecanicamente como quando ele lavava o carro, mas possivelmente com menos afeto.

Miranda sabia que tinha sorte por manter um casamento de vinte e um anos. Ela acreditava que havia pouquíssimas coisas na vida que não podiam ser resolvidas com uma caminhada revigorante e um pouco de ar fresco. Vinha andando quatro quilômetros todos os dias nos últimos nove meses.

De volta à cozinha, com uma caneca de chá ao lado, tinha decidido, depois de uma rápida luta com sua consciência, abrir a mensagem mais uma vez.

Cadê vc linda? Já faz 2 dias!!!

A péssima pontuação e a abreviação pareciam de alguma forma motivadas pelo desespero inerente. Ela se perguntou se não deveria ligar para John C e explicar o que tinha acontecido, como encontrara o telefone, mas havia algo na intimidade da mensagem que fazia com que isso parecesse uma intromissão.

Os números de telefone da dona, pensou ela. Vou dar uma olhada e encontrá-la. Mas não havia nada na lista de contatos. Nenhuma pista a não ser John C. Tudo parecia estranho. Não quero ligar para ele, pensou de repente. Sentia-se desestabilizada por toda aquela emoção pura, como se alguém tivesse invadido seu pequeno abrigo, seu refúgio. Ia entregar o telefone na delegacia, decidiu, e então percebeu outro ícone: Agenda. E lá estava: a data do dia seguinte com a mensagem “*Ligar para o agente de viagens*”. Abaixo: “*Cabelo, Alistair Devonshire, 14h.*”

O salão foi fácil de encontrar; o nome soara familiar e, quando procurou o endereço, se deu conta de que devia ter passado na frente dele várias vezes. Um discreto salão sofisticado, perto da rua de cima. Ia pedir à recepcionista para avisar à cliente das 14h que ela havia perdido o telefone.

Mas duas coisas aconteceram que fizeram Miranda hesitar em dar continuidade ao que pretendia. A primeira foi o fato de que, sentada no ônibus no meio do trânsito, não tinha quase nada mais a fazer a não ser dar uma olhada nas fotos arquivadas. E lá estava ele, um homem sorridente, de cabelo escuro, sorrindo por trás de uma caneca, os olhos erguidos em um momento íntimo: John C. Ela leu outras mensagens. Apenas para saber se havia alguma pista, é claro. Quase todas eram dele.

Desculpe não pude ligar ontem à noite. W está de péssimo humor, acho que procurando pistas. Pensei em você a noite toda.

Posso imaginar vc com seu vestido, minha Dama Escarlata. Como ele toca a sua pele.

Consegue dar uma escapada na quinta? Falei para W que vou estar em uma conferência. Sonhando com os meus lábios na sua pele.

E em seguida mais algumas que fizeram Miranda Lewis, uma mulher que achava que poucas coisas na vida poderiam surpreendê-la, enfiar o telefone na bolsa e torcer para que ninguém mais visse o rubor em suas bochechas.

Estava em pé na recepção, os ouvidos tomados pelo zumbido de uma dezena de secadores de cabelo, já arrependida da decisão de ir até ali, quando uma mulher se aproximou.

— Tem hora marcada? — perguntou ela.

Seu cabelo, reluzente como a casca de uma berinjela, eriçava-se em tufo improváveis, e seus olhos demonstravam sua completa falta de interesse na resposta de Miranda.

— Não — respondeu ela. — É... Por acaso tem alguma cliente com hora marcada para as duas?

— Está com sorte. Ela cancelou. Kevin pode encaixar você. — Ela se virou. — Vou pegar um roupão.

Miranda ficou sentada, olhando o próprio reflexo no espelho: uma mulher com expressão ligeiramente perplexa com uma papada despontando e cabelo opaco que não tinha sido ajeitado por falta de tempo desde que ela descera do ônibus.

— Oi.

Miranda se sobressaltou quando um rapaz apareceu atrás dela.

— O que posso fazer por você? Só dar uma aparada?

— Ah. Hum. Na verdade, foi um pequeno equívoco. Eu só queria...

Naquele momento o telefone emitiu um bipe e, com um pedido de desculpas abafado, ela o procurou dentro da bolsa. Pressionou o ícone de mensagem de texto e se sobressaltou um pouco. O telefone que tinha pegado não era o dela.

Pensando no nosso último encontro. Você faz o meu sangue ferver.

— Tudo bem? Tenho que ser sincero, meu amor. Esse corte não é o melhor para você.

Ele pegou uma mecha inerte de cabelo.

— É mesmo?

Miranda olhou para a mensagem, destinada à pessoa que deveria estar sentada naquela cadeira. *Você faz o meu sangue ferver.*

— Quer tentar uma coisa diferente? Vamos dar uma revitalizada nesse visual? O que

acha?

Miranda hesitou.

— Vamos — respondeu, olhando para a mulher no espelho.

Até onde sabia, nunca tinha feito o sangue de Geoff ferver. Às vezes ele dizia que ela estava bonita, mas sempre parecera algo que ele achava que deveria dizer em vez de algo em que realmente acreditava. Na verdade, era o centroavante do Arsenal que realmente fazia o sangue de Geoff ferver; com frequência ele se ajoelhava diante da televisão, golpeando o chão animadamente.

— Vamos ousar, então? — perguntou Kevin, com o pente erguido.

Miranda pensou na filha, bocejando alto e sempre que Sherry começava a falar dos encontros em duplas da adolescência. Pensou em Geoff, que nem ao menos tirava os olhos da televisão quando ela chegava do trabalho. *Oi, querida*, dizia, erguendo a mão para cumprimentá-la. A mão. Como se ela fosse um cachorro.

— Tive uma ideia — disse Miranda. — Vamos fazer o que quer que sua cliente das duas fosse fazer.

Kevin ergueu uma sobrancelha.

— Aah... Boa escolha — disse ele, aparentemente cumprimentando-a. — Isso vai ser divertido.

* * *

Ela não caminhou pela trilha naquela noite. Ficou sentada na cozinha relendo as mensagens, e então se sobressaltou, culpada, e olhou para a sala quando mais uma mensagem chegou. Sentiu um leve baque no coração ao ver o nome. Hesitou, mas em seguida a abriu. Estou preocupado com vc. Faz tempo demais. Posso suportar (mal!) se você não quiser mais fazer isso, mas preciso saber se vc tá bem. Bjbjbj.

Ela ficou olhando a mensagem, sentindo a preocupação amorosa, a tentativa de soar bem-humorado. Depois olhou seu reflexo e admirou o corte mais curto e avermelhado que Kevin classificara como seu melhor trabalho naquela semana.

Talvez fosse o fato de não parecer ela mesma. Talvez fosse porque não gostava de ver ninguém sofrer, e John C estava claramente sofrendo. Talvez fosse porque já tinha bebido várias taças de vinho. Mas, com os dedos um pouco trêmulos, escreveu uma resposta.

Estou bem, digitou. Só está difícil falar agora. Então acrescentou: Bj. Apertou o botão de ENVIAR, e ficou ali sentada, o coração acelerado, mal respirando até que a resposta chegou.

Graças a Deus. Venha me ver logo, Dama Escarlata. Estou triste sem vc. Bj. Um pouco meloso, mas ela riu.

Depois daquela primeira noite, ficou mais fácil responder. John C mandava mensagens várias vezes ao dia, e ela respondia. Algumas vezes, durante o trabalho, ela se pegava pensando no que ia dizer, e os colegas observavam que ela ruborizava de repente ou que estava sempre distraída, e faziam comentários cúmplices. Ela sorria e não os contradizia. Por que faria isso se a mensagem seguinte de John C chegaria menos de meia hora depois, declarando sua paixão, seu desejo ardente de vê-la?

Certa vez, deixara uma à vista em cima de sua mesa de propósito, sabendo que Clare

Trevelyan não ia conseguir não lê-la — ou fofocar sobre o conteúdo no fumódromo. Ótimo, pensou ela. Eles que pensem o que quiserem. Gostava da ideia de surpreender as pessoas de vez em quando. Deixar que pensassem que ela era objeto de uma paixão, a Dama Escarlata de alguém. Passou a ter um brilho nos olhos e certo gingado no andar e podia jurar que o menino da correspondência passava mais tempo na mesa dela do que de costume.

Se por vezes achava que o que estava fazendo era errado, afastava o pensamento. Era apenas uma pequena fantasia. John C estava feliz. Geoff estava feliz. A outra mulher provavelmente entraria em contato com ele de alguma maneira, e então tudo acabaria. Tentava não pensar em como ia sentir falta daquilo quando se imaginava fazendo as coisas que eles costumavam fazer juntos.

Já tinham se passado quase duas semanas quando ela se deu conta de que não ia conseguir mais enrolá-lo. Dissera a ele que houvera um problema com seu telefone, que estava esperando um novo, e sugerira que até lá se falassem apenas por mensagens. Mas ele estava ficando insistente:

Por que não terça? Podemos não ter outra chance até a semana que vem.

The English Gentleman. Um drinque na hora do almoço. Por favor!

O que vc está tentando fazer comigo?

Não era só isso. John C começara a consumir sua vida. Sherry a olhava de maneira suspeita e comentava como estava bonita, como Geoff devia finalmente estar fazendo alguma coisa certa, de uma forma que sugeria que ela achava isso improvável. Mas as mensagens de John C criaram uma intimidade que Miranda nunca experimentara com nenhum outro homem. Os dois tinham o mesmo senso de humor, eram capazes de expressar por mais que de forma abreviada os sentimentos mais complexos e sinceros. Incapaz de contar a ele a verdade, ela confessava seus desejos secretos e seu sonho de viajar para a América do Sul.

Eu levo vc lá. Sinto falta da sua voz, Dama Escarlata, disse ele.

Eu ouço a sua nos meus sonhos, respondeu, e corou com a própria audácia.

Por fim ela enviou para ele a mensagem crucial. The English Gentleman. Quinta. Oito da noite.

Não tinha certeza de por que fizera aquilo. Parte dela, a velha Miranda, sabia que a situação não podia continuar. Que era uma loucura temporária. Mas então havia a nova Miranda, que, embora talvez nunca fosse capaz de admitir para si mesma, tinha começado a pensar em John C como o *seu* John. Miranda podia não ser a proprietária original do telefone, mas John C teria que admitir que houvera uma conexão. Que a mulher com quem ele falara pelos últimos treze dias era alguém que mexia com ele, que o fazia rir, que embaralhava seus pensamentos. No mínimo ele teria que admitir isso. Porque suas mensagens mudaram a vida dela; tinham feito com que ela se sentisse viva de novo.

Quinta à noite, ela vasculhava suas maquiagens como uma adolescente no primeiro

encontro.

— Aonde você vai? — perguntou Geoff, desviando o olhar da televisão. Ele parecia um pouco surpreso, embora ela usasse um casaco longo. — Você está bonita. — Ele se ajeitou no sofá. — Eu ia mesmo dizer que gostei do seu cabelo.

— Ah, isso — respondeu ela, corando levemente. — Vou tomar um drinque com Sherry.

Use o seu vestido azul, dissera John C. Ela comprara um especialmente para a ocasião, decotado na frente e plissado.

— Divirtam-se — disse Geoff.

E se virou de volta para a televisão, mudando um pouco de posição no sofá enquanto erguia o controle remoto.

A autoconfiança de Miranda evaporou rapidamente assim que ela entrou no pub. Quase dera meia-volta no caminho até lá e ainda não pensara no que dizer se encontrasse alguém conhecido. Além disso, o pub não era o tipo de lugar para onde as pessoas se arrumavam para ir, ela se deu conta tarde demais, por isso não tirou o casaco. Mas, depois de meio copo, mudou de ideia e tirou-o. A amante de John C não ficaria constrangida por beber sozinha usando um vestido azul.

A certa altura, um homem se aproximou e se ofereceu para lhe pagar uma bebida. Ela se sobressaltou e, em seguida, percebendo que não era ele, recusou.

— Estou esperando uma pessoa — disse, e apreciou o olhar pesaroso dele enquanto se afastava.

Ele estava quase quinze minutos atrasado quando ela pegou o telefone. Ia mandar uma mensagem. Estava quase começando a digitar a mensagem quando olhou para cima e deparou com uma mulher parada diante de sua mesa.

— Olá, Scarlet — disse ela.

Miranda piscou. Uma mulher jovem e loira, usando um casaco de lã. Ela parecia cansada, mas seu olhar era passional, intenso.

— O que disse? — perguntou.

— É você, não é? A Dama Escarlate? Meu Deus, achei que você era mais nova. — Havia desprezo em sua voz. Miranda largou o telefone. — Ah, sinto muito. Devia ter me apresentado. Sou Wendy. Wendy Christian. A mulher do John.

O coração de Miranda acelerou.

— Você sabia que ele tinha uma esposa, não sabia? — Ela mostrou um telefone idêntico. — Ele me citou várias vezes, pelo que vejo. Ah, não. — A voz dela se elevou teatralmente. — É claro que você não percebeu que não era com ele que estava falando nesses últimos dois dias. Peguei o telefone dele. Sou eu. Era eu o tempo todo.

— Ah, meu Deus — disse Miranda, baixinho. — Olha, foi um...

— ... erro? Pode apostar que foi. Essa mulher está dormindo com o meu marido — anunciou ela em voz alta e ligeiramente trêmula para todo o pub. — E agora decidi que pode ter sido um erro. — Ela se debruçou sobre a mesa. — Na verdade, Scarlet, ou qualquer que seja o seu nome, o erro foi meu, por ter me casado com um homem que acha que ter uma mulher e dois filhos pequenos não é empecilho para ele continuar se divertindo por aí.

Miranda sentiu o súbito silêncio no pub, os olhares fixos nela. Wendy Christian percebeu sua expressão chocada.

— Pobrezinha. Achou que era a primeira? Bem, Scarlet, na verdade você é a quarta. E essas são apenas as que eu sei.

A visão de Miranda de repente embaçara. Ela continuava esperando que os sons normais do pub fossem retomados à sua volta, mas o silêncio, agora opressivo, continuava. Por fim, agarrou o casaco e a bolsa e correu para a porta, as bochechas queimando, a cabeça baixa diante dos olhares acusatórios.

A última coisa que ouviu quando a porta bateu atrás dela foi o som de um celular tocando.

* * *

— É você, querida? — Geoff ergueu a mão ao ouvi-la passar pela entrada da sala de estar. Miranda ficou subitamente grata pela atração irresistível da televisão. Em seus ouvidos ainda ecoavam as acusações daquela mulher amargurada. Suas mãos ainda estavam trêmulas. — Chegou cedo.

Ela respirou fundo, olhando para a nuca dele acima do sofá.

— Decidi — disse ela lentamente — que na verdade não queria sair.

Ele olhou para trás.

— Richard vai ficar contente. Ele não gosta quando Sherry sai, né? Fica com medo de alguém roubá-la dele.

Miranda ficou parada.

— E você?

— Eu o quê?

— Fica com medo de alguém me roubar de você?

Ela estava eletrificada, como se o que quer que ele respondesse fosse ter implicações muito maiores do que imaginava.

Geoff se virou para olhar para ela e sorriu.

— Claro. Você era uma gata, lembra?

— Era?

— Venha cá — disse ele. — Venha me dar um abraço. São os últimos cinco minutos de Uruguai contra Camarões.

Ele estendeu a mão e, depois de um momento, ela a pegou.

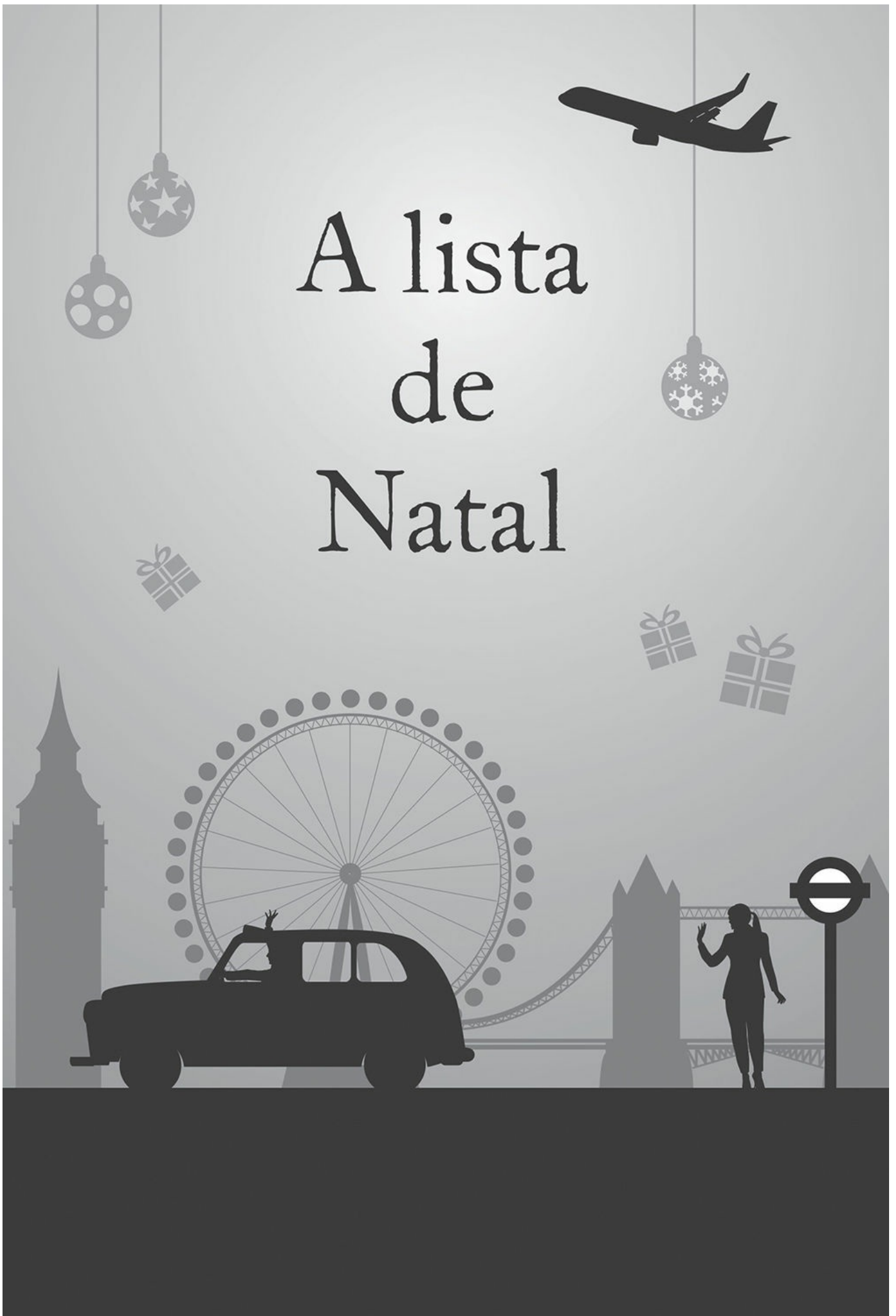
— Dois minutos — falou ela. — Tem uma coisa que preciso fazer antes.

Na cozinha, procurou o telefone. Seus dedos, dessa vez, estavam firmes.

Querido John C, escreveu. Uma aliança no dedo vale mais que duas ligações ao telefone. Você deveria se dar conta disso. Fez uma pausa e em seguida acrescentou: Gata.

Apertou ENVIAR e desligou o telefone, enfiando-o no fundo da lata de lixo da cozinha. Suspirou, tirou os sapatos e depois fez duas xícaras de chá, levando-as até a sala de estar, onde o Uruguai estava prestes a cobrar um pênalti que faria Geoff se jogar no carpete, socando a lâ com entusiasmo. Miranda se sentou e olhou para a tela da televisão, sorrindo com altivez ao olhar para o marido e tentando ignorar o som distante, mas persistente, em algum lugar bem no fundo de sua mente, de um telefone tocando.

A lista de Natal



Fritilária Rosa. Só mesmo a mãe de Dave insistiria em um perfume do qual ninguém nunca tinha ouvido falar. Chrissie já percorrera todo o West End e ouvira em todas as lojas de departamento: “Ah, não, não temos mais estoque desse. Tente na...”

Enquanto abre caminho em meio à multidão, começa a imaginar se Diana fez de propósito. Só para poder dizer com um suspiro, no Natal: *Ah, David me disse que você ia comprar o perfume. Mas... isso... é ótimo.* Chrissie não vai lhe dar essa satisfação. Ela avança com dificuldade pela Oxford Street, desviando dos compradores atormentados cheios de sacolas brilhantes, entrando em lojas até seus pés doerem, os ouvidos cansados do som de “Jingle Bells” em um loop eletrônico. Um, pensa, vai se lembrar de que o dia vinte e três não é o melhor para fazer compras de última hora.

Na Selfridges, outra atendente dá de ombros e olha com cara de quem não faz ideia do que ela está falando. Chrissie acha que vai desatar a chorar. Do lado de fora, começou a chover. Ela sente o peso das sacolas de compras em seus ombros e faz algo que nunca fez. Entra em um dos bares elegantes e pede uma taça de vinho. Bebe-a rápido, sentindo-se rebelde, e deixa uma generosa gorjeta quando sai, como se fosse o tipo de mulher que faz isso o tempo todo.

— Tudo bem — diz enquanto se encaminha para a porta —, uma última tentativa.

E então ela tem uma visão rara em uma rua chuvosa de Londres: um táxi com as luzes acesas. Ela corre pela calçada e o táxi encosta para pegá-la.

— Hum... Liberty, acho.

Ela coloca as sacolas no banco de trás e se acomoda, satisfeita. Nunca esteve no banco de trás de um táxi londrino sem sentir vagamente como se tivesse sido resgatada de alguma coisa.

— Você “acha”?

— Estou procurando um perfume. Para a minha sogra. A Liberty é a minha última esperança.

Ela vê apenas os olhos divertidos dele pelo retrovisor, o cabelo cortado rente na parte de trás da cabeça.

— Seu marido não pode ajudar?

— Ele não faz compras.

O motorista ergue uma das sobrancelhas. Há um mundo inteiro naquela sobrancelha erguida. E então o telefone dela emite um bipe de mensagem:

Você pegou os dólares para minha viagem a NY?

Ela tivera que ir até em casa para buscar o passaporte, porque o banco não permitiu que ela trocasse o dinheiro sem ele. É por isso que está atrasada. Sim, digita. Espera um momento, mas ele não responde.

— Você compra presentes, então? — pergunta ela ao motorista.

— Compro. Eu adoro essa coisa toda. Mas este ano minha filha veio morar conosco porque acabou de ter um bebê, então... estamos um pouco comedidos com os gastos.

— Ela é mãe solteira?

O vinho a deixou um pouco tagarela. É uma das razões por que David não gosta que ela beba.

— É. Ela teve um namorado, um pouco mais velho, mas ele disse que não queria filhos. Ela engravidou e acabou que, no fim das contas, ele estava falando sério. É um pouco complicado, e estamos apertados de dinheiro, mas... — Ela sente a alegria em sua voz. — É maravilhoso.

Não quero ter filhos, dissera David a ela bem no começo. *Nunca quis*. Essas palavras soam abafadas. Parte dela simplesmente presumira que um dia ele mudaria de ideia.

— Sorte dela. Por ter você.

— Você tem filhos?

— Não — responde ela. — Não tenho.

O táxi segue pacientemente pela rua molhada e congestionada. Ao lado, na vitrine de uma loja, “Jingle Bells” toca em um volume ensurdecedor. O motorista olha para ela.

— Está ansiosa para o Natal?

— Não exatamente. A minha sogra não gosta muito de mim. E vai ficar conosco por dez dias. Junto com o outro filho, que fala por meio de grunhidos e guarda o controle remoto no bolso da calça. Provavelmente vou ficar escondida na cozinha a maior parte do tempo.

— Não parece muito divertido.

— Desculpe. Sou uma desmancha-prazeres. Na verdade, tomei uma taça grande de vinho branco. O que significa que estou dizendo o que penso.

— Não costuma fazer isso, então? Dizer o que pensa?

— Nunca. É mais seguro assim.

Ela tenta disfarçar as palavras com um sorriso animado, mas faz-se um silêncio curto e desconfortável. Controle-se, ela se repreende.

— Tive uma ideia — diz ele. — Minha mulher tem uma amiga que trabalha na Liberty. Vou ligar para casa. Qual é o nome do perfume?

Ela não consegue não ouvir a conversa. A voz dele ao telefone é baixa, íntima. Antes de desligar, ele ri de uma piada interna deles dois. Ela e David não têm nenhuma piada interna. De alguma forma, se dar conta disso a entristece mais do que qualquer coisa.

— Esqueça a Liberty. Você tem que ir a uma lojinha de perfumes atrás do Covent Garden, segundo ela. Quer que eu a leve até lá?

Ela se inclina para a frente.

— Ah, sim, por favor!

— Ela conhecia o perfume. Disse que é muito bom. E caro.

Ele abre um sorriso cúmplice.

— É, parece a cara da Diana.

— Bem, agora você vai cair nas graças dela, não vai? Segure-se, vou fazer um retorno

proibido.

O taxista acelera pela rua, e ela ri quando é arremessada para o outro lado do banco. Ele sorri.

— Adoro fazer isso. Um dia vou ser pego.

— Você gosta do seu trabalho?

Ela se endireita no assento.

— Adoro. A maioria dos meus clientes é legal... Não paro para qualquer um, sabe? Só para as pessoas que parecem legais.

— Eu parecia “legal”, então?

Ela ainda está rindo.

— Você parecia angustiada. Detesto ver uma mulher angustiada.

Ela sabe imediatamente a que ele está se referindo. Àquela expressão que parece ter se enraizado em seu rosto nos últimos anos: as sobrancelhas cerradas, os lábios comprimidos. Quando me tornei essa mulher?, ela se pergunta. Quando meu chefe foi embora e o Impiedoso Ming assumiu. Quando meu marido começou a passar todas as noites diante de uma tela de computador, conversando com pessoas que não conheço. Quando parei de olhar para mim mesma nas vitrines das lojas.

— Eu ofendi você.

— Não... Eu só queria não estar... parecendo angustiada. Eu não costumava ser assim.

— Talvez esteja precisando de férias.

— Ah, não. Temos que receber a mãe dele esses dias. O que não são exatamente férias. Sabe, ele faz diversas viagens a trabalho para lugares lindos.

O motorista ergue a mão para cumprimentar outro taxista.

— Para onde iria então? Se pudesse ir para qualquer lugar.

Ela pensa.

— A minha melhor amiga, Moira, mora em Barcelona. Ela é dona de um restaurante bem no centro. É uma chef incrível. Acho que eu iria para lá. Não a vejo há anos. Nós nos falamos por e-mail, mas não é a mesma coisa. Ah. Com licença. O telefone.

Ela vasculha a bolsa e olha para a tela iluminada.

Não se esqueça de comprar o Stilton daquela loja de queijos especial que a mamãe adora.

Ela sente um frio na barriga. Esqueceu por completo.

— Tudo bem? — pergunta o motorista depois de uma pausa.

— Esqueci o queijo. Devia ter ido a uma loja em Marylebone.

Ela não consegue disfarçar o desespero na voz.

— Precisa ir tão longe? Só por um queijo?

— Ela só gosta de um tipo específico de Stilton.

— Caramba. É uma cliente exigente — comenta ele. — Quer que eu faça um retorno? O trânsito não está muito bom.

Ela suspira. Junta as sacolas ao seu redor.

— Não, é melhor eu pegar o metrô. Provavelmente já estourei meu orçamento para o

táxi. Pode parar para eu descer?

Ele olha nos olhos dela.

— Não precisa. Vamos fazer o seguinte: vou desligar o taxímetro.

E desliga.

— Não pode fazer isso!

— Já fiz. Faço uma vez por ano. Todos os anos. Você é a sortuda da vez. Vamos fazer assim: compramos o perfume, depois vamos até a loja de queijos e eu deixo você na sua estação de metrô quando terminarmos. Um presentinho de Natal... Ah, não... Eu estava tentando fazer você sorrir de novo.

Algo estranho aconteceu. Os olhos de Chrissie se encheram de lágrimas.

— Desculpe — diz ela, secando o rosto. — Não sei o que deu em mim.

Ele abre um sorriso compreensivo. Isso faz com que ela sinta ainda mais vontade de chorar.

— Vamos resolver a história do perfume. Vai fazer você se sentir melhor.

Ele está certo sobre o trânsito. Eles ficam parados em fileira de carros, acelerando um pouco de vez em quando por ruas laterais. Londres inteira parece cinza, molhada e mal-humorada. Ela se sente afortunada por estar no táxi aconchegante, protegida das coisas ruins do lado de fora. Ele fala sobre a mulher, de como gosta de acordar de madrugada com o bebê para a filha poder dormir, só ele e a pequena criaturinha nos braços, olhando para ele. Quando para de falar, ela já quase esqueceu por que estacionaram.

— Vou esperar aqui. Deixe as suas sacolas — diz ele.

A loja de perfumes é um paraíso gloriosamente aromatizado.

— Fritilária Rosa — diz ela, pensando, enquanto lê o que o marido escreveu, como aquele perfume é delicado para ser usado por uma mulher tão amarga e mal-humorada.

— Sinto muito, mas não temos mais o de cinquenta mililitros — informa a vendedora, chegando por trás dela. — Só o de cem. E é o perfume, não a água de colônia. Serve?

É o dobro do que ela esperava. Mas só de pensar na cara de Diana... *Ah!*, ela ia exclamar, curvando os cantos da boca para baixo. *Você comprou a versão mais barata! Mas tudo bem. Tenho certeza de que serve para o dia a dia...*

— Tudo bem — diz Chrissie.

Vai pensar na despesa em janeiro. A vendedora embala o perfume em seis camadas de papel rosa.

— Pronto! — exclama Chrissie ao voltar para o táxi. — Comprei o maldito perfume.

— Muito bem! — diz ele como se ela tivesse realizado uma verdadeira proeza. — Certo. Agora para Marylebone.

Eles conversam, ela inclinada para a frente pela abertura da divisória. Ela conta sobre o passaporte e os dólares, e ele balança a cabeça. Ela conta como gostava do emprego até a chegada do novo supervisor, um homem para quem aparentemente ela não consegue fazer nada certo. Fala pouco de David, sentindo-se desleal. Mas quer falar. Quer dizer a alguém como se sente sozinha. Como parece que está deixando de enxergar alguma coisa: o trabalho até tarde, as viagens de negócios. Como se sente burra, cansada e velha.

Então eles chegam à loja de queijos. Há uma longa fila, visível através da grande vitrine, mas o motorista não parece se importar. Ele comemora quando ela finalmente aparece com a enorme e fedorenta roda de queijo.

— Você conseguiu! — observa ele, admirado, e ela não consegue se conter e também comemora.

O telefone dela emite um bipe.

Pedi para você comprar especificamente o bolo de Natal da Waitrose. Você comprou o da Marks & Spencer. Acabei de ser obrigado a ir até a Waitrose, já que você está demorando tanto e o bolo tinha acabado. Não faço a menor ideia do que vamos fazer a respeito.

É como se ela tivesse perdido o fôlego. De repente imagina os quatro em torno da mesa de Natal e ouve David pedir desculpas mordazes a sua família por causa do bolo de Natal “errado”. E algo dentro dela cede.

— Não vou aguentar — diz ela.

— Não vai aguentar o quê?

— O Natal. Não vou conseguir ficar lá sentada com o queijo e o bolo de Natal errado e... eles. Simplesmente... não vou aguentar.

Ele para o carro. Ela olha para as sacolas.

— O que estou fazendo? Você diz que não tem nada, mas tem uma família que adora. Eu tenho um Stilton metido a besta e três pessoas que na verdade não gostam de mim.

Ele se vira no assento. É mais jovem do que ela imaginava.

— Então o que está prendendo você?

— Eu sou casada!

— Até onde sei, é um compromisso, não uma prisão. Por que não vai visitar a sua amiga? Ela ficaria feliz em ver você?

— Ela adoraria. Até o marido dela ia gostar. Sempre me convidam para ir até lá. Eles são... eles são... alegres.

Ele ergue as sobrancelhas. Seus olhos sorriem.

— Eu não posso simplesmente... ir.

— Está com o passaporte na bolsa. Você me contou.

Algo se inflama dentro dela, um flash de conhaque em chamas sobre um bolo flambado.

— Posso deixar você na estação King’s Cross. Pegue a linha Piccadilly até o aeroporto de Heathrow e tome um voo. Sério. A vida é curta. Curta demais para ficar tão angustiada.

Ela pensa no Natal livre da desaprovação de Diana. Das costas indiferentes do marido, de seu desprezo regado a vinho clarete.

— Ele nunca me perdoaria. Seria o fim do meu casamento.

O motorista sorri.

— E seria uma tragédia?

Eles se entreolham.

— Vamos — diz ela de repente.

— Segure firme.

E, com os pneus cantando, ele faz o segundo retorno proibido do dia.

Durante todo o caminho por vias secundárias, o coração dela bate acelerado. Risos

continuam forçando o caminho para fora de seu peito. A resposta de Moira é rápida e inequívoca: SIM!! VENHA!! Chrissie pensa em seu supervisor, olhando irritado para o relógio quando ela não aparecer para trabalhar depois do feriado de Natal. Pensa na incredulidade indignada de Diana. Pensa em Barcelona e nos abraços receptivos do marido de Moira e nas risadas surpresas deles e na mesa enorme, repleta de amigos, que estão planejando para o dia de Natal. E então chegam à estação King's Cross. E o motorista para cantando pneus novamente.

— Vai mesmo fazer isso?

— Vou mesmo fazer isso. Obrigada...

— Ray — diz ele, e enfia o braço pela abertura da divisória para apertar sua mão.

— Chrissie — fala ela. E pega as sacolas de compras do assento. — Ah. Todas essas coisas...

Então olha para ele.

— Tome. Dê o perfume para a sua mulher. E dê os vale-presentes para a sua filha.

— Não precisa...

— Por favor. Eu ficaria muito feliz.

Ele hesita, então aceita as sacolas, balançando a cabeça.

— Obrigado. Ela vai simplesmente adorar.

— Acho que não vai querer o Stilton, vai?

Ele faz uma careta.

— Não suporto essa coisa.

— Nem eu.

Os dois começam a rir.

— Estou me sentindo... um pouco maluca, Ray.

— Acho que chamam isso de espírito de Natal — diz ele. — Eu me deixaria levar.

Ela começa a correr pelo pátio da estação, as pernas voando como as de uma garotinha. Então faz uma pausa, joga o queijo solenemente em uma lata de lixo e se vira bem a tempo de vê-lo com uma das mãos erguida em um aceno. Enquanto ela corre em meio à multidão em direção ao guichê de compra de passagens e ele volta para o trânsito congestionado de Natal, os dois ainda estão rindo.

Lua de mel
em
Paris



PARIS, 2002

Liv Halston segura firme no guarda-corpo da Torre Eiffel, olha através da grade para toda a Paris espalhada lá embaixo e se pergunta se alguém, algum dia, já teve uma lua de mel tão desastrosa quanto a que está tendo.

À sua volta, famílias de turistas gritam e se afastam da vista, ou se encostam na grade de um jeito teatral para os amigos tirarem fotos, tudo isso sob o olhar impassível de um segurança. Vinda do lado oeste, uma massa de nuvens relampejantes de tempestade se aproxima. O vento frio deixou suas orelhas rosadas.

Alguém joga um aviãozinho de papel e ela observa sua viagem em espiral, sustentada pela ventania, até ele ficar muito pequeno e sumir de vista. Em algum lugar lá embaixo, entre os elegantes bulevares Haussmann, os pequenos quintais, os parques de desenho clássico e as suaves ondulações das margens do Sena, está seu novo marido. O marido que lhe informou, no segundo dia da lua de mel, que sentia muito, mas precisava encontrar uma pessoa aquela manhã para resolver um assunto de trabalho. O prédio nos limites da cidade sobre o qual ele andara comentando. Só uma horinha. Não deveria demorar. Ela ficaria bem, não ficaria?

O mesmo marido a quem ela dissera que, se saísse do quarto de hotel, podia ir embora e nunca mais voltar.

David tinha pensado que ela estava brincando. Ela pensara que ele que estava. Ele meio que riu.

“Liv, é importante.”

“Nossa lua de mel também”, retrucara ela.

O jeito como eles haviam se olhado nesse momento... Como se estivessem diante de alguém que nunca tinham visto.

— Ai, meu Deus. Acho que vou ter que descer. — Uma americana com uma enorme pochete porta-dólar na cintura e cabelo castanho-acobreado faz uma careta ao avançar devagarinho. — Não posso com altura. Está sentindo ranger?

— Eu não tinha notado — diz Liv.

— Meu marido é como você. Tranquilo feito um monge. Seria capaz de ficar em pé aí o dia todo. Fiquei muito mal subindo naquele elevador.

Ela olha para um homem de barba empenhado em tirar fotos com uma câmera cara, estremece e então dirige-se ao elevador, segurando-se no guarda-corpo.

É pintada de marrom, a Torre Eiffel. Do mesmo tom do chocolate. Uma cor estranha

para uma estrutura de aspecto tão delicado. Ela começa a virar para dizer isso a David antes de se dar conta de que, é claro, ele não está lá. Ela se imaginara com David ali em cima desde o momento em que ele sugerira uma semana em Paris. Os dois, abraçados, talvez à noite, olhando para a Cidade Luz lá embaixo. Ela estaria tonta de felicidade. Ele olharia para ela do mesmo jeito que olhara quando a pedira em casamento. Ela se sentiria a mulher mais sortuda do mundo.

Então, uma semana virara cinco dias por causa de uma reunião em Londres na sexta-feira, a que ele não podia faltar. E, desses cinco dias, apenas dois tinham se passado quando surgiu outra reunião aparentemente imperdível. E agora Liv está ali parada, tiritando, com o vestido de alcinha que havia comprado por ser do mesmo tom de seus olhos — ela achou que David notaria —, enquanto o céu fica cinzento e começa a chover. E ela se pergunta se com seu francês dos tempos de escola dá para chamar um táxi para o hotel, ou se, com seu humor, é melhor enfrentar a penosa caminhada sob a chuva. Ela vai para a fila do elevador.

— Você vai deixar o seu aqui em cima também?

— O meu o quê?

A americana está ao seu lado. Sorri e indica com a cabeça a aliança reluzente de Liv.

— O seu marido.

— Ele... ele não está aqui. Ele está... ocupado hoje.

— Ah, vocês vieram a negócios? Que maravilha. Enquanto ele trabalha, você se diverte com as atrações turísticas. — A mulher ri. — Planejou direitinho, querida.

Liv dá uma última olhada na Champs-Élysées e algo se assenta no fundo do estômago.

— É — diz ela. — Sou uma sortuda, não é?

* * *

Casamento apressado é sinônimo de arrependimento... alertaram as amigas. Disseram isso de um jeito brincalhão, mas, dado que ela e David se conheciam havia três meses e onze dias quando ele a pedira em casamento, Liv detectou que havia um fundo de verdade naquilo.

Liv não quisera uma cerimônia grandiosa. A ausência de sua mãe teria pairado sobre o evento, dando-lhe um tom sombrio. Então ela e David fugiram para Roma, onde ela comprou um vestido branco de catálogo em um estilista discreto, mas caríssimo, na via Condotti, e não entendera quase nada da cerimônia na igreja até David enfiar um anel no seu dedo.

O amigo de David, Carlo, que ajudara a organizar a cerimônia e fora uma das testemunhas, brincara com Liv depois, dizendo que ela se limitara a concordar em honrar, obedecer e aceitar quaisquer esposas que David eventualmente desejasse acrescentar à coleção. Ela passara vinte e quatro horas ininterruptas rindo.

Ela sabia que tomara decisão certa. Soubera desde o momento em que o conhecera. Soubera até mesmo quando seu pai parecera abatido com a notícia e disfarçara imediatamente a frustração com calorosos parabéns, e ela se dera conta, com um sentimento de culpa, que, embora nunca tivesse sonhado com seu casamento, seu pai

viúvo tinha. Ela sabia que havia acertado quando fizera a mudança de seus poucos pertences para a casa de David — a estrutura de vidro em cima de uma fábrica de açúcar às margens do Tâmis, uma das primeiras coisas que ele havia projetado e construído. Todas as manhãs, nas seis semanas entre o casamento e a lua de mel, ela acordara na Casa de Vidro rodeada de céu, olhara para seu marido adormecido e soubera que tinham sido feitos um para o outro. Algumas paixões são muito grandes para serem deixadas de lado.

“Você não acha que é... sei lá... meio jovem?”, Jasmine depilava as pernas em cima da pia da cozinha. À mesa, Liv a observava e fumava um cigarro contrabandeado. David não gostava de cigarro. Ela lhe dissera que havia parado um ano antes. — Quero dizer, não estou fazendo graça, Liv. Mas você costuma ser impulsiva. Como aquele lance de cortar o cabelo todo por causa de uma aposta. E largar o emprego e dar a volta ao mundo.

“Como se eu fosse a única pessoa a fazer isso.”

“Você é a única pessoa que eu conheço que fez as duas coisas no mesmo dia. Sei lá, Liv. É só que... parece tudo muito rápido.”

“Mas eu sinto que é certo. Estamos muito felizes juntos. E eu simplesmente não consigo imaginá-lo fazendo algo que me deixe irritada ou triste. Ele é”, Liv soprou um anel de fumaça na direção da luz, “perfeito.”

“Bem, ele definitivamente é um amor de pessoa. Eu só não consigo acreditar que você, entre tantas pessoas, vai se casar. De nós, foi você que sempre jurou que não se casaria.”

“Eu sei.”

“Ai. Porra. Doeui.” Ela segurou a folha de cera e fez uma careta para o resíduo repulsivo. “Ele tem um corpão. E aquela casa parece incrível. Melhor que esse buraco.”

“Quando acordo do lado dele eu me sinto como se tivesse acordado nas páginas de uma dessas revistas femininas. É tudo muito adulto. Eu nem me dei o trabalho de levar muita coisa. Ele tem lençóis de linho, pelo amor de Deus. Lençóis de linho de verdade.” Ela soprou outro anel de fumaça. “Feitos de linho.”

“Aham. E quem vai acabar passando esses lençóis de linho?”

“Eu que não vou ser. Ele tem faxineira. Diz que eu não preciso fazer essas coisas. Ele sacou que sou péssima dona de casa. Na verdade, ele quer que eu pense em fazer uma pós.”

“Uma pós?”

“Ele diz que sou muito inteligente para não fazer nada da vida.”

“Isso mostra há quanto tempo ele te conhece.” Jasmine girou a perna, procurando pelos perdidos. “Então. Você vai fazer?”

“Não sei. Tem muita coisa acontecendo, com a mudança para a casa dele e o casamento e tudo o mais. Eu sinto que devo primeiro me concentrar em me casar.”

“Uma esposa.” Jasmine riu para Liv com malícia. “Ai, meu Deus. Esposinha.”

“Não fale assim. Ainda me assusta um pouco.”

“Esposinha.”

“Pare com isso.”

Obviamente Jasmine continuou repetindo aquilo até Liv acertá-la em cheio com um pano de prato.

Ele está no hotel quando ela volta. Ela decidira ir a pé e o temporal resolvera cair, portanto Liv está ensopada, o vestido grudando nas pernas molhadas. Ao passar pela recepção, pode jurar que o *conciERGE* lhe lança o olhar reservado ao tipo de mulher cujo marido vai a reuniões de trabalho na lua de mel.

David está ao telefone quando ela entra. Ele se vira, olha para ela e interrompe a ligação.

— Por onde você andou? Eu estava ficando preocupado.

Ela tira o casaco molhado dos ombros, pega um cabide no armário.

— Subi a Torre Eiffel. E voltei a pé.

— Você está ensopada. Vou encher a banheira para você.

— Eu não quero um banho de banheira.

Ela quer, sim. Não pensou em mais nada durante todo o caminho de volta.

— Vou pedir um chá então.

Quando ele pega o telefone para ligar para o serviço de quarto, ela se afasta, entra no banheiro e fecha a porta. Sente o olhar de David às suas costas mesmo bem depois de tê-la fechado. Ela não sabe por que está sendo teimosa. Planejava ser agradável quando voltasse, para melhorar o dia. Afinal de contas fora só uma reunião. E ela *sabia* como ele era, desde o primeiríssimo encontro, quando ele a levava para passear de carro por Londres e lhe contara sobre a origem e o projeto das modernas estruturas de vidro e aço pelas quais passavam.

Mas algo acontecera no momento em que pisara no quarto de hotel. Ela o vira ao telefone e o simples fato de ter imediatamente sabido que era uma ligação de trabalho desequilibrara sua frágil boa vontade. *Você não estava preocupado comigo*, pensa ela, zangada. *Estava discutindo que espessura de vidro usar na entrada do prédio novo, ou se o suporte do telhado sustenta o peso do poço de ventilação extra.*

Ela abre a torneira, enchendo a banheira com os saís de banho caros do hotel, depois desliza para dentro, suspirando de alívio ao afundar na água quente. Minutos depois, David bate à porta e entra.

— Chá — diz ele, e coloca a xícara na lateral da banheira de mármore.

— Obrigada.

Ela espera que ele saia, mas ele se senta na tampa fechada do vaso sanitário, inclina-se para a frente e a observa.

— Reservei uma mesa na *La Coupole* para nós.

— Para esta noite?

— Sim. Eu lhe falei sobre isso. É a *brasserie* que tem murais incríveis pintados por artistas que...

— David, estou realmente cansada. Andei muito. Acho que não quero sair hoje à noite. — Ela não olha para ele ao falar.

— Não tenho certeza se vou conseguir reserva para outra noite.

— Desculpe. Só quero pedir comida aqui no quarto e dormir.

Por que você está fazendo isso?, grita ela em silêncio para si mesma. *Por que está sabotando a sua própria lua de mel?*

— Olha, eu sinto muito por hoje, ok? É que tenho tentado marcar uma reunião com os

Goldstein há meses. E por acaso eles estão em Paris e finalmente concordaram em ver meus projetos. É sobre o prédio que eu estava te falando, Liv. O projeto grande. E acho que eles gostaram.

Liv olha para os dedos dos pés, que emergem cor-de-rosa e reluzentes da água.

— Bem, fico feliz que tenha ido bem.

Eles ficam em silêncio.

— Odeio isso. Odeio o fato de você estar tão infeliz.

Ela olha para ele, para aqueles olhos azuis, para aquele cabelo sempre meio bagunçado, o jeito como ele está apoiando o rosto entre as mãos. Após um instante de hesitação, ela estende a mão, e ele a pega.

— Não dê bola para mim. Estou sendo boba. Você tem razão. Sei que esse prédio é muito importante para você.

— É mesmo, Liv. Eu não teria deixado você sozinha por nenhum outro motivo. É nisso que tenho trabalhado há meses. Anos. Se eu conseguir, a parceria está feita. Minha reputação está feita.

— Eu sei. Olha, não cancele o jantar. Nós vamos. Vou me sentir melhor depois do banho. E podemos planejar nosso dia de amanhã.

Os dedos dele se fecham em volta dos dela. A espuma deixa tudo muito escorregadio.

— Bem... a questão é: eles querem que eu conheça o gerente de projetos deles amanhã.

Liv fica imóvel.

— O quê?

— Ele está vindo especialmente para isso. Os Goldstein marcaram um encontro na suíte deles no Royal Monceau. Achei que talvez você pudesse ficar no spa que tem lá enquanto eu estiver na reunião. Dizem que é incrível.

Ela ergue os olhos para ele.

— Você está falando sério?

— Estou. Ouvi dizer que foi eleito pela Vogue francesa o melhor...

— Não estou falando do maldito spa.

— Liv, isso significa que eles estão realmente interessados. Tenho que tirar vantagem disso.

A voz dela, quando sai, soa estrangulada de um jeito estranho.

— Cinco dias. Nossa lua de mel é de apenas cinco dias, David. Nem sequer uma semana inteira. Você está me dizendo que eles não podem esperar mais setenta e duas horas por essa reunião?

— Estamos falando dos Goldstein, Liv. É assim que os bilionários fazem as coisas. A gente tem que se encaixar no horário deles.

Ela olha para os pés, para o trabalho da pedicure que lhe custara caro, e se lembra de como ela e a profissional haviam rido quando Liv disse que agora seus pés estavam tão perfeitos que dava para comê-los.

— Vá embora, David, por favor.

— Liv, eu...

— Me deixe em paz.

Ela não olha para o marido enquanto ele se levanta do vaso sanitário. Quando David bate a porta do banheiro ao sair, Liv fecha os olhos e afunda na água quente até não

conseguir ouvir absolutamente nada.

2

PARIS, 1912

— O Bar Tripoli, não.

— O Bar Tripoli, sim.

Para um homem adulto, Édouard Lefèvre tinha assombrosa semelhança com um garotinho ciente de algum castigo por vir. Ele olhou para mim, a expressão aflita, e bufou.

— Ah, não vamos fazer isso hoje, Sophie. Vamos comer em algum lugar. Vamos ter uma noite livre de preocupações financeiras. Acabamos de nos casar! Ainda é a nossa *lune de miel*. — Édouard acenou com desdém para o bar.

Enfiei a mão no bolso para pegar o punhado de promissórias que eu guardara ali.

— Meu amado marido, não podemos ter uma noite livre de preocupações financeiras. Afinal, não temos dinheiro para comer. Nem um *centime*.

— Mas o dinheiro da Galerie Duchamp...

— Foi para o aluguel. Estava atrasado desde o verão, lembra?

— As economias guardadas na caixinha?

— Gastas há dois dias quando você resolveu pagar o café da manhã de todo mundo no Ma Bourgogne.

— Era um café da manhã de casamento! Achei que precisava registrar de alguma forma a ocasião da nossa volta a Paris. — Ele pensou por um instante. — O dinheiro na minha calça azul?

— Ontem à noite.

Ele bateu nos bolsos, encontrando apenas a bolsinha de fumo. Ficou com uma expressão tão abatida que eu quase ri.

— *Courage*, Édouard. Não vai ser tão ruim. Se você preferir, eu entro e peço amavelmente aos seus amigos para quitarem as dívidas que têm. Você não precisa ter nada a ver com isso. Eles vão achar mais difícil dizer não a uma mulher.

— E depois a gente vai embora?

— E depois a gente vai embora. — Espichei-me e dei um beijo na bochecha dele. — Iremos embora e comeremos alguma coisa.

— Não tenho certeza se quero comer — resmungou ele. — Falar de dinheiro me dá indigestão.

— Você vai querer, Édouard.

— Não vejo por que temos de fazer isso agora. É para a nossa *lune de miel* durar um

mês. Um mês de nada além de amor! Perguntei a uma das mecenas da minha associação, e ela sabe tudo sobre essas coisas. Garanto que tem dinheiro em algum lugar no meu... Ah, espere, olhe a Laure. Laure! Venha aqui conhecer minha esposa!

Durante minhas três semanas como madame Édouard Lefèvre, e, na verdade, alguns meses antes disso, eu tinha descoberto que o número de credores do meu novo marido era ainda maior do que seu talento como pintor. Édouard era o mais generoso dos homens, mas dispunha de pouco, financeiramente, para sustentar tanta generosidade. Ele vendia suas telas com uma facilidade que devia ter sido motivo de inveja por parte dos amigos na Académie Matisse, mas Édouard raramente se dava o trabalho de pedir algo tão desagradável quanto dinheiro por elas, contentando-se com uma pilha cada vez maior de promissórias surradas. Portanto, messieurs Duchamp, Bercy e Stiegler podiam se dar ao luxo de ter o requintado talento artístico de Édouard em suas paredes e comida em suas barrigas, enquanto meu marido vivia semanas de pão, queijo e patê.

Eu ficara horrorizada ao descobrir o estado das finanças dele. Não por causa da falta de reservas — quando Édouard e eu nos conhecemos, eu soube que ele não era rico —, mas em virtude do descaso com que esses falsos amigos pareciam tratá-lo. Eles lhe prometiam dinheiro, mas a quantia nunca chegava. Aceitavam as bebidas que oferecia, a hospitalidade, mas pouco davam em troca. Édouard era o homem que sugeria pedir bebidas para os convidados, comida para as senhoras, diversão para todos!, mas, quando a conta chegava, de alguma maneira ele era a última alma viva no bar.

“Para mim a amizade é mais importante do que o dinheiro”, dissera ele quando examinei suas contas.

“Esse é um sentimento absolutamente admirável, meu amor. Mas infelizmente a amizade não vai colocar comida em nossa mesa.”

“Eu me casei com uma mulher de negócios!”, exclamara ele, com orgulho.

Naqueles dias após o nosso casamento, eu poderia ter anunciado ser uma lancetadora de furúnculos e ainda assim ele teria orgulho de mim.

Eu estivera espiando pela janela do Bar Tripoli, tentando descobrir quem estava lá dentro. Quando me virei novamente, Édouard falava com uma tal de madame Laure. Isso não era incomum. Meu marido conhecia todo mundo no quinto e sexto *arrondissements*. Era impossível andar cem metros sem que ele trocasse saudações, cigarros, votos de felicidade.

— Sophie! — chamou ele. — Venha cá! Quero que você conheça Laure Le Comte.

Hesitei por apenas um segundo. Dava para ver pelo ruge em suas bochechas, por seu mocassim, que Laure Le Comte era uma *fille de rue*. Quando nos conhecemos, Édouard dissera que muitas vezes as usava como modelos. Elas eram ideais, dizia ele, por serem tão desinibidas em relação a seus corpos. Talvez eu devesse ter ficado chocada com o fato de ele querer apresentar uma delas a mim, sua mulher. Mas em pouco tempo eu aprendera que Édouard pouco ligava para a etiqueta convencional. Eu sabia que ele gostava delas, respeitava-as até, e não queria que ele pensasse menos de mim.

— Prazer em conhecê-la, mademoiselle — cumprimentei.

Estendi a mão e usei o *vous* formal para demonstrar meu respeito. Os dedos dela eram tão absurdamente macios que precisei conferir se estava mesmo segurando-os.

— Laure já posou para mim em muitas ocasiões. Você se lembra do quadro com a mulher na cadeira azul? Aquele que você gosta bastante? Era Laure. Ela é uma modelo

excelente.

— O senhor é muito gentil, monsieur — disse Laure.

Sorri, calorosamente.

— Sei qual é o quadro. Uma bela imagem. — A sobrancelha da mulher se ergueu apenas por um instante. Depois me dei conta de que não era comum que ela fosse elogiada com frequência por outra mulher. — Sempre considerei a obra curiosamente majestosa.

— Majestosa. Sophie tem razão. É exatamente como você está naquele quadro — disse Édouard.

O olhar de Laure foi de mim para meu marido, como se tentasse descobrir se eu estava zombando dela.

— Na primeira vez em que meu marido pintou um retrato meu, eu parecia uma bruxa velha — falei depressa, querendo deixá-la à vontade. — Muito severa e ameaçadora. Acho que na ocasião Édouard disse que eu parecia um pedaço de pau.

— Eu não diria uma coisa dessas.

— Mas pensou.

— O quadro ficou horrível — concordou Édouard. — Mas a culpa foi toda minha. — Ele olhou para mim. — E agora acho impossível pintar um quadro seu que fique ruim.

Ainda era difícil encará-lo sem enrubescer um pouquinho. Houve um breve silêncio. Desviei o olhar.

— Meus parabéns pelo casamento, madame Lefèvre. A senhora é uma mulher sortuda. Mas, talvez, não tão sortuda quanto seu marido.

Ela balançou a cabeça para mim, depois para Édouard, então levantou a saia ligeiramente da calçada molhada e se afastou.

— Não me olhe assim em público — censurei-o, enquanto a observávamos.

— Eu gosto — disse ele, acendendo um cigarro e parecendo ridiculamente satisfeito consigo mesmo. — Você fica com uma cor linda.

* * *

Édouard viu um homem com quem quis falar no *tabac*, então deixei-o ir e entrei no Bar Tripoli, onde fiquei em pé junto ao balcão por alguns minutos, observando monsieur Dinan no canto, em seu lugar de sempre. Pedi um copo de água e bebi-o, trocando algumas palavras com o atendente. Depois, tirando meu chapéu, fui cumprimentar monsieur Dinan.

Custou um pouco a lembrar-se de quem eu era. Suspeitei ter sido identificada apenas por conta do cabelo.

— Ah, mademoiselle. E como vai? Está uma noite fria, não? Édouard vai bem?

— Vai muito bem, obrigada, monsieur. Será que o senhor tem dois minutinhos para discutirmos um assunto particular?

Ele olhou em volta da mesa. A mulher à sua direita lançou-lhe um olhar severo. O homem em frente estava muito ocupado falando com sua companhia para notar.

— Creio que eu não tenha quaisquer assuntos particulares para discutir com a senhora. — Ele olhou para sua acompanhante ao falar.

— Como queira, monsieur. Então discutiremos aqui. Trata-se da simples questão do pagamento de um quadro. Édouard lhe vendeu uma obra particularmente boa em pastel oleoso, *O Mercado na Grenouille*, pela qual o senhor lhe prometeu — conferi o meu papel — cinco francos. Ele ficaria muito grato se o senhor pudesse pagar a quantia agora.

A expressão agradável desapareceu.

— Você é a cobradora de Édouard?

— Acho que a descrição é um pouco forte, monsieur. Estou simplesmente organizando as finanças de Édouard. E essa dívida específica já tem, acredito, uns sete meses.

— Não vou discutir assuntos financeiros na frente dos meus amigos.

Ele desviou o olhar de mim, indignado. Mas de certa forma eu havia esperado por isso.

— Temo então, monsieur, que serei forçada a permanecer aqui até que o senhor esteja pronto.

Todos os pares de olhos em volta da pequena mesa estavam fixos em mim, mas não corei. Era difícil me deixarem constrangida. Fui criada em um bar em St Péronne; tinha ajudado meu pai a expulsar bêbados desde os doze anos, limpava o banheiro masculino, ouvira conversas tão obscenas que fariam uma mulher da vida corar. A desaprovação teatral de monsieur Dinan não me assustava.

— Bem, você ficará aqui a noite inteira, então. Pois eu não tenho essa quantia.

— Peço perdão, monsieur, mas fiquei no bar por um tempo antes de vir até aqui. Não pude deixar de observar que a sua carteira está bem recheada.

Diante disso, o outro homem à mesa começou a rir.

— Acho que ela avaliou você bem, Dinan.

Mas isso só pareceu irritá-lo.

— Quem é você? Quem pensa que é para me constranger dessa forma? Isso não é coisa de Édouard. Ele entende a natureza da amizade entre cavalheiros. Não viria aqui de um jeito tão canhestro, exigindo dinheiro e constrangendo um homem na frente de seus amigos. — Ele franziu os olhos para mim. — Ah! Agora estou lembrado... Você é a vendedora. A vendedorzinha de Édouard de La Femme Marché. Como poderia entender os costumes dos círculos que ele frequenta, não é? Você é... — ele quase cuspiu as palavras — *provinciana*.

Ele sabia que isso magoaria. Senti o rubor subir lentamente pelo peito.

— Sou mesmo, monsieur, se agora comer for uma preocupação provinciana. E até uma vendedora é capaz de perceber quando os amigos de Édouard se aproveitam de sua índole generosa.

— Eu disse a ele que iria pagar.

— Há sete meses. O senhor disse isso a ele há sete meses.

— Por que eu deveria lhe dar satisfação? Desde quando você se tornou a *chienne méchante* de Édouard?

Ele realmente cuspiu as palavras. Fiquei momentaneamente paralisada. Até que ouvi, atrás de mim, a voz de Édouard reverberando do fundo do peito.

— Do que foi que você chamou a minha esposa?

— Sua esposa?

Virei-me. Eu nunca tinha visto uma expressão tão sombria no rosto do meu marido.

— Você agora, além de desagradável, também é surdo, Dinan?

— Você se casou com ela? Com a vendedora mal-humorada?

O punho de Édouard se moveu tão depressa que mal pude vê-lo. Veio de algum lugar atrás da minha orelha direita e acertou Dinan com tanta força no queixo que o homem voou um pouco ao ser lançado para trás. Caiu em uma pilha de cadeiras, derrubando a mesa quando suas pernas foram parar acima de sua cabeça. As mulheres à mesa gritaram no momento em que a garrafa de vinho quebrou, espirrando Médoc em suas roupas.

O bar ficou em silêncio, o violinista interrompeu-se no meio da nota. O ar parecia carregado de eletricidade. Dinan piscou, esforçando-se para se aprumar.

— Peça desculpas à minha mulher. Ela vale dez de você — A voz de Édouard era um grunhido.

Dinan cuspiu algo, talvez um dente. Ergueu o queixo, que um fio escarlate dividia ao meio, e resmungou tão baixinho que achei que só eu pudesse tê-lo ouvido:

— *Putain.*

Com um rugido, Édouard avançou em sua direção. O amigo de Dinan partiu para cima de Édouard, esmurrando seus ombros, sua cabeça, suas costas largas. Os golpes eram rechaçados como se fossem mosquitos. Mal distingi a voz do meu marido quando disse:

— Como ousa insultar minha mulher?

— *Frejus*, seu salafrário!

Ao me virar, vi Michel Le Duc dando um murro em outra pessoa.

— *Arrêtez, messieurs! Arrêtez-vous!*

O bar se incendiou. Édouard se pôs de pé. Com um movimento de ombros, como quem tira um casaco, desvencilhou-se do amigo de Dinan e jogou uma cadeira atrás dele. Senti tanto quanto ouvi a madeira rachando nas costas do homem. Garrafas passavam sobre as nossas cabeças. Mulheres gritavam, homens xingavam, clientes tropeçavam em direção às portas, por onde alguns moleques de rua entravam para se juntar à confusão. Em meio ao caos, vi minha oportunidade. Abaixei-me e puxei a carteira do casaco de Dinan, que gemia. Tirei uma nota de cinco francos e enfiei um bilhete no lugar.

— Fiz um recibo para você — gritei, a boca perto do seu ouvido. — Você pode precisar, se algum dia decidir vender o quadro de Édouard. Embora, francamente, seria tolice sua fazer isso. — Então endireitei-me. — Édouard! — chamei, olhando em volta à procura dele. — Édouard! — Não tinha certeza se ele conseguia me ouvir acima do tumulto.

Abaixei-me para evitar uma garrafa e fui abrindo caminho em meio à confusão em direção a ele. As mulheres da vida riam e vaiavam. O proprietário gritava e gesticulava, angustiado. A briga seguia para a rua, as mesas eram quebradas. Não havia um único homem ali que não estivesse distribuindo socos — de fato, todos haviam abraçado o cenário de batalha campal com tamanho deleite que fiquei me perguntando se aquilo era mesmo uma briga.

— Édouard!

Então vi monsieur Arnault a um canto, junto ao piano.

— Ah. Monsieur Arnault! — gritei ao tentar me aproximar dele, levantando rapidamente a saia ao passar por cima de corpos e cadeiras viradas. Ele estava

deslizando ao longo de uma banquetta, evidentemente torcendo para chegar à porta. — Dois desenhos a carvão! A mulher no parque? Lembra-se?

Ele olhou para mim, e enunciei as palavras sem emitir som:

— O senhor deve dois desenhos a carvão a Édouard. — Agachei-me, uma das mãos protegendo a cabeça e a outra tirando do bolso as promissórias e folheando-as. Desviei-me para evitar um sapato. — Cinco francos pelos dois, diz aqui. Certo?

Atrás de nós, alguém gritou quando uma caneca de prata atingiu uma janela, estilhaçando-a. Os olhos de monsieur Arnault estavam arregalados de medo. Ele olhou por um instante para além de mim, depois procurou a carteira no bolso. Tirou o dinheiro com tanta pressa que, ao contar, descobri que me dera dois francos a mais.

— Pode ficar! — sibilou monsieur Arnault, e então correu para a porta, o chapéu bem enfiado na cabeça.

Finalmente tínhamos o dinheiro. Onze... não, doze francos. O suficiente para nos manter.

— Édouard — chamei de novo, examinando o ambiente. Consegui avistá-lo no canto, onde um homem com um bigode avermelhado feito um rabo de raposa tentava acertá-lo, em vão, enquanto Édouard o segurava pelos ombros. Pus a mão em seu braço. Meu marido olhou para mim sem esboçar reação, como se tivesse esquecido que eu estava lá. — Estou com o dinheiro. É melhor irmos embora. Ele pareceu não me ouvir. — Sério — falei. — É melhor irmos agora.

Ele largou o homem, que deslizou pela parede e passou o dedo dentro da boca, resmungando algo sobre um dente quebrado. Com os ouvidos zumbindo por causa do barulho, fui puxando Édouard pela manga em direção à saída, me esforçando para passar pelos homens que haviam entrado. Acredito que não tivessem a mínima ideia do motivo da briga.

— Sophie!

Édouard me puxou para trás rapidamente quando uma cadeira passou zunindo bem diante do meu rosto, perto o suficiente para que eu sentisse a vibração no ar.

Assustada, xinguei em voz alta e enrubesci por meu marido ter me ouvido.

Então finalmente estávamos na rua, respirando o ar da noite. Curiosos olhavam para dentro do bar com as mãos em concha nas janelas, o barulho distante de gritaria e vidro quebrando ressoava em nossos ouvidos. Parei ao lado das mesas vazias e espanei a saia, removendo os cacos de vidro. Ao nosso lado, sentado em uma cadeira, um homem ensanguentado segurava a orelha com uma das mãos enquanto com a outra empunhava um cigarro contemplativamente.

— Vamos comer, então? — perguntei, endireitando o casaco e olhando para o céu. — Acho que pode voltar a chover.

Meu marido ajeitou o colarinho e depois passou as mãos pelo cabelo, deixando escapar um suspiro breve.

— Sim — disse. — Sim. Acho que estou pronto para comer alguma coisa agora.

— Devo pedir desculpas por ter xingado. Não foi um comportamento digno de uma dama.

Ele deu tapinhas carinhosos em minha mão.

— Eu não ouvi nada — disse.

Estendi a mão para puxar uma farpa do ombro de seu casaco e joguei-a longe com um

peteleco. Dei um beijo em Édouard. E então, de braços dados, caminhamos vigorosamente em direção ao Panteão de Paris, o barulho do sino dos gendarmes ecoando sobre os telhados da cidade.

* * *

Eu me mudara para Paris dois anos antes e morara num quarto alugado atrás do boulevard Beaumarchais, como todas as vendedoras que trabalhavam no La Femme Marché. No dia em que fui embora para me casar, todas as moças fizeram fila no meu corredor, comemoraram e bateram panelas com colheres de pau.

Nós nos casamos em St Péronne, e, na ausência de meu pai, fui entregue por Jean-Michel, o marido de minha irmã. Meu marido foi encantador e generoso e portou-se como o noivo perfeito nos três dias de celebrações, mas eu sabia quão aliviado ele estava de fugir dos confins provincianos do norte da França e voltar depressa para Paris.

Impossível descrever como eu estava feliz. Eu nunca tivera esperanças de amar alguém, quanto mais de me casar. Eu nunca admitiria publicamente, mas eu amava Édouard Lefèvre com tal paixão que teria ficado com ele mesmo se ele não quisesse se casar comigo. Na verdade, ele tinha muito pouco tempo para convenções; portanto, eu presumira que isso seria a última coisa que ele queria.

Mas foi ele quem sugeriu casamento.

Estávamos juntos havia quase três meses quando Hans Lippmann visitou o ateliê certa tarde (eu estava lavando as nossas roupas, pois Édouard se esquecera de economizar para pagar a lavadeira). Monsieur Lippmann era um dândi e eu ficara meio constrangida por ele me ver em trajes domésticos. Ele andou pelo ateliê, admirando as últimas obras de Édouard, então parou diante do quadro que ele fizera de mim na noite do Dia da Bastilha, quando revelamos nossos sentimentos um pelo outro. Continuei no banheiro, esfregando os colarinhos de Édouard, tentando não me sentir constrangida pelo fato de saber que Lippmann estava olhando para um quadro que me retratava em trajes íntimos. Por alguns minutos os dois conversaram em tom mais baixo e não pude ouvi-los; em dado momento, fui vencida pela curiosidade. Enxuguei as mãos e, ao entrar no ateliê, flagrei os dois olhando uma série de desenhos que Édouard fizera de mim sentada ao lado da janela grande. Monsieur Lippmann virou-se e, após o mais breve dos cumprimentos, perguntou se eu posaria para ele também. Completamente vestida, é claro. Havia algo de fascinante nos ângulos do meu rosto, algo em minha pele clara, disse ele. Perguntou se Édouard concordava e completou dizendo que devia concordar, uma vez que já tinha visto, então Lippmann riu.

Édouard não.

Eu estava prestes a aceitar o pedido (eu gostava de Lippmann, era um dos poucos artistas que me tratavam como igual), mas vi o sorriso de Édouard diminuir.

“Acho que mademoiselle Bessette está muito ocupada.”

Houve um silêncio breve e constrangedor. Lippmann nos lançou um olhar bem-humorado.

“Ora, Édouard, nós já dividimos modelos. Mas eu achei que...”

“Não.”

Lippmann olhou para os pés por um instante.

“Se está dizendo... Prazer em revê-la, mademoiselle.”

Lippmann tirou o chapéu para mim e saiu.

Édouard não se despediu dele.

“Você é engraçado”, comentei mais tarde. Édouard estava na banheira, e eu, ajoelhada sobre uma almofada, lavava seu cabelo. Ele estivera calado a tarde inteira. “Sabe que só tenho olhos para você. Eu usaria um hábito de freira para monsieur Lippmann se isso deixasse você feliz.” Lentamente, despejei água de um jarro na parte de trás de sua cabeça, vendo a espuma deslizar. “Além do mais, ele é casado. Bem casado. *E* é um cavalheiro.”

Édouard continuava calado. Então se virou abruptamente, derramando água pela lateral da banheira.

“Eu preciso saber que você é minha”, disse ele com a expressão tão ansiosa, tão infeliz que demorei um instante para falar.

“Eu sou sua, seu bobo.” Peguei seu rosto entre as mãos e beijei-o. Sua pele estava molhada. “Sou sua desde a primeira vez em que você entrou no La Femme Marché e comprou quinze lenços ridículos naquela sua determinação de me ver.” Beijei-o de novo. “Fui sua desde o momento em que você disse a Mistinguett que eu tinha os tornozelos mais bonitos de Paris, depois que ela tentou me humilhar porque eu usava tamancos.” Beijei-o de novo. Ele fechou os olhos. “Fui sua desde o instante em que pintou um retrato meu e percebi que ninguém jamais olharia para mim do mesmo jeito que você. Como se enxergasse apenas o que há de melhor em mim. Como se eu fosse alguém mais magnífico do que eu tinha consciência.”

Peguei uma toalha e enxuguei com ternura o nariz e os olhos dele.

“Então, está vendo? Não há nada a temer. Eu sou sua, Édouard, completa e absolutamente. Não posso acreditar que você duvide disso.”

Ele olhou para mim, e seus grandes olhos castanhos estavam fixos e estranhamente determinados.

“Case-se comigo”, disse ele.

“Mas você sempre disse que...”

“Amanhã. Semana que vem. Assim que pudermos.”

“Mas você...”

“Case-se comigo, Sophie.”

Então, casei-me com ele. Nunca consegui negar nada a Édouard.

* * *

Na manhã após a briga no Bar Tripoli, dormi até tarde. Inebriados com nossa riqueza, tínhamos comido e bebido demais, e ficado acordados até de madrugada, perdidos no corpo um do outro ou em ataques de riso ao nos lembrarmos da expressão ofendida de Dinan. Levantei com dificuldade a cabeça do travesseiro e afastei o cabelo do rosto. O trocado que estivera na mesa sumira. Édouard devia ter saído para comprar pão. Tive vaga consciência do som da voz dele lá embaixo na rua e deixei minhas memórias da noite anterior irem e voltarem em um borrão de felicidade. Ao perceber que os sons de

Édouard não pareciam estar voltando, enrolei-me em um roupão e fui até a janela.

Ele tinha duas baguetes embaixo do braço e falava com uma loura deslumbrante em uma sobrecasaca bem ajustada verde-escura e chapéu de pele de aba larga. Quando olhei para baixo, a mulher olhou para cima. Édouard, acompanhando o movimento dela, virou-se e ergueu a mão para cumprimentar.

— Desça, *chérie*. Quero que conheça uma pessoa.

Eu não queria conhecer ninguém. Queria que ele subisse para que eu pudesse enroscar as pernas nele e sufocá-lo de beijos enquanto comíamos. Mas suspirei, enrolei-me no roupão e desci até a porta da frente.

— Sophie, esta é Mimi Einsbacher, uma velha amiga. Ela já comprou vários quadros e também posou para alguns desenhos meus.

Mais uma?, pensei, distraidamente.

— Parabéns pelo casamento. Édouard não me deu... qualquer pista.

Algo no jeito com que a mulher olhou para mim ao dizer isso, no movimento de seus olhos em direção a Édouard, me deixou aflita.

— *Enchantée, mademoiselle* — falei, estendendo a mão.

Ela apertou-a como se estivesse pegando um peixe morto.

Ficamos ali parados, olhando para baixo. Dois varredores trabalhavam em lados diferentes da calçada, assoviando em conjunto. Os escoadouros estavam transbordando de novo, e o cheiro, com a quantidade de vinho que havíamos consumido na noite anterior, deixou-me nauseada de repente.

— Peço que me deem licença — falei, recuando para a porta. — Não estou vestida para aparecer em público. Édouard, vou acender o fogo para preparar o café.

— Café! — exclamou ele, esfregando as mãos. — Muito bom ver você, Mimi. Eu irei, perdão, *nós* iremos visitá-la em seu novo apartamento em breve. Deve ser maravilhoso.

Ele assobiava ao subir a escada.

Enquanto Édouard tirava suas roupas de sair, servi-lhe uma xícara de café e voltei para a cama. Ele colocou um prato entre nós, partiu o pão e me deu um pedaço.

— Você dormiu com ela? — Eu não olhei para ele ao falar.

— Com quem?

— Mimi Einsbacher.

Não tenho ideia de por que lhe perguntei isso. Eu nunca tinha feito uma coisa dessas.

Ele balançou a cabeça de leve, como se isso não fosse importante.

— Posso ter dormido. — Como eu não disse nada, ele abriu um olho, e olhou para mim muito sério. — Sophie, eu não era padre antes de conhecer você.

— Eu sei.

— Eu sou apenas um homem. E fiquei muito tempo sozinho antes de nos conhecermos.

— Sei disso também. Eu não gostaria que você fosse nada diferente do que é.

Eu me virei e beijei de leve o seu ombro.

Ele esticou o braço e me puxou para si, deixando escapar outro grande suspiro de satisfação. Seu hálito era quente em minhas pálpebras. Ele deslizou os dedos por meu cabelo e virou meu rosto para me encarar.

— Minha esposa querida. Lembre-se sempre disso: eu não conhecia a felicidade até

encontrar você.

Por que eu deveria ligar para Mimi e mulheres da sua laia?, pensei, enquanto largava o pão e deslizava minha perna sobre Édouard, sentindo seu perfume, tomando posse dele novamente. Nada me ameaçava.

Eu quase me convenci.

* * *

Mimi Einsbacher por acaso estava passando quando saímos do ateliê na quarta-feira seguinte (eu estava indo depressa ao correio a fim de mandar uma carta para minha irmã), e Édouard achou que fazia sentido tomar café com ela. Afinal, qual era o propósito em comer sozinho? E então, de novo, dois dias depois. Era um dia frio de novembro e Édouard estava colocando o meu bom chapéu de feltro em minha cabeça quando abri a enorme porta de carvalho que dava na rue Soufflot. Eu ria e afastava as mãos dele.

— Você está colocando ao contrário! Édouard! Pare! Vou ficar parecendo maluca!

A mão dele estava apoiada em meu ombro, perto do pescoço. Eu adorava o peso dela.

— Ora, bom dia! — Mimi usava uma estola de pele e uma capa verde-menta, e sua cintura estava tão ajustada que desconfiei que estivesse com os lábios roxos por baixo do batom vermelho. — Que grata surpresa!

— Madame Einsbacher. Que sorte a nossa tornar a vê-la tão cedo — falei, meu chapéu de repente parecendo torto e ridículo na cabeça.

— Mimi! Que prazer em vê-la.

Édouard largou meu ombro, curvou-se e beijou a mão enluvada dela.

Protestei intimamente diante do gesto e depois censurei-me. *Não seja infantil. Édouard escolheu você, afinal de contas.*

— E aonde estão indo nessa fria manhã? De novo ao correio?

Ela segurava a bolsa bem à frente do corpo. Era de couro de crocodilo.

— Tenho um compromisso em Montmartre com meu *marchand*. Minha esposa está indo comprar provisões.

Virei o chapéu na cabeça, desejando de repente ter usado o meu chapéu preto.

— Bem, talvez eu as compre — comentei. — Se você se comportar.

— Está vendo só o que eu aguento?

Édouard inclinou-se à frente para beijar meu rosto.

— Nossa. Ela é muito dura com você, tenho certeza.

O sorriso de Mimi era indecifrável.

Édouard enrolou o cachecol no pescoço, observando nós duas por um instante.

— Sabe, vocês duas deveriam se conhecer melhor. Seria bom para Sophie ter uma amiga por aqui.

— Eu tenho amigas, Édouard — protestei.

— Mas todas as suas amigas da loja estão ocupadas durante o dia. E elas moram no nono *arrondissement*. Mimi poderia lhe fazer companhia para um café quando eu estiver ocupado. Odeio imaginar você sozinha.

— É mesmo? — Sorri para ele. — Estou bastante satisfeita com minha própria

companhia.

— Ah, Édouard tem razão. Afinal, você não gostaria de ser um fardo, certo? E também não está muito familiarizada com as pessoas do círculo dele. Por que não aceita minha companhia? Como um favor a Édouard. Eu adoraria.

Ele riu, radiante.

— Maravilha! — disse. — Minhas duas damas favoritas, dando um passeio. Desejo-lhes um bom dia então. Sophie, *chérie*, estarei em casa para jantar.

Ele deu meia-volta e foi na direção da rue St. Jacques.

Mimi e eu nos olhamos, e, apenas por um instante, pensei ter detectado um tom gélido em seu olhar.

— Que ótimo — disse ela. — Vamos?

2002

Tinham feito planos para a manhã. Despertar preguiçoso, desjejum no Café Hugo na Place des Vosges, um passeio pelas lojinhas e boutiques do segundo *arrondissement*, talvez uma caminhada às margens do Sena, parando para olhar as barraquinhas de livros de segunda mão. Depois do almoço, David ficaria ausente na reunião por mais ou menos duas horas. Ela aproveitaria o magnífico spa no Royal Monceau enquanto ele trataria de negócios. À tarde iriam se encontrar no bar para um drinque e, à noite, um jantar descontraído em uma brasserie local. O dia havia sido salvo. Ela seria legal. Seria compreensiva. Casamento era isso, afinal de contas: a grande arte do meio-termo. Liv repetira isso a si mesma várias vezes desde que acordara.

E então, durante o café da manhã, o celular de David toca.

— Os Goldstein — diz ela quando ele finalmente para de falar.

A *tartine* de Liv permanece intocada à sua frente.

— Mudança de planos. Querem me encontrar agora de manhã, no escritório deles perto da Champs-Élysées.

Como Liv não fala nada, David põe a mão sobre a dela e diz:

— Eu sinto muito. Vou me ausentar por umas duas horas no máximo.

Ela não consegue falar. Lágrimas grandes e salgadas de decepção começam a se formar em seus olhos.

— Eu sei. Vou recompensar você. É só...

— ...que isso é mais importante.

— É o nosso futuro, Liv.

Ela olha para ele e sabe que a frustração deve estar estampada em seu rosto. Sente-se perversamente irritada com David por fazê-la se comportar desse jeito.

Ele aperta a mão dela.

— Poxa, amor. Faça alguma coisa que eu não queira muito e depois vou encontrar você. Não é como se fosse difícil gastar umas horas aqui. Estamos em Paris.

— É claro. Eu só não tinha me dado conta de que fosse passar meus cinco dias de lua de mel em Paris pensando em formas de matar o tempo.

Há uma ligeira tensão na voz dele quando diz:

— Desculpe, Liv. Não tenho um trabalho de que eu possa simplesmente me desligar.

— Não. Você deixou isso muito claro.

Fora assim durante a noite anterior inteira na La Coupole. Tinham se esforçado para

encontrar assuntos seguros sobre os quais conversar, sorrindo de um jeito forçado, uma conversa ignorada correndo por baixo daquela que, muito educadamente, tinham verbalizado. Quando ele falava, ela fazia uma careta diante do desconforto visível dele. Quando ele não falava, ela se perguntava se ele estava pensando no trabalho. Ao retornarem à suíte, Liv havia se afastado dele na cama, irritada demais para querer que a tocasse. E depois, quando ele nem sequer tentara fazer isso, ficara ali deitada, em pânico.

Nos seis meses em que estavam juntos, Liv não tinha certeza se eles já haviam discutido até irem para Paris. A lua de mel escapava pelos dedos. Ela sentia isso.

É David quem quebra o silêncio. Ele se recusa a largar a mão de Liv. Debruça-se sobre a mesa e afasta com ternura uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Desculpe. Vai mesmo ser só isso. Só algumas horas e eu prometo que serei só seu. Talvez a gente estenda a viagem e eu... compenso as horas. — Ele tenta sorrir.

Desarmada, Liv vira-se para David querendo que se sintam normais de novo, querendo que voltem a ser *eles mesmos*. Olha para sua mão na dele, para o brilho da nova aliança de casamento, ainda um acessório estranho em seu dedo.

As últimas quarenta e oito horas lhe deixaram totalmente desequilibrada. A felicidade que sentiu nos últimos meses de repente parecia frágil, como se construída em bases mais instáveis do que ambos haviam se dado conta. Liv busca por alguma coisa nos olhos de David.

— Eu te amo, você sabe disso.

— Eu também te amo.

— Sou uma péssima namorada. Carente, ranzinza.

— Esposa.

Um sorriso relutante surge no rosto dela.

— Péssima esposa. Carente, ranzinza.

Ele sorri e a beija, e então sentam-se em uma das extremidades da Place des Vosges, ao som do rugido das motos e do tráfego que se arrasta na direção do Boulevard Beaumarchais.

— Por acaso, felizmente acho “péssima” e “ranzinza” duas características absurdamente atraentes em uma mulher.

— Você se esqueceu de “carente”.

— Essa é a minha preferida.

— Vai — disse ela, afastando-se dele com delicadeza. — Vai logo, seu arquiteto de papinho mole, antes que eu te arraste de novo para aquela cama de hotel e não deixe você chegar a essa reunião extremamente irritante.

O clima entre eles se tranquiliza. Liv solta o ar que não sabia estar prendendo.

— O que você vai fazer enquanto isso?

Ela observa David juntar seus pertences: chaves, carteira, paletó, celular.

— Ver algumas artes por aí, provavelmente.

— Mando uma mensagem assim que terminarmos. Venho encontrar com você. — Ele joga um beijo. — E aí podemos continuar essa conversa na cama.

Ele está a meio caminho rua acima quando se vira e ergue a mão.

— À *bientôt*, Sra. Halston!

O sorriso dela dura até ele sumir de vista.

O *concierge* alertara Liv de que a fila do Louvre levaria horas nesse período do dia, então ela se encaminha para o Musée d'Orsay. David lhe dissera que a arquitetura do prédio era quase tão impressionante quanto a arte em seu interior. Mas, mesmo às dez da manhã, a fila se prolonga para a frente e para trás diante do edifício, como uma cobra enroscando-se. O sol já está forte, e Liv se esqueceu de trazer um chapéu.

— Ah, que ótimo — resmunga para si mesma ao ocupar um lugar no fim da fila.

Liv se pergunta se conseguirá entrar no museu antes de David terminar a reunião.

— Não deve demorar muito. Eles liberam as pessoas bem depressa. — O homem na frente dela se vira e faz um gesto de cabeça indicando o início da fila. — Há dias em que a entrada é gratuita, aí sim a fila é grande.

Ele usa um paletó de linho engomado e tem o ar dos ricos que não precisam trabalhar.

Quando ele sorri para Liv, ela se pergunta se o fato de ser inglesa está realmente estampado nela.

— Não sei se essa gente toda vai caber lá dentro.

— Ah, vai sim. Lá dentro é igual à Tardis.

Quando ela sorri, ele estende a mão.

— Tim Freeland.

— Liv Worth... Halston. Liv Halston. — A troca de nome ainda a confunde.

— Ah. Aquele cartaz diz que há uma grande exposição de Matisse. Desconfio de que seja esse o motivo da fila. Por favor, deixe-me abrir o guarda-chuva. Vai protegê-la do sol.

Ele vem todo ano por causa do torneio de tênis, conta Tim enquanto avançam, alguns passos de cada vez, ziguezagueando em direção à entrada. O tempo sem partidas de tênis ele preenche com visitas a alguns de seus lugares favoritos. Prefere essa galeria ao Louvre, que é muito cheio de turistas. Dá um meio sorriso ao dizer isso, aparentemente ciente da ironia.

Ele é alto e bronzeado e seu cabelo louro-escuro está jogado para trás em um penteado que Liv imagina ser o mesmo desde a adolescência. O jeito que fala da própria vida sugere ausência de preocupações financeiras. A referência a filhos e a falta de aliança sugerem um divórcio distante. Ele é atencioso e atraente. Conversam sobre restaurantes em Paris, tênis, a imprevisibilidade dos motoristas de táxi da cidade. É um alívio ter uma conversa que não esteja carregada de ressentimento velado ou infestada de armadilhas. Quando chegam ao início da fila, Liv está estranhamente animada.

— Bem, você fez o tempo passar maravilhosamente depressa. — Tim Freeland fecha o guarda-chuva e estende a mão. — Foi um prazer conhecê-la, Olivia Halston. E eu recomendaria os impressionistas no último andar. Você deve conseguir ver bem agora, antes das multidões se tornarem insuportáveis.

Ele sorri para ela, os olhos enrugando, e então vai embora, entrando a passos largos no cavernoso interior do museu como se já tivesse certeza de para onde se dirige. E Liv, que sabe que mesmo *estando* em lua de mel é permitido se sentir animada por vinte minutos de conversa com um homem bonito e atencioso que pode ou não estar dando em cima de você, anda com um passo um pouquinho mais alegre em direção aos elevadores.

Ela não se apressa, caminha lentamente pela seção dos impressionistas, analisando cada quadro com atenção. Tem tempo, afinal de contas. Fica meio envergonhada ao se dar conta de que não põe os pés em uma galeria desde que se formou, dois anos antes. Chega à conclusão, depois de refletir sobre o assunto, que adora os Monets e os Morisots, e que não gosta dos Renoirs. Ou talvez eles simplesmente tenham sido tão usados para estampar caixas de chocolate que seja difícil dissociar as duas coisas.

Ela se senta e então torna a se levantar. Queria que David estivesse ali. É estranho estar diante dos quadros sem ter ninguém com quem discuti-los. Ela se flagra olhando disfarçadamente para as outras pessoas que poderiam estar sozinhas, à procura de sinais de esquisitice. Pensa se deve ou não ligar para Jasmine, só para falar com alguém, mas se dá conta de que isso indicará para o mundo o fracasso da sua lua de mel. Quem telefona para alguém na lua de mel, afinal? Volta a ficar irritada com David por um instante e tem que se convencer em silêncio a parar.

Ao seu redor, a galeria não para de encher. Um grupo de estudantes é conduzido por um guia do museu, que faz isso de um jeito teatral. Eles param na frente do *Déjeuner sur l'herbe*, e o guia faz sinal para que as crianças se sentem enquanto ele fala.

— Olhem! — exclama ele em francês. — Eles colocavam tinta fresca sobre tinta fresca. Foram os primeiros artistas a fazer isso! Dessa forma, podiam movimentar as cores assim... — diz, gesticulando de forma selvagem.

As crianças estão extasiadas. Um grupo de adultos para a fim de ouvir também.

— E esse quadro causou um enorme escândalo quando foi exibido! Imenso! Por que a mulher estava sem roupa e os homens estavam vestidos? O que você acha, meu jovem?

Liv adora o fato de que se espera de crianças francesas de oito anos que discutam a nudez pública. Adora o respeito com que o guia se dirige aos pequenos. Mais uma vez, deseja que David estivesse ali, porque sabia que ele teria sentido o mesmo.

Somente depois de vários minutos Liv se dá conta da quantidade de pessoas que entrou nas salas do museu e que agora estão lotadas de um jeito opressivo. O tempo todo ouve sotaques inglês e americano. Por alguma razão, isso a aborrece. De repente ela fica irritada com coisas pequenas. Ansiosa para fugir dali, Liv se esquia por uma, duas salas, passando por uma série de paisagens, até chegar aos artistas menos populares, onde os visitantes são escassos. Diminui o passo tentando dar a esses artistas menores a mesma atenção que dera aos grandes, embora não haja muito que atraia o olhar. Está prestes a procurar pela saída quando se vê diante de uma pequena pintura à óleo e, quase à sua revelia, para. Uma ruiva, usando um vestido branco que pode ser uma roupa de baixo — Liv não tem certeza —, está em pé ao lado de uma mesa cheia de sobras de uma refeição. O corpo da mulher está meio virado, mas a lateral do seu rosto está clara. Seu olhar desliza em direção ao artista, mas não o encontra. Os ombros estão encurvados à frente em sinal de desagrado ou tensão.

O título do quadro diz: *Esposa, irritada*.

Ela olha para o quadro, absorvendo a primorosa limpidez do olho da mulher, os pontos de cor em suas bochechas, o jeito com que seu corpo parece sugerir uma raiva mal contida e, ao mesmo tempo, um ar de derrota. E, de repente, Liv pensa: *Meu Deus. Sou eu.*

Uma vez que foi para sua cabeça, a ideia não vai mais sair. Liv quer desviar o olhar, mas não consegue. Fica quase sem ar, como se tivesse levado um soco. O quadro é estranhamente íntimo, inquietante. *Tenho vinte e três anos, pensa ela. E me casei com um homem que já me pôs em segundo plano na vida dele. Serei essa mulher triste e furiosa em silêncio na cozinha, que ninguém nota, desesperada pela atenção do marido e emburrada por ele não perceber. Fazendo as coisas sozinha e “encarando isso da melhor forma possível”.*

Vislumbra futuras viagens com David. Imagina a si mesma folheando guias de atrações locais e tentando não mostrar sua decepção quando, mais uma vez, há algum trabalho importante que ele não pode perder. *Vou terminar igual à minha mãe. Ficou tarde demais para ela se lembrar de quem era realmente antes de se tornar uma esposa.*

Esposinha.

De repente o Musée d’Orsay está muito lotado, muito barulhento. Liv acaba descendo a escada no sentido contrário à multidão, murmurando pedidos de desculpa ao esbarrar em ombros, cotovelos, bolsas. Vai se esgueirando por um lance de degraus e segue em zigue-zague por um corredor, mas, em vez de achar a saída, vai parar ao lado da imponente sala de jantar, onde uma fila já começou a se formar em busca de mesas. Onde fica a porcaria da saída? O lugar está absurdamente cheio de gente. Liv se esforça para passar pela seção de *art déco* — os enormes móveis de design orgânico parecendo subitamente grotescos, exageradamente vistosos —, então percebe que está do lado errado e deixa escapar um grande soluço, sem conseguir articular nada.

— Você está bem?

Ela se vira para trás. Tim Freeland está olhando para ela, com um livro nas mãos.

Ela enxuga energicamente o rosto e tenta sorrir.

— Eu... eu não consigo encontrar a saída.

Os olhos dele percorrem o rosto dela — *ela está mesmo chorando?* — e Liv sente-se mortificada.

— Desculpe. Eu só... Eu realmente preciso muito sair daqui.

— As multidões — diz ele baixinho — podem ser um pouco demais nessa época do ano. Vamos.

Ele toca no cotovelo de Liv e a conduz pelo museu, atendo-se aos salões mais escuros nas laterais onde parecia haver menos gente. Depois de alguns minutos, descem um lance de escada e saem para a claridade do pátio, onde a fila está ainda maior.

Eles param a alguns passos dali. Liv consegue controlar a respiração.

— Desculpe — diz ela, olhando para trás. — Acho que você não vai conseguir entrar de novo.

Tim faz que não com a cabeça.

— Eu já tinha terminado. Quando se chega ao ponto em que não é possível ver nada por causa da cabeça das pessoas, está na hora de sair.

Os dois ficam ali por um instante, parados na calçada ampla e iluminada. O tráfego se arrasta pela margem do rio, uma motocicleta barulhenta costura entre os carros parados. O sol projeta nos prédios a luz branco-azulada que parece peculiar à cidade.

— Gostaria de um café? Acho que seria bom se você ficasse uns minutos sentada.

— Ah, não posso. Tenho que me encontrar com...

Liv olha para o celular. Não há mensagens. Ela olha fixamente para o aparelho,

assimilando isso, digerindo o fato de já ter se passado quase uma hora do horário que David disse que terminaria.

— Hum... pode me dar um minuto?

Ela se afasta, digita o número de David, franzindo os olhos ao observar o tráfego que se arrasta pelo Quai Voltaire. Cai direto na caixa postal. Liv se pergunta rapidamente o que dizer a ele. E então decide não dizer nada.

Fecha o celular e se reaproxima de Tim Freeland.

— Na verdade, eu adoraria tomar um café. Obrigada.

* * *

Un café et une grande crème. Mesmo quando ela usa o seu melhor sotaque francês, os garçons sempre respondem Liv em inglês. Após as várias humilhações da manhã, esse é um constrangimento insignificante. Ela toma um café, pede um segundo, sente o ar quente da cidade e desvia qualquer tentativa de atenção para si.

— Você faz muitas perguntas — diz Tim Freeland a certa altura. — Ou você é jornalista, ou frequentou uma escola de etiqueta muito boa.

— Ou sou uma especialista em Espionagem Industrial. E já ouvi tudo sobre a sua nova engenhoca.

Ele ri.

— Ah... infelizmente eu sou uma zona livre de engenhocas. Estou aposentado.

— É mesmo? Você não parece ter idade para isso.

— Não tenho idade para isso. Vendi meu negócio há nove meses. Ainda estou tentando descobrir o que fazer com o tempo livre.

O jeito como ele diz isso sugere que não está particularmente preocupado com esse problema. Por que alguém estaria, pensa ela, se pudesse passar os dias passeando por suas cidades preferidas, vendo arte ou oferecendo café a estranhos aleatórios?

— Então, onde você mora?

— Ah... em todo canto. Passo alguns meses aqui no início do verão. Tenho uma casa em Londres. Passo algum tempo na América do Sul também. Minha ex-mulher mora em Buenos Aires com meus dois filhos mais velhos.

— Parece complicado.

— Quando se chega à minha idade, a vida é invariavelmente complicada. — Ele sorri, como se estivesse muito acostumado a complicações. — Durante algum tempo eu fui um desses caras ingênuos que acham impossível se apaixonar sem se casar.

— Que cavalheiro.

— Que nada. Quem foi mesmo que disse “toda vez que me apaixono eu perco uma casa”? — Tim mexe o café. — Na verdade, é tudo muito civilizado, nesse aspecto. Tenho duas ex-mulheres, e as duas são pessoas maravilhosas. É uma pena eu não ter percebido isso enquanto estava com elas.

Ele tem a fala macia, a cadência é calculada e a escolha de palavras é cuidadosa: um homem que está acostumado a ser ouvido. Liv olha para ele, para suas mãos bronzeadas, para os punhos imaculados da camisa, e imagina um apart-hotel no primeiro *arrondissement*, uma governanta, um restaurante elegante cujo proprietário sabe o nome

dele. Tim Freeland não faz seu tipo e é pelo menos vinte e cinco anos mais velho do que Liv, mas ela imagina, por um instante, como seria estar com um homem assim. Ela se pergunta se, para quem olha, eles parecem marido e mulher.

— Então o que você faz, Olivia?

Ele a tem chamado de Olivia desde que ela se apresentou. Vindo de qualquer outra pessoa, poderia soar como afetação. Vindo dele parece uma cortesia antiquada. Arrastada para fora de seu devaneio, Liv enrubesce levemente ao se dar conta do teor de seus pensamentos.

— Eu... eu estou meio que entre um emprego e outro no momento. Terminei a graduação e trabalhei algum tempo em escritório, algum tempo como garçoneiro. Aquela coisa habitual de garota de classe média. Acho que também não descobri ainda o que fazer.

Ela mexe nervosamente no cabelo.

— Terá muito tempo para isso. Filhos?

Ele olha significativamente para a aliança dela.

— Ah, não. Não tão cedo.

Ela ri, sem jeito. Mal consegue tomar conta de si mesma. A ideia de ter um bebê que choramingue e dependa dela é impensável.

Liv sente que Tim a está analisando.

— Muito justo. Terá muito tempo para tudo isso.

Ele não tira os olhos do rosto dela.

— Se não se importa que eu diga, você é muito jovem para estar casada. Nos tempos de hoje, quero dizer. Ela não sabe o que falar, então bebe um gole de café. — Sei que não se deve perguntar a idade a uma mulher, mas quantos anos você tem? Vinte e três? Vinte e quatro?

— Nada mal. Vinte e três.

Ele balança a cabeça.

— Você tem uma boa aparência. Acredito que vão achar que você tem vinte e três por uma década. Não, não fique vermelha. Só estou constatando. Então... namorado de infância?

— Não, mais para romance arrebatador. — Ela ergue os olhos do café. — Na verdade, sou recém-casada.

— Recém-casada? — Ele arregala um pouco os olhos. E a pergunta paira no ar. — Você está em lua de mel?

Ele diz isso sem fazer drama, mas sua expressão é tão desconcertada, a súbita pena que sente fica tão mal disfarçada que Liv não consegue suportar. Ela vê a “*Esposa, irritada*” afastando-se de um jeito derrotado, uma vida suportando o leve constrangimento alheio. *Ah, você é casada? Onde está seu marido?*

O que foi que ela fez?

— Sinto muito — diz ela baixando a cabeça e recolhendo suas coisas da mesa. — Preciso ir agora.

— Olivia. Não saia correndo, por favor. Eu...

O sangue lateja em seu ouvido.

— Não. É verdade. Eu nem deveria estar aqui. Foi um grande prazer conhecê-lo. Muito obrigada pelo café. E... bem...

Liv não olha para ele. Dá um sorriso, que lança mais ou menos na direção dele, e então foge, meio andando, meio correndo, pelas margens do Sena em direção à Notre-Dame.

1912

O Marché Monge estava apinhado de compradores, apesar do vento frio e da garoa triste que caía. Eu caminhava meio passo atrás de Mimi Einsbacher, que contornava as barracas com um rebolar determinado e mantinha um ritmo constante de comentários desde o momento em que entramos no mercado.

— Ah, você precisa comprar um desses. Édouard adora pêssegos espanhóis. Olha, esses aqui estão perfeitamente maduros. Já preparou lagostins para ele? Meu Deus, como aquele homem consegue comer lagostins... Repolho? Cebola roxa? Tem certeza? Esses ingredientes são tão... rústicos. Eu acredito que ele poderia gostar de alguma coisa um pouco mais sofisticada, sabe? Édouard é um guloso. Certa vez fomos ao Le Petit Fils e ele comeu o menu degustação todinho. Quatorze pratos, pode imaginar? Achei que ele fosse explodir na hora que os petit fours chegaram. Mas ele estava tão feliz... — Mimi balançou a cabeça, como se perdida num devaneio. — Ele é um homem de apetite voraz...

Peguei algumas cenouras e inspecionei-as de perto, tentando passar a impressão de que estava interessada nelas. Em algum lugar na minha nuca senti um latejar distante e detectei o início de uma dor de cabeça.

Mimi Einsbacher parou na frente de uma barraca cheia de produtos embutidos. Trocou umas palavras com o vendedor antes de pegar um pequeno e segurá-lo contra a luz. Lançou-me um olhar enviesado, por baixo do chapéu.

— Ah, você não quer ouvir essas lembranças, Sophia... Mas eu devo sugerir o foie gras. Seria um presente adorável para Édouard. Se você estiver um pouco... sem reservas para gastos domésticos, eu ficaria encantada de oferecer como um pequeno presente para ele. Como uma velha amiga. Sei quão errático ele pode ser com essas coisas.

— Somos perfeitamente capazes de nos sustentar, obrigada.

Peguei o vidro de foie gras da mão dela e joguei-o em minha cesta, entregando o dinheiro ao vendedor. Custava metade do que ainda tínhamos de orçamento para alimentação, notei, com uma fúria silenciosa.

Ela diminuiu o passo, e não tive escolha senão caminhar ao lado dela.

— Então... Gagnaire me contou que Édouard não pinta nada há semanas. Uma pena.

Por que você falou com o marchand de Édouard?, tive vontade de perguntar, mas deixei passar.

— Acabamos de nos casar. Ele anda... distraído.

— Ele é um grande talento, sabe? Não deve perder o foco.

— Édouard diz que vai voltar a pintar quando estiver pronto.

Foi como se ela não tivesse me ouvido. Mimi se encaminhou para a barraca de doces e estava olhando para uma tarte framboise.

— Framboesas! Nesta época do ano! Nem imagino no que o mundo está se transformando.

Por favor, não se ofereça para comprar isso para Édouard também, pensei. Mal me sobrou dinheiro para o pão. Mas Mimi tinha outras coisas em mente. Comprou uma baguete pequena, esperou enquanto o vendedor a enrolava em papel e depois virou-se para mim, abaixando a voz.

— Você nem imagina como estamos todos surpresos de saber que ele se casou. Um homem como Édouard. — Ela passou a baguete com cuidado pela alça da cesta. — Então fiquei pensando se... devo dar os parabéns?

Olhei para ela, para seu sorriso brilhante e vazio. E então vi que ela fitava claramente a minha cintura.

— Não!

Levei vários minutos para entender como ela havia me insultado.

Eu queria dizer a ela: Édouard implorou para que eu me casasse com ele. Foi ele quem insistiu. Não suportava a ideia de outro homem me olhar. Não suportava a possibilidade de que vissem em mim o que ele via.

Mas eu não queria revelar a ela absolutamente nada sobre nós. Confrontada com a hostilidade sorridente de Mimi, eu queria guardar para mim cada parte de Édouard e do meu casamento onde ela não pudesse furá-la, distorcê-la ou fazê-la parecer algo que não era. Senti meu rosto corar.

Ela ficou parada, olhando para mim por um instante.

— Ah, não seja tão sensível, Sophia.

— Sophie. Meu nome é Sophie.

Ela virou as costas.

— É claro. Sophie. Mas a minha pergunta não deveria ser totalmente inesperada. É natural que aqueles que conhecem Édouard há mais tempo se sintam um pouco possessivos em relação a ele. Afinal de contas, sabemos tão pouco sobre você... além do fato de você... ser vendedora, certo?

— Eu era. Até me casar com ele.

— E é óbvio que então você teve que deixar a sua... loja. Que pena. Você deve sentir falta das suas colegas. Sei muito bem como é reconfortante estar imerso em nosso próprio círculo social, entre os nossos conhecidos.

— Estou bastante feliz no círculo de Édouard.

— Tenho certeza de que está. Embora possa ser complicadíssimo fazer amigos de verdade quando todos já se conhecem há anos. É muito difícil adentrar em relações que têm tanta história, entender as brincadeiras internas. — Ela sorriu. — Mesmo assim, tenho certeza de que você está se saindo bastante bem.

— Édouard e eu já ficamos felicíssimos somente na companhia um do outro.

— É claro que sim. Mas não acredite que ele vá querer ficar assim por muito tempo, Sophia. Ele é, afinal de contas, a mais gregária das criaturas. Um homem como Édouard

precisa ter a mais absoluta das liberdades.

Eu estava me esforçando para manter a compostura.

— Você fala como se eu tivesse me tornado a carcereira dele. Eu nunca quis que Édouard fizesse nada além das coisas que o agradam.

— Ah, tenho certeza disso. E tenho certeza de que você está bem ciente da sua sorte em se casar com alguém como ele. Só achei que fosse prudente dar um conselho. — Como não respondi, ela acrescentou: — Talvez você me ache terrivelmente presunçosa, dando conselhos sobre o seu marido. Mas você sabe que Édouard não segue as regras da burguesia, então achei que eu também poderia ser autorizada a deixar de lado as restrições de uma conversa normal.

— Garanto que estou muitíssimo agradecida, madame Einsbacher.

Eu me perguntava se podia simplesmente virar as costas e deixá-la ali, inventar algum compromisso esquecido. Com certeza eu já havia suportado aquilo por tempo suficiente.

Ela baixou a voz, afastou-se um passo da barraca e fez um gesto indicando que eu a seguisse.

— Pois bem, se estamos falando francamente, acho que é meu dever aconselhá-la em outra frente. De mulher para mulher, se quiser. Como você deve saber, Édouard é um homem de... apetite voraz. — Mimi lançou-me um olhar expressivo e então voltou a falar: — Tenho certeza de que no momento ele está encantado por estar casado, mas, quando recomeçar a pintar outras mulheres, você deve estar preparada para... permitir certas liberdades.

— Como assim?

— Quer que eu desenhe, Sophia?

— Sophie. — Minha mandíbula ficara muito contraída. — Meu nome é Sophie. E, sim, por favor, desenhe, madame.

— Sinto muitíssimo se estou sendo indelicada. — Lançou um sorriso gracioso. — Mas... você deve saber que não é a primeira modelo com quem Édouard teve... relações.

— Não estou entendendo.

Mimi olhou para mim como se eu fosse burra.

— As mulheres nas telas dele... Há uma razão pela qual Édouard consegue imagens assim, de tamanha delicadeza e força, uma razão pela qual ele é capaz de retratar cenas tão... íntimas.

Acho que eu sabia o que ela estava prestes a dizer, mas fiquei ali parada e deixei as palavras caírem diante de mim, feito lâminas de guilhotinas em miniatura.

— Édouard é um homem de paixões volúveis e imprevisíveis. Quando se cansar da novidade de estar casado, Sophia, ele retornará aos velhos hábitos. Se for uma moça sensata, e garanto que é, dado o seu passado, digamos, *prático*, eu lhe aconselharia a seguir em outra direção. Um homem como Édouard não pode viver confinado. Vai contra o espírito artístico dele.

Engoli em seco.

— Madame Einsbacher, eu já tomei muito do seu tempo. Acho que devemos nos separar aqui. Obrigada por seus... conselhos.

Virei as costas e fui embora, as palavras dela ecoando em meus ouvidos, os nós dos dedos brancos diante do esforço que fazia para não esmurrar nada. Eu estava a meio

caminho da rue Soufflot quando descobri que deixara a bolsa com cebolas, repolho e queijo no chão ao lado da barraca.

* * *

Édouard estava fora quando voltei. Não fiquei surpresa. Ele e seu marchand em geral se retiravam para um bar próximo e conduziam os negócios acompanhados de doses de pastis, ou, se ficasse tarde, talvez até de absinto. Larguei a cesta com a minha carteira e o vidro de foie gras na cozinha e fui até a pia, onde joguei água fria nas bochechas vermelhas. A garota que me olhava de volta do espelho era uma criatura sombria, a boca contraída em uma linha fina de raiva, a face naturalmente clara agora enrubescida. Tentei sorrir, virar a mulher que Édouard via, mas ela não veio. Eu enxergava apenas a mulher magra, alerta, cuja felicidade de repente parecia estar construída em cima de areia movediça.

Servi-me uma taça de vinho doce e bebi tudo de um gole só. Depois outra. Nunca na vida eu havia bebido de dia. Tendo crescido diante de meu pai e seus excessos, eu tivera pouco apetite para bebida até conhecer Édouard.

Ali sentada em silêncio, ouvia sem parar as palavras dela: *“ele vai voltar aos velhos hábitos. As mulheres nas telas dele... há uma razão para Édouard conseguir imagens assim...”*

E então, joguei a taça na parede, meu grito de angústia sobrepondo-se ao barulho do vidro se estilhaçando.

Não posso dizer quanto tempo fiquei deitada em nossa cama, perdida em um sofrimento silencioso. Eu não queria me levantar. Meu lar, o ateliê de Édouard, não parecia mais ser nosso pequeno porto seguro. Era como se tivesse sido invadido pelos fantasmas das relações anteriores de Édouard, tingido pelas coisas que disseram, suas aparências, seus beijos. *Você não deve pensar assim*, censurei-me. Mas minha mente ia a toda como um cavalo fujão, seguindo para direções novas e horríveis, e eu não conseguia puxar as rédeas.

Lá fora começara a escurecer e dava para ouvir o acendedor de lampiões cantarolando baixinho. Era um som que eu costumava achar reconfortante. Levantei-me, planejando vagamente recolher os cacos da taça quebrada antes que Édouard voltasse. Mas, em vez disso, caminhei na direção de suas telas, empilhadas ao longo da parede ao fundo. Hesitei diante delas, mas logo comecei a puxá-las, olhando uma a uma. Lá estava Laure Le Comte, a *fille de rue*, usando um vestido de sarja verde, outra dela nua, encostada em uma coluna como uma estátua grega, os seios pequenos e firmes feito duas metades de um pêssgo espanhol; Emmeline, a garota inglesa do Bar Brun, sentada em uma cadeira ao contrário, as pernas nuas cruzadas, o braço repousado sobre o espaldar. Havia ainda uma mulher de cabelo escuro, sem nome, os cachos cascadeando sobre o ombro nu enquanto recostava-se na chaise longue, as pálpebras caídas como se estivesse com sono. Édouard teria se deitado com essa também? Será que seus lábios entreabertos, tão lindamente pintados, estiveram esperando pelos dele? Como eu pude julgá-lo imune a essa pele sedosa e exposta, àquelas anáguas engenhosamente amassadas?

Ah, meu Deus, como eu fui boba. Uma boba provinciana.

E lá estava, finalmente, Mimi Einsbacher, inclinando-se na direção de um espelho, o arco das costas nuas delineado à perfeição pelo corpete implacável, a curva do ombro claro sinalizando um convite. Era um desenho belíssimo; a linha a carvão era fluida, compassiva. Mas a obra estava inacabada. O que Édouard fizera depois de ter pintado até aquele ponto? Teria ido para trás dela, colocado as mãos grandes em seus ombros, levado os lábios ao pescoço? No mesmo ponto que sempre me fez estremecer de desejo? Será que delicadamente havia deitado Mimi naquela cama — a nossa cama —, murmurado palavras doces e erguido sua saia até que ela...

Tapei os olhos com os punhos fechados. Eu estava transtornada, fora de mim. Nunca notara esses quadros. Agora, cada um parecia uma traição silenciosa, uma ameaça à minha futura felicidade. Édouard teria se deitado com todas elas? Quanto tempo levaria até que fizesse isso de novo?

Sentei-me e permaneci olhando para aqueles quadros, odiando cada um e no entanto incapaz de afastar o olhar, inventando vidas inteiras de segredos, prazeres, traições e sussurros até o céu lá fora estar tão negro quanto meus pensamentos.

* * *

Eu o ouvi antes que pudesse vê-lo, assobiando ao subir a escada.

— Mulher! — exclamou ele ao abrir a porta. — Por que está sentada no escuro?

Jogou seu sobretudo na cama e circulou pelo ateliê, acendendo as lâmpadas de acetileno, as velas enfiadas em garrafas de vinho vazias, encaixando o cigarro no canto da boca ao ajustar as cortinas. Depois veio até mim e me envolveu em seus braços, franzindo os olhos à meia luz para ver melhor o meu rosto.

— Ainda são cinco da tarde. Não esperava você tão cedo.

Eu sentia como se tivesse acordado de um sonho.

— Tão pouco depois de nos casarmos? Eu não consigo deixá-la por muito tempo. Além do mais, senti sua falta. Jules Gagnaire não é substituto para os seus encantos. — Ele puxou meu rosto delicadamente ao encontro do dele e beijou minha orelha com ternura. Cheirava a cigarro e pastis. — Não suporto ficar longe de você, minha vendedorazinha.

— Não me chame assim.

Levantei-me e afastei-me dele, indo para a cozinha. Senti seu olhar, ligeiramente preocupado, em mim. Na verdade, eu não sabia o que estava fazendo. A garrafa de vinho estava vazia havia muito tempo.

— Você deve estar com fome.

— Sempre estou com fome.

Ele é um homem de apetite voraz.

— Eu... esqueci a bolsa na feira.

— Ah! Não tem importância. Eu também passei quase a manhã inteira meio em transe. Foi uma grande noite, a de ontem, não? — Ele riu, perdido em lembranças.

Não respondi. Peguei dois pratos, duas facas e as sobras do pão daquela manhã. Então olhei para o vidro de foie gras. Eu não tinha mais nada para lhe oferecer.

— Tive uma reunião excelente com Gagnaire. Ele disse que a Galeria Berthoud no

16ème quer expor aquelas primeiras paisagens. O trabalho que fiz em Cazouls. Ele diz que já tem um comprador para as duas maiores.

Ouvi Édouard abrir uma garrafa de vinho, o tilintar das duas taças quando ele as colocou sobre a mesa.

— Também expliquei a ele nosso novo sistema de cobrança de dívidas. Ele ficou impressionadíssimo quando contei sobre os esforços de ontem à noite. Agora que você e ele estão trabalhando comigo, *chérie*, tenho certeza de que levaremos uma vida em grande estilo.

— Fico feliz de ouvir isso — falei, e coloquei a cesta de pão na frente dele.

Não sei o que havia acontecido comigo. Eu não conseguia olhar para Édouard. Sentei-me diante dele e ofereci foie gras e manteiga. Cortei uma laranja em quartos e coloquei dois pedaços em seu prato.

— Foie gras! — Ele abriu a tampa. — Como sou mimado por você, meu amor. — Ele partiu um pedaço de pão e cobriu-o com uma fatia do patê cor-de-rosa claro. Observei-o enquanto comia, os olhos dele nos meus, e por um breve instante desejei desesperadamente que ele nunca tivesse gostado de foie gras, que odiasse aquilo. Mas ele me jogou um beijo e estalou os lábios, deleitado. — Que vida levamos, hein?

— Eu não escolhi o foie gras, Édouard. Mimi Einsbacher escolheu para você.

— Ah, é? Mimi? — Os olhos dele se fixaram nos meus por um instante. — Bem... ela entende de comida.

— E de outras coisas?

— Hum?

— De que mais Mimi entende?

Meu prato permanecia intocado. Eu não conseguia comer. Jamais gostara de foie gras, afinal, a ideia amarga de alimentar os gansos à força, de empanturrá-los até que seus fígados inchassem. A dor que podia ser causada pelo excesso daquilo de que gostamos. Édouard pôs a faca no prato. Olhou para mim.

— O que houve, Sophie?

Eu não conseguia responder.

— Você parece irritada.

— Irritada.

— Foi por causa do que eu disse antes? Eu lhe disse, minha querida, que isso foi antes de eu conhecer você. Eu nunca menti.

— E você vai voltar a se deitar com ela?

— O quê?

— Quando você enjoar da novidade do casamento? Pretende voltar aos velhos hábitos?

— O que é isso?

— Ah, coma, Édouard. Devore seu adorado foie gras.

Ele ficou um bom tempo me olhando. Quando falou, sua voz era doce:

— O que eu fiz para merecer isso? Algum dia já lhe dei o mais ínfimo motivo para duvidar de mim? Já demonstrei qualquer coisa senão absoluta devoção a você?

— Não se trata disso.

— Então qual é o ponto?

— Como você consegue que elas olhem para você daquele jeito? — Minha voz se

elevou.

— Quem?

— Aquelas mulheres. As Mimis e as Laures. As garotas dos bares e da rua e toda mulher que passa pela nossa porta. Como você conseguiu que elas posassem para você daquela maneira?

Édouard estava pasmo. Quando falou, sua boca estava crispada de um jeito incomum:

— Do mesmo jeito que consegui que você posasse para mim. Pedindo.

— E depois? Você fez com elas o que fez comigo?

Édouard olhou para o prato antes de responder.

— Se estou bem lembrado, Sophie, foi você que me seduziu naquela primeira vez. Ou isso não convém à sua nova versão dos acontecimentos?

— Isso é para fazer eu me sentir melhor? Expor o fato de eu ter sido a única das modelos com quem você não tentou fazer amor?

A voz dele explodiu no ateliê silencioso.

— O que há de errado, Sophie? Por que quer se torturar assim? Nós somos felizes, você e eu. Você sabe que eu nem sequer olhei para outra mulher desde que nos conhecemos!

Comecei a aplaudir, cada palma forte explodindo no silêncio do ateliê.

— Parabéns, Édouard! Você permaneceu fiel durante toda a nossa lua de mel! Uau, que impressionante!

— Pelo amor de Deus! — Ele jogou o guardanapo. — Onde está minha esposa? Minha esposa feliz, radiante, amorosa? E quem é essa mulher no lugar dela? Essa mulher infeliz e desconfiada? Essa acusadora emburrada?

— Ah! Então é *assim* que você me vê de verdade?

— Bem, foi isso que você se tornou, agora que estamos casados?

Ficamos nos encarando. O silêncio se ampliou, preencheu o cômodo. Do lado de fora, uma criança começou a chorar, e era possível ouvir a voz da mãe, censurando-a e reconfortando-a.

Édouard passou a mão pelo rosto. Respirou fundo e olhou pela janela, depois tornou a se virar para mim.

— Você sabe que não é assim que a vejo. Você sabe que eu... Ah, Sophie. Eu não estou entendendo de onde veio essa fúria. Não estou entendendo o que fiz para merecer tal...

— Bem, por que não pergunta a elas? — Apontei para as telas. Minha voz saiu como um soluço. — Afinal, o que uma vendedora provinciana como eu pode esperar entender sobre a sua vida?

— Ah, você é impossível — disse ele.

— Impossível é sustentar um casamento com você. Começo a me perguntar por que sequer se deu o trabalho.

— Bem, Sophie, ao menos nisso você não está sozinha.

Meu marido me lançou um olhar, pegou o sobretudo sobre a cama, me deu as costas e saiu de casa.

2002

Quando ele telefona, ela está na ponte. Não sabe dizer há quanto tempo está sentada ali. As grades laterais estão quase todas tomadas por cadeados com as iniciais de pessoas, e, por toda a ponte, turistas se abaixam para olhar essas inscrições rabiscadas a caneta de tinta permanente, ou gravadas, no caso dos mais cautelosos. As pessoas fotografam umas às outras apontando para os cadeados que consideram particularmente belos, ou para os que elas mesmas acabaram de colocar.

Liv se lembra de David lhe contando sobre esse lugar antes de virem a Paris, sobre namorados que prendiam os cadeados na grade e depois jogavam as chaves no Sena como sinal de amor eterno; e sobre como, após serem cuidadosamente retirados pelas autoridades municipais, eles simplesmente reapareciam em questão de dias, gravados com juras de amor, com as iniciais de amantes que, em dois anos, poderiam ainda estar juntos ou terem se mudado para continentes diferentes a fim de não respirarem o mesmo ar. Tinha contado a ela como o leito do rio sob a ponte precisava ser dragado regularmente, para que a massa enferrujada de chaves fosse removida.

Nesse momento Liv está sentada em um banco, tentando não olhar para os cadeados muito de perto, mas para além daquele espetáculo metálico, de suas superfícies faiscantes. Não quer pensar no que os cadeados significam.

— Encontre comigo na Pont des Arts — tinha dito ela. Mais nada.

Talvez houvesse alguma coisa em sua voz.

— Em vinte minutos — respondera ele.

Ela o vê chegar vindo da direção do Louvre, a camisa azul ficando mais nítida à medida que se aproxima. David veste uma calça cáqui, e ela pensa, com uma angústia pungente, como adora a visão daquele homem. Pensa em como a figura dele lhe é familiar, mesmo estando juntos há tão pouco tempo. Ela olha para o cabelo macio e revoltado, para a superfície plana de seu rosto, percebe como seu jeito de andar tem sempre um toque de impaciência, como se vivesse ansioso pela próxima coisa. E então percebe que David traz no ombro a bolsa de couro em que carrega as plantas e encara o acessório.

O que eu fiz para merecer isso?

Ele não sorri ao se aproximar, embora seja óbvio que a viu. Diminuindo o passo, aproxima-se dela, larga a bolsa e senta-se ao seu lado.

Ficam em silêncio por alguns minutos, observando os barcos de turismo passar.

— Não consigo fazer isso — diz Liv finalmente. Ela olha para o caminho que o Sena percorre, franzindo os olhos para as pessoas que se inclinam para examinar os cadeados.

— Acho que cometemos um grande erro. Eu cometi.

— Um erro?

— Sei que sou impulsiva. Agora me dou conta de que devíamos ter ido mais devagar. Devíamos ter... conhecido um ao outro um pouquinho mais. Então, andei pensando... A gente não fez uma supercerimônia nem nada. Não é como se todos os nossos amigos soubessem. A gente podia simplesmente... fingir que não aconteceu. Nós dois somos jovens.

— Do que está falando, Liv?

Ela olha para ele.

— David, ficou tudo muito claro quando você veio andando até mim. Trouxe as plantas junto. — Há um estremecimento ínfimo em David. Mas ela nota. — Você sabia que ia encontrar os Goldstein. Colocou a bolsa de planta baixa dentro da mala e trouxe para a lua de mel.

Ele olha para os pés.

— Eu não sabia. Só estava torcendo.

— É assim que você espera melhorar a situação?

Eles ficam em silêncio outra vez. David se inclina para a frente e cruza as mãos acima dos joelhos. Então, olha de lado para Liv e há uma expressão aflita em seu rosto.

— Eu te amo, Liv. Você não me ama mais?

— Amo. Muito. Mas eu não... eu não posso fazer isso. Eu não posso ser a mulher em que esse casamento me transformou.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Não estou entendendo. Isso é loucura. Eu só fiquei fora por algumas horas.

— Isso não tem a ver com a quantidade de horas. Estamos em lua de mel. Isso é um reflexo de como seremos depois.

— Como a lua de mel poderia ser o modelo de um casamento? Caramba, Liv. Quase todo mundo passa duas semanas deitado na praia. Você acha que é assim que vai ser o resto da vida desses casais?

— Não distorça minhas palavras! Você entendeu o que eu quis dizer. Supõe-se que a lua de mel seja a primeira vez em que você...

— Mas é que esse prédio e...

— Ah, esse prédio. Esse prédio! Esse maldito prédio. Vai ter sempre um prédio, não vai?

— Não. Esse é especial. Eles...

— Eles querem outra reunião com você.

David deixa escapar um suspiro e sua mandíbula se contrai.

— Não é bem uma reunião — explica ele. — É um almoço. Amanhã. Em um dos melhores restaurantes de Paris. E você também está convidada.

Ela riria se não estivesse quase chorando. Quando finalmente fala, sua voz está calma de um jeito estranho:

— Desculpe, David. Jamais culparia você por isso. A culpa é minha. Eu fiquei tão apaixonada por você que não consegui ver mais nada. Não consegui ver que ser casada com alguém tão consumido pelo trabalho seria tão... — Sua voz embarga.

— Tão o quê? Eu ainda te amo, Liv. Não estou entendendo.

Ela esfrega os olhos.

— Não estou me explicando muito bem. Olha... venha comigo. Quero te mostrar uma coisa.

É uma caminhada curta até o Musée d'Orsay. A fila diminui, e eles avançam em silêncio ao longo dos dez minutos que levam para entrar. Liv tem plena consciência de David ali ao seu lado, dessa sensação nova de estranheza entre eles. Uma pequena parte dela ainda não consegue acreditar que é assim que está terminando a lua de mel.

Liv chama o elevador, segura de que direção tomar dessa vez, e David a acompanha. Eles atravessam as salas dos impressionistas no andar de cima, esquivando-se dos amontoados de gente parada, olhando. Há outro grupo de estudantes sentado diante do *Déjeuner sur l'herbe* e o mesmo guia entusiasmado explica o escândalo da mulher sem roupa. Ela pensa quão irônico é finalmente ter o marido ali, onde ela o quisera pela manhã, e ser tarde demais. É tarde demais. E então lá estão os dois, diante do pequeno quadro.

— *Esposa, irritada* — ele lê. — *De Édouard Lefèvre.*

David analisa o quadro por um instante, depois se vira para ela, esperando por uma explicação.

— Então... eu vi esse quadro hoje de manhã... Essa esposa infeliz, negligenciada. E minha ficha caiu. Não é assim que eu quero ser. De repente senti como se o nosso casamento estivesse fadado a ser assim, eu querendo a sua atenção, e você sem poder dar. E isso me assustou.

— Nosso casamento não vai ser assim.

— Eu não quero ser uma esposa que se sente ignorada até na lua de mel.

— Eu não estava ignorando você, Liv...

— Mas fez com que eu me sentisse sem importância, justamente na ocasião em que seria razoável esperar que você apenas aproveitasse o fato de estarmos juntos, apenas quisesse estar comigo. — A voz dela se eleva, fica passional. — Eu queria ter passeado pelos bares de Paris e sentado para beber vinho sem nenhuma razão aparente e ficado de mãos dadas com você. Queria ter ouvido sobre quem você era antes de nos conhecermos, e sobre as coisas com que sonhava. Queria ter falado sobre todas as coisas que planejei para a nossa vida juntos. Queria ter feito muito sexo. *Muito* sexo. Não queria passear sozinha pelas galerias e tomar café com desconhecidos só para fazer hora.

Liv não consegue evitar sentir-se um pouquinho satisfeita com o rápido olhar de soslaio que David lhe lança.

— E quando vi esse quadro, tudo fez sentido para mim. Essa mulher sou eu, David. É assim que vai ser. É isso que vai acontecer. Porque, mesmo nesse instante, você não consegue enxergar que há alguma coisa errada em passar dois, *três dias*, de uma lua de mel de cinco dias correndo atrás de um trabalho para um grupo de empresários ricos.

Ela engole em seco. E sua voz falha.

— Sinto muito. Não posso ser essa mulher. Eu simplesmente... não posso. Minha mãe era essa mulher e isso me apavora.

Ela enxuga os olhos, baixando a cabeça para evitar os olhares curiosos dos passantes.

David olha para o quadro. Fica vários minutos em silêncio. E então se vira para ela, com uma expressão de esgotamento.

— Tudo bem, entendi. — Ele passa a mão pelo cabelo. — E você tem razão. Sobre toda essa situação. Eu... eu fui incrivelmente idiota. E egoísta. Me desculpe.

Eles ficam em silêncio quando um casal de alemães se detém diante do quadro e troca algumas palavras antes de prosseguir.

— Mas... mas você está errada em relação a esse quadro. — Ela olha para ele. — Ela não é ignorada. Ela não demonstra os sintomas de uma relação fracassada.

Ele chega mais perto e pega Liv delicadamente pelo braço enquanto aponta.

— Veja como ele a pintou, Liv. Ele não quer que ela fique zangada. Ele ainda está olhando para ela. Perceba a ternura das pinceladas, o jeito como ele coloriu a pele dela. Ele a adora. Não suporta o fato de ela estar zangada. Não consegue parar de olhá-la mesmo que ela esteja furiosa com ele. — Ele toma fôlego. — Ele está ali, e não vai embora, por mais que a tenha irritado.

Os olhos dela estão marejados.

— O que você está dizendo?

— Não acho que esse quadro deva significar o fim do nosso casamento. — Ele estende o braço, pega a mão de Liv e a segura até que os dedos dela relaxem. — Porque eu olho para o quadro e noto o contrário de você. Sim, alguma coisa deu errado. Sim, ela está infeliz nesse momento da pintura. Mas quando olho para ela, para eles, para isso, Liv, me parece uma pintura cheia de amor.

1912

Uma chuva fina havia começado quando saí pelas ruas do Quartier Latin pouco depois de meia-noite. Agora, horas depois, ensopara o meu chapéu de feltro e gotas entravam pela parte de trás da minha gola, mas mal podia senti-las, tão mergulhada eu estava em minha tristeza.

Parte de mim quisera aguardar até a volta de Édouard, mas eu não podia ficar sentada em nossa casa, não com aquelas mulheres, com a perspectiva de futuras infidelidades pairando sobre mim. A mágoa que vira nos olhos de Édouard não me saía da cabeça, a raiva que ouvira em sua voz. *Quem é essa acusadora emburrada?* Ele não enxergava mais a melhor versão de mim mesma, e quem poderia culpá-lo? Édouard tinha visto a mulher que eu realmente sabia ser: sem graça, provinciana, uma vendedora invisível. Caíra na armadilha do casamento por causa de um ataque de ciúmes, pela convicção fugaz de que precisava garantir o meu amor. Agora estava arrependido de ter sido apressado. E eu mesma o conscientizara disso.

Perguntei-me por um instante se eu devia simplesmente fazer as malas e ir embora. Mas, toda vez que esse pensamento me passava pela mente febril, a resposta vinha na hora: eu amava Édouard. A ideia de uma vida sem ele era insuportável. Como eu poderia voltar a St Péronne e levar uma vida de solteirona, sabendo qual era a sensação do amor? Como eu poderia suportar a ideia de Édouard estar por aí em algum lugar, a quilômetros de distância de mim? Mesmo quando ele saiu do ateliê, senti sua ausência como a de um membro dolorido. A necessidade física que eu tinha dele era avassaladora. E eu não podia voltar para minha cidade após poucas semanas de casada.

Mas aí estava o problema: eu sempre seria provinciana. Eu não conseguiria dividir o meu marido, como as parisienses aparentemente faziam, fechando os olhos para suas indiscrições. Como eu poderia viver com Édouard e encarar a possibilidade de ele voltar para casa com o perfume de outra mulher? Mesmo que eu não pudesse ter certeza dessa infidelidade, como conseguiria entrar em casa e ver Mimi Einsbacher, ou qualquer outra mulher, nua em nossa cama posando para ele? O que eu deveria fazer? Apenas desaparecer em um quarto dos fundos? Dar uma volta? Sentar e ficar observando? Édouard me odiaria. Passaria a enxergar em mim a carcereira que Mimi Einsbacher já via.

Eu me dava conta agora de não ter pensado no que o casamento realmente significaria para nós. Não fui capaz de enxergar nada além da voz dele, de suas mãos, de seus beijos.

Não fui capaz de enxergar nada além da minha própria vaidade, deslumbrada pela imagem de mim que eu via em seus quadros e em seus olhos. O pó mágico que ele lançara sobre mim tinha ido embora, e eu estava sobrando na condição de esposa: a acusadora emburrada. E eu não gostava dessa versão de mim. Caminhei por toda a Paris, pela rue de Rivoli, avenue Foch para um lado e ruas de trás do Hôtel des Invalides para o outro, ignorando os olhares curiosos dos homens, os assovios dos bêbados, machucando os pés no calçamento, desviando o rosto dos passantes para que não vissem as lágrimas nos meus olhos. Eu sofria pelo casamento que já estava perdido. Sofria por um Édouard que só via o melhor de mim. Eu sentia falta de nossa felicidade absurda juntos, da sensação de que um dia havíamos sido impenetráveis, imunes ao restante do mundo. Como tínhamos chegado tão cedo a esse desfecho? Estivera caminhando tão perdida em meus pensamentos que não notei que havia começado a clarear.

— Madame Lefèvre?

Virei-me, e uma mulher saiu das sombras. Quando ficou sob a luz trêmula da rua, vi que era a moça a quem havia sido apresentada na noite da briga no Bar Tripoli, e esforcei-me para lembrar seu nome. Lisette? Laure?

— Não é hora para uma dama estar por aí, madame — disse ela, olhando rua acima.

Eu não tinha resposta. Nem sequer tinha certeza se conseguiria realmente falar. Lembrei-me de uma das meninas em La Femme Marché me cutucando enquanto ele se aproximava:

Ele se mistura com as mulheres da vida de Pigalle.

— Eu não fazia ideia da hora.

Ergui os olhos para o relógio.

Faltavam quinze para as cinco. Eu passara a noite inteira caminhando.

O rosto da mulher estava na sombra, mas senti que me analisava.

— Você está bem?

— Estou. Obrigada.

Ela continuou olhando para mim. Depois deu um passo à frente e tocou de leve em meu cotovelo.

— Sabe, não tenho certeza se este é um bom lugar para uma mulher casada andar sozinha. Gostaria de companhia para beber algo? Conheço um bar aconchegante aqui perto.

Quando hesitei, ela soltou meu braço e deu um pequeno passo atrás.

— É claro, se tiver outros planos, entenderei perfeitamente.

— Não. É muita gentileza sua fazer o convite. Eu apreciaria uma desculpa para sair desse frio. Acho que não tinha percebido até agora quão gelada eu estou.

Caminhamos em silêncio por duas ruas estreitas, virando na direção de uma janela iluminada. Um homem chinês afastou-se de uma porta pesada para nos deixar entrar, e minha acompanhante falou algo baixinho com ele. O bar estava de fato quente, as janelas, embaçadas com a condensação, e um punhado de homens ainda bebia. Motoristas de táxi, na maioria, disse-me ela, enquanto me conduzia para o fundo do bar. Laure Le Comte pediu algo no balcão e sentei-me a uma mesa. Tirei a capa molhada dos ombros. A pequena sala estava barulhenta e alegre; os homens tinham se reunido em torno de um jogo de cartas que acontecia no canto. Eu via meu rosto no espelho que revestia a parede: estava pálida e molhada, o cabelo, colado na cabeça. *Por que ele*

amaria somente a mim?, pensei e depois tentei afastar a ideia.

Um garçom idoso chegou com uma bandeja, e Laure me entregou um pequeno cálice de conhaque. Agora que estávamos ali sentadas, eu não conseguia pensar em nada para dizer a ela.

— Ainda bem que entramos agora — disse Laure olhando para a porta.

A chuva caía com força, correndo pelas calçadas feito um rio até gorgolejar para dentro dos escoadouros de esgoto.

— Acho que sim.

— Monsieur Lefèvre está em casa?

Ela usara a versão formal do nome dele, embora o conhecesse há mais tempo do que eu.

— Não faço ideia.

Tomei um gole da minha bebida. Desceu pela garganta como fogo. E então, de repente comecei a falar. Talvez fosse desespero. Talvez fosse o fato de saber que uma mulher como Laure tinha visto tantos exemplos de mau comportamento que não pudesse se chocar com nada do que lhe dissesse. Talvez eu simplesmente quisesse ver a reação dela. Afinal, eu não tinha certeza se ela também estava ou não entre as mulheres que agora eu considerava uma ameaça.

— Fiquei de mau humor. Achei melhor... caminhar.

Ela assentiu e se permitiu um breve sorriso. Seu cabelo, notei, estava arrumado em uma trança que caía sobre a gola, fazendo-a parecer mais uma professora do que uma mulher da vida.

— Nunca fui casada. Mas posso imaginar que isso mude completamente a vida de alguém.

— É difícil se adaptar. Eu pensei que fosse conseguir. Mas agora... Não tenho certeza se tenho o temperamento certo para os desafios da vida a dois. — Mesmo enquanto falava, fiquei surpresa comigo mesma. Eu não era o tipo de mulher dada a confidências. A única pessoa em quem tinha confiado era minha irmã, e, em sua ausência, Édouard fora o único com quem quis conversar.

— Você está achando Édouard... difícil?

Percebi então que Laure era mais velha do que eu havia pensado. Uma aplicação sutil de ruge e batom lhe dera um viçode juventude. Mas havia algo nela que fazia a gente querer continuar falando, talvez a insinuação de que qualquer coisa que lhe disséssemos morreria ali. Eu me perguntei distraidamente o que ela havia feito aquela noite, que outros segredos ouvia todos os dias.

— Sim. Não. Não Édouard exatamente. — Eu não conseguia explicar. — Não sei. Me perdoe. Eu não queria sobrecarregar você com meus pensamentos.

Ela pediu um segundo conhaque para mim. E depois ficou ali bebericando o dela, como se considerasse o quanto deveria dizer. Finalmente, inclinou-se para a frente e falou baixinho.

— Não será surpresa para você, madame Lefèvre, que eu considere a mim mesma como uma especialista na psique dos cavalheiros casados.

Eu me vi corando ligeiramente.

— Não sei nada a respeito do que a trouxe aqui esta noite, e acho que ninguém de fora pode falar com qualquer autoridade sobre o que acontece em um casamento. Mas

uma coisa posso lhe contar: Édouard adora você. Posso dizer isso com alguma segurança, tendo estado na companhia de muitos homens, inclusive alguns que também estavam em lua de mel.

Olhei para Laure, e ela ergueu uma sobrancelha, irônica.

— Sim, na própria lua de mel. Antes de ele conhecê-la, eu seria capaz de apostar com segurança que Édouard Lefèvre nunca se casaria. Que teria ficado perfeitamente bem com a vida que levava. Até que ele a conheceu. E sem sedução ou artimanhas amorosas, você conquistou o coração, a cabeça e até mesmo a imaginação dele. Não subestime o que Édouard sente por você, madame Lefèvre.

— E as outras mulheres? Devo ignorá-las?

— Outras mulheres?

— Me disseram... que Édouard não é o tipo de homem que se entregaria de bom grado à... exclusividade.

Laure olhou para mim com firmeza.

— E que criatura venenosa disse isso a você? — Minha expressão deve ter me traído.

— Qualquer que seja a semente que esse conselheiro plantou, madame Lefèvre, parece que foi muito bem plantada. — Ela bebeu mais um gole de conhaque. — Vou lhe contar uma coisa, madame, e espero que não se ofenda, porque tenho boa intenção. — Ela se inclinou. — Sim, eu tampouco achava que Édouard fosse o tipo de homem que se casaria. Mas quando vi vocês dois aquela noite em frente ao Bar Tripoli, e reparei na forma como ele olhava em sua direção, o orgulho dele por ter você, o jeito carinhoso com que colocava a mão em suas costas, a maneira como busca sua aprovação para quase tudo que diz ou faz... Eu soube que vocês combinavam perfeitamente. E percebi que Édouard estava feliz. Muito feliz.

Fiquei muito quieta, ouvindo.

— Confesso que quando nos conhecemos, me senti envergonhada. Algo raro para mim. Porque, nos últimos meses, várias vezes, quando posava para Édouard, ou até quando o via, às vezes voltando para casa de algum bar ou restaurante, eu me ofereci a ele de graça. Sempre gostei muito dele, sabe? E desde que ele a viu pela primeira vez, sempre recusou com uma delicadeza incomum, mas sem hesitar.

Lá fora a chuva havia parado bruscamente. Um homem estendeu a mão para fora pela porta e disse algo que fez o amigo rir. A voz de Laure era um murmúrio baixo.

— O maior risco para o seu casamento, se eu puder ser franca, não é o seu marido. É a possibilidade de as palavras desse suposto conselheiro transformarem você exatamente naquilo que seu marido e você mesma temem.

Laure terminou a bebida. Puxou o xale em volta dos ombros e levantou-se. Conferiu a aparência no espelho, endireitou uma mecha do cabelo e depois olhou pela janela.

— *Et voilà*. A chuva parou. Acho que hoje talvez tenhamos um belo dia. Vá para casa e para o seu marido, madame Lefèvre. Aproveite a sua sorte. Seja a mulher que ele adora.

Ela me lançou um breve sorriso.

— E no futuro, escolha seus conselheiros com mais cuidado.

E, então, depois de dirigir uma palavra ao proprietário, Laure saiu do bar para a luz azul e úmida do início do alvorecer. Fiquei ali sentada, digerindo o que ela me dissera, sentindo a exaustão finalmente penetrar em meus ossos, junto a outra coisa: uma

sensação profunda de alívio.

Chamei o garçom idoso para pagar a conta. Dando de ombros, ele me disse que madame Laure já havia acertado tudo e voltou a lustrar os copos.

* * *

O apartamento estava tão silencioso quando subi a escada que achei que Édouard estivesse dormindo. Ele era uma fonte constante de barulho quando estava em casa, sempre cantando ou assobiando ou ouvindo música tão alto naquele gramofone que os vizinhos batiam nas paredes, irritados. Os pardais chilreavam na hera que cobria a fachada do prédio, e, a distância, o ruído dos cascos dos cavalos nas pedras do calçamento indicava uma cidade despertando devagar. Nosso pequeno apartamento no alto do número 21 da rue Soufflot, no entanto, estava em absoluto silêncio. Tentei não pensar em onde ele poderia estar, ou qual era seu humor. Tirei os sapatos e subi correndo o restante da escada, o som dos passos amortecidos pelos degraus de madeira, querendo me deitar na cama a seu lado e enroscar meu corpo no dele. Diria a ele como estava arrependida, como o adorava, como eu havia sido boba. Eu voltaria a ser a mulher com quem ele se casara.

Minha mente zumbia, tamanha era minha necessidade dele. Abri a porta de mansinho, já imaginando Édouard embolado em nossas cobertas, erguendo-as com um movimento sonolento para me deixar entrar. Mas, quando olhei, já tirando o casaco dos ombros, nossa cama estava vazia.

Hesitei, contornei a área do dormitório e entrei no ateliê principal. De repente fiquei estranhamente nervosa, sem saber como seria recebida.

— Édouard? — chamei.

Não houve resposta.

Entreí. O ateliê estava pouco iluminado, as velas apagadas onde eu as havia deixado queimando na pressa de sair de casa, a janela comprida revelando a luz fria e azul do início da manhã. A friagem sugeria que o fogo se apagara havia horas. No fundo da sala, ao lado de suas telas, Édouard estava de camisa e calça larga. De costas para mim, olhava para uma delas.

Fiquei na porta observando meu marido — as costas largas, o cabelo cheio e escuro — antes que ele se desse conta da minha presença. Édouard então se virou na minha direção; vi um ligeiro ar de preocupação em seus olhos — *o que vem agora?* — e isso me magoou.

Andei em direção a ele, os sapatos na mão. O caminho todo, descendo a rue de Babylone, imaginei que me jogaria em seus braços. Achei que não conseguiria me conter. Mas ali, na sala quieta e silenciosa, algo me continha. Parei alguns centímetros na frente dele, sem desviar olhos dos seus, e então me vi indo em direção ao cavalete. A mulher na pintura estava encurvada, a expressão muda e furiosa, o cabelo ruivo-escuro amarrado frouxamente na altura do pescoço como o meu havia estado na noite anterior. Seu corpo demonstrava tensão, uma profunda infelicidade, e sua recusa a olhar diretamente para o artista era uma censura silenciosa. E um soluço subiu pela minha garganta.

— É... perfeito — soltei, quando consegui falar.

Édouard virou-se para mim e vi que ele estava exausto, seus olhos vermelhos devido ao que poderia ser falta de uma noite de sono ou outra coisa qualquer. Eu queria afastar a tristeza do rosto dele, retirar as palavras que lhe dissera, fazê-lo feliz de novo.

— Ah, eu fui tão boba — comecei, mas ele foi mais rápido, tomando-me nos braços.

— Não me deixe de novo, Sophie — disse ele baixinho em meu ouvido, e sua voz estava embargada de emoção.

Não falamos mais nada. Agarramos um ao outro com muita força, como se estivéssemos separados há anos, não horas.

A voz dele, em minha pele, soava entrecortada.

— Precisei pintá-la porque não suportei o fato de você não estar aqui e porque era o único jeito de trazê-la de volta.

— Estou aqui — murmurei. Enrolei os dedos em seu cabelo, aproximei meu rosto do dele e respirei o mesmo ar que ele respirava. — Não vou deixá-lo de novo. Nunca mais.

— Eu queria pintá-la como você é. Mas tudo que vinha era essa Sophie furiosa, infeliz. E tudo em que eu conseguia pensar era: *sou a causa da infelicidade dela*.

Fiz que não com a cabeça.

— Não foi você, Édouard. Vamos esquecer essa noite. Por favor.

Ele estendeu a mão e afastou o quadro de mim.

— Então não vou terminar esse. Eu nem quero que você olhe para ele. Ah, Sophie. Sinto muito. Sinto muito.

Beijei-o então. Beijei-o e fiz meu beijo lhe contar que eu o adorava com toda a minha força, que minha vida antes dele fora uma coisa cinzenta, sem cor, e como achava que um futuro sem ele era apavorante e sombrio. Disse a ele no beijo que o amava mais do que jamais pensei ser capaz de amar alguém. Meu marido. Meu lindo, complicado e brilhante marido. Eu não podia verbalizar tudo isso. Meus sentimentos eram muito vastos para as palavras.

— Venha — chamei, finalmente, e, com meus dedos entrelaçados nos dele, puxei-o pela mão até a nossa cama.

* * *

Algum tempo depois — quando a rua lá embaixo já estava agitada com os barulhos do fim da manhã, os vendedores de frutas já haviam feito suas entregas e o cheiro de café entrando por nossa janela aberta ficara insuportavelmente delicioso —, afastei-me de Édouard e saí da cama, o suor ainda esfriando nas costas, o gosto dele ainda nos lábios. Atravessei o ateliê, acendi o fogo e, quando terminei, levantei-me e virei a tela. Olhei para ela com atenção dessa vez, para a ternura no traço, a intimidade dele, a perfeita representação de mim, daquele momento. E então me virei para ele.

— Você precisa terminar isso, sabe.

Ele se apoiou em um dos cotovelos e franziu os olhos para mim.

— Mas... você parece muito infeliz.

— Talvez. Mas é a verdade, Édouard. Você sempre mostra a verdade. É seu maior talento. — Espreguicei-me, aproveitando a certeza de que os olhos dele estavam fixos

nos meus. Dei de ombros. — E, na realidade, acho que sempre haverá um dia em que estaremos irritados um com o outro. Uma *lune de miel* não pode durar para sempre.

— Pode, sim — disse ele, esperando enquanto eu atravessava a passos leves o chão, voltando para ele. Meu marido me puxou para a cama e me fitou do travesseiro, com um sorriso arrependido. — Pode durar o quanto quisermos. E como o chefe da casa, decreto que todo dia do nosso casamento seja uma lua de mel.

— Curvo-me absolutamente à vontade do meu marido — falei, suspirando, aninhando-me nele. — Nós tentamos e descobrimos que ser desagradáveis e irritados não nos convém. Eu também declaro que o restante do nosso casamento deva ser apenas lua de mel.

Ficamos deitados ali em um silêncio confortável, a minha perna jogada por cima da dele, a pele quente de sua barriga na minha, seu braço pesado em cima das minhas costelas, prendendo-me a ele. Eu não tinha certeza de algum dia ter estado tão satisfeita. Sentia o perfume do meu marido, seu peito subir e descer, e finalmente comecei a ser vencida pelo cansaço. Comecei a adormecer, arrastada para algum lugar aconchegante e agradável, talvez ainda mais agradável tendo em vista onde eu estivera. E então Édouard murmurou:

— Sophie, já que estamos sendo tão francos, sinto que preciso lhe contar uma coisa. Abri um olho.

— E espero que você não fique muito magoada com isso.

— O que é? — Minha voz era um sussurro, meu coração quase parando de bater. Ele hesitou por um instante e tomou minha mão.

— Sei que você comprou aquilo para mim como um presente. Mas eu não gosto muito de foie gras. Nunca gostei. Eu só estava tentando agrad...

Mas ele não conseguiu terminar a frase. Eu já tinha calado sua boca com a minha.

2002

— Não acredito que você esteja me ligando da sua lua de mel.

— É. Pois é. David está lá embaixo no lobby resolvendo alguma coisa. Achei que poderia tornar o dia hoje ainda mais perfeito se encaixasse um telefonema de dois minutos.

Jasmine cobre o fone com a mão.

— Vou para o banheiro para Besley não me ver. Não desligue. — Barulho de uma porta se fechando e depois de passos apressados. Quase dava para ver o escritório abarrotado em cima da papelaria, o tráfego pesado subindo pela Finchley Road, o cheiro metálico de combustível pairando no ar do verão. — Ande. Conte tudo. Você tem vinte segundos. Já está andando feito John Wayne? E está se divertindo como nunca?

Olhei em volta do meu quarto de hotel, para a cama bagunçada da qual David acabara de sair, para a mala no chão que, sem ânimo, eu começara a fazer.

— É... tem sido meio estranho. Me acostumar a estar casada de verdade. Mas estou muito feliz.

— Ai, que inveja. Saí com Shaun Jeffries ontem à noite. Se lembra dele? O irmão de Fi? Que tem as unhas horríveis? Sinceramente não sei por que aceitei. Ele ficou o tempo todo falando de si mesmo. Eu supostamente deveria ter ficado impressionada com o fato de ele ter um duplex em Friern Barnet.

— É uma área muito bacana. Em ascensão.

— E o apartamento em si tem muito potencial.

Comecei a rir.

— Temos sempre que pensar em melhorar de vida, não é?

— Especialmente na nossa idade. Investir em imóveis não tem erro.

— Ele recebe pensão, não recebe? Ande. Diga que ele recebe pensão...

— É claro que ele recebe pensão! E o rendimento dela está vinculado à inflação. E ele estava usando sapatos cinza e insistiu em rachar a conta e pediu o vinho mais barato do restaurante “porque todos têm o mesmo gosto depois da primeira taça”. Ah, Worthing, eu queria que você já tivesse voltado. Estou precisando muito beber. Sair com esses caras é uma merda. Você fez mesmo a coisa certa.

Recostei-me na cama e olhei para o teto, que era branco e tão enfeitado quanto um bolo de casamento.

— O quê? Mesmo eu sendo absurdamente impulsiva e que esses impulsos não sejam

confiáveis?

— Sim! Eu queria ser mais impulsiva. Se eu fosse, teria me casado com Andrew quando ele me pediu e agora eu provavelmente estaria morando na Espanha em vez de presa aqui nesse escritório me perguntando se posso sair de fininho às vinte para as cinco para resolver o lance do imposto do meu carro. Enfim... Ai, meu Deus, preciso desligar. Besley acabou de entrar aqui no banheiro. — A voz dela fica mais alta, muda de tom. — É claro, Sra. Halston. Muito obrigada por ligar. Tenho certeza de que voltaremos a nos falar em breve.

Liv desliga no exato momento em que David retorna trazendo uma caixa de chocolates da Patrick Roger.

— O que é isso?

— Nosso jantar. Já pedi uma garrafa de champanhe para acompanhar.

Liv ri de satisfação, começa a desembulhar a bela caixa turquesa, joga um chocolate na boca e fecha os olhos.

— Meu Deus do céu, são maravilhosos. Depois disso e do almoço elegante que teremos amanhã, vou voltar para casa rolando.

— Cancelei o almoço.

Liv ergue os olhos.

— Mas eu disse que...

David dá de ombros.

— Não. Você tinha razão. Chega de trabalho. Algumas coisas deviam ser sagradas.

Liv joga outro chocolate na boca e estende a caixa para ele.

— Ah, David... estou começando a achar que minha reação foi exagerada.

Aquela tarde, com o pico febril de emoção, parecia ter acontecido há muito tempo. Liv tem a sensação de que ela e David estão casados há uma vida desde então.

Ele tira a camisa pela cabeça.

— Não foi. Você tinha todo direito de querer atenção total na nossa lua de mel. Eu sinto muito. Acho... acho que preciso aprender a me lembrar de que agora não se trata mais só de mim. Somos dois.

E ali está ele de novo. O homem por quem ela se apaixonara. *Meu marido*. De repente, Liv está quase incandescente de desejo.

David senta-se ao lado dela, e Liv desliza sobre ele, que continua falando.

— E sabe qual é a ironia? Liguei para os Goldstein lá do lobby, respirei fundo e expliquei que eu sentia muito, mas não podia mais me dedicar a outra coisa essa semana, porque na verdade tinha vindo a Paris em lua de mel.

— E...

— E eles ficaram furiosos comigo.

O próximo chocolate para a meio caminho da boca. O coração de Liv aperta.

— Ah, meu Deus. Eu sinto muito.

— Muito furiosos. Eles me perguntaram o que eu achava que estava fazendo ao deixar minha esposa sozinha para discutir negócios. “Não é assim que se começa um casamento”, disseram.

Liv dá um sorriso meio de lado.

— Sempre gostei desses Goldstein — diz ela, jogando o chocolate na boca dele.

— Disseram que a lua de mel é um momento único, um momento da nossa vida que

nunca voltaria.

— Acho que eu poderia até chamar o que sinto por eles de amor.

— Daqui a pouco você vai amá-los mais ainda.

David se levanta e vai até as portas duplas que dão para a sacada, abrindo-as de uma vez só. O sol da tarde entra no pequeno quarto, enquanto lá embaixo os barulhos da rue des Francs-Bourgeois, infestada de turistas e compradores ociosos, enchem a sala. David tira os sapatos, as meias e a calça e se senta na cama, virando-se para a esposa.

— Eles disseram que se sentem em parte responsáveis pelo meu afastamento em plena lua de mel. Então ofereceram usarmos a suíte deles no Royal Monceau a partir de amanhã, como forma de compensar você. Serviço de quarto, banheira do tamanho de um transatlântico, champanhe à vontade, motivo algum para sair da cama. Por duas noites. A razão de eu ter demorado tanto lá embaixo foi que eu tomei uma liberdade de marido e mudei a data da nossa volta. O que você acha? — Ele olha para Liv, e mesmo diante de tudo o que disse há a mais leve centelha de incerteza em seu olhar. — Obviamente isso envolveria passar mais quarenta e oito horas com um homem que é, segundo nossos simpáticos bilionários locais, um idiota completo.

Liv olha fixamente para ele.

— Os idiotas completos são o meu tipo de marido preferido.

— Eu estava torcendo para você dizer isso.

Os dois se jogam nos travesseiros e ficam ali deitados lado a lado, os dedos entrelaçados.

Liv olha pela janela, para a Cidade Luz ainda clara, e percebe que está sorrindo. Está casada. Está em Paris. Amanhã desaparecerá dentro de uma cama *queen size* com o homem que ama e provavelmente ficará dois dias sem sair dali. Provavelmente é impossível a vida ser melhor.

Mas ela espera que não.

— Vou fazer tudo certo, Sra. Halston — murmura ele, virando-se para ela e levando os dedos dela aos seus lábios. — Talvez eu demore um pouco a entender essa coisa toda de casamento, mas vou acabar acertando.

David tem duas sardas no nariz. Liv nunca as notara, mas são as sardas mais bonitas que ela já viu.

— Tudo bem, Sr. Halston — diz ela, colocando cuidadosamente a caixa de chocolates na mesa de cabeceira, para que fiquem a salvo. — Temos todo o tempo do mundo.

Sobre a autora



© Stine Heilmann

Jojo Moyes nasceu em 1969 e cresceu em Londres. Trabalhou como jornalista por dez anos, nove deles no jornal *The Independent*, de onde saiu em 2002 para se dedicar integralmente à carreira de escritora. É autora de *A última carta de amor*, *Como eu era antes de você*, *A garota que você deixou para trás*, *Um mais um*, *Baía da Esperança*, *O navio das noivas*, *Nada mais a perder*, *O som do amor* e *Depois de você*, publicados pela Intrínseca. *Como eu era antes de você*, seu romance de maior sucesso, ocupou o topo da lista de mais vendidos em nove países e foi adaptado para o cinema. Com mais de 20 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, Jojo Moyes é uma das poucas escritoras a ter emplacado três livros ao mesmo tempo na lista de best-sellers do *The New York Times*. A autora mora em Essex, na Inglaterra, com o marido e os três filhos.

Conheça os outros títulos da autora



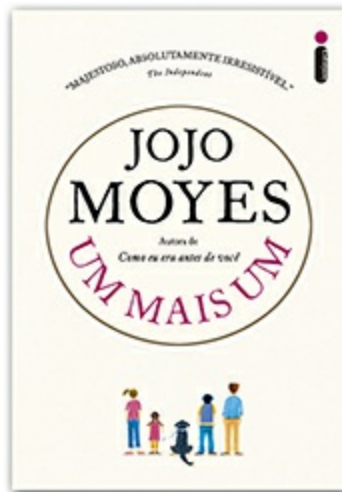
A última carta de amor



Como eu era antes de você



A garota que você deixou para trás



Um mais um



Baía da Esperança



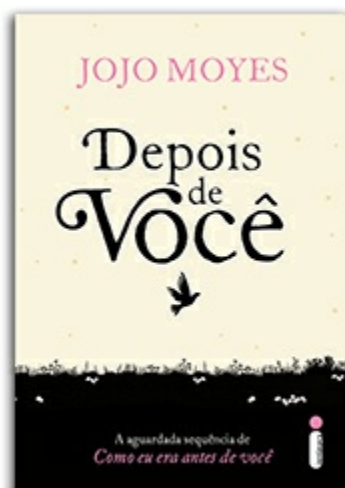
O navio das noivas



Nada mais a perder

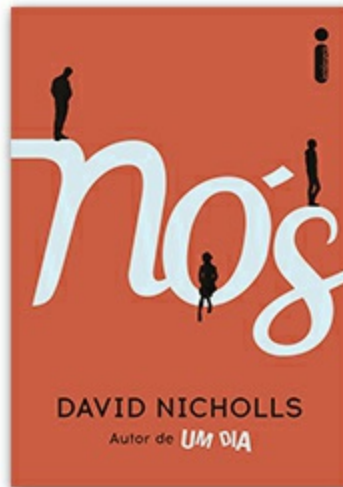


O som do amor



Depois de você

Leia também



Nós
David Nicholls



O segredo do meu marido
Liane Moriarty



Pequenas grandes mentiras
Liane Moriarty